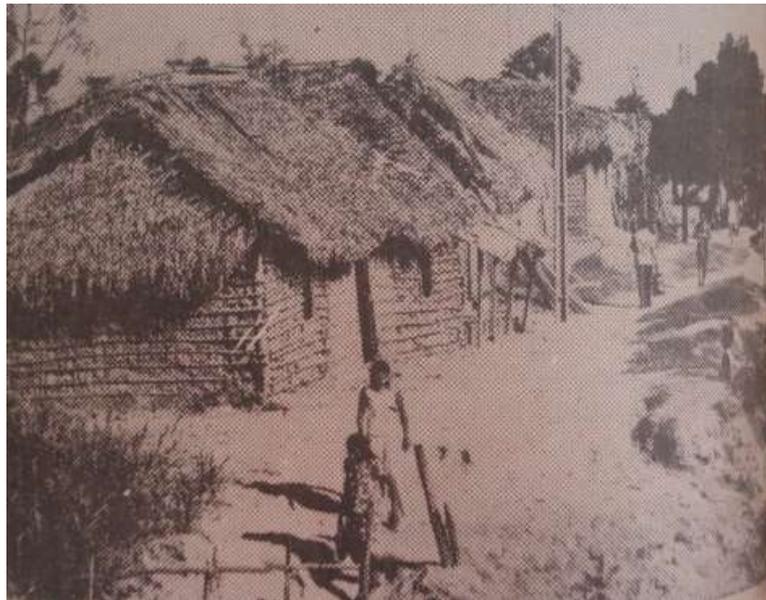




UFPI - UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
PRPPG - PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
CCHL - CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA DO BRASIL
LINHA DE PESQUISA: HISTÓRIA, CIDADE, MEMÓRIA E TRABALHO

REGIANNY LIMA MONTE

A CIDADE ESQUECIDA:
(res) sentimentos e representações dos pobres em Teresina na década de 1970



Teresina – PI
2010

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

REGIANNY LIMA MONTE

A CIDADE ESQUECIDA:
(res) sentimentos e representações dos pobres em Teresina na década de 1970

Dissertação apresentada ao curso de Pós-Graduação em História do Brasil, do Centro de Ciências Humanas e Letras, da Universidade Federal do Piauí, para obtenção do grau de Mestre em História do Brasil.
Orientador: Professor Dr. Francisco Alcides do Nascimento.

Teresina – PI
2010.

FICHA CATALOGRÁFICA
Serviço de Processamento Técnico da Universidade Federal do Piauí
Biblioteca Comunitária Jornalista Carlos Castello Branco

M772c Monte, Regianny Lima.

A cidade esquecida [manuscrito]: (res) sentimentos e representações dos pobres em Teresina na década de 1970 / Regianny Lima Monte. – 2010.

235 f.

Impresso por computador (printout).

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Piauí, Centro de Ciências Humanas e Letras, Programa de Pós-Graduação em História do Brasil, 2010.

“Orientador: Professor Dr. Francisco Alcides do Nascimento”.

1. História - Piauí. 2. Cidades - Podreza Urbana - Teresina. 3. Favelas - Aspectos Sociais - Teresina. 4. Migração - Teresina. 5. Política Urbana. I. Título.

CDD 981.22

REGIANNY LIMA MONTE

A CIDADE ESQUECIDA:
(re) sentimentos e representações dos pobres em Teresina na década de 1970

Dissertação apresentada ao curso de Pós-Graduação em História do Brasil, do Centro de Ciências Humanas e Letras, da Universidade Federal do Piauí, para obtenção do grau de Mestre em História do Brasil.

Orientador: Professor Dr. Francisco Alcides do Nascimento.

Aprovada em 07 / 05 / 2010.

BANCA EXAMINADORA

Prof^o. Dr. Francisco Alcides do Nascimento (Orientador)
Universidade Federal do Piauí

Prof^o. Dr. Antônio Clarindo Barbosa de Souza
Universidade Federal de Campina Grande-PB

Prof^a. Dra. Teresinha de Jesus Mesquita Queiroz
Universidade Federal do Piauí

À minha família, pelo apoio incondicional, e ao
Professor Alcides, pela confiança.

AGRADECIMENTOS

Este é o momento de retomar o fôlego, de reflexão, de lembrar os muitos começos dessa história. E, dessa forma, reviver as dificuldades e os prazeres da trajetória seguida até aqui. Um turbilhão de emoções é sutilmente ativado. É um misto de sentimentos, sensação de alívio, ansiedade, medo, de missão cumprida ou apenas recomeçada, de gratidão e acima de tudo, de nostalgia, é quase uma despedida. Passo, portanto, a expressar minha gratidão e afeto àqueles que foram decisivos nessa trajetória.

Ao Senhor, que por alguns momentos estive distante, mas que nunca deixou de olhar por mim e de me proporcionar saúde física e emocional para continuar seguindo esse caminho. A quem nada tenho a pedir, apenas a agradecer pela vida maravilhosa que tenho.

Aos meus pais, Francisco Rogério Lima Monte e Maria Leonor Monte, a quem eu devo minha formação como pessoa, meu caráter e tudo o que conquistei, pelo amor incondicional dedicado a mim e às minhas irmãs e por nos proporcionar a realização de sonhos, fazendo dos nossos, os seus.

À minha irmã caçula, Layanne, pela paciência e incentivo nos momentos difíceis, uma grande companheira que, mesmo tendo seus compromissos e afazeres com o seu curso, esteve comigo no levantamento das fontes e na transcrição das entrevistas, sempre me apoiando e torcendo pelo meu sucesso.

Aos meus familiares por compreender minhas ausências e por torcerem para que este trabalho chegasse ao fim, em especial a minha tia Socorro, que mesmo não entendendo direito o meu trabalho, sempre esteve do meu lado, dizendo que tudo iria dar certo, e ao meu primo filósofo e mestrando João Caetano, com quem tive inúmeras conversas e desabafos sobre a escrita desse trabalho.

À minha prima Tamiroka e ao seu namorado Jailson, meus dois grandes amigos que sempre estiveram ao meu lado, companheiros fiéis e eternos.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Francisco Alcides do Nascimento, um ser humano incrível, um profissional impecável, um amigo sincero, um grande homem, com alma de menino. Professor dedicado ao que faz, com um senso de responsabilidade inigualável, e que preza pela humildade, sobretudo, na forma como relaciona-se com seus alunos e orientandos, a confiança que deposita em nós é fundamental pela autonomia de nossa escrita. Sou muito grata por todos esses anos de convivência e orientação, sinto-me honrada por carregar o “peso” de ser sua orientanda.

Aos demais professores do programa, em especial àqueles com os quais pude conviver durante as disciplinas: Dr^a. Teresinha Queiroz, Dr^a Áurea Paz Pinheiro, Dr. Edwar Castelo Branco e Dr. Pedro Vilarinho Castelo Branco. Dos quais, faço um agradecimento especial ao Prof. Dr. Antônio de Pádua Carvalho Lopes e a Prof.^a Dr^a Teresinha Queiroz, que participaram de minha banca de qualificação e contribuíram imensamente com suas críticas, ideias e sugestões. Acredito que suas observações foram fundamentais para a construção final desse trabalho.

Aos professores do Departamento de Geografia e História pelas muitas contribuições na construção desse trabalho, desde as indicações do Prof.^o Ms. Antônio Melo e da Prof.^a Dr.^a Elisângela Barbosa, quando apresentei minha monografia, para que eu levasse a temática para o mestrado, ao incentivo dado pelo Prof.^o Ms. e amigo João Kennedy. Assim como, a fortuita colaboração dos professores do curso de Geografia, Antônio Cardoso Façanha, pelas discussões em torno da construção do meu texto, principalmente nas questões relacionadas à espacialização da cidade, e ao professor Carlos Sait que generosamente cedeu-me a documentação que faltava para a finalização dessa pesquisa.

À dona Eliete, funcionária do Programa, e às bolsistas Márcia e Jaquélia, pela convivência alegre e pela presteza em nos atender.

Aos meus colegas de turma, pela convivência agradável e enriquecedora com pessoas tão especiais, como João, Gustavo e Lindalva, que sempre esteve preocupada em ceder seu material de pesquisa para mim. Além, é claro, de minhas queridas amigas Iara, Mara e Lêda, com as quais já tenho uma longa convivência. Vocês são bem mais que companheiras, a nossa amizade é eterna, obrigada por todos os momentos que me permitiram conviver e desfrutar da doce e alegre companhia de vocês. Obrigada, ainda, por me ouvirem, torcerem por mim e por estarem sempre ao meu lado.

À minha querida amiga Iêda, que também faz parte desse ciclo de amizades verdadeiras, pelo companheirismo e dedicação, até mesmo destinando o seu precioso tempo na cidade de Recife para realizar pesquisas para mim.

Ao Tiago, amigo leal e fiel, pelas longas conversas e pelo carinho que tem por nossa amizade, apesar da distância e do pouco tempo, esteve sempre presente dividindo suas angústias e alegrias, ouvindo pacientemente as muitas crises que passei na elaboração desse trabalho.

À Elenita, pelos longos prazos para o pagamento dos livros e pelas conversas agradáveis em sua livraria.

Aos alunos da disciplina de História e Cidade, do estágio docente, pela convivência durante aquele semestre e por permitir falar de minha pesquisa no curso das aulas, o que me ajudou a articular os fios dispersos desse trabalho, dentre eles estão Bárbara, Karlene, Talita, Waglisson, Thyego, Gilmar, Vinícios e José Ribeiro, dos quais guardo um imenso carinho.

Tenho uma gratidão imensa a todas as instituições de pesquisa e aos seus funcionários que me receberam e me ajudaram na localização do material pesquisado, sem o trabalho dessas pessoas, esta pesquisa seria inviável. Deste modo, expresso meus sinceros agradecimentos aos funcionários do Arquivo Público do Piauí – Casa Anísio Brito e das bibliotecas da Fundação CEPRO/SEPLAN, da Prefeitura Municipal de Teresina, da Câmara Municipal de Teresina, da Universidade Federal do Piauí – Jornalista Carlos Castelo Branco, além das bibliotecas Abdias Neves e Cromwell de Carvalho.

Ainda na constituição das fontes, foi de fundamental importância a ajuda de Marta Rochele, Ricardo Alágio, Laécio, Vinícios e Maria das Neves, por intermediar o primeiro contato com as pessoas que foram entrevistadas para compor essa pesquisa.

Ao grupo de pesquisa do Núcleo de História Oral da Universidade Federal do Piauí, em especial à Débora e à Luana que participaram da realização das entrevistas e da transcrição do material coletado. Além da nova equipe de pesquisadoras composta por Natalí, Talita, Kllaricy e Juliana, obrigada pelo apoio.

À professora Shirley Marly Alves, pela correção ortográfica desse trabalho e pelas considerações em torno da temática central, por ter sua trajetória de vida também semelhante aos demais atores sociais descritos nessa pesquisa.

Às pessoas que passaram pela experiência narrada nesse trabalho e que aceitaram dividir conosco suas memórias sobre o período, sendo de fundamental importância o registro de tais experiências na construção da narrativa desse trabalho. Meus sinceros agradecimentos a Agenor Vieira de Abreu, Antônia Veloso da Silva, Cineias Moura de Andrade, Deusdet Nunes dos Santos, Doralice Maria da Conceição, Durval Venâncio da Silva, Francisco de Assis Soares Gondinho, Josefa de Sousa Sales Muniz, Lídia Maria da Trindade, Maria Creusa Monteiro de Moraes, Maria do Amparo Sousa Araújo Silva, Maria dos Remédios Araújo Silva, Maria do Livramento Rodrigues Rios, Maria de Jesus de Sousa, Maria de Jesus Vieira de Abreu, Paulino Alves Muniz, Raimundo da Silva Rodrigues, Teresa Maria de Jesus Santos e Major Joel da Silva Ribeiro.

Finalmente, agradeço à CAPES, pela bolsa de pesquisa que pude contar durante a maior parte do período dessa pesquisa.

Quem Sou?

*Sou quem partiu de sua terra natal
Lugar cercado de adversidade,
Onde a miséria tão comum era fatal.
Nasceu em mim a ânsia de liberdade.
Sou quem ouviu da cidade grande,
O canto falando a mim sobre a
Terra da Promissão,
Terra de fartura, terra de encanto
E quebradora das forças de opressão.
Sou quem seguiu a estrela guia,
Quem atendia pelo nome de Esperança
E dava força para enfrentar o dia-a-dia
Áspero e duro da difícil andança.
Sou quem, chegando na grande cidade,
Vi que ela era bela, mas feia também,
Pois se pra uns havia felicidade
Sempre havia exclusão para alguém.
Sou quem, suplicando ao Divino
Por dias melhores de paz e de pão,
Trabalhou pra dar fim ao triste destino
E sentiu o quão árdua era tal missão.
E hoje sou, na vida, quem conseguiu vencer
Ou quem a razão de viver perdeu.
Sou quem não se cansa de agradecer
Ou amaldiçoar o dia em que nasceu.
Hoje sou quem faz o pão de cada dia
Ou quem a cada dia esmola o pão.
Sou quem constrói e ergue a moradia
Ou quem dorme na rua, no chão.
Hoje sou vários ao mesmo tempo
E minha sina é tão inconstante:
Tenho alegria, tenho contratempo,
Mas meu único nome é Migrante.*

Antônio Ricardo de Oliveira

LISTA DE ILUSTRAÇÕES (TABELA, MAPAS E FOTOS)

Tabela 1 – Total de imigrantes e emigrantes do Piauí (1960-1970-1980)	45
Tabela 2 – Processo de urbanização do Piauí: número de pessoas residentes em cidades piauienses por década (1950-1960-1970-1980)	54
Tabela 3 – Relação de unidades residenciais por Conjunto Habitacional	118
Tabela 4 – Programa de melhoria das condições habitacionais (1975-1976)	127
Tabela 5 – Frequência dos domicílios na disponibilidade de bens duráveis de uso domiciliares em Teresina em 1967	177
Tabela 6 – Proporção de domicílios com bens duráveis nas áreas urbanas do Piauí (1970-1980)	182
Mapa 1: Raio de atuação de atendimento médico de Teresina (1980)	46
Mapa 2: Perímetro Urbano da cidade de Teresina (1800-1980)	82
Mapa 3: Planta Parcial da cidade de Teresina – Recorte do Centro da Cidade (1969)	110
Foto 1 - Legenda: Jóquei ganha nova favela	69
Fotografia: localizada no jornal <i>O Dia</i>	
Acervo: Arquivo Público do Piauí – Casa Anísio Brito	
Data: 1975	
Foto 2 - Legenda: Casas de taipa e cobertura de palha nas margens da linha férrea no bairro Matinha	74
Fotografia: localizada no jornal <i>O Estado</i>	
Acervo: Arquivo Público do Piauí – Casa Anísio Brito	
Data: 1975	
Foto 3 - Legenda: Ocupação de terreno baldio nas margens do rio Poti	75
Fotografia: localizada no jornal <i>O Dia</i>	
Acervo: Arquivo Público do Piauí – Casa Anísio Brito	
Data: 1975	
Foto 4 - Legenda: Incêndio em residência situada na Avenida Barão de Gurguéia	76
Fotografia: localizada no jornal <i>O Dia</i>	
Acervo: Arquivo Público do Piauí – Casa Anísio Brito	
Data: 1976	
Foto 5 - Legenda: Barraco nas margens da Av. Maranhão	78
Fotografia: localizada no jornal <i>O Dia</i>	
Acervo: Arquivo Público do Piauí – Casa Anísio Brito	
Data: 1975	

- Foto 6 - Legenda: Barraco situado no Cais do Rio Parnaíba 78
 Fotografia: localizada no jornal *O Dia*
 Acervo: Arquivo Público do Piauí – Casa Anísio Brito
 Data: 1977
- Foto 7- Legenda: Venda típica da periferia de Teresina, atrelada a residência, de material frágil (paredes de taipa e cobertura de palha) 90
 Fotografia: localizada em: PLANO DE DESENVOLVIMENTO LOCAL INTEGRADO DE TERESINA (PDLI). Construções e Planejamento S.A (COPLAN). Newton Oliveira (coord.). 1969.
 Acervo: Biblioteca da Fundação CEPRO
 Data: 1969
- Foto 8 - Legenda: Protótipo de casa popular 95
 Fotografia: localizada em: PLANO DE DESENVOLVIMENTO LOCAL INTEGRADO DE TERESINA (PDLI). Construções e Planejamento S.A (COPLAN). Newton Oliveira (coord.). 1969.
 Acervo: Biblioteca da Fundação CEPRO
 Data: 1969
- Foto 9 - Legenda: Fonte Climatizada da Av. Frei Serafim 103
 Fotografia: Acervo Fotográfico do Piauí – Seção Ruas e Praças
 Acervo: Arquivo Público do Piauí – Casa Anísio Brito
 Data: 1973
- Foto 10 - Legenda: Maquete do Estádio de Futebol Albertão 104
 Fotografia: localizada no jornal *O Estado*
 Acervo: Arquivo Público do Piauí – Casa Anísio Brito
 Data: 1971
- Foto 11 - Legenda: Trecho da Av. Maranhão com a Av. Joaquim Ribeiro 108
 Fotografia: localizada em: TERESINA, Prefeito 1971-1975 (Joel da Silva Ribeiro). *Mensagem dirigida à Câmara Municipal de Teresina (1973)*. Teresina, 1974.
 Acervo: Biblioteca da Câmara Municipal de Teresina
 Data: 1974
- Foto 12 - Legenda: Novo sistema de abastecimento d'água de Teresina 117
 Fotografia: localizada em: SANTOS, José Lopes dos. *Dirceu Arcoverde: missão cumprida*. Teresina: s/Ed., 1982.
 Acervo: Biblioteca da Universidade Federal do Piauí – Jorn. Carlos Castelo Branco
 Data: 1982
- Foto 13 - Legenda: Praça Saraiva após reforma realizada em 1977 122
 Fotografia: localizada em: SANTOS, José Lopes dos. *Dirceu Arcoverde: missão cumprida*. Teresina: s/Ed., 1982.
 Acervo: Biblioteca da Universidade Federal do Piauí – Jorn. Carlos Castelo Branco
 Data: 1982
- Foto 14 - Legenda: Praça-Monumento Da Costa e Silva 123

Fotografia: Jornal *O Estado*

Acervo: Arquivo Público do Piauí – Casa Anísio Brito

Data: 1977

- Foto 15 - Legenda: A política de “desfavelamento de Teresina” 124
 Fotografia: localizada no jornal *Correio do Povo*
 Acervo: Arquivo Público do Piauí – Casa Anísio Brito
 Data: 1975
- Foto 16 - Legenda: Casas para abrigar os flagelados das cheias construídas no bairro Buenos Aires 140
 Fotografia: localizado em: TERESINA, Prefeito 1971-1975 (Joel da Silva Ribeiro). *Mensagem dirigida à Câmara Municipal de Teresina (1973)*. Teresina, 1974.
 Acervo: Biblioteca da Câmara Municipal de Teresina
 Data: 1974
- Foto 17 - Legenda: Vista parcial do bairro Buenos Aires em 1975..... 159
 Fotografia: localizada no Jornal *O Dia*
 Acervo: Arquivo Público do Piauí – Casa Anísio Brito
 Data: 1975
- Foto 18 - Legenda: Vista parcial do bairro Buenos Aires em 1976 161
 Fotografia: localizada no Jornal *O Dia*
 Acervo: Arquivo Público do Piauí – Casa Anísio Brito
 Data: 1976
- Foto 19 - Legenda: Residência do Buenos Aires em 1976 164
 Fotografia: localizada no Jornal *O Dia*
 Acervo: Arquivo Público do Piauí – Casa Anísio Brito
 Data: 1976
- Foto 20 - Legenda: Fila para pegar água em chafariz na zona Norte 166
 Fotografia: localizada no Jornal *O Dia*
 Acervo: Arquivo Público do Piauí – Casa Anísio Brito
 Data: 1976
- Foto 21 - Legenda: Bairro Buenos Aires em 1976, com a implantação do sistema elétrico..167
 Fotografia: localizada no Jornal *O Estado*
 Acervo: Arquivo Público do Piauí – Casa Anísio Brito
 Data: 1976
- Foto 22 - Legenda: Anúncio publicitário de automóvel 178
 Fotografia: localizada no Jornal *O Dia*
 Acervo: Arquivo Público do Piauí – Casa Anísio Brito
 Data: 1976
- Foto 23 - Legenda: Anúncio Publicitário de eletrodomésticos 180
 Fotografia: localizada no Jornal *O Dia*
 Acervo: Arquivo Público do Piauí – Casa Anísio Brito
 Data: 1978

- Foto 24 - Legenda: Troca-troca no Centro de Teresina 182
Fotografia: localizada no Jornal *O Dia*
Acervo: Arquivo Público do Piauí – Casa Anísio Brito
Data: 1978
- Foto 26 - Legenda: Moradores “pescando” nas fontes luminosas 199
Fotografia: Acervo Fotográfico do Piauí – Seção Ruas e Praças
Acervo: Arquivo Público do Piauí – Casa Anísio Brito
Data: 1978

RESUMO

Este trabalho é uma reflexão em torno do processo migratório que ocorreu na cidade de Teresina durante a década de 1970, que resultou no processo de expansão espacial da cidade. Esse período também é marcado por intensas transformações realizadas em seu espaço urbano, com uma série de reformas e de construções de grande porte, possibilitadas pela conjuntura nacional de intervenção federal e de injeção de recursos financeiros no Estado e em sua capital Teresina, proporcionada pela ascensão dos militares no poder. Os dirigentes locais passaram a intervir no disciplinamento da ocupação do espaço urbano, por meio de uma política de planejamento que pudesse assegurar o crescimento espacial estruturado. Nesse sentido, os setores sociais de menor poder aquisitivo foram atingidos pelas medidas que propunham a reformulação dos espaços por meio da retirada dos pontos de favelização situados nas proximidades do centro da cidade, sendo remanejados para uma área periférica. A análise recai sobre as lembranças que os moradores guardam dessa experiência enquanto migrantes e moradores de Teresina na década de 1970 e de que maneira (res)significaram essa trajetória de vida.

PALAVRAS-CHAVE: Teresina; Migração; Pobreza Urbana; Intervenção Pública; (Res)sentimento.

ABATRATIC

This work is a reflection on the migratory process that occurred in Teresina during the decade of 1970, which resulted in the expansion space in the city. This period is also marked by sweeping changes made in its urban space, with a series of reforms and construction of large, permitted by the national situation of federal intervention and injection of funds in the state and its capital Teresina, provided by the rise of militancy in Power. Local leaders began to intervene in the disciplining of the occupation of urban space, through a planning policy that would ensure growth space structured. In this sense, the social groups with lower purchasing Power have been achieved by the measures they proposed the reformulation of spaces through the removal of points of slum situated near the city center, being relocated to an outlying area. The analysis rests on the memories that keep the residents of this experience as immigrants and residents of Teresina in the 1970 and how (res) signify this path of life.

Key-Words: Teresina; Migration; Urban Poverty; Public Intervention; (Res) Feelings.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	16
1 VIDAS INCERTAS: A TRAJETÓRIA DE MIGRANTES EM TERESINA	28
1.1 Em busca de um sonho: o processo migratório	32
1.2 Entre rupturas e continuidades: o crescimento populacional e a tentativa de inserção no mercado de trabalho	54
1.3 O migrante na reformulação do espaço urbano de Teresina	65
2 MODERNIZAÇÃO E SEGREGAÇÃO: AS MARCAS DA INTERVENÇÃO DO PODER PÚBLICO NA CIDADE	83
2.1 Planejamento e produção do espaço urbano sob a intervenção do regime autoritário .	86
2.1.1 As administrações de Alberto Tavares Silva (1971-1975) e Joel da Silva Ribeiro (1971-1975)	96
2.1.2 As administrações de Dirceu Mendes Arcoverde (1975-1978) e Raimundo Wall Ferraz (1975-1979)	115
2.2 O papel intervencionista de entidades públicas e instituições sociais junto aos pobres urbanos	134
3 ENCANTOS E DESSENCANTOS DA CIDADE: MEMÓRIA E (RES)SENTIMENTOS DOS POBRES EM TERESINA	146
3.1 O “bota a baixo”: significados de uma transferência autoritária	147
3.2 A reconfiguração dos espaços: o processo de adaptação a uma nova realidade	158
3.3 Formas de apropriações e consumo dos espaços da cidade pelos pobres urbanos	174
3.3.1 Os pobres urbanos enquanto consumidores da cidade do capital	174
3.3.2 Cotidiano e lazer na cidade dos excluídos	185
CONSIDERAÇÕES FINAIS	201
FONTES E BIBLIOGRAFIA	205
ANEXOS	216

INTRODUÇÃO

Oito de julho de 1980 transformou-se em uma data histórica para os teresinenses, com cerca de 97% de sua população que se declaravam católicos¹, com a rápida visita do papa João Paulo II, que foi recebido no aeroporto de Teresina por mais de cem mil pessoas. Sua passagem pela capital do estado mais pobre da federação foi marcada pela leitura de uma faixa no meio da multidão, com a seguinte frase: “Santo Padre, o Povo Passa Fome”. Após rezar um Pai Nosso, a frase foi lida pelo papa. O fato registrado pela imprensa nacional e internacional foi veiculado no mundo inteiro. A reação foi imediata. Os populares que prepararam a faixa foram presos.² Esse incidente é, melhor compreendido, com a análise do contexto histórico no qual estava inserido.

O autoritarismo utilizado na repressão dos manifestantes, com uso da força policial, era resquício dos “anos de chumbo” da ditadura militar, durante a qual a liberdade de expressão foi completamente abolida. Por outro lado, também estava associado a ideia de que poderia manchar a imagem que se tentou construir de um Piauí Novo, adversa da imagem de miséria e pobreza que historicamente foi associado. Dessa forma, mascarando a realidade e, por sua vez, sufocando as manifestações de insatisfação popular, constituiu-se a relação entre os representantes do poder público e os populares de Teresina. As marcas dessa relação estão vivas na memória das pessoas que fizeram parte desse processo, que, hoje, (res)significam essa experiência vivenciada no âmbito da vida cotidiana, inscritas nas pedras que constituem a cidade e que guardam múltiplas histórias.

Nas últimas três décadas do século passado, o Brasil passou por um processo de urbanização intenso. Marcado, principalmente, pela saída do homem do campo para as cidades. Empregando uma expressão de Gilberto Freire, essas cidades “incharam” mais do que cresceram³, com o aumento considerável da pobreza nesses locais. Teresina não ficou indiferente a essa mudança que se passava nas demais cidades e, principalmente, nas capitais brasileiras. O aumento de pessoas nos grandes centros urbanos vivendo em precárias condições de existência, proliferando favelas em todas as regiões do país, foi foco das políticas disciplinadoras e de caráter segregador implementadas pelo poder público no sentido de afastar, já que foi impossível a resolução do problema da pobreza, as camadas

¹ PLANO DE DESENVOLVIMENTO LOCAL INTEGRADO DE TERESINA (PDLI). Construções e Planejamento S.A (COPLAN). Newton Oliveira (coord.). 1969. p. 25.

² TAVARES, Zózimo. *100 fatos que marcaram o Piauí*. 3 ed. Teresina: Halley, 2000. p. 101.

³ Apud. ANDRADE, Manoel Correia de. *A terra e o homem no Nordeste: contribuição ao estudo da questão agrária no Nordeste*. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

empobrecidas para periferia das cidades. Esse processo traz consigo, as marcas da intervenção do Estado na vida dessas pessoas, que elaboram representações múltiplas sobre a sua própria trajetória de vida.

O primeiro contato com a temática em questão se deu pela participação, enquanto bolsista de Iniciação Científica no projeto *Teresina dos anos dourados aos anos de chumbo*: o processo de modernização e intervenção do Estado autoritário, desenvolvido através do PIBIC/UFPI e CNPq, no período de agosto de 2005 a julho de 2007, orientado pelo professor Dr. Francisco Alcides do Nascimento, do Departamento de Geografia e História da Universidade Federal do Piauí. Por meio desse projeto, entramos em contato com fontes oficiais e hemerográficas referentes à primeira metade da década de 1970, através das quais pudemos mapear projetos, analisar discursos em torno do processo de modernização que estava sendo empreendido na cidade, assim como, entrar em contato com o cotidiano de pessoas pobres que moravam na periferia de Teresina, com suas práticas e vivências.

A experiência na iniciação científica foi decisiva para a escolha e o desenvolvimento de nossa monografia de final de curso, intitulada *Teresina sob os anos de chumbo*: as interfaces de uma modernização autoritária e excludente⁴. Ao pensar o processo de modernização ocorrido em Teresina, na primeira metade da década de 1970, procuramos discutir o sentido das transformações ocorridas no espaço urbano. Essa política foi empreendida pelo poder público, que interveio na produção de uma nova paisagem⁵ e no reordenamento do espaço urbano, com a implementação de uma série de desapropriações, tendo como objetivo desocupar a área para a instalação do sistema viário no perímetro do Centro da capital.

Fazendo uso da História Oral, entrevistamos quatro moradores que tiveram suas casas derrubadas e foram remanejadas para o bairro Buenos Aires, na zona norte, à época, uma área periférica da cidade. Essa primeira etapa da pesquisa revelou que a maioria dessas pessoas desapropriadas residia em áreas de risco da cidade ou em terrenos irregulares, que tiveram seus imóveis onde residiam, desapropriados pelo poder público municipal. Outro dado revelador sobre essas pessoas, que passaram por esse processo de remanejamento, diz respeito ao fato de serem migrantes ou filhos de migrantes, o que nos levou a concluir que essas

⁴ MONTE, Regianny Lima. *Teresina sob os anos de chumbo*: as interfaces de uma modernização autoritária e excludente. Monografia. (Licenciatura Plena em História). Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2007.

⁵ Foi nesse período que Teresina passou por inúmeras reformas, como a realizada na Avenida Frei Serafim, com a implantação de fontes luminosas, no Palácio de Karnak, sede do governo, em praças públicas como na Pedro II, Praça Marechal Deodoro da Fonseca, além da abertura de dezesseis novas vias de tráfego, dentre elas destaca-se a Avenida Maranhão, Avenida Castelo Branco e a Avenida Miguel Rosa Norte, de construções suntuosas, como o prédio da sede da CEPISA e o estádio de futebol Albertão. Todas elas foram realizadas pelos Executivos municipal e estadual, que tinham como representantes os engenheiros Joel da Silva Ribeiro (1971-1974) e Alberto Tavares Silva (1971-1974), respectivamente.

pessoas chegavam à capital despossuída de recursos, escolaridade e qualificação profissional, instalando-se nos mais diversos locais da cidade e constituindo o que os administradores municipal e estadual classificaram de pontos de favelização.

Resolvemos levar essa proposta de estudar a trajetória de vida desses pobres urbanos para o nível de uma pós-graduação. Ao ampliarmos o recorte temporal para a década de setenta como um todo, tendo em vista que, ao fazer o levantamento e a análise da documentação referente aos anos de 1975 a 1979, o que envolve as administrações de Raimundo Wall Ferraz (1975-1979) e Dirceu Mendes Arcoverde (1975-1978), na municipalidade e no governo do Estado, respectivamente, notamos que havia uma preocupação por parte do poder público com a quantidade de pessoas que a cidade havia recebido antes de suas administrações e com o elevado número de desempregados que o mercado de trabalho não tinha estrutura para absorver, o que levou o prefeito Wall Ferraz elencar como meta de sua administração promover o “desfavelamento de Teresina”.

Notamos que não só os dirigentes, mas a elite teresinense⁶, sentia-se profundamente incomodada com a grande quantidade de pessoas desprovidas de recursos materiais que lhes assegurassem a sobrevivência e uma moradia adequada, que expunham nas ruas suas práticas e vivências cotidianas, consideradas indesejáveis para esse segmento da sociedade. Deste modo, em um primeiro momento, procuramos identificar como esse grupo via os pobres urbanos e quais representações foram elaboradas em torno desses agentes sociais. Em seguida, partimos para análise das ações adotadas por eles no sentido de “eliminar” os pobres, mesmo que fosse apenas afastando-os de suas vistas.

Nesse sentido, estamos propondo compreender como a cidade de Teresina, na década de 1970, foi pensada não só pelas elites, mas também pelas camadas pobres, analisando como essas pessoas avaliavam e caracterizavam as mudanças que estavam ocorrendo no tecido urbano da capital. Procuramos identificar como essas mudanças afetaram suas vivências, analisando, também, as representações elaboradas pelos setores menos favorecidos e identificando quais sensações e sentimentos foram provocados por essas mudanças, sobretudo, no âmbito das relações cotidianas.

Dessa forma, elaboramos alguns questionamentos que seguimos ao longo da pesquisa. Quais as imagens elaboradas pelos migrantes em torno da cidade grande? Que desejos e sonhos foram projetados quando da transferência para Teresina? De que forma essas pessoas

⁶ O conceito elite está sendo utilizado, nesse trabalho, para designar uma elite econômica, composta por setores da classe média e empresários, cultural da qual fazem parte jornalistas e intelectuais, além de uma elite política que defendiam a realização de um projeto modernizador para Teresina.

foram alocados no espaço urbano de Teresina? Como conseguiram inserir-se no mercado de trabalho? Como suas práticas cotidianas foram se adequando a esse novo espaço, seja nas relações de trabalho ou nas formas de lazer na cidade? Quais as representações elaboradas pela elite local em relação a leva de migrantes que chegavam a capital? De que maneira o poder público interveio em suas vidas? Que lembranças e (res)sentimentos guardam desse período?

A escrita desse trabalho está imersa na cinética, no movimento constante e contínuo, compreendido entre o término da década de 1950 e final de 1980, período em que a sociedade brasileira passou por transformações intensas, marcadas não só pela velocidade, mas, sobretudo, pela profundidade dessas mudanças. Uma sociedade em movimento, com uma circulação intensa de idéias, de objetos e de pessoas no tempo e no espaço.

Movimento de idéias proporcionado com o fim do pós-guerra. Acreditava-se que por meio da implantação de um sistema capitalista pautado no processo de industrialização acelerado o Brasil chegaria ao tão almejado “primeiro mundo”. Esse pensamento foi incorporado pelos dirigentes do país a partir da década de cinquenta, com a visão progressista de que se estava galgando um processo seguro de implantação de uma modernização em todas as estruturas do país. Para assegurar esse suposto crescimento, em 1964, o país passa por uma reconfiguração do modelo político, econômico e social com a chegada dos militares ao poder. A política adotada por esses novos atores foi no sentido de promover o crescimento do país, tendo como bases centrais as restrições das liberdades democráticas e a concentração de renda, que conseqüentemente gerou o aumento das desigualdades sociais.

Movimento de objetos, em uma velocidade até então não verificada, inovações tecnológicas, modificavam constantemente o processo de industrialização, tornando as fascinantes novidades de última geração em objetos obsoletos em pouquíssimo tempo. É inaugurada a era do consumo e do descarte contínuo, que vão povoar e mexer com o imaginário das pessoas das mais diversas classes sociais. Todas essas mudanças levam as pessoas a se movimentarem em busca dessas novidades. O sistema rodoviário que cortava o país em todas as direções facilitava o trânsito de homens e de mulheres que migravam de uma região a outra, da zona rural para os médios e grandes centros urbanos. A experiência física do movimento entre diversos lugares leva, inevitavelmente, a modificações de vivências.

Temos como intenção, compreender os fatores que levaram essas pessoas a abandonarem seu local de origem e rumarem para Teresina, bem como o contexto econômico, político e social que possibilitou essa transferência e de que forma essa experiência modificou suas vivências, tendo em vista que o viver urbano foi marcado por uma série de dificuldades,

sobretudo, em relação à adaptação a uma nova realidade, aquisição de trabalho e de moradia em um espaço marcado pela segregação social.

Lançamos mão de um conjunto de fontes que vão desde dados estatísticos, tendo como base estudos realizados pela Fundação CEPRO⁷ e pelo Censo Demográfico – IBGE, matérias de jornais que circularam na cidade durante o período recortado pela pesquisa, mensagens dos Executivos estadual e municipal enviadas ao Legislativo, a História Oral para nos aproximar das memórias construídas em torno de trajetórias de vida enquanto migrantes e moradores de Teresina.

Os jornais nos permitiram analisar as concepções de diversos grupos sociais que constituem uma dada comunidade e sua visão sobre as transformações ocorridas na cidade. É neles que podemos encontrar, de acordo com Sandra Jatahy Pesavento, os “leitores especializados da cidade”, representados pelos jornalistas, cronistas, colunistas e fotógrafos, que olham para cidade e traduzem-na em discursos.⁸ É possível, dessa forma, através da produção desses atores sociais, ler, analisar, mapear projetos, práticas e representações da cidade elaboradas pelas elites e pelo poder público, assim como analisar, no cotidiano da cidade, ler as imagens constituídas sobre os segmentos mais pobres, fatos que marcaram o dia-a-dia dessas pessoas, denúncias, reclamações e opiniões diversas sobre o que acontece na cidade.

O pesquisador dos jornais e revistas trabalha com o que se tornou notícia, o que por si só já abarca um espectro de questões, pois será preciso dar conta das motivações que levaram à decisão de dar publicidade a alguma coisa. Entretanto, ter sido publicado implica atentar para o destaque conferido ao acontecimento, assim como para o local em que se deu a publicação.⁹

A informação veiculada pelos periódicos carece de cuidado aos olhos do historiador, pois o jornal não é um transmissor imparcial e neutro dos acontecimentos e tampouco, uma

⁷ Instituição criada em meados dos anos setenta tendo como objetivo realizar pesquisas e elaborar estratégias de intervenção na realidade sócio-econômica do estado, tendo como ponto de partida identificar os pontos críticos da economia, por meios de uma análise da conjuntura política e sócio-histórica do estado. Nesse sentido, pudemos contar com um considerável número de trabalhos, incluindo ensaios, relatórios e artigos publicados na revista da própria instituição, *Carta Cepró*, além de livros resultados de pesquisas e análises de caráter mais denso, realizadas por funcionários especializados, como economistas, sociólogos e demais técnicos da instituição.

⁸ PESAVENTO, Sandra Jatahy. Muito além do espaço: por uma história cultural do urbano In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol. 8, n.16, 1995. p. 26.

⁹ LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos In: *Fontes Históricas*. PINSKY, Carla Bassanezi. (Org.). 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006. p. 140.

fonte desprezível pela sua carga de subjetividade. Entendemos, portanto, que a notícia é fruto de um processo de fabricação, manipulando interesses, intervindo na vida social e formando a opinião pública. Cabe ao historiador imergir nesse processo de fabricação, identificar seus produtores, bem como na relação que estabelecem em seu meio, num diálogo entre as múltiplas personagens que atuaram e atuam, direta ou indiretamente, na imprensa.¹⁰

A História Oral é uma metodologia que possibilita a constituições de fontes, pois tem como fundamento o contato com pessoas que vivenciaram certos acontecimentos do passado, dos quais foram testemunhas. De modo que as experiências narradas pelos entrevistados possibilitam ao historiador aproximar-se do cotidiano dessas pessoas, sem, contudo, perder de vista que se trata de uma elaboração do entrevistado sobre sua própria experiência, marcada por uma carga de subjetividade, não se trata de um “retrato” do passado.¹¹

A história Oral é uma história constituída em torno de pessoas. Ela lança a vida para dentro da própria história e isso alarga seu campo de ação. Admite heróis vindos não só dentre os líderes, mas dentre a maioria desconhecida do povo. [...] Traz a história para dentro da comunidade e extrai a história de dentro da comunidade. Ajuda os menos privilegiados. [...] Ela pode dar um sentimento de pertencer a determinado lugar e a determinada época.¹²

Nesse sentido, o grupo de pessoas que entrevistamos é constituído por moradores que viveram em Teresina durante a década de setenta, em sua maioria, eram migrantes que não, necessariamente, tivessem chegado à cidade apenas nesse período, tendo em vista que o processo migratório para Teresina já vinha sendo realizado, de forma menos intensa, desde a década de 1940. A escolha também recaiu em torno dos moradores que passaram por processo de remanejamento dentro da cidade, mais especificamente aqueles que foram transferidos, durante a década de 1970, para os bairros Buenos Aires e Água Mineral. No total, foram realizadas dezenove entrevistas, todas do tipo Trajetória de Vida¹³, das quais cinco foram

¹⁰ Foi realizada a localização, o mapeamento e a digitalização de todos os jornais que circularam em Teresina durante a década de 1970. Caracterizamos o processo de editoração, assim como um levantamento dos profissionais que atuavam nesse veículo de comunicação, a caracterização geral dos periódicos, com a análise da linha editorial, o grupo a qual pertencia cada um deles e a relação que mantinham com os dirigentes locais. Para mais informações ver MONTE, Regianny Lima. *Em meio a discursos e práticas: a relação entre a imprensa e o Estado Autoritário na modernização de Teresina*. 2007. Trabalho de Conclusão do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação Científica – PIBIC/CNPq – Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2007.

¹¹ ALBERTI, Verena. Histórias dentro da História In: PINSKY, Carla Bassanezi. (Org.). *Fontes Históricas*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006. p. 170.

¹² THOMPSON, Paul. *A voz do passado: história oral*. 3.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002. p. 44.

¹³ De acordo com Lucília de Almeida Neves, há três formas de entrevista que a História Oral pode lançar mão: a temática, a história de vida e a trajetória de vida. A entrevista de trajetória de vida é mais sucinta e menos detalhada do que a história de vida, porém com maior amplitude do que a temática. A nossa opção por esse tipo

realizadas em 2006, quatro com pessoas que foram remanejadas para o bairro Buenos Aires, durante a década de 1970, e uma com o ex-prefeito de Teresina, Major Joel Ribeiro da Silva, e quatorze entrevistas realizadas em 2009, das quais seis com moradores do Buenos Aires e sete com moradores do bairro Água Mineral, e uma com o jornalista Deusdeth Nunes.¹⁴

A História Oral tem sido utilizada em estudos de temáticas diversas, trazendo contribuições significativas e inovadoras frente aos métodos tradicionais de pesquisa. Conforme Alistair Thomson¹⁵, os pesquisadores que lançam mão de estudos sobre processos migratórios vêm utilizando intensamente os testemunhos orais em seus trabalhos há pelo menos vinte e cinco anos. Eles buscam informações que não aparecem nos dados estatísticos e suas inúmeras tabelas quantitativas, seus interesses estão voltados para os processos pelos quais os migrantes se estabelecem em uma nova região, como estão inseridos no mercado de trabalho, de que maneira reconfiguram suas redes de sociabilidades e de que modo os estilos de vida trazidos do seu local de origem são modificados e recriados.

Usada dessa maneira, a história oral é uma ferramenta importante para entender os ‘mundos internos’ dos imigrantes, para explorar como a subjetividade – conhecimento, sentimentos, fantasias, esperanças e sonhos – de indivíduos, famílias e comunidades informa e molda a experiência de migração em todos os seus estágios, e é por sua vez transformada por sua experiência.¹⁶

Entendemos que há um distanciamento entre a experiência vivida e o ato de narrar, de transmiti-las aos outros. Dito de outra maneira, a construção da narrativa requer uma interpretação do acontecido, que não ocorre de forma neutra, sem interferências, sejam elas de ordem social, marcadas pelo cotidiano ou pela subjetividade. Essa concepção de distinção entre o vivido e o narrado, traz à tona a multiplicidade das experiências e a pluralidade de interpretações e significações sobre uma dada realidade. Segundo Michel de Certeau, “a

de entrevista deu-se por se tratar não apenas do fato em estudo, mas por procurar compreender, a partir de suas trajetórias de vida, o sentido da experiência por que passaram os pobres da capital. NEVES, Lucília de Almeida. Os desafios da história oral – Ensaio Metodológico In: PINHEIRO, Áurea Paz; NASCIMENTO, Francisco Alcides do. (Org.). *Cidade: História e Memória*. Teresina: EDUFPI, 2004. p. 274.

¹⁴ Durante a realização dessas entrevistas a pesquisadora em questão, que esteve presente na realização de todas as entrevistas, pode contar com a ajuda do grupo de pesquisadores pertencentes ao Projeto de Pesquisa a cima citado coordenados pelo professor Dr. Francisco Alcides do Nascimento, tanto na realização de entrevistas como na etapa de transcrição do material. As fichas de identificação dos entrevistados encontram-se em anexo.

¹⁵ THOMSON, Alistair. Histórias (co) movedoras: História Oral e estudos de migração. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, vol. 22, n. 44, p. 341-364, 2002.

¹⁶ *Ibidem*, p. 349.

memória prática é regulada pelo jogo múltiplo da *alteração*, [...] porque essas escrituras invisíveis só são claramente lembradas por novas circunstâncias”.¹⁷

É por meio dessa diversidade de falas e interpretações, que buscaremos nos aproximar do cotidiano dessas pessoas, na tentativa de compreender os significados, as lembranças e os (res)sentimentos em torno de suas trajetórias de vida, enquanto migrantes e moradores de Teresina na década de 1970. Para Maria Izilda Matos, “o historiador do cotidiano tem como preocupação restaurar as tramas de vidas que estavam encobertas, procurar no fundo da história figuras ocultas, recobrar o pulsar no cotidiano, recuperar sua ambiguidade e a pluralidade de possíveis vivências e interpretações”.¹⁸

A História só existe quando a transformamos em problemas, inquietações e indagações, com os quais é possível compor leituras de espaços e tempos construídos por sujeitos historicamente determinados. Segundo Michel de Certeau, fazer História é uma prática mediatizada pela técnica, na qual “tudo começa com o gesto de *separar*, de reunir, de transformar em ‘documentos’ certos objetos”¹⁹, na tentativa de compreender e analisar “em termos de produção localizáveis o material que cada método instaurou inicialmente seguindo seus métodos de pertinência”.²⁰

Para tanto, as fontes aqui utilizadas passaram por critérios de avaliação e são utilizadas de forma não hierarquizadas, tendo em vista as potencialidades e os limites de cada uma. Elas são tomadas de acordo com a necessidade de evidenciar o processo histórico em questão. Também não foi nossa intenção cruzar informações no sentido de comprovar a veracidade dos documentos colhidos, acreditamos que é na diversidade de falas e discursos que se encontram a riqueza dos acontecimentos vivenciados por essas pessoas, em uma determinada temporalidade e localizável espacialmente.

O recorte temporal abarcado por essa pesquisa é a década de 1970, período em que a capital do Piauí recebeu uma grande quantidade de migrantes, tendo que reconfigurar o seu perímetro urbano com o surgimento de novos bairros²¹, assim como o período marcado pela intervenção do poder público de forma institucionalizada na construção desses novos espaços,

¹⁷ CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: 1. artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994. p.163.

¹⁸ MATOS, Maria Izilda Santos de. *Cotidiano e cultura: história, cidade e trabalho*. Bauru: EDUSC, 2002, p.26.

¹⁹ CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999. p. 81.

²⁰ *Ibidem*, p. 65.

²¹ Desde 1964, com a política nacional de habitação do BNH, marcada pela presença das COHABs na edificação de Conjuntos Habitacionais nas capitais, houve uma expansão espacial da cidade para todas as áreas, na zona Sul, destaca-se a construção do Parque Piauí, na zona norte Primavera I, e no final da década de setenta, a cidade já contava com onze novos conjuntos habitacionais, com destaque para zona sudeste, com a primeira etapa do Itararé, atualmente Dirceu Arcoverde. FAÇANHA, Antônio Cardoso. *A evolução urbana de Teresina: agentes, processos e formas espaciais da cidade*. Dissertação (Mestrado em Geografia). Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1998.

destinados em sua maioria para os setores pobres da cidade. Entretanto, o próprio percurso do trabalho nos levou a recuar em alguns anos para estabelecer um estudo mais significativo em torno dos fatores e das motivações que levaram essas pessoas a deixarem seu local de origem e migrarem para Teresina.

Dentro de uma perspectiva teórica, nos apoiamos em alguns autores que nos ajudam a compreender melhor o objeto de pesquisa desse trabalho. Tendo em vista que, a pobreza é vista, historicamente, como um mal a ser extirpado da sociedade, sendo o pobre, sinônimo de perigo. Autores como Maria Stella Brescianni, em *Londres e Paris no século XIX*²², e Sidney Chalhoub, em *Cidade febril* (1996), tratam da questão dos pobres dentro do conceito de *classes perigosas*, ou seja, a representação mais comum empregada para designar os pobres urbanos ao longo dos tempos, como afirma Chalhoub: “assim é que a noção de que a pobreza de um indivíduo era de fato suficiente para torná-lo um malfeitor em potencial teve enormes consequências para a história subsequente de nosso país”.²³ Avaliamos que a noção de *classes perigosas* foi apropriada pelas elites locais, assim como a própria implantação de uma política de segregação dos espaços de Teresina, empurrando os pobres para a periferia.

Autores como Roger Chartier, ajudam-nos a compreender as relações tecidas entre os habitantes da cidade no âmbito das representações sociais²⁴. Essas são elaboradas pela imprensa escrita e pelo poder público que buscaram classificar o outro tendo em vista as diferenças. São elaborações sobre o outro, no caso o pobre, que se articulam uma alteridade, que é marcado por uma relação de poder dentro do próprio contexto urbano. Ao passo que, os moradores pobres, também, elaboram conceitos sobre a sua própria imagem enquanto consumidores e construtores da cidade.

Nesse embate entre as formas de ver e significar não só sua própria existência, como a do outro que lhe é apresentado como forma de alteridade, não podemos deixar de considerar os usos e as práticas que os habitantes fazem do espaço, especialmente o da cidade, de que nos fala Certeau, mostrando como os *transudentes* apropriam-se, ao seu modo, dos códigos e dos lugares que lhes são impostos, subvertendo as regras e compondo formas próprias de se

²² BRESCIANNI, Maria Stella. *Londres e Paris no século XIX: o espetáculo da pobreza*. 4.ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

²³ CHALHOUB, Sidney. *Cidade Febril: cortiços e epidemias na corte imperial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p.23.

²⁴ Apóio-me no conceito de representação de Roger Chartier, no qual permite articular as relações construídas entre os indivíduos ou grupos com o mundo social, “através das quais a realidade é contraditoriamente construída pelos diferentes grupos” ou por signos que visam reconhecer uma identidade social, exibir uma maneira própria de estar no mundo, a significar simbolicamente um estatuto, uma ordem, um poder a partir da constituição do que seria o outro. CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. 2. ed. Algés: DIFEL, 2002. p. 23.

inserir na cidade.²⁵ Para este autor, essa é uma forma alternativa de analisar a cidade, pretendendo enveredar por outro caminho que não seja apenas o dos discursos:

Analisar as práticas microbianas, singulares e plurais, que um sistema urbanístico deveria administrar ou suprimir e que sobrevivem a seu perecimento; seguir o plural desses procedimentos que, muito longe de ser controlados ou eliminados pela administração panóptica, se reforçaram em uma proliferação ilegítimada, desenvolvidos e insinuados nas redes da vigilância, combinados segundo táticas ilegíveis, mas estáveis a tal ponto que constituem regulações cotidianas e criatividades sub-reptícias que se ocultam somente graças aos dispositivos e aos discursos.²⁶

Em termos de produções locais, temos os trabalhos realizados pelo professor Francisco Alcides do Nascimento, que se debruçou sobre a cidade de Teresina na década de 1940, período em que a cidade passava por um processo de modernização e higienização de seu traçado urbano, posta em prática pelos representantes do Estado Novo. Nesse período, ocorreu uma série de incêndios criminosos em casas cobertas de palha, marcando significativamente o cotidiano da cidade, sobretudo, entre os setores mais pobres.²⁷ Este pesquisador também tem realizado pesquisas sobre o processo de modernização de Teresina ocorrido entre os anos de 1950 a 1970, e mais recentemente, tem trabalhado com a perspectiva dos (res)sentimentos dos pobres urbanos em torno da modernização autoritária empreendida pelos representantes da ditadura militar no Piauí.²⁸

Por fim, temos também como referência o trabalho de Antônia Jesuíta de Lima, *As multifaces da pobreza*²⁹, em que se analisam as formas de vida e representações simbólicas dos pobres urbanos em Teresina na década de 1990. O objetivo central desse estudo é compreender a pobreza como uma categoria relativa e multidimensional, partindo da reflexão sobre as condições de vida, bem como sobre a organização e as representações de pobres urbanos, para evidenciar as referências simbólicas mediadoras da compreensão de sua existência como pobres na sociedade. Desse modo, torna-se um referencial importante ao ser precursor, em nível local, do estudo das vivências dos pobres em sua dimensão cultural.

²⁵ CERTEAU, 1994.

²⁶ Ibidem, p.175.

²⁷ NASCIMENTO, Francisco Alcides do Nascimento. *A cidade sob o fogo: modernização e violência policial em Teresina (1937-1945)*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 2002.

²⁸ NASCIMENTO, Francisco Alcides do. Cajuína e cristalina: as transformações espaciais vistas pelos cronistas que atuaram nos jornais de Teresina entre 1950 e 1970 In: *Revista Brasileira de História*. São Paulo, ANPUH, vol. 27, n.53, jan.-jun., 2007.

²⁹ LIMA, Antônia de. *As multifaces da pobreza: formas de vida e representações simbólicas dos pobres urbanos*. Teresina: Halley, 2003.

Partindo da exposição da problemática que norteia essa pesquisa, assim como a apresentação do aporte metodológico e teórico seguidos nesse trabalho, procuramos narrar parte da trajetória de vida desses migrantes que chegaram à capital a procura de melhores condições de vida e tiveram que encarar uma dura realidade, principalmente, por terem passado por um processo de remanejamento, uma vez que foram deslocadas dos lugares onde moravam para novos bairros da cidade, mas suas próprias relações cotidianas, sobretudo no âmbito das sociabilidades, tendo que se adaptar a uma nova realidade, para muitos, contrária a desejada. Esse percurso foi dividido em três capítulos, nos quais procuramos contar a trama vivenciada por esses atores sociais.

No primeiro capítulo, enfocamos o crescimento populacional evidenciado em Teresina, com a chegada de migrantes oriundos, principalmente do campo e de cidades do interior do próprio estado e de estados vizinhos. A constatação de que o êxodo rural era o principal responsável pelo aumento populacional observado na capital, levou-nos a fazer uma análise das estruturas em que estava inserido o homem do campo, com o objetivo de evidenciar alguns dos fatores de expulsão desse espaço. Por outro lado, analisamos outros fatores que contribuíam para a realização do processo migratório, como a busca por equipamentos de infra-estrutura urbana, dentre outros. Procuramos identificar como essas pessoas se integraram ao espaço da cidade, seja nas ocupações no mercado de trabalho ou na apropriação de espaços para edificarem suas moradias, o que contribuiu para o processo de espacialização da cidade em todas as direções.

No segundo capítulo, procuramos evidenciar as representações elaboradas pelas camadas médias e pelos dirigentes locais, acerca dos pobres urbanos e suas vivências na cidade, a partir da análise dos discursos presentes na imprensa escrita e na documentação oficial. Analisamos, por meio de relatórios e mensagens redigidas pelo Executivo municipal e estadual, em torno de suas administrações, a forma de intervenção adotada pelo poder público com os setores populares, que podem ser divididas em dois grupos. O primeiro, tinha como objetivo remodelar o centro da cidade, com a realização de uma série de reformas, dentre elas a implantação e ampliação do sistema viário da capital, para o qual foi realizado uma série de desapropriações. Essa política foi adotada na primeira metade da década de 1970, seguindo o próprio contexto vivenciado pelo “milagre econômico”. Já o segundo, estava relacionado com uma política que propunha “desfavelizar” a capital, por meio do remanejamento de famílias que compunham focos de favela no Centro da cidade para a periferia da cidade.

No terceiro capítulo, avaliamos como esses moradores significam, hoje, essa transferência, quais foram as maiores dificuldades encontradas, de que maneira suas vivências

e laços de amizade, de vizinhança e de sociabilidades foram modificadas com a mudança. A partir da memória desses entrevistados procuramos descrever a região dos bairros Buenos Aires e do Água Mineral, local em que essas pessoas foram remanejadas, e como se deu o processo de adaptação a essa nova realidade. Por fim, analisamos como essa população buscou se inserir nos espaços da cidade, enquanto consumidores de produtos industrializados e quais apropriações foram feitas dos espaços citadinos, sobretudo àqueles destinados ao lazer.

1 Vidas incertas: a trajetória de migrantes em Teresina

Teresina:
Post Card 1957/1977

Post Card 57

*na praça marechal deodoro
às nove horas falavam
da udn e do americam-can*

*um louco Jaime fazia ponto no cruzameto
da barroso com a senador pacheco sem saber
que há tempo existia a guerra fria*

*quinta-feira era dia de matar o tempo
na praça pedro segundo enquanto os sapos
copulavam nos lajedos do tanque*

*na tertúlia do clube dos diários
uma geração embalava no marasmo
esquecendo tudo mais*

*nos canteiros da avenida frei Serafim
os cupins construía suas casas
fiando estranha quietude*

*no bar carnaúba o sol roia o marrom
das tabículas das mesinhas ao passo que
os homens de casimira cinza faziam planos*

*na paissandu os bêbados
pregavam subversão
e um bolero esquentava as entranhas da noite*

*nas calçadas da simplicio mendes
um rosto magro madalena deixava brotar
estranhamente um sorriso largo de espera*

*no mercado central pretas carnudas
vendiam frito de tripa de porco
fígado picado e caninha*

*no cais do parnaíba piabas
prata saltavam das águas salobras
como no sonho de meninos*

*na praça marechal deodoro
às nove horas há velhos com suas
memórias
recompondo o tempo*

*quinta-feira é um dia qualquer
e na praça pedro segundo a mudança notável
é a da posição da estátua que parece sorrir*

*no cruzamento da barroso com
a senador pacheco há um sinal que não raro
encrenca desafiando a rotina*

*não há tertúlias no clube dos diários
as baratas medrosas saem das bocas-de-lobo
admiram os caixotes de cerveja empilhadas e
fogem*

*nos canteiros da avenida frei serafim
putas acenam com gestos medidos
a fome é mais forte que o medo*

*não há bar carnaúba mas os homens
de casimira cinza continuam fazendo planos
cogitando não aceitando irreverências*

*a paissandu agoniza
os bêbados já não falam tanto
e a frieza da noite venceu o calor dos boleros*

*madalena morreu de câncer
e nas calçadas da simplicio mendes
não há nada que lembre sua presença*

*no mercado central negrinhos descarnados
catam laranjas e limões podres
em plena manhã de maio*

*o Parnaíba continua lavando as almas pagãs
dos meninos fujões
roendo as pedras do cais com a mesma raiva.*

Post Card 77

Em *Teresina Post Card 1957/1977*³⁰, o poeta Paulo Machado registra a cidade de Teresina em dois momentos distintos. A primeira coletânea de poemas, “Post Card 57”, retrata uma cidadezinha pacata, com ares de simplicidade, na qual o tempo parece não passar. A vida segue lentamente a rotina de dias tranquilos, seguindo o ritmo monótono dos “sapos que copulavam nos lajedos do tanque” da Praça Pedro II, ou dos “cupins que construíam suas casas fiando estranha quietude” nos canteiros da avenida Frei Serafim. Trata-se de Teresina na década de 1950, período em que era comum os habitantes frequentarem praças do centro da cidade para conversarem sobre a política nacional e as disputas partidárias entre o PSD, o PTB e a UDN, os principais partidos da época, ou para saber das quentíssimas novidades lançadas nos Estados Unidos, repassadas nos cinemas, a serem copiadas pelas “cocotas” de Teresina, ou simplesmente para “matar o tempo”.

O autor discorre também sobre os principais pontos de sociabilidade da cidade, como as tradicionais tertúlias do Clube dos Diários, os frequentes encontros no Bar Carnaúba, onde os homens influentes da sociedade teresinense confabulavam estratégias políticas e “pregavam subversões”, debates calorosos que seguiam ao cair da noite nas boates da Paissandu. O cotidiano da cidade é descrito de forma leve, num percurso por ruas e calçadas, com seus personagens conhecidos por suas excentricidades pelos populares que tiram sua sobrevivência, alegremente, do Mercado Central ou do cais do rio Parnaíba.

Transcorridos vinte anos, na segunda parte da obra, “Post Card 77”, temos a descrição de Teresina já com ares de cidade grande, modificada não apenas pelo tempo, mas pelas mudanças espaciais. A cidade da década de 1970 é apresentada pelo autor com um certo ar de amargura e indiferença. Os lugares ou não são mais os mesmos, pois mudaram a sua essência, ou simplesmente desapareceram da paisagem urbana. As praças passaram a ser um espaço de memorização de velinhos que tentam “recompôr o tempo com suas lembranças” ou ainda da indiferença do passante quanto às mudanças ocorridas na praça Pedro II em decorrência de uma reforma que modificou completamente o seu traçado.

O momento descrito no poema é de ausências, pois já “não há tertúlias no Clube dos Diários,” que se encontra entregue às baratas, “não há Bar Carnaúba”, o qual foi demolido com a reforma realizada no Teatro 4 de Setembro. Também a famosa zona boêmia da Paissandu entra em decadência e “a frieza da noite venceu o calor dos boleros”. O texto do poeta apresenta o caos e a miséria de uma cidade que teve um intenso crescimento de forma desordenada nas décadas de 1950, 1960 e 1970, sem um planejamento que pudesse aliviar os

³⁰ MACHADO, Paulo. *Teresina Post Card 1957/1977*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves. 1980.

transtornos que agora apresenta, como “no cruzamento da [rua] Barroso com a Senador Pacheco onde há um sinal que não raro encrenca desafiando a rotina”. A vida agitada e fluida torna difícil notar que Madalena não é mais vista na calçada da Simplício Mendes e “não há nada que lembre sua presença”, aliás, o hábito de sentar nas calçadas é cada vez mais raro. Por fim, uma cidade com uma pobreza desconcertante é descrita pelo autor, com prostitutas que se arriscam na Avenida Frei Serafim, “acenam com gestos medidos, a fome é mais forte que o medo”, enquanto, no Mercado Central, “negrinhos descarnados catam laranjas e limões podres em plena manhã de maio”.

Sobre a descrição feita pelo poeta Paulo Machado a respeito da cidade de Teresina em dois momentos diferentes de sua trajetória, vale ressaltar que, para escrever a primeira parte, o autor valeu-se, principalmente, da memória dos moradores mais antigos da cidade, haja vista que tais recordações sobre determinados fatos não poderiam ser do autor dada a sua pouca idade no período referido. Desse modo, mesmo não tendo vivenciado a Teresina da década de 1950, de alguma forma a sua imagem chegou até ele e, sem dúvidas, parecia-lhe bem melhor do que aquela da qual era contemporâneo.

Teresina Post Card 1957/1977 nos faz lembrar de Maurília, uma das cidades invisíveis de Ítalo Calvino³¹, na qual o viajante é convidado a visitar a cidade atual, moderna, ao mesmo tempo em que contempla a cidade antiga, arcaica, por meio dos cartões-postais. É conveniente, segundo o autor, que o visitante “louve a cidade dos cartões-postais e prefira-a a atual”, contudo a observação necessita ser ponderada, a fim de que se reconheça “a magnificência e a prosperidade da Maurília metrópole, se comparada à velha Maurília provinciana”, Sendo também possível verificar as graças perdidas, apreciadas somente através dos cartões-postais, apesar de não se ver, à época, nada de gracioso na Maurília provinciana. Calvino conclui afirmando que a metrópole “mediante aquilo que se tornou pode-se recordar com saudade daquilo que foi.”³²

O tom nostálgico com que Paulo Machado descreve a Teresina da década de 1950, talvez, só tenha sido possível em decorrência do fato de a própria cidade ser modificada cotidianamente tanto no aspecto espacial, quanto nos hábitos e costumes de seus moradores. A imagem dessa cidade residia apenas na memória, em virtude do desenvolvimento de uma nova Teresina, que emerge dos escombros daquela de outrora, conforme observa Calvino,

³¹ CALVINO, Ítalo. *As cidades invisíveis*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. p.15.

³² Idem, p.15.

“cidades diferentes sucedem-se no mesmo solo e com o mesmo nome, nascem e morrem sem se conhecer, incomunicáveis entre si.”³³

A pacata Teresina da década de 1950, época de seu primeiro centenário, parece povoar o imaginário de nossos poetas, que veem as mudanças ocorridas na cidade durante a década de 1970 com certo desconforto e ressentimento.

Chegaria, porém, o chamado progresso físico, o asfalto, os aviões a jato, o comércio de prestações, os restaurantes sofisticados, o carro financiado, a casa do BNH, a televisão, o jornal moderno, a civilização da lancheira, o supermercado onde as matronas compram frango depenado. [...] Os bons cabarés da Paisandu desaparecem, substituídos por motéis e gramas de praças. [...] Hoje, vejo-a urbanizada de pombais, ou casinhas habitadas do êxodo interiorano; [...] vejo-a despudorada, meninas ricas sem roupa, por deboche, meninas pobres do mesmo jeito por miséria. [...] De trinta anos pra cá a cidade mudou muito. Desespiritualizou-se.³⁴

Essa sensação de desconforto frente às mudanças pelas quais a cidade passou não é apenas uma constatação pessoal do autor, mas, antes, um reflexo do mal-estar proporcionado pelo próprio momento de insegurança em que a sociedade está inserida. Para Zygmunt Bauman³⁵, a cidade contemporânea, pós-moderna ou simplesmente moderna, está passando, desde os decênios de 1960 e 1970, por uma nova configuração, que torna ainda mais nítidas as divisões sociais. O momento é marcado pela instabilidade, pela perda das referências sólidas de uma modernidade centrada nas grandes estruturas, cedendo lugar a um mundo volátil, inconstante. Estaríamos vivendo, nos termos de Bauman, uma “modernidade líquida”, fluida, leve, moldável às estruturas presentes. Essas mudanças têm como contexto a introdução de uma nova fase do capitalismo, com a inauguração da era digital.

Tais transformações vão ter reflexo imediato nos centros urbanos, que constituem o palco de toda encenação das mudanças estruturais e no modo de vida do cidadão. As cidades passam a experimentar a era do consumo de produtos com tecnologia de ponta e tempo de duração surpreendentemente curto, ou seja, uma sociedade marcada pelo descarte, pela substituição constante de produtos, convivendo ao lado de uma cidade miserável em que falta até mesmo o essencial.

Essas mudanças também são sentidas no nível das relações sociais, visíveis, agora, pelo individualismo, pela completa indiferença para com o outro, na cidade que passou por um

³³ CALVINO, 1990, p.16.

³⁴ TITO FILHO, Arimatéia. *Teresina meu amor*. Teresina: Companhia Editora do Piauí, 1973. p. 77.

³⁵ BALMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

intenso crescimento populacional e um considerável aumento da violência³⁶, provocando em seus habitantes um sentimento de insegurança que levou algumas pessoas a se isolarem em suas residências, a ponto de perderem o sentido de comunidade e introjetarem um medo onipresente do outro, ou de tudo que lhe é estranho.

Nesse caso, a grande leva de migrantes que se instalou em Teresina trouxe representações múltiplas para os seus moradores, os quais viam a cidade ser “invadida” e transfigurada a cada momento, pondo em prática uma política de segregação espacial, afastando aquelas pessoas indesejáveis do seu convívio. Já para aqueles que chegavam com suas formas de vivências, suas relações cotidianas carregadas por traços de uma vida rural, a cidade era apropriada como um espaço para fincar moradia. Essas pessoas carregavam na mala o pouco que possuíam materialmente, junto com suas insatisfações e medos, mas também com sonhos e esperanças de uma vida melhor na cidade.

1.1 Em busca de um sonho: o processo migratório

As cidades brasileiras, bem como o próprio viver urbano, passaram por intensas transformações desde a implantação do sistema republicano ainda no final do século XIX. Esse período, conhecido como Belle Époque³⁷, é marcado por projetos de remodelação dos principais centros urbanos do Brasil, seguindo o modelo francês tanto na arquitetura como nas formas de sociabilidades urbanas. É a partir da segunda metade do século XX que as cidades passam por mudanças estruturais, com a introdução do modelo de “modernização brasileira”. O contexto histórico-social foi marcado por utopias desenvolvimentistas e um emaranhado de representações e significados expressos em projetos, discursos e práticas que tinham como um dos principais desejos intervir no espaço urbano numa tentativa de disciplinar o seu uso. Esse

³⁶ É constante a presença de matérias e colunas policiais nos jornais que registram atos ilícitos em diversos pontos da cidade: TERESINA infestada de gaturmos e arrombadores. *O Dia*, Teresina, s/ano, n. 3500. p. 2, 18 dez. 1971; TERESINA indefesa a mercê dos marginais. *O Estado*, Teresina, ano 20, s/n. p. 8, 06 jul. 1971.

³⁷ A expressão Belle Époque é utilizada para caracterizar um período da história, iniciado na Europa, que se caracteriza pela cultura cosmopolita que teve início no final do século XIX (1871) e durou até a eclosão da Primeira Guerra Mundial, em 1914. A expressão designa a efervescência intelectual e artística do período, bem como o período de uma intensa inovação tecnológica que trouxe profundas transformações culturais que se traduziam em novas formas de pensar e viver o cotidiano. Essas mudanças atingiram o aspecto urbanístico das cidades, para que elas pudessem oferecer um ambiente modificado e adequado às novas exigências do viver citadino. Nesse sentido, muitos países, dentre eles o Brasil, colocaram em prática uma série de reformas urbanísticas pautadas nas normas de higiene, de salubridade e de arquitetura nos principais centros urbanos do país. Sobre a temática ver: PONTE, Sebastião Rogério. *Fortaleza Belle Époque: reformas urbanas e controle social (1860-1930)*. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha/Multigral, 1993; DAOU, Ana Maria. *A Belle Époque amazônica*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

conjunto de discursos, práticas e desejos construiu expectativas coletivas e individuais em muitos brasileiros.

A construção e a viabilização desse projeto modernizador para o país geraram uma série de mobilizações sociais no campo político e econômico, sendo também afetados os aspectos culturais e sociais. As décadas de 1960 e 1970 foram decisivas ao incutir o imaginário consumista de produtos industrializados, principalmente entre os setores das classes médias, além da venda da imagem da elevação dos padrões de vida, em especial, pelo processo de urbanização. Nesse sentido, trajetórias de vidas foram intensamente modificadas na medida em que os centros urbanos iam sendo vistos como lugares promissores para os diversos setores sociais.

Teresina, uma cidade de médio porte, foi centro de uma política de modernização posta em prática em consonância com o modelo nacional de desenvolvimento adotado nos anos 1970, o qual tinha como principal finalidade assegurar o crescimento do país por meio do processo de industrialização a ser implantado nas diversas regiões do país, mesmo que para isso as liberdades individuais fossem suprimidas. As intervenções se davam tanto no sentido de dotar a cidade de infra-estrutura, com sistema de abastecimento de água e luz regulares, desobstrução do tráfego de veículos, com abertura ou duplicação de ruas e avenidas, que estavam recebendo cobertura asfáltica, como de criar símbolos modernizadores da presença do poder público, como a reforma de logradouros públicos, construções de grande porte, dando aos habitantes a sensação de que a cidade mudara a sua configuração, adquirindo novos ares em consonância com os novos tempos.³⁸ Essas mudanças pelas quais a cidade passava faziam-se presentes nas descrições de cronistas e jornalistas locais, que se referiam à capital como

[...] uma cidade moderna. Urbanisticamente perfeita. Ruas e avenidas bem traçadas, praças ajardinadas, modernas construções ornamentam sua paisagem, transformando-a num carinhoso convite ao visitante que encontrará sempre para recebê-lo, a fidalguia e a hospitalidade de um povo amável e hospitaleiro.³⁹

³⁸ MONTE, Regianny Lima. *Teresina sob os anos de chumbo: as interfaces de uma modernização autoritária e excludente*. Monografia. (Licenciatura Plena em História). Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2007.

³⁹ JÚNIOR, Magalhães. Turismo: Teresina pede passagem. *O Dia*, Teresina, s/ano, n. 3299. p. 1, 26 maio 1971.

Eram cada vez mais comuns matérias veiculadas na imprensa escrita⁴⁰ sobre as melhorias observadas na cidade, com a consequente projeção da imagem de um lugar das oportunidades, sempre se enfatizando a calorosa receptividade do povo teresinense. Tais matérias estampavam títulos como “Venha viver bem em Teresina,” o que, de certa forma, instigava as pessoas de outras cidades a migrarem para a capital, enaltecendo-se o papel dos cidadãos nesse processo: “É o amor fraternal aos seus irmãos daqui e de longínquas plagas desse Brasil sem fronteiras, que vem em busca de uma fixação em terra firme e um caminho certo para um futuro alviçareiro não muito distante.”⁴¹ Poetas cantavam a cidade oferecendo uma imagem de lugar acolhedor, como a descrita por Arimatéia Tito Filho em *Teresina meu amor*:

Quem aqui chega para o exercício de deveres, ou para serviços de emprego fixado, não quer mais deixá-la. Só se retira a gancho, depois de esgotar os recursos das amigadas protetoras, dos padrinhos, dos pistolões. Aqui não há estrangeiros. Há teresinenses. Poucos meses de assento – e o sujeito tá dono da cidade. E merecendo homenagem. E casado por aqui mesmo. E fabricando menino na Chapada do Corisco. E menino nascendo na Maternidade São Vicente. Uma jóia – Teresina. Vem vê-la – e aclamarás comigo.⁴² [grifo do autor].

O poder público também passou a ser um divulgador da cidade de Teresina. O governador do estado, Alberto Tavares Silva⁴³ (1971-1974), anunciava recursos adquiridos

⁴⁰ A partir da década de 1970, a imprensa escrita no Piauí teve uma considerável expansão, com a abertura de novos jornais, tanto diários de grande porte como *O Estado*, fundado em 1970, *A Hora*, em 1971 e *A Tribuna*, em 1975, quanto semanários, como *O Correio do Povo*, de 1973 e *O Liberal*, de 1975. Também foi nesse período, que os jornais passaram por uma modernização de seu parque gráfico, com o sistema de impressão *off-set*, o que contribuiu para uma melhor qualidade e agilização na produção dos jornais. A expansão também se dava para fora de Teresina e até mesmo do estado, com os jornais de maior porte, como os tradicionais *O Dia* e *Jornal do Piauí*. Desta forma, as principais notícias referentes ao estado e principalmente ao cotidiano da capital chegavam diariamente por meio desses noticiários aos mais distantes pontos do Piauí, Maranhão e Ceará através dos ônibus interurbanos. Sobre o assunto ver: MONTE, Regianny Lima. *Em meio a discursos e práticas: a relação entre a imprensa e o Estado autoritário na modernização de Teresina*. 2007. Trabalho de Conclusão do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação Científica – PIBIC/CNPq – Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2007.

⁴¹ VENHA viver bem em Teresina. *O Dia*, Teresina, s/ano, n. 3572. p. 1, 15 mar. 1972.

⁴² TITO FILHO, 1973, p. 25.

⁴³ Formado em Engenharia Civil, Elétrica e Mecânica pela Escola de Engenharia em Itajubá, foi nomeado engenheiro-chefe dos Serviços de Transporte Elétricos da Estrada de Ferro Central do Brasil, no Rio de Janeiro (1941-1947). Foi eleito prefeito de Parnaíba em 1948; em 1950 foi eleito deputado estadual do Piauí, cargo que renunciou para assumir a direção da Estrada de Ferro de Parnaíba (1951-1953). Eleito prefeito de Parnaíba pela segunda vez para o mandato de 1955-1958. Em 1960, retorna à direção da citada estrada de ferro, sendo que, no ano seguinte, assumiu a direção da Companhia de Força e Luz de Parnaíba. Quando de sua indicação para assumir o Governo do Piauí em 1970, encontrava-se em Fortaleza, dirigindo a Companhia de Energia do Ceará (1962-1970). Após deixar o Governo do Estado em 1975, coordenou o Programa de Desenvolvimento Industrial e Agrícola do Nordeste (POLONORDESTE), e em 1976, foi nomeado presidente da Empresa Brasileira de Transportes Urbanos (UBTU). Chegou a ocupar os cargos de Deputado Federal em 1994 e em 2006, senador em

para dotar a capital de infra-estrutura e de obras de grande envergadura, como a reforma e embelezamento da Avenida Frei Serafim, uma das mais importantes vias de tráfego da cidade, e a construção de um estádio de futebol com capacidade para 60 mil pessoas. Em uma esfera de otimismo, chegou a afirmar que “Teresina será o cartão de visitas do Piauí”,⁴⁴ Passando a cidade a ser vista como um lugar promissor, que se estruturava para o novo, imagem exacerbada pela possibilidade de implantação de um parque industrial, com a construção de um Distrito Industrial na zona Sul da cidade, o qual viabilizaria um crescimento estruturado para capital, o que infelizmente ficou mais no nível do desejo.

As mudanças, entretanto, atraíram mais pessoas humildes e empobrecidas, as quais residiam em sua maioria em cidade de pequeno porte ou na zona rural do próprio estado e de estados próximos como o Maranhão e o Ceará, do que investidores ou industriais. Nesse sentido, a capital do estado do Piauí passou a receber uma grande quantidade de migrantes, que procuravam se inserir na cidade e usufruir das oportunidades propagandeadas pela imprensa e pelo poder público.

A vida da cidade atrai e fixa porque oferece melhores oportunidades e acena um futuro de progresso individual, mas, também, porque é considerada uma forma superior de existência, a vida do campo, ao contrário, repele e expulsa. [...] Uma vida, enfim, cheia de incertezas, vida sem grandes esperanças.⁴⁵

Esse fato é resultado da pouca ou nenhuma infra-estrutura das zonas rurais, com atendimento médico precário e distante, escassez de água tratada e energia elétrica, inexistência de escolas, as quais quando se fazem presentes, na maioria das vezes são precárias, e ainda a espoliação do trabalho do morador das zonas rurais. Isso tudo leva as pessoas a buscarem outras formas de vivências em lugares que lhes proporcionem uma vida mais amena. A matéria veiculada no jornal *O Dia*, um dos principais periódicos do estado, traz uma reflexão sobre o processo migratório.

1979 e em 1998, e, mais uma vez, governador do Piauí (1986-1989). Apesar da longa trajetória como político e como engenheiro, encerrada em 28 de setembro de 2009, aos noventa e um anos, Alberto Silva nunca ocupou o cargo de Prefeito de Teresina, mesmo tendo se candidatado seguidamente em 1992 e 1996.

⁴⁴ ALBERTO: __ Teresina será o cartão de visitas do Piauí. *O Estado*, Teresina, ano 20, s/n. p. 10, 08 jul. 1971.

⁴⁵ MELO, João Manoel Cardoso de; NOVAIS, Fernando A. Capitalismo tardio e sociabilidade moderna. In: SCHWARCZ, Lília Mortiz. *História da vida privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea*. vol. 4. São Paulo: Companhia das Letras, 1988. p. 574.

Os flagelos que no campo sofre com as secas ou com as enchentes, levam o sertanejo a mudar-se da terra e a tentar uma nova vida em outro lugar. Atingidos pelas consequências dos flagelos, com a fome e o desemprego, os homens do campo reúnem as últimas economias, alugam um ‘pau-de-arara’ e fogem da terra que está áspera e má. Vão em busca da realização, do trabalho, da sobrevivência. Uns retornam à terra como visitantes, já com a vida bem estabilizada, bem empregados mostrando a todos que são vencedores. Outros regressam derrotados, passam a viver das lembranças da cidade grande e dificilmente recuperam o tempo perdido. Apesar de tudo eles acham que é sempre importante tentar.⁴⁶

O trajeto seguido por muitas pessoas que deixaram o campo e seguiram para centros urbanizados, descrito na reportagem, revela alguns dos fatores mais frequentes no processo migratório: vulneráveis às constantes calamidades provocadas por intempéries climáticas, acometidos pela fome e desemprego, reúnem os poucos recursos e migram para a cidade, a qual é descrita como lugar de realização e trabalho, assegurando a sobrevivência da família. Já a trajetória seguida por esses migrantes na cidade é descrita de formas distintas e opostas. A primeira trata de uma trajetória de sucesso, na qual aqueles que permaneceram na cidade são apontados como vencedores e retornam à terra natal como visitantes, exibindo para aqueles que ficaram o *status* adquirido por um bom emprego que lhes assegura conforto e certa estabilidade financeira. O segundo caso é do migrante que retorna fracassado por não ter se beneficiado das oportunidades da cidade grande. É interessante notar que, na visão do jornalista, o processo migratório é sempre algo positivo, considerando o viver urbano uma forma superior de existência, assim, mesmo retornando ao campo, o homem jamais esquece da vida urbana.

Jacques Le Goff, em entrevista cedida a Jean Lebrun, que resultou no livro *Por amor às cidades*⁴⁷, faz uma relação entre a cidade da Idade Média e a cidade contemporânea, demonstrando que entre ambas há inúmeras semelhanças, guardadas as proporcionalidades entre elas. O autor nos oferece chaves para a compreensão da época de rupturas urbanas em que vivemos. Uma de suas abordagens está relacionada ao crescimento das cidades, proporcionado, sobretudo, pela migração campo-cidade e pela ideia de ascensão social. De acordo com Le Goff, o migrante pobre, desprovido de recursos é uma pessoa que

[...] deve, no conjunto, sentir-se um pouco menos pobre na cidade do que no campo, como o camponês da África que prefere amontoar-se nas Brazzaviles

⁴⁶ EM BUSCA de um mundo melhor. *O Dia*, Teresina, ano 28, n. 7006. p. 1, 23 fev. 1979.

⁴⁷ LE GOFF, Jacques. *Por amor às cidades: conversações com Jean Lebrun*. Trad. Reinaldo Carmelo Correia de Moraes. São Paulo: Editora da UNESP, 1998.

negras. Como este, ele não retorna à sua aldeia, quaisquer que sejam as humilhações sofridas na cidade. O camponês urbanizado que retorna ao campo é algo que se vê muito pouco.⁴⁸

Nesse sentido, a extrema pobreza observada nos centros urbanos, sobretudo em cidades de médio porte como Teresina, possui uma íntima relação com a pobreza localizada na zona rural do próprio estado e dos estados vizinhos, tendo em vista que um dos maiores responsáveis pelo aumento populacional dessas cidades é o êxodo rural, resultando em um número de pessoas cada vez maior vivendo em condições subumanas.

Essas pessoas sofrem várias influências para deixar o campo, sendo necessário, portanto, compreender a estrutura sócio-histórica vigente no interior do Nordeste e a relação com os fatores econômicos no período em questão. O estado do Piauí está situado na região Nordeste, na porção ocidental, sendo o terceiro estado em extensão da região, e, juntamente com o Maranhão, forma a sub-região denominada por alguns autores de Meio Norte.⁴⁹ Suas fronteiras começaram a ser delimitadas a partir do processo de colonização portuguesa no Brasil, iniciado na segunda metade do século XVII, com a caça ao nativo e a ocupação dos vales de rios pelas fazendas de gado.

O processo de colonização do Piauí está ligado diretamente à pecuária desenvolvida por pecuaristas baianos e pernambucanos que adentravam o sertão inóspito à procura de condições favoráveis para a criação de gado extensiva, indispensável para o abastecimento dos grandes centros e inviáveis nas proximidades dos engenhos açucareiros. Essa empreitada teve à frente a família Garcia d'Ávila, potentora da famosa Casa da Torre, na Bahia, que recebeu o direito de explorar a região mediante a doação de terras (sesmarias) pelo governo. Particulares também se aventuraram por essas terras, como o bandeirante Domingos Jorge Velho, porém o trabalho de devassamento da região ficou sob a responsabilidade de encarregados que enfrentaram o gentio hostil e as asperezas do meio.⁵⁰

Quanto à vegetação e ao clima, apesar de estar localizado em uma região de transição, registram-se no Piauí dois climas predominantes, o tropical e o semi-árido, mais seco e uma vegetação constituída pela caatinga, e ainda um clima rigoroso dividido em duas estações – uma chuvosa, durante o verão, e uma seca, no inverno - o que o nordestino, contraditoriamente, inverte, pois, para ele, o período chuvoso é designado de inverno,

⁴⁸ LE GOFF, 1998, p.54.

⁴⁹ Sobre o assunto, ver ANDRADE, Manoel Correia de. *A terra e o homem no Nordeste: contribuição ao estudo da questão agrária no Nordeste*. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

⁵⁰ LIMA SOBRINHO, Barbosa. *O devassamento do Piauí*. São Paulo: Nacional, 1946. p. 134-135.

sinônimo da fartura proporcionada pelas plantações, colheita e pela engorda do gado; já o verão é o período em que as chuvas se tornam escassas, o que contribui fortemente para secas periódicas, as quais são responsáveis historicamente pelas migrações temporárias no sertão do Nordeste.

Durante a maior parte dos três séculos da ocupação do estado do Piauí, não houve registros de flagelos sociais em decorrência das perdas de produções agrícolas ocasionadas pela seca. Essa constatação foi verificada a partir de um estudo realizado por Manoel Domingos Neto e Geraldo Borges Almeida⁵¹, que tinha como objetivo analisar os elementos essenciais na configuração da “seca” numa perspectiva histórica, enfatizando aspectos econômicos, sociais, políticos e institucionais. Conforme os autores, “para o Piauí a ‘seca’ é novidade” até 1877, ano da maior calamidade da história do Nordeste, atingindo meio milhão de habitantes.⁵² E, mesmo assim, não estava ligada a fatores internos, e sim a fatores relacionados aos retirantes de outros estados.

Flagelados cearenses, paraibanos, pernambucanos e baianos, ‘acossados por terríveis secas’, procuravam as terras piauienses. A fome, as epidemias, a mortandade, saques e banditismo acompanhavam os retirantes. A ‘seca piauiense’, indiscutivelmente, nessa época, não passava de uma crise transplantada. Suas causas eram puramente exógenas.⁵³

De fato, poucas regiões do estado do Piauí eram afetadas pela escassez de chuvas e, compreendendo o fenômeno da seca no Nordeste não apenas como um fator climático, mas socioeconômico, a seca passou, sobretudo no século XX, a ser um problema local. Um dos fatores abordados diz respeito ao aumento da população provocado pelas levas de retirantes que, periodicamente, passavam pelo estado em direção ao Maranhão, Pará e Amazonas. Entretanto, muitos não prosseguiram e, impossibilitados fisicamente pela fome e por moléstias, decidiam ficar no Piauí, prestando serviços nas fazendas de gado em troca de alimentação e moradia ou sendo assistidos por serviços de socorros públicos nos centros urbanos.⁵⁴ Com o aumento populacional, veio também o arrocho nas estruturas fundiárias, minguando os recursos agrícolas adquiridos pelo homem do campo, o qual, com poucas reservas, se via à mercê das intempéries climáticas.

⁵¹ DOMINGOS NETO, Manoel; BORGES, Geraldo Almeida. *Seca Seculorum*: flagelo e mito na economia rural piauiense. Teresina: Fundação CEPRO, 1983.

⁵² DOMINGOS NETO; BORGES, 1983, p.47.

⁵³ Ibidem, p.45.

⁵⁴ ARAÚJO, Mafalda Baldoino de. *Cotidiano e pobreza*: a magia da sobrevivência em Teresina (1877-1914). Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1995.

Nessa região é comum o esgotamento do solo, que ocorre com maior rapidez em decorrência das técnicas agrícolas predatórias como a “coivara indígena”, a qual consiste em limpar o terreno para o plantio por meio de queimadas que, ao mesmo tempo, destroem uma vasta área de mata e seus biomas, matando os nutrientes e deixando o solo pobre e improdutivo com o passar dos anos. Isso leva o homem do campo a abandonar constantemente essas áreas de cultivo à procura de outras áreas agricultáveis, ficando vastos terrenos subaproveitados, a servir de pastos, o que contribuiu para a formação de latifúndios utilizados, sobretudo, para a criação extensiva de gado.

Outra causa fundante do processo migratório está na estrutura fundiária dominante no Nordeste desde a colonização. Conforme Olavo Bacelar⁵⁵, o “atraso da agricultura tradicional” baseada na agricultura familiar e de subsistência, em sua grande maioria não remunerada, sujeitas às intempéries do clima, irregularidade na distribuição das chuvas, com períodos prolongados de estiagens, aliados ainda à concentração de terras sob o domínio de grandes proprietários, formando imensos latifúndios, dificultava o acesso à terra aos pequenos produtores. Estes se viam obrigados a trabalhar em sistemas agrícolas desfavoráveis para esses segmentos, nos quais os trabalhadores rurais utilizam a terra de terceiros para o cultivo e pagam com parte da produção, conhecida como “renda” da terra, em sistemas de “meia”, “terça” e “quarta”⁵⁶ comuns no interior no Nordeste, minguando ainda mais os escassos recursos do homem do campo.

As relações de trabalho entre pequenos produtores, posseiros, parceiros, agregados e latifundiários, na prática, ainda estavam sujeitas a outras interferências, além das intempéries do clima e do solo. Mesmo cumprindo com valores instituídos nos sistemas de renda estabelecidos pelos grandes proprietários, o trabalhador rural estava submetido a conflitos de toda ordem que poderiam ocasionar o rompimento das relações firmadas entre eles. As desavenças poderiam estar relacionadas a conflitos familiares, caso a filha do arrendatário tivesse algum relacionamento com o filho do proprietário, ou, em alguns casos, com ele mesmo; bem como a fatores de ordem política; se os agregados resolvessem apoiar um candidato contrário ao do patrão nas eleições.

⁵⁵ BACELAR, Olavo Ivanhoé de Brito. Fluxos migratórios e crescimento urbano piauiense. *Carta CEPRO*. Teresina. vol. 6, n. 1, p.25. jan/jun. 1980.

⁵⁶ Esses sistemas estão sob o regime de parceria entre o proprietário das terras e os arrendatários. Entre eles a “meia” é a mais comum, na qual o proprietário fornecesse a terra e as sementes aos pequenos produtores e após a colheita recebe a metade da produção como forma de pagamento. Em alguns casos esse sistema sofreu variações, sendo substituídos pela “terça”, ou seja, cabem dois terços da produção ao proprietário, ficando o arrendatário com apenas uma parte. A “quarta” é mais recorrente no Piauí, anteriormente relacionada à pecuária, estendeu-se a agricultura, após a colheita o agricultor paga ao proprietário quatro alqueires por tarefas.

Por outro lado, o processo de modernização que estava sendo implantado no país, aos poucos, foi chegando ao campo e interferindo nas relações de trabalho. A agricultura tradicional baseada na força de trabalho do produtor rural e dos demais membros da sua família que cultivavam a terra sem maiores cuidados foi dando espaço à mecanização das atividades agrícolas. A mão-de-obra braçal foi sendo substituída por tratores equipados com arados de ferro, roçadeiras e colheitadeiras modernas, que realizavam o mesmo trabalho com maior rapidez e economia, havendo ainda a disponibilidade de adubos e insumos agrícolas que melhoravam a qualidade do produto.

Como podemos observar, alguns dos fatores fundamentais que levam as pessoas a migrarem para os grandes centros urbanos estão relacionados à questão agrária. A trajetória seguida por Durval Venâncio da Silva, nascido em Cabeceira, zona rural do município de Timon, no Maranhão, que migrou para Teresina em 1976, é elucidativa quanto a esse processo:

O motivo foi o seguinte: nós trabalhava [sic] de agregado, aí foi o tempo que eu tomei conta de família, me casei. Tinha os proprietários lá que eram muito bom, o compadre Pedro, e aí ficou os herdeiros, aí com a mudança dos proprietários antigos, aí começaram a apresentar muitas exigências, muitas coisas. [...] mas aí a gente por desgosto, besteira mesmo, mudança de proprietário de terra... A minha irmã já tinha mudado pra cá, já tinha esse terreno, tinha essa menina que eu queria educar ela, botar ela pra estudar, e lá era difícil e aí eu botei ela pra cá, pra casa da minha irmã, aí visto a isso eu decidi mudar pra cá. Eu, só eu, a mulher e a menina, então o pouco recurso que eu tinha, então enquanto eu acabe esse recurso que eu vou levando daqui prá lá, dá pra eu arranjar um emprego, e emprego nesse negócio de construção era fácil, emprego braçal era fácil e foi o que aconteceu, eu vim pra cá, botei a menina pra estudar, arranjei esse emprego na Lorival Parente e vou levando a vida pra frente.⁵⁷

Os motivos apontados por Durval são bem nítidos no que diz respeito à relação de trabalho a que estava submetido no campo, onde morava como agregado, sem direito à posse da terra, tendo seu destino decidido pelos proprietários. As formas de trabalho no campo, pautado em estruturas rígidas de concentração de terra nas mãos de um pequeno número de latifundiários, possibilita que a mão-de-obra seja explorada pelos grandes proprietários. Esse processo exploratório no qual o homem do campo estava inserido era possibilitado, ainda, pela ausência de legislação e inexistência de registros escritos que permitissem ao agregado ou pequeno proprietário reivindicar melhorias.

⁵⁷ SILVA, Durval Venâncio da. *Depoimento concedido a Luana Pacheco Faria de Carvalho e Regianny Lima Monte*. Teresina, mar. 2009.

Notamos que a exploração da força de trabalho do homem do campo, aliada ao desejo de encontrar um novo emprego, bem com o acesso da filha aos estudos acenam para Durval não só como uma possibilidade na cidade grande, mas como uma concretização, pois, mesmo sem estudos e qualificação profissional apropriada para as exigências do mercado, ele consegue inserir-se no mercado formal de trabalho, inicialmente como servente de pedreiro e depois como vigia em uma construtora da cidade, função que ocupou até se aposentar. Entretanto, a trajetória de Durval enquanto migrante é uma exceção, pois a grande maioria das pessoas que aqui chegava mourejava pelas ruas da cidade à procura de ocupações que lhes garantissem o sustento de si e da família.

Esse intenso processo migratório verificado no estado do Piauí com uma constante mobilização, sobretudo, de populações oriundas das zonas rurais para os centros urbanos foi um dos fatores que levaram a Fundação CEPRO a realizar um estudo mais detalhado sobre essa questão. *Causas e tendências do processo migratório piauiense*⁵⁸ aborda algumas das questões já levantadas anteriormente, como a espoliação do trabalho do homem do campo e o desejo de mudança de vida que levam à migração. Um dos fatores abordados nesse estudo também revela a subordinação dos pequenos produtores do campo aos canais de comercialização dos produtos, já que, por morarem distante dos centros consumidores, submetem-se a intermediário “seja na figura do comerciante caminhoneiro que recolhe a produção na porteira da roça, seja na do próprio dono da terra que às vezes impõe-se como comprador único da produção.”⁵⁹

Ainda de acordo com esse estudo, a política de “cercamentos” também foi um dos fatores de expulsão do homem do campo. O uso do arame farpado, com maior frequência a partir dos anos 1960, interferiu intensamente na relação do homem com a terra, pois os grandes proprietários cercaram áreas de melhor pasto para gado, de modo que moradores, agregados e pequenos proprietários ficavam impossibilitados de seguir com as suas atividades normalmente. Negado-lhes o acesso à terra, ficavam impedidos de criar animais e desenvolver agricultura de subsistência. Em alguns casos, eram até mesmo proibidos de servir-se da água de poços, vazantes, barragens, açudes e margens de rios que se encontrassem cercados.⁶⁰

A experiência de Paulino Alves Muniz, natural de Valença no Piauí, migrante que chega a Teresina em 1968, acompanhado de sua esposa Josefa de Sousa Sales Muniz e seus cinco filhos, reflete bem essa situação.

⁵⁸ BACELLAR, Olavo Ivahóé de B. LIMA, Gerson Portela. *Causas e tendências do processo migratório piauiense*. Teresina: Fundação CEPRO, 1990.

⁵⁹ *Ibidem*, p.65.

⁶⁰ BACELLAR, 1990, p. 65-66.

Lá a vida nossa era trabalhar de roça [...] Era terreno agregado, pagava a renda com a quarta, num pedaço ali uns chamam de tarefa, dez quarta de legume ou arroz, mas não era tudo num só tipo de coisa não, uns dava feijão uns dava milho. [...] Num tinha gado, mas tinha criação de bode, galinha, porco, essas coisas que tinha no interior na época que ainda deixavam criar. Era trabalhando de roça todos os anos, a gente, assim, quando dava um inverno bom a gente ia sempre se manter. Quando nós chegamos aqui em Teresina nós trouxemos arroz, trouxemos feijão, tudo de lá.⁶¹

Ao agregado era permitida a criação de animais de pequeno porte, ou “gado miúdo”, em geral bode, galinha, suínos, paralelamente à atividade de agricultura de subsistência, entretanto esse sistema não convivia pacificamente, como podemos observar, com a política de cercamento das áreas detentoras de beneficiamentos. O pequeno produtor rural estava sujeito a uma série de conflitos envolvendo a posse da terra, sendo o Piauí o estado do Nordeste com maior concentração fundiária e de renda no campo.⁶² A grilagem é responsável por inúmeros conflitos no estado, em decorrência da existência de áreas de litígio ou de terras devolutas, mas efetivamente ocupadas. Uma justiça agrária quase inexistente e pouco atuante faz com que o Estado não tenha noção exata de suas terras, não havendo demarcações dessas áreas, o que contribui para a atuação desses agentes que se apropriam de terras mediante falsas escrituras de propriedade. Lúcia Maria Said Adad e Maria da Graça Ferreira Lima descrevem a atuação desses grupos.

Para a consecução de seus propósitos, os grileiros cercavam as terras, proibem as atividades extrativas e de caça e, aos mais desavisados, chegam a cobrar renda (isto lhes dá uma certa garantia de que a terra é de sua propriedade), além de usarem a violência para retirar os posseiros destas áreas. [...] como aconteceu em União, Pio IX e Parnaguá, onde houve expulsão de famílias, com ameaças, quebra de utensílios domésticos, queima de casas, prisões e destruição de plantações.⁶³

Muitos desses conflitos chegaram a envolver sindicatos rurais, que passaram a se organizar com a criação da Federação dos Trabalhadores na Agricultura (FETAG)⁶⁴, mas pouco conseguiram devido a uma organização precária e ineficiente, frente ao poder exercido por aquelas pessoas que se autodeclaravam proprietários e não raro contavam com o aparato

⁶¹ MUNIZ, Paulino Alves. *Depoimento concedido a Luana Pacheco Faria de Carvalho e Regianny Lima Monte*. Teresina, abr. 2009.

⁶² ADAD, Lúcia Maria Said; LIMA, Maria da Graça Ferreira. Tensões no campo piauienses. *Carta CEPRO*. Teresina. vol. 12, n. 1, p.86 e 89. jan/jul. 1987.

⁶³ Idem, p. 88.

⁶⁴ A Federação dos Trabalhadores da Agricultura (FETAG) foi fundada em 1967, tendo como contexto a intensificação das lutas no campo por meio da organização sindical.

policial, que agia em seu favor. Poucos casos por demandas por posse da terra eram levados ao poder judiciário, sendo que “este, na maioria das vezes, favorece aos mais ricos e poderosos”⁶⁵, enquanto ao trabalhador empobrecido eram destinadas indenizações irrisórias pelas benfeitorias realizadas na propriedade e a expulsão dessas pessoas que rumavam para as cidades, em especial, para a capital.

Ainda durante a primeira metade dos anos 1960, o sistema agrário do Brasil passou a contar com uma legislação representada por dois estatutos básicos: o Estatuto do Trabalhador Rural, promulgado em 1963, que previa estender ao homem do campo os direitos trabalhistas assegurados pela Constituição e o Estatuto da Terra, que propunha a realização de uma reforma da estrutura agrária no país, por meio de desapropriações e programas de colonização. Essas duas propostas, porém, sofreram alterações ou foram engavetadas com a implantação do regime militar em 1964, que considerava qualquer forma de organização e aglutinação de pessoas um ato subversivo, portanto perdurou a situação de desamparo legal e institucional aos habitantes pobres da zona rural.

A abertura de rodovias asfaltadas, que ligavam o estado em todas as direções como parte da política nacional de integração do território brasileiro, contribuiu para que grupos econômicos de grande porte, assegurados por órgãos institucionais como SUDENE e POLONORDESTE⁶⁶, se instalaram no interior do estado, adquirindo terras de pequenos proprietários e formando imensos latifúndios. Esse fato demonstra que, contraditoriamente, projetos que teoricamente deveriam proteger e fortalecer os proprietários de médio e pequeno porte acabaram por contribuir para a expulsão do homem do campo, o qual, pauperizado e sem acesso à terra, via na migração para os grandes centros a única possibilidade de sobrevivência.

Para Manoel Correia de Andrade, a intervenção do Estado autoritário (1964-1985), com a implantação do modelo econômico brasileiro que tinha como objetivo “desenvolver o capitalismo e destruir os modos de produção pré-capitalista que ocorriam no campo”,⁶⁷ com a implantação de indústrias no setor agrário e ainda, modernizar esse sistema, implantando novas técnicas de manejo do solo e de produção, propiciou a concentração da propriedade da terra nas mãos de poucos. O processo de mecanização da agricultura também contribuiu para

⁶⁵ ADAD, 1987, p. 97.

⁶⁶ O primeiro, Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste, que tinha como finalidade estudar e propor diretrizes para o desenvolvimento do Nordeste, sendo responsável, ainda, por supervisionar, coordenar e controlar a execução de projetos de órgãos federais na região e demais projetos de desenvolvimento que estivesse a seu encargo foi criado em 1958. O segundo, Programa de Desenvolvimento de Áreas Integradas do Nordeste, criado em 1974 com o intuito de fortalecer e modernizar a pequena e média exploração agrícola.

⁶⁷ ANDRADE, 2005, p. 245.

acelerar o êxodo rural e provocar desajustes marcantes na estrutura social desses centros urbanos. Segundo o autor,

A expansão das atividades capitalistas [na zona rural] enriqueceu consideravelmente grupos dominantes, dedicados a culturas de exportação, e desapropriou e empobreceu grupos pobres, dedicados à produção para o mercado interno. Tal desequilíbrio provocou o êxodo rural e o crescimento desordenado das cidades, a princípio de grande porte, e, posteriormente, as de médio e pequeno portes. Estas cidades hoje possuem problemas de estrutura interna de abastecimento, de segurança e de higiene, difíceis de serem corrigidos, e toda a política de desenvolvimento urbano que vem sendo aplicada não pode solucionar esses problemas porque a sua origem está no campo, que permanece intocado, e não nas cidades.⁶⁸

As estruturas de exploração nas quais o homem do campo estava inserido refletem nos desníveis gritantes entre os grandes e médios proprietários, detentores de latifúndios, e a imensa massa de trabalhadores sem terra, vivendo em condições miseráveis. Como podemos observar, as condições do campo são verdadeiramente repulsivas, levando essas pessoas a migrarem de seu local de origem para os grandes centros urbanos. As regiões Centro-Oeste e Sudeste foram o destino de muitos nordestinos que tinham sua forma de trabalho espoliada pelas estruturas latifundiárias vigentes. Porém, as capitais desses estados também receberam um intenso contingente de migrantes à procura de melhores condições de vida e trabalho.

No caso do Piauí, as taxas correspondentes a emigração e imigração demonstram que, nos decênios de 1960, 1970 e 1980, houve um saldo negativo, pois o número de pessoas que migraram para o Piauí era bem menor que o número de piauienses residindo em outros estados, como mostra a tabela 1. Todavia o estado era um receptor de migrantes dos estados vizinhos, sendo significativa a participação de cearenses (60,7%, 52,8% e 41,8%) e de maranhenses (20,2%, 28,2% e 34,9%), respectivamente, para as três décadas analisadas, sendo que o destino preferencial desses migrantes era Teresina, onde se instalou grande parte desse contingente.⁶⁹

⁶⁸ ANDRADE, 2005, p. 245.

⁶⁹ BACELLAR, Olavo Ivanhoé de Brito. Crescimento populacional e dimensão migratória piauiense: 1960-1980. *Carta CEPRO*. Teresina. vol. 12, n. 1, p.61-77. jan/jul. 1987.

TABELA 1: Total de imigrantes e emigrantes no Piauí

Década	1960	1970	1980
Total de imigrantes	101.119	117.931	154.260
Total de emigrantes	313.675	364.515	527.320

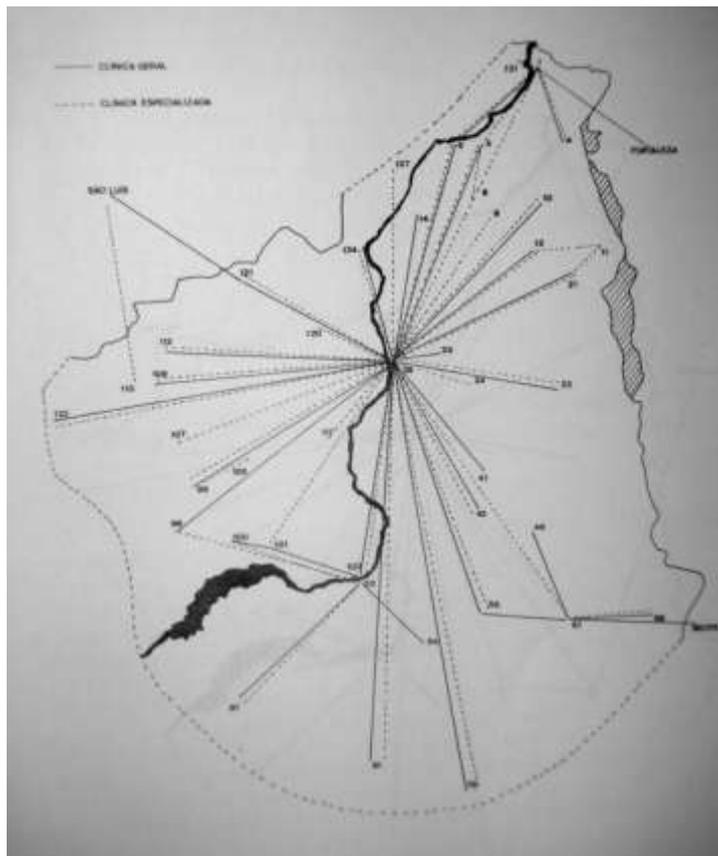
Fonte: Dados do IBGE – Censos Demográficos.

Em decorrência das dificuldades enfrentadas no meio rural, o migrante se dirige para os centros urbanos, onde há uma maior dinâmica nas atividades econômicas, movidos pela expectativa de ascensão social. A “cidade como ímã”, no dizer de Raquel Ronik⁷⁰, atrai as pessoas e acena para um futuro melhor. A cidade é apontada como um lugar de oportunidades, de possibilidade de mudança de vida, com uma oferta de emprego maior e mais diversificada do que a oferecida nas regiões interioranas. O acesso à infra-estrutura desses centros é outro atrativo para os migrantes, o que significa estar mais perto de serviços urbanos, como os de saúde e de educação.

José Alexandre Felizola Diniz, no estudo que fez sobre a área de influência que o sub-sistema urbano de Teresina exerce sobre a região na qual está situada, mostra um intenso fluxo humano em direção a essa capital à procura de determinados serviços, dentre os quais, a maior demanda é pela assistência à saúde, englobando atendimento médico de clínica geral e especializada, serviços odontológicos, exames clínicos e a realização de cirurgias. De acordo com a pesquisa, a função ocupada por Teresina neste setor “é forte responsável pela expansão de sua área de influência não só para regiões do interior do estado, mas para o Maranhão também.”⁷¹ O mapa a seguir evidencia melhor essa afirmação.

⁷⁰ ROLNIK, Raquel. *O que é cidade*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988.

⁷¹ DINIZ, José Alexandre Felizola. *O sub-sistema urbano-regional de Teresina*. Recife: SUDENE-PSU-SER, 1987. p. 185.



Mapa 1: Raio de atuação de atendimento médico de Teresina
 Fonte: SUDENE-PSU-SER In: DINIZ, 1987, p. 186.

A escolha da capital do Piauí por aqueles que vinham em busca de assistência à saúde dava-se, em parte, pela má distribuição de serviços especializados, extremamente desiguais e localizados, concentrando-se nos centros urbanos de maior porte, onde estava situado o maior número de médicos e de estabelecimentos de saúde, obrigando a população a se deslocar em busca de atendimento especializado. A própria localização de Teresina contribuía para o deslocamento de um maior fluxo de pessoas, tendo em vista sua proximidade com muitas cidades do Maranhão, absorvendo parte dessa demanda.

Algumas dessas pessoas que se dirigiram para Teresina em busca de tratamento de saúde acabavam se estabelecendo na cidade, seja pela demora no tratamento ou pela própria impossibilidade financeira de retornar ao seu local de origem. Dessa forma, inúmeras famílias optaram por permanecer na cidade e tentar a vida por aqui mesmo, fixando-se na casa de um parente ou amigo, ou ainda, alugando um pequeno casebre na periferia, fato este que muito contribuía para o processo de favelização da cidade. A decisão por permanecer também estava

relacionada ao fato de dar prosseguimento aos estudos dos filhos, sendo que a procura pelo ensino representava o segundo maior fator motivador do fluxo de pessoas para a capital.⁷²

A demanda por esse tipo de serviço se dá de forma semelhante ao relacionado à saúde, ou seja, devido à precariedade ou à inexistência, em níveis mais elevados de instrução, do sistema educacional nas áreas sob influência de Teresina. A procura por esse tipo de serviço já é verificada ainda no nível de primeiro grau⁷³, em decorrência do baixo nível de instrução da maioria dos professores de pequenas localidades e da zona rural, onde o ato de ensinar limita-se apenas ao processo de alfabetização e à realização de cálculos simples. Com um menor número de estabelecimentos, totalizando 22 unidades, o Ensino Médio, responsável por uma demanda em expansão, apresentava-se dividido em várias modalidades, incluindo colegial, normal, comercial, agrícola e industrial. Nota-se uma especial atenção dada ao ensino técnico.⁷⁴

A partir de 1971, com a abertura da Universidade Federal do Piauí (UFPI), amplia-se a oferta do ensino superior na capital, o qual, anteriormente era oferecido por faculdades especializadas, sendo a Faculdade de Direito (FADI), fundada em 1931, a primeira delas. Em seguida, foram implantadas a Faculdade Católica de Filosofia (FAFI), em 1958; a Faculdade de Odontologia (FOPI), em 1960, e a Faculdade de Medicina do Piauí, em 1968.⁷⁵ Com a implantação da UFPI, essas faculdades foram agregadas a esta instituição, que também ampliou o número de cursos de licenciatura e de curta duração, de modo que, em 1980, dispunha de um total de vinte e sete cursos, nos quais estavam matriculados 8.400 alunos.⁷⁶

Como se pode notar, a procura pelo setor educacional foi um fator de forte atração para Teresina. Os setores sociais mais abastados eram compostos em sua maioria por filhos de grandes proprietários rurais que residiam em cidades do interior do estado, os quais não raro, acumulavam poderes políticos locais, podendo manter uma residência na capital para dar prosseguimento aos estudos dos filhos, visto como o caminho mais curto e seguro para alcançar cargos públicos de alto escalão. Esse setor recorria ao ensino privado, principalmente àqueles de educação religiosa, como o Colégio São Francisco de Sales (Diocesano) e o

⁷² DINIZ, 1987, p.187.

⁷³ Em 1978, havia na capital um total de 263 escolas primárias. PREFEITURA MUNICIPAL DE TERESINA/SECRETARIA DE PLANEJAMENTO. Relatório sobre as condições de vida da população de baixa renda na cidade de Teresina. Relatório de Pesquisa. v.1. Teresina, jan./set. 1980. s/p.

⁷⁴ MOREIRA, Amélia Alba Nogueira. A cidade de Teresina In: *Boletim Geográfico*. Rio de Janeiro: Fundação IBGE. ano 31, set-out de 1972.

⁷⁵ CARDOSO, Elizangela Barbosa. *Múltiplas e singulares: história e memória de estudantes universitárias em Teresina 1930-1970*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 2003. p. 117.

⁷⁶ PREFEITURA MUNICIPAL DE TERESINA/SECRETARIA DE PLANEJAMENTO, 1980, s/p.

Colégio Sagrado Coração de Jesus (Colégio das Irmãs), além do Instituto Dom Barreto, visando ao ingresso na universidade.

Os setores de classe média e os menos providos de recursos também investiam na educação dos filhos, enviando-os à capital, onde, em geral frequentavam ginásio e colegial públicos tidos à época como de boa qualidade, sendo o principal deles o Colégio Zacarias de Gois Monteiro (Liceu Piauiense) para aqueles que procuravam o ensino médio regular. Já para a formação pedagógica podiam contar com o Instituto de Educação Antonino Freire, a antiga Escola Normal, voltado para a formação feminina, dispondo de dois cursos: o pedagógico e o técnico em enfermagem. Um destaque maior foi dado ao ensino técnico, com a Escola Técnica e o Colégio Agrícola, ambos de nível federal.

Esse tipo de migração também era proporcionado aos filhos de moradores da zona rural. Mesmo com reservas ínfimas, resultado do trabalho estafante no campo, a possibilidade de deslocar os filhos para a capital, visando dar a eles condições de continuidade aos estudos, era vista como uma alternativa às estruturas de exploração a que seus pais estavam submetidos. O estudo era uma porta que se abria para a qualificação profissional e para a inserção no mercado de trabalho, como a oferecida a Agenor Vieira Abreu, que residia em Cruzes, à época, zona rural de Teresina, hoje pertencente ao município de Currealinhos.

A mamãe vivia na roça e tudo, não estudou, mas ela sempre queria colocar os filhos para estudar. [...] Então ela queria ter um filho assim estudado. Ela não teve aquela oportunidade, mas tinha aquele prazer de colocar o filho, estudar naquela época, estudar em sessenta e oito, imagina? Era difícil, só pra vim pra cá era difícil demais, mas ela costurando e meu pai na roça e ela também ia pra roça e meu pai tocando⁷⁷, aí eu achei ruim, achei porque era a época que eu tava começando a tocar também, ia aprendendo de pouco a pouco, mas quando eu vim tinha catorze anos, quando eu vim, aí eu já tava começando a tocar, também dançava, ia dançar com os meninos e quando eu vim pra cá acabou tudo.⁷⁸

Deixar o local de origem é sempre descrito por nossos entrevistados como uma decisão difícil, pois trata-se de deixar pra trás sua primeira referência no mundo, geralmente o lugar onde nasceu e passou a infância para trás, onde estão as marcas de suas lembranças, as relações de parentesco, de vizinhança e de amizade. Vive-se um momento marcado pela

⁷⁷ O pai de Agenor, Ângelo Vieira de Abreu era músico e tocava acordeom, atividade esta que ajudava no sustento da família. Agenor o acompanhava nas festas realizadas nas proximidades e, posteriormente, seguiu o ofício do pai, o que foi fundamental na escolha do curso de nível superior. Atualmente é formado em Artes com habilitação em música pela UFPI e atua na área da cultura.

⁷⁸ ABREU, Agenor Vieira de. *Depoimento concedido a Francisco Alcides do Nascimento e Regianny Lima Monte*. Teresina, fev. 2009.

ruptura com as práticas tradicionais e comuns ao cotidiano, ou seja, instaura-se um processo de redirecionamento das atividades exercidas até então e a inserção em uma realidade desconhecida e inesperada. Essa é uma prática estendida aos demais membros da família que desejam migrar para cidade com o intuito de dar continuidade aos estudos, oportunidade oferecida também aos irmãos de Agenor, Agimiro e Maria de Jesus Vieira de Abreu.

[...] fiquei sem estudar, aí meu pai veio, que era aquela coisa, eles vendem, passam em uma cidade pra comprar roupa, calçados ia uma vez por ano e qual foi a nossa surpresa quando eles chegaram. Eu lembro, lembro como se fosse hoje, eles chegaram à noitinha, meu pai trazia um, uma coisa assim de açúcar, como se fosse um quilo de açúcar e uma chupeta. Todo mundo ficou, cadê, cadê, cadê os presentes, cadê as compras? Eles sentaram e eles foram contar: ‘Não, nós compramos uma casa pra vocês irem estudar.’ Eu lembro que eu fiquei muito triste por conta daquilo, mas sentia muita vontade de estudar, estava sem estudar, [...] Em setenta e um deixei minha terra natal e vim para Teresina começar uma grande luta.⁷⁹

Para dar oportunidade de estudo aos outros irmãos, a família de Agenor passou por restrições para poder adquirir uma pequena casa na capital, feita de taipa e com cobertura de telha, situada no bairro São Pedro, com os poucos recursos de que dispunham. Essa mudança era vista como uma possibilidade de dias melhores, em vista do acesso a educação que lhes proporcionasse outras oportunidades de trabalho, diferente das estruturas desfavoráveis em que estavam inseridos no campo.

A cidade de Teresina apresentava-se como centro polarizador não apenas nos campos da saúde e da educação. Criada em 1852 para sediar a capital do Piauí, em substituição à Oeiras, Teresina passou a exercer o comando da vida administrativa, entretanto sua participação na vida econômica do estado era reduzida. Apesar de a transferência ter sido realizada com o objetivo de que a nova capital pudesse reanimar a economia do estado por meio das vantagens locacionais que oferecia⁸⁰, Teresina chegou ao seu centenário com poucas mudanças, só passando a ocupar a função de principal centro econômico a partir da década de

⁷⁹ ABREU, Maria de Jesus Vieira de. *Depoimento concedido a Regianny Lima Monte*. Teresina, mar. 2009.

⁸⁰ Situada às margens do rio Parnaíba, o qual poderia ser aproveitado pela navegação a vapor, interligando-a à cidade de Parnaíba, importante centro econômico e aos demais centros urbanos da região, retirando o povo piauiense do isolamento de que se ressentia, estando ainda próxima de Caxias, entreposto comercial maranhense por onde escoava parte das riquezas piauienses sem que elas deixassem subsídios locais, além de ser favorável à agricultura, com terreno servido por várzeas. CHAVES, Monsenhor. Como nasceu Teresina In: *Teresina: subsídios para a história do Piauí*. Obra Completa. 2.ed. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves. 1998.

1950, quando Parnaíba perdeu o posto de principal centro econômico do estado devido à decadência dos produtos extrativos voltados para o mercado externo.⁸¹

A partir de então, Teresina destaca-se como principal centro urbano do estado, não só por suas funções administrativas, sendo sede dos principais órgãos dos governos federal, estadual e municipal, mas também pelos serviços que sua função de capital a levava a abrigar, como o polo de saúde e o de educação. Abrigava ainda a incipiente indústria, mas, principalmente, apresentava uma relativa dinâmica comercial, com destaque para o comércio varejista no setor de redistribuição de produtos industrializados.

O comércio desses produtos começava a crescer, com o incremento da produção e consumo de bens duráveis, sendo que o acesso a eles era outro fator de atração para os centros urbanos. O consumo provocava novas sociabilidades e sensibilidades que eram divulgadas entre os moradores do meio rural das mais variadas formas. Assim, a imagem dessa cidade chega ao campo e mexe com as sensações de seus habitantes, provocando expectativas de mudanças. A imprensa, com a expansão do número de emissoras de rádios, desde a década de 1970, e com a TV, que chegava às praças públicas de cidades de pequeno porte em meados de 1970, passa a ser o principal veículo de propaganda do viver citadino.

Durval nos revela a imagem que guardava de Teresina e como o viver citadino o atraía.

Conhecia [Teresina] assim de passagem porque a gente morava no interior e aí vinha pra Timon, vendia a carga, e aí atravessava pra Teresina para fazer as compras, que Timon nessa época era muito atrasado. Trazia o legume, o feijão, a farinha e vendia em Timon, atravessava pra Teresina pra fazer as compras, os mantimentos, aí voltava de novo, era assim. [...] Pra mim, era uma cidade grande, a gente vinha só de passeio, era bonita, era boa, achava bom, vinha ver um amigo e achava: ‘Rapaz, fulano está bem, mora na cidade.’ Vinha, passava um dia, dois dias, aí eu decidi experimentar. Os outros diziam: ‘Rapaz tu vai passar fome’. Rapaz eu vejo os que tão lá não morrem de fome.⁸²

Para um homem do campo, a cidade era sinônimo de prosperidade, fosse pelo comércio, que atraía pessoas de regiões próximas pela oferta e variedade de produtos, fosse pela imagem de cidade urbanizada, “era bonita”, com ruas e avenidas asfaltadas, praças projetadas e arborizadas, além das fascinantes fontes luminosas, que impressionavam seus visitantes.

⁸¹ Durante a primeira metade do século XX, o Piauí teve sua economia ligada ao contexto internacional por meio da exploração de três produtos extrativos: a borracha de maniçoba, a cera de carnaúba e a amêndoa do babaçu. Por cinco décadas a dinâmica econômica girou em torno de tais produtos, que, como estavam expostos às oscilações do mercado externo, entram em decadência em 1950, arrasando a economia piauiense. QUEIROZ, Teresinha. *Economia piauiense: da pecuária ao extrativismo*. Teresina: APeCH/UFPI, 1993.

⁸² SILVA; Durval, 2009.

“Cidade grande”, repleta de oportunidades, “era boa” com a oferta de serviços como saúde, educação e saneamento, inimagináveis para a realidade da zona rural da época. A cidade também representava uma forma de ascensão social, de melhoria de vida, como para Maria dos Remédios Araújo Silva, a qual nasceu na zona rural de União e migrou para Teresina em 1972.

As notícias que eles contavam sobre Teresina, que eu ouvia falar, era que aqui era bom, e eu achava que era distante [...]. Aí um dia tocou de sorte e eu vim pra cá mesmo trabalhar numa casa aqui. Quando eu vim morar aqui em Teresina, eu tinha dezessete anos. Aí minha mãe ficou em União. O motivo de ter vindo é que eu cresci e queria andar vestida e minha mãe não tinha condição, era pobre, então eu tive que vir morar com a minha irmã pra arrumar um emprego por aqui nem que seja numa casa de família. [...] Aqui eu aprendi fazer bolo, aprendi fazer comida, aí eu retornei pra lá de novo, mas ainda amenizada, aí vim embora de vez pra casa de minha irmã.⁸³

Os fatores da migração estão quase sempre relacionados ao desejo de trabalhar e sair da miséria extrema a que estavam submetidos, em outras palavras, ter acesso ao mínimo de conforto, com aquisição de primeira necessidade, como alimentação e vestuário. O trabalho destinado às mulheres geralmente estava relacionado às atividades domésticas, que lhes proporcionava especialidades na área, como copeira, arrumadeira, cozinheira ou babá.

Trajetória semelhante foi seguida pela família de Francisco de Assis Soares Gondinho e por muitas outras famílias que, por razões diversas, deixaram seu local de origem e transferiram-se para Teresina em busca de trabalho e de um lugar para morar.

Meu pai veio exatamente como outros migrantes vieram, chegaram aqui atrás de trabalho, de fixar residência pra trabalhar mesmo, sustentar a família. Primeiro veio meu pai, depois vieram outros irmãos dele. Vieram de Crateús e ficaram aqui definitivo e não voltaram mais [...]. Nossa vizinhança eram pessoas maravilhosas, quase todos do Ceará, ficaram ali ao longo da, onde é hoje a Avenida Miguel Rosa. Daí o relacionamento deles, eles vieram do Ceará e procuraram morar tudo próximo um do outro, e inclusive, hoje, na Miguel Rosa ainda tem alguns deles morando, todos que vieram do Ceará, de Crateús.⁸⁴

⁸³ SILVA, Maria dos Remédios Araújo. *Depoimento concedido a Luana Pacheco Faria de Carvalho e Regianny Lima Monte*. Teresina, mar. 2009.

⁸⁴ GONDINHO, Francisco de Assis Soares. *Depoimento concedido a Laécio Barros Dias e Regianny Lima Monte*. Teresina, jul. 2006.

Através da fala de Francisco sobre a trajetória seguida por sua família ao migrar de Crateús, no Ceará, para Teresina, podemos inferir algumas considerações acerca desse processo. O primeiro a ser avaliado é o interesse em inserir-se no mercado de trabalho e o desejo de fixar residência, demonstrando que a escolha por Teresina não tinha um caráter temporário, pois a cidade é vista pela maioria dos migrantes que aqui chegaram como um lugar de oportunidades.

Um segundo aspecto a ser analisado diz respeito ao formato do processo migratório realizado por meio de redes de sociabilidades, já que, após a instalação na cidade, era comum o migrante influenciar os parentes e amigos a realizar o caminho migratório. Geralmente, instalavam-se próximos uns dos outros, numa tentativa de diminuir o choque provocado pela mudança do local de origem e manter os vínculos afetivos. Em muitos casos, essa proximidade também se deu como forma de ajuda mútua, sendo essas redes fundamentais para a sobrevivência social e econômica desses grupos, principalmente em momentos de dificuldades, fossem financeiras ou de saúde.

Como mencionado, a imagem de cidade grande chegava ao campo e mexia com as sensações de seus moradores. As relações de parentesco ou de amizade, como podemos observar, também eram responsáveis pela divulgação do viver citadino, de modo que os que se mudavam para Teresina eram um elo entre o viver urbano e a zona rural. Essa imagem da cidade como um lugar promissor era transmitida àqueles que ficaram por meio de cartas endereçadas aos parentes e amigos ou, de forma direta, quando das visitas ao lugar natal.

Nós tinha uma comadre nossa que morava em Teresina. Ela, aqui e acolá, ia passar tempos lá no interior e levou até meter na cabeça da gente ir. E a gente precisava mesmo, que tinha que botar os menino no colégio, lá não tinha. A gente já é criado sem saber de nada, levar pelo menos uns prá lá. [...] Quem vinha do interior pra Teresina, a gente pensava, assim que tinha a necessidade de vir, problema de saúde e essas coisas que eu já falei, de botar os meninos pro colégio, e a gente pensava muito assim, tinha um sonho, olha a gente vai pra Teresina e tinha muita gente que estava morando lá, tava empregado e a gente tinha a ilusão de arranjar um emprego. A ilusão nossa era essa, e essa comadre ainda botava fogo em nós: ‘Quando vocês chegarem lá eu arranjo um emprego pra você’, e a gente ficou nessa ilusão. Quando chegamos aqui, foi muito diferente.⁸⁵

A vida na cidade acenava com infraestrutura nos setores da saúde e da educação, e ainda com uma maior oferta de emprego. Esta se apresenta como uma possibilidade, afinal muitos

⁸⁵ MUNIZ; Paulino, 2009.

daqueles que realizaram o processo migratório estavam bem, mas, para Paulino, na prática, o sonho de encontrar um emprego representou mais uma ilusão. A migração também é resultado de projeções para o futuro dos filhos, diferentemente da trajetória de vida dos seus progenitores, pois crianças e adolescentes teriam a oportunidade, por meio do acesso à escola, de uma vida melhor e menos sacrificada. Com sonho e fantasia se constituem experiências de vidas marcadas pela esperança de dias melhores, senão para os trabalhadores rurais que impossibilitados pelas estruturas de exclusão que constituíram o processo histórico no qual estavam inseridos, pelo menos aos filhos, que ainda tinham a oportunidade de mudar os rumos das próprias vidas.

Como se pode notar, não há um fator preponderante para que famílias inteiras optem pelo processo migratório, mas a confluência de muitos deles, que, atuando conjuntamente ou de forma isolada, foram os responsáveis pelo intenso crescimento urbano verificado em Teresina no período em questão. Nesse contexto, não poderíamos deixar de destacar o advento das rodovias e sua importância nesse processo, uma vez que foi por meio desses corredores que essa grande leva de migrantes teve acesso à capital.

A partir de 1940, a política nacional volta-se para a implantação da malha rodoviária, em detrimento do sistema ferroviário, como opção de interligar as diversas partes do país por meio de rodovias federais. Desde então, Teresina passa a se destacar como entroncamento rodoviário do Meio-Norte, vinculando-se através dessas ligações a outros centros do Nordeste e do Brasil.⁸⁶

Concomitantemente à abertura da malha rodoviária federal, melhoram-se as ligações entre os pequenos centros do interior, pela abertura de vias de estaduais e municipais. Convergentes para os grandes eixos rodoviários, essas estradas secundárias passaram a ligar os centros locais aos centros regionais, e este à capital regional, no caso Teresina.⁸⁷

Teresina, dessa forma, tornou-se um ponto de convergências de rodovias, tendo firmada e ampliada sua área de influência, abrangendo leste, com a Serra da Ibiapaba, na divisa com o Ceará, a oeste, em Pindaré-Mearim, no Maranhão; o norte, com a cidade de Parnaíba e o sul, com as áreas de influência de Picos e Floriano. A área de atuação direta de Teresina é

⁸⁶ A integração de Teresina às demais regiões se dava por meio das seguintes rodovias federais: BR-222 e 343, interligando-a ao interior do Nordeste seco e a Fortaleza; BR-316 e BR-343 às zonas pioneiras de Pindaré-Mearim, centro vital da economia maranhense e pela BR-316 às áreas agrícolas do sudeste do estado e que também facilitou o acesso aos estados de Pernambuco e Bahia, bem como possibilitou a ligação às áreas dinâmicas no Sudeste do país. MOREIRA, 1972, p. 6.

⁸⁷ Idem, p.6

composta por 55 municípios, dos quais oito são do estado do Maranhão, com destaque para as cidades de Timon e Caxias. Tamanha importância de Teresina em sua sub-região lhe legou o título de capital do Meio-Norte, sendo selecionada pela política de desenvolvimento da SUDENE como um dos centros dinamizadores do Nordeste.⁸⁸

É para esta cidade de forte influência regional, sede administrativa e o centro mais dinâmico do Piauí, que muitos migrantes se dirigiram em busca de oportunidades de emprego, moradia, saúde ou educação que lhes assegurassem uma vida mais estável e sem tantas atribulações. Eram pessoas que se desfaziam do pouco que possuíam no campo e migravam para a cidade, onde a realidade, muitas vezes, se mostrava adversa a imaginada. Sem recursos, essas pessoas passam a se instalar em áreas irregulares ou em terrenos baldios, construindo barracos que modificaram substancialmente o aspecto físico da cidade que recebia um intenso contingente de migrantes.

1.2 Entre rupturas e continuidades: o crescimento populacional e a tentativa de inserção no mercado de trabalho

Nos decênios de 1950 a 1980, verificou-se, no estado do Piauí, um processo de urbanização bastante significativo, como o exposto na tabela a seguir:

TABELA 2: Processo de urbanização do Piauí:
nº de pessoas residentes em cidades piauienses por década

Década	1950	1960	1970	1980
População urbana	170.584	285.566	536.612	897.993
Taxa de crescimento	–	5,29%	6,51%	5,28%

Fonte: Dados do IBGE – Censos Demográficos.

Apesar das taxas de crescimento significativas no processo de urbanização do estado, tal fenômeno é bastante localizado. Em 1970, 32% da população do estado viviam nas cidades, por outro lado, havia um alto grau de concentração da população urbana do estado, nos quatro

⁸⁸ MOREIRA, 1972, p. 3.

núcleos mais urbanizados, compostos por Teresina, Parnaíba, Floriano e Picos, totalizando 84,2%.⁸⁹

Em nível regional, Teresina desponta, entre os anos de 1960/1970, como a capital do nordeste com maior taxa de crescimento da população urbana, apresentando uma taxa média de 6,3% ao ano, ficando à frente de Fortaleza, com 5,8%, e de São Luis, com 5,1%. Em valores concretos, a capital do estado do Piauí contava, em 1970, com 220.487 habitantes, sendo que 181.062 residiam na zona urbana, dos quais 67.594 eram originários de outras localidades, ou seja, os migrantes representavam 37% da população urbana da capital. Em 1980, a população urbana já era de 333.405 habitantes, sendo 43% dela composta por migrantes, ou seja, pouco mais de 150.000 pessoas.⁹⁰ Esses dados demonstram que a população de Teresina recebeu uma grande quantidade de migrantes nesse período, o que foi responsável pela duplicação de sua população a cada década. Esse incremento populacional é reflexo do êxodo rural no estado, sobretudo na capital, que recebeu o maior contingente populacional.

Teresina foi, assim, o principal ponto de convergência, especialmente nos decênios de 1950 a 1980, para onde se deslocou um elevado contingente populacional oriundo de municípios do próprio estado e de estados vizinhos, como o Ceará e o Maranhão. Em nível regional, Teresina é também um dos centros urbanos onde mais se reflete a pobreza da zona rural, não só por ser capital do estado, mas, sobretudo, por ser detentora de uma rede de serviços já avaliada como boa, com serviços e atividades produtivas e administrativas da região, além de sua posição geográfica, sendo a única dentre as capitais do Nordeste plantada no sertão, ou seja, mais próxima das regiões em que se encontra o polígono das secas.

Comparada às décadas anteriores, 1950 e 1960, a década de 1970 foi, para o estado do Piauí, de relativo crescimento dos investimentos na infraestrutura, sobretudo, no setor rodoviário, com a capital sendo interligada a todo o interior do estado e ao resto do país por vias asfaltadas, com destaque para a rodovia PI-4, popularmente conhecida por “Transpiauí”, que liga Teresina a Brasília pelo sul do estado. Esse projeto seguia o modelo federal de integração nacional, o qual tinha por finalidade reduzir as distâncias e as disparidades entre as demais regiões do país. Essa intervenção também se estendeu à capital, que teve a sua malha urbana reconfigurada com a abertura de modernas avenidas.

⁸⁹ MARTINS, Agenor de Sousa et. al. *Piauí: evolução, realidade e desenvolvimento*. 3. ed. Teresina: Fundação CEPRO, 2003. p. 174.

⁹⁰ PREFEITURA MUNICIPAL DE TERESINA/SECRETARIA DE PLANEJAMENTO. Relatório sobre as condições de vida da população de baixa renda na cidade de Teresina. Relatório de Pesquisa. v.1. Teresina, jan./set. 1980. s/p.

Na capital, são observadas melhorias em vários setores, sobretudo, de infraestrutura e aparelhamento nas áreas de saneamento, saúde, educação, transportes e habitação, realizadas por meio de programas e projetos de nível nacional, portanto com reduzida participação das autoridades locais na tomada das decisões referentes à aplicação de recursos destinados a melhorar a base econômica do Estado.⁹¹ Desse modo, a agropecuária, que poderia ser um dos setores de absorção da maior parte da mão-de-obra produtiva do estado, não recebeu recursos para dinamizar a produção. O setor industrial, por sua vez, teve uma participação ínfima dos recursos e, sem financiamentos, ficou atrofiado. O comércio atacadista e varejista dinamizou-se um pouco mais na capital, entretanto o poder público ainda era o maior empregador do estado, dependendo diretamente das remessas de recursos federais. Essa dependência iria se agravar nos anos subsequentes, chegando a atingir a média de 63% do total de transferência/receita total no período 1972-1982.⁹²

Esses dados revelam a situação de dependência do estado, que, para arcar com suas despesas, precisava dos recursos federais, havendo uma dissonância entre a quantidade de migrantes que a cidade recebia a cada ano e a capacidade do mercado de absorver essa intensa mão-de-obra. Diante desse quadro de dependência por conta de uma economia estagnada do estado e da própria capital com a consequente impossibilidade de dinamizar os demais setores produtivos e gerar mais empregos, faz-se necessária uma análise mais apurada do comportamento dos setores primário, secundário e terciário da economia quanto à participação na oferta de mercado de trabalho na capital.

A população economicamente ativa (PEA) de Teresina no ano de 1970 era de 58.069, sendo que, uma década depois, em 1980, praticamente dobrou, passando para 117.837, seguindo, portanto, o ritmo do próprio crescimento populacional da cidade. Procuraremos identificar como essa população se inseriu no mercado de trabalho, quais setores da economia local tiveram maior destaque na alocação dessa mão-de-obra disponível e de que maneira o tipo de ocupação exercida pelos setores sociais contribuiu para o processo de empobrecimento de uma parte considerável da população residente em Teresina.

Um estudo que vise analisar o comportamento do setor primário em uma determinada economia não pode deixar de evidenciar o papel da estrutura fundiária na qual está inserida. Quanto a isso, no Piauí, desde seu processo de colonização, como já mencionado, a posse da

⁹¹ Os recursos aplicados no período de 1974-1979 foram distribuídos da seguinte maneira: 23,7% para energia, água e construções; 35,65% para estradas; 7,12% para agropecuária; 30,17% para serviços comunitários e apenas 0,11% para a indústria. MARTINS, 2003. p.121.

⁹² MACHADO, José de Arimatéia Veloso e et. al. *Análise do comportamento e da previsão da receita do Estado do Piauí*. Estudos Diversos. Teresina: Fundação CEPRO, 1983. p.18.

terra estava nas mãos de uma pequena parcela da população, com uma organização fundiária arcaica, predominando uma economia não monetária que acabou por estrangular a agricultura na região. Outros fatores explicam o grau de estagnação em que se encontrava essa atividade econômica no estado.

Através de programas e subsídios governamentais, a terra passa a gerar renda ao proprietário sem que este se obrigue a utilizá-la produtivamente, sem falar que a terra também se presta como reserva de valor da melhor qualidade, uma vez que seu preço oscila de acordo com a conjuntura econômico-financeira do país, à medida que tem seu valor capitalizado nos mesmos termos dos papéis financeiros, constituindo-se num bem passível de especulação.⁹³

Essa estrutura de concentração fundiária também é verificada na capital. Em um estudo sobre a estrutura agrária em Teresina, verificou-se que pouco menos de cinco mil proprietários controlam 86% das terras⁹⁴. Essa pesquisa também revelou que “as unidades produtivas dos médios e grandes empresários resistem em atuar em moldes empresariais, preferindo explorar suas propriedades de forma extensiva, sem correr o risco de altos investimentos.”⁹⁵ Nesse aspecto, a produção agrícola mostrou-se sempre ineficiente, seguindo o modelo do restante do estado, com práticas rudimentares e estruturas arcaicas de relação de trabalho, como a parceria e o arrendamento, com o uso, majoritariamente, da mão-de-obra familiar, ou seja, não remunerada, sendo este um fator de expulsão dos habitantes para a área urbana.

Desse modo, o setor primário que poderia absorver parte da mão-de-obra excedente na capital, apresenta-se com grande debilidade entre os setores produtivos locais. “Extensas áreas agricultáveis do município são subutilizadas e/ou improdutivas devido ao desinteresse dos monopolistas da terra, que preferem resguardá-la para fins especulativos.”⁹⁶ Isso explica o fato de Teresina não dispor de uma produção de frutas, legumes e verduras que supra a demanda local, mesmo estando situada em uma área favorável à agricultura, com disponibilidade de terras férteis proporcionadas pelos vales dos dois rios que cortam o município, Parnaíba e Poti, não estar localizada no polígono das secas e ser o principal centro

⁹³ BANDEIRA, Wiliam Jorge. Notas sobre a estrutura agrária em Teresina. *Carta CEPRO*. Teresina. vol. 12, n. 1, p. 15-24. jan/jul. 1987, p. 18.

⁹⁴ Estão excluídos desses dados propriedades pertencentes a entidades públicas, instituições religiosas e sociedades anônimas ou por cota de responsabilidade LTDA. BANDEIRA, 1987, p. 18.

⁹⁵ *Ibidem*, p.18.

⁹⁶ CABRAL, Suelda Maria Ximendes. *Aspectos do mercado de trabalho de Teresina*. Ensaios Econômicos. Teresina: Fundação CEPRO, 1985. p. 19.

urbano do estado, com altos índices de crescimento populacional. A cidade é abastecida com produtos de outras regiões, elevando o custo de vida⁹⁷, agravando ainda mais a situação dos segmentos mais pobres da cidade, que ficam impossibilitados de ter acesso a esses produtos.

Esse setor, conforme o censo de 1970, absorvia 18% da população de Teresina, mas, além desse pequeno número de pessoas ocupadas com atividades agrícolas e pastoris, há ainda que se destacar o pequeno papel que exercem na economia, tendo em vista que essas atividades são, em geral, de baixa remuneração. São pequenos produtores ou trabalhadores que residem em propriedades de terceiros, vivendo da agricultura de subsistência; do extrativismo vegetal, como a coleta do coco babaçu; da criação de gado bovino, caprino, suíno e galináceo, ou ainda da produção artesanal de carvão. Esses trabalhadores levam para feiras de bairros próximos os seus excedentes, o que representa muito pouco no abastecimento local, já que a maior parte dos gêneros alimentícios de que necessitam é importada de outros estados.

O setor industrial começava a se dinamizar no estado. De acordo com Antônio Cardoso Façanha⁹⁸, na capital, os reflexos do “milagre econômico” brasileiro eram notáveis, com a expansão dos setores de cerâmica, de confecções, de bebidas, de pasteurização, de colchões e móveis. Todavia o crescimento mais significativo estava na construção civil, em virtude da política nacional de habitação, com a construção de conjuntos habitacionais, como os Conjuntos Itararé (atual Dirceu Arcoverde), Saci, Mocambinho, ampliação do Parque Piauí e uma série de reformas e construções públicas realizadas com recursos federais, seguindo um projeto de modernização para Teresina. A indústria da construção civil teve, assim, um papel importante na oferta de emprego, principalmente, por alocar uma mão-de-obra não qualificada, entretanto estava sujeita a alterações, já que dependia de projetos federais, como o das COHABs.

O setor industrial apresenta-se ainda tímido na oferta de empregos, mesmo com a implantação empresas de grande porte, como a fábrica da Coca-cola, a Mapil e a Guadalajara.⁹⁹ Por outro lado, vários foram os esforços por parte do poder público de inserir o Piauí e sua capital no processo de industrialização. As primeiras tentativas de organização e articulação nesse sentido verificam-se ainda nos anos 1950 e 1960, quando foi criada a

⁹⁷ Era constante na imprensa local matérias sobre o aumento do custo de vida na cidade: CUSTO de vida. *O Liberal*, Teresina, ano 6, n. 642, p. 1, 02/03 fev. 1975; CARESTIA. *O Liberal*, Teresina, ano 6, n. 646, p. 6, 07 fev. 1975; CUSTO de vida sobe 5,09%. *O Dia*, Teresina, ano 23, n. 7094. p. 1, 21 ago. 1979.

⁹⁸ FAÇANHA, Antônio Cardoso. *Desmistificando a geografia: espaço, tempo e imagens*. Teresina: EDUFPI, 2004. p.185-186.

⁹⁹ TAJRA, Jesus Elias; e TAJRA FILHO, Jesus Elias. O comércio e a indústria no Piauí In: *Piauí: formação-desenvolvimento-perspectiva..* SANTANA, Raimundo Nonato Monteiro de. (Org.) Teresina: Hally, 1995.

Federação das Indústrias do Piauí (FIEPI), em 1954, a Associação Industrial do Piauí (AIP), em 1966, e o Fomento Industrial do Piauí (FOMINPI), em 1965, o qual posteriormente, passou a chamar-se de Companhia de Desenvolvimento Industrial do Piauí (CODIPI).¹⁰⁰ Esses órgãos atuavam junto ao poder público no sentido de alocar recursos para o desenvolvimento da indústria no estado, mas nem sempre tais recursos eram realmente aplicados, tendo sido de reduzido impacto em nível local.

Sem incentivos fiscais locais, após o auge do “milagre” econômico brasileiro, cerca de trinta e sete estabelecimentos industriais de Teresina encerraram suas atividades diante da concorrência externa.¹⁰¹ A debilidade do sistema industrial refletida na ínfima oferta de empregos gerados por este setor, o que contribuiu de forma negativa na economia local, que era incapaz de absorver tamanha demanda de mão-de-obra disponível na capital, visto que o setor secundário, em uma economia moderna, é tido como maior responsável por impulsionar a economia, na medida em que contribui para a formação da renda interna e é responsável pela maior oferta de empregos.

De acordo com Manuel Castells, a urbanização que vem ocorrendo em regiões consideradas subdesenvolvidas se dá de maneira bem diferente da observada em países industrializados. Nestes, o processo de urbanização se dá como uma consequência do crescimento econômico proporcionado, em sua maioria, pelo corrente processo de industrialização, enquanto, nos países subdesenvolvidos, há uma aceleração do crescimento urbano, com um ritmo até mesmo superior à arrancada urbana de países industrializados, e isso sem que ocorra crescimento econômico concomitante. Esse tipo de urbanização gera uma economia deformada, na qual “as possibilidades de emprego urbano são muito inferiores às dimensões da migração e as perspectivas de nível de vida são bem reduzidas.”¹⁰²

Um reflexo desse subdesenvolvimento está no fato de o setor terciário absorver 61% da PEA de Teresina,¹⁰³ o que se explica, em parte, pela diversidade de atividades que o setor terciário abrange, sendo elas: o comércio; os serviços de transporte, alojamento, alimentação; os sistemas de educação e saúde; a administração pública e as atividades do terciário primitivo, representadas pelas ocupações de subemprego, também conhecidas por seu caráter de informalidade. Conforme Amélia Moreira, este sub-setor é composto por lavadeiras,

¹⁰⁰ MENDES, Felipe. *Economia e desenvolvimento do Piauí*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves. 2003. p.181.

¹⁰¹ CABRAL, 1985, p. 20.

¹⁰² CASTELLS, Manuel. *A questão urbana*. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983. p.85.

¹⁰³ TERESINA MUNICIPAL DE TERESINA/SECRETARIA DE PLANEJAMENTO, 1980, s/p.

engomadeiras, empregadas domésticas, carregadores, trabalhadores braçais, ambulantes de diversos tipos, lavadores de carro, sorveteiros, sapateiros, engraxates e meretrizes.¹⁰⁴

O comércio varejista teve um crescimento maior do que o atacadista durante a década de 1970. Este último estava extremamente limitado pela concorrência que sofria com as praças de Fortaleza, São Luís e Recife e também pelo reduzido número de representantes comerciais e de armazéns com grandes estoques na capital piauiense. Já o varejista foi estimulado pela própria aceleração da urbanização, sendo incentivado pela diversificação de produtos industrializados, principalmente de bens duráveis como eletrodomésticos e automóveis, seguindo os parâmetros nacionais.

A expansão comercial varejista deveu-se, principalmente, à atuação dos grupos empresariais das famílias Tajra e Claudino, com seus empreendimentos situados em pontos diversos do centro da capital. No setor automobilístico, também se verificou certa dinamização, não apenas no número de concessionárias, mas também devido ao aumento e à diversificação do setor de autopeças e pneus, com a criação de lojas de departamentos especializadas concentradas na zona Sul da cidade, ao longo do perímetro das avenidas Miguel Rosa e Barão de Gurguéia. Esses estabelecimentos ofereciam uma parcela de emprego no mercado formal de trabalho.

Entretanto, apesar das atividades comerciais ocuparem 16% da PEA de Teresina, a maioria desses estabelecimentos era composto por pequenas mercearias ou bodegas, conjugadas à própria residência do proprietário, disseminadas pelos diversos bairros da capital, nas quais trabalhavam apenas o proprietário e algum membro da família, não exercendo aquele o papel de empregador da mão-de-obra excedente.

O sub-setor serviços experimentou um rápido crescimento em virtude do grau de urbanização verificado em Teresina nos últimos anos, o que aumentou a demanda por serviços voltados para o atendimento básico da população, como transporte, médico-hospitalar e educacionais da rede privada, bancários, de alojamento, de reparação e de serviços pessoais. Este setor ocupava 11% da população ativa, sendo as atividades mais bem remuneradas as relacionadas aos serviços bancários, que também ocupavam uma parcela significativa da população com escolaridade, sendo representativo o número desses estabelecimentos, com quatro bancos oficiais e nove bancos privados localizados na cidade. Já entre as atividades menos expressivas estavam as de alojamento, serviços de reparo e consertos em geral.¹⁰⁵

¹⁰⁴ MOREIRA, 1972, p. 29.

¹⁰⁵ Idem, p. 28.

A administração pública, entre as atividades terciárias, era a que ocupava a maior população do setor formal, com 26% do total. Faziam parte desse setor os funcionários públicos federais, estaduais e municipais, com 8% nos serviços de educação e saúde. Eram pessoas que dispunham de certo prestígio social e, mesmo com ganhos limitados, constituíam uma importante força de consumo na cidade. Tais ocupações exigiam um grau maior de especialidade, sendo ocupadas por aqueles que dispusessem de qualificação e escolaridade. As funções mais nobres do poder público eram ocupadas pelas elites intelectuais, que, geralmente, estavam ligadas aos grandes proprietários rurais e eram detentoras de formação superior. “Para as classes menos favorecidas o emprego público constituía segurança e prestígio e, não raro, ponto de partida para ascensão.”¹⁰⁶

Entretanto, como já foi observado anteriormente, o aumento populacional, nesse período, foi imensamente maior que a oferta de empregos formais. Uma pesquisa realizada pela Fundação CEPRO mostrou que, só no ano de 1980, quase quarenta mil pessoas não conseguiram empregos regulares¹⁰⁷. Esse dado suscita alguns questionamentos em torno da situação dos trabalhadores desse período: se não conseguiram ocupação no mercado formal, então, em que setor essa mão-de-obra foi aproveitada? Como sobreviviam sem um rendimento determinado? De acordo com Wiliam Jorge Bandeira¹⁰⁸, essas pessoas compunham o terciário primitivo, que era constituído de lavadores de carros, jornaleiros, empregadas domésticas, carregadores, biscateiros, vendedores ambulantes, engraxates ou delinquentes e prostitutas, além daqueles que estavam temporariamente desempregados.

Tais atividades, que quase não exigiam qualificação e escolaridade, também eram caracterizadas pela informalidade, ou seja, eram ocupações sem nenhum vínculo empregatício, portanto não ofereciam nenhuma segurança no trabalho, o que demonstra o grau de marginalidade desses serviços. Por tais condições, o terciário primitivo atendia uma população com pouca ou nenhuma especialidade, a qual se inseria como intermediárias no processo de comercialização, se localizando em pontos fixos ou em atividades volantes, realizando biscates pela cidade. A instabilidade desse tipo de atividade levava a população economicamente ativa a estar constantemente trocando de função, ou alternando as atividades de trabalho conforme a necessidade, daí a dificuldade em mensurar dados mais precisos sobre

¹⁰⁶ MOREIRA, 1972, p.28.

¹⁰⁷ BANDEIRA, Wiliam Jorge. Questões sobre emprego e ocupação no Piauí. Notas preliminares. *Carta CEPRO*. Teresina. vol. 8, n. 1, p. 4-33. jan/jun. 1982.

¹⁰⁸ *Ibidem*, p. 16

esse setor. Em uma estimativa feita em 1983, acreditava-se que cerca de oitenta mil pessoas estavam vinculadas ao setor informal.¹⁰⁹

É possível observar que as atividades que compõem o setor informal convivem com as atividades capitalistas regulares. Esse fato é expressivo na expansão da indústria automobilística, por exemplo, pois, com a entrada de novos veículos, há um aumento das atividades diversificadas, propiciando o aparecimento de inúmeras oficinas mecânicas, o comércio de auto-peças, de borracharias e, ainda, com a ampliação dos parques de estacionamento, elevou-se o número de lavadores e de guardadores de carro. Dessa forma, essas pessoas garantem sua sobrevivência, sem contar, entretanto, com os direitos assegurados na carteira de trabalho.

O setor informal, durante toda a década de 1970, aumentou de forma significativa, o que tem provocado um inchaço do setor terciário, no qual a maioria das ocupações é de trabalhadores autônomos, com baixa remuneração, contribuindo fortemente para se perpetuarem os níveis de pobreza da capital.

A trajetória de vida de Paulino e sua esposa Josefa revela um pouco das dificuldades enfrentadas por quem aqui chegava influenciados pela a idéia de mudança de vida, mesmo sem muitos parâmetros de como a vida iria melhorar, sobretudo por conta da imprecisão acerca do trabalho. Nesse sentido, a oferta de emprego para essas pessoas, em virtude de não fazerem parte do contingente populacional que tinha uma profissão definida para o meio urbano e também por serem analfabetos, em sua maioria, não iria ser muita, o que não as impedia de enfrentar essa nova realidade, talvez pela própria impossibilidade de seguir outros caminhos.

Fomos pra Teresina pra pensar, assim, numa coisa melhor, mas muitas vezes é o contrário do que a gente pensa. Quem vem do interior pra cidade a gente pensa numa coisa, mais é diferente. Eu pensei uma coisa e aconteceu outra. A gente quis vim prá cá, num tinha opção, arranjar emprego, a competição é grande, porque nessa época fui trabalhar quase que ser mesmo na roça que era em construção civil, que na época era um serviço pesado e aí depois trabalhei na Servisan, quase vinte anos lá, era zelador. Pra arranjar emprego, né, que tinha que ter leitura e nós num tinha, nesse tempo podia ser se tivesse uma boa leitura pelo menos o Primeiro Grau, na época era isso, mas nós num tinha nem eu e nem ela [dona Josefa, sua esposa], ela sofreu muito, trabalhou, bateu roupa pra poder sobreviver, trabalhou em banca no mercado. Foi uma luta na época que eu passei desempregado quem sustentava era ela mais uma banquinha lá no Mercado Velho [...] trabalhava em casa mesmo na última vez, pegando bico.¹¹⁰

¹⁰⁹ CABRAL, 1985, p. 23.

¹¹⁰ MUNIZ; Paulino, 2009.

A idéia de cidade progressista, rica, próspera, isto é, um lugar de muitas oportunidades e de muitos empregos, que atenderia a todos os recém-chegados se desfaz no primeiro contato com o espaço urbano ficando a cidade desejada apenas no campo da ilusão, a cidade real apresenta faces não imaginadas, tão pouco sonhadas. A oferta de emprego, além de ser pequena, é voltada para um grupo que detinha, pelo menos, o mínimo de escolaridade. Excluídos desse setor, os migrantes passam a exercer trabalhos pesados, principalmente braçais, com remuneração baixa, o que os leva a dobrar sua jornada de trabalho para garantir o provimento da casa. O progresso, como afirma Zigmunt Bauman, que representava anteriormente uma “manifestação extrema de otimismo radical e promessa de uma felicidade duradoura e universalmente compartilhada, resultou no contrário do que prometia. [...] Em lugar de grandes expectativas e doces sonhos, a palavra progresso evoca uma insônia povoada de pesadelos”.¹¹¹

No caso abordado, notamos que, para o migrante que já constituía família, as adversidades impostas pela não inserção no mercado de trabalho levam a uma nova configuração não só das relações de trabalho, mas também das matrimoniais. No campo, o modelo de sociedade patriarcal é mais presente, principalmente na perspectiva ideológica na qual o homem é tradicionalmente o provedor familiar, responsável pelo sustento da prole, enquanto a esposa se ocupa dos afazeres domésticos e da criação dos filhos. Tal relação é abalada nos grandes centros, onde a mulher, pelas dificuldades de trabalho do homem, ou como forma de complementação da renda, realiza atividades que fazem parte de sua experiência como doméstica, copeira, lavadeira ou vendedora. Embora com rendimentos mais baixos que os homens, elas, por vezes, assumem a responsabilidade do sustento da família.

Como se constata, a grande maioria dos migrantes e das pessoas que compunham as camadas pobres da cidade eram trabalhadores com experiência, em sua grande maioria, apenas em atividades rurais e, por essa razão, o destino deles é o mercado informal de trabalho. Tentam, assim, se adequar às funções sem grandes exigências profissionais, na condição de serventes de pedreiro, carroceiros, carregadores, vendedores ambulantes, balconistas, padeiros, empregadas domésticas, lavadeiras, passadeiras ou realizando “bicos” pela cidade, como lavadores e guardadores de carros na região central de Teresina. Ofereciam, ainda, sua força de trabalho em olarias, comuns na zona Norte da cidade, nas proximidades do rio Parnaíba, no período em que a demanda aumentava em decorrência da dinâmica da construção civil.

¹¹¹ BAUMAN, Zygmunt. *Confiança e medo na cidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009. p. 52.

Notamos que a forma de inserção dos homens no mercado de trabalho se dava mais facilmente no setor da construção civil, que estava em ascensão com a política habitacional e de modernização da capital que estava sendo posta em prática. Apesar do trabalho pesado, ainda era nesse setor que alguns desses trabalhadores tinham acesso aos direitos trabalhistas assegurados com o registro na carteira de trabalho. Já para as mulheres restavam os trabalhos em atividades domésticas, não menos estafantes que as atividades masculinas, sendo que as condições de trabalho eram as piores, pois não havia jornada de trabalho definida e os rendimentos eram ínfimos. Em muitos casos, meninas vindas do interior começavam a trabalhar em “casas de famílias” ainda crianças, sem remuneração, apenas em troca de comida e moradia, ou realizavam lavados de roupas de forma esporádica em inúmeras residências.

Havia também as atividades voltadas para a vida noturna, com a expansão dos bares e churrascarias, uma das novas formas de lazer e sociabilidade das classes médias, contexto em que ocupações como garçons, cozinheiras, churrasqueiros passaram a ser uma oportunidade a mais no competitivo mercado de trabalho. Não se pode esquecer das atividades realizadas nas zonas de baixo meretrício, formada por pequenos prostíbulos e casas de forró, que proporcionavam diversão e entretenimento aos setores populares, garantindo o sustento às ditas “mulheres de vida livre”, bem como aos proprietários desses estabelecimentos e seus funcionários.

Diferentes do setor terciário primitivo, por uma mobilidade horizontal menor, porém em semelhantes condições de trabalho, estavam os trabalhadores manuais especializados. Eram mecânicos, marceneiros, carpinteiros, alfaiates, sapateiros, costureiras, barbeiros e manicures, que exerciam suas profissões de forma esporádica, ou com relativa permanência, trabalhando por conta própria ou vinculados a terceiros. Em geral, fabricavam produtos de baixa qualidade voltados para o consumidor de baixa renda, a exemplo da produção de calçados ou de móveis grosseiros.

A análise dos setores de atividades exercidas pela população de Teresina, demonstra que há uma estreita relação entre a expansão do setor terciário e o progressivo crescimento da cidade, impulsionado sobremaneira pelo processo migratório, tendo em vista que essa população que chegava à cidade era desprovida de instrução e qualificação profissional. Maria de Fátima Matos¹¹², analisando o processo de formação e crescimento da pobreza na capital, afirma que tal crescimento é decorrente da

¹¹² MATOS, Maria de Fátima Aquino. Localização e caracterização da pobreza urbana na Grande Teresina. *Carta CEPRO*. Teresina. vol. 16, n. 1, p.09-30. jan/jun. 1995.

[...] desproporcionalidade entre o crescimento populacional de Teresina e o seu crescimento econômico e desenvolvimento, destacando-a como um dos fatores determinantes para que elevado contingente de seus habitantes, outrora empobrecidos no campo, continue na cidade, ainda, em estado visível em extrema pobreza.¹¹³

Os migrantes compunham os setores mais pobres da cidade, passando a viver de trabalhos avulsos esporádicos e engrossando a grande massa de subempregados, desempregados e mendigos que perambulavam pelas ruas, praças e pontes de Teresina. Estabeleceram-se em barracos, constituindo verdadeiros focos de favelização, agravando-se as condições de vida e de saúde dessa população, foi a principal responsável pelo processo de expansão espacial da cidade em todas as direções.

1.3 O migrante na reformulação do espaço urbano de Teresina

Criada em 1852 para sediar o centro administrativo da província do Piauí, sob iniciativa de José Antônio Saraiva, o então presidente da província, Teresina foi a primeira capital do Brasil a seguir um plano rígido de construção do seu espaço urbano. Situada próximo à Vila do Poti, onde hoje se localiza o tradicional bairro Poti Velho, na região denominada de Chapada do Corisco, com terreno obtido da data Covas, a cidade de Teresina foi construída seguindo plano geométrico em formato de “tabuleiro de xadrez”¹¹⁴, que estabelecia os traçados das ruas em ângulos retos. Seu perímetro urbano inicial era de 43 km², distribuídos em 18 quadras de aproximadamente 100 m² cada, seguindo o sentido Norte-Sul e 12 quadras no sentido Leste-Oeste.¹¹⁵

O crescimento da malha urbana se fez lentamente em suas primeiras décadas, com uma taxa média de crescimento populacional que não ultrapassava 2,5%. Até 1900, as concessões de terrenos além do traçado inicial foram feitas por meio de aforamento, obedecendo ao plano em xadrez. Entre 1901 e 1940, a cidade se expandiu para o norte, ultrapassando os limites da linha férrea, que interligava o Piauí ao Maranhão por meio do trecho Teresina-Timon, o que deu origem aos bairros Matinha e Mafuá e, para o sul, em direção à rua Joaquim Ribeiro. A

¹¹³ MATOS, 1995, p.9

¹¹⁴ Sobre informações a cerca de cidades em formato de xadrez ver: LANNA, Ana Lúcia Duarte. *Uma cidade na transição: Santos 1870-1913*. São Paulo/Santos: Hucitec, 1996. RAMINELLI, Ronald. História urbana. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Org.). *Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia*. São Paulo: Campus, 1997.

¹¹⁵ FAÇANHA, Antônio Cardoso. *A evolução urbana de Teresina: agentes, processos e formas espaciais da cidade*. Dissertação. (Mestrado em Geografia). Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1998.

abertura de vias como a Av. Rui Barbosa, ao norte, e a Av. Jacob Almendra, ao sul, orientaram essa expansão. De modo que, em 1940, Teresina já contava com uma população de 34.695 habitantes, estando com a área central quase que integralmente ocupada.¹¹⁶

A evolução urbana mais representativa da capital, até esse momento, ocorreu nas décadas de 1940 e 1950, com a incorporação de novos bairros ao seu perímetro urbano. Ao norte, com os bairros Vila Operária, Vila Militar, Feira de Amostra e Matadouro, sendo os dois últimos de modo menos intenso, com a formação de áreas vazias. Ao sul, com os bairros Vermelha, São Pedro, Tabuleta e Piçarra, zona que teve sua área de ocupação delimitada entre a Av. Barão de Gurguéia e a linha férrea sul. Os bairros Cabral e Ilhotas constituíam a periferia do Centro, ficando delimitados entre este e o rio Poti, a leste.¹¹⁷ Nesse período, verifica-se um deslocamento da população de alto poder aquisitivo do centro tradicional para a Av. Frei Serafim, uma importante via de acesso da cidade, sendo a principal via de saída em direção leste, no entorno da qual foram implantados palacetes com dois pisos.

Como podemos observar a expansão urbana de Teresina, até o seu centenário, seguiu os limites topográficos, como os rios Poti e Parnaíba, este impedindo a expansão em direção oeste por também delinear a divisão geopolítica entre o Piauí e o Maranhão, estando a cidade maranhense de Timon sob área de influência na demanda de serviços oferecidas na capital piauiense. A partir da década de 1960, a cidade passou a experimentar um crescimento espacial intenso, proporcionado, principalmente, pela pressão exercida com a chegada de um grande contingente de migrantes que permaneceu, durante as décadas de 1970 e 1980, direcionando o crescimento da capital.

Esse incremento populacional de migrantes somava-se ao aglomerado de baixa renda já existente na cidade, população que se concentrava em regiões periféricas, próximo a bairros recém-criados, porém verificam-se também manchas em algumas áreas no centro da cidade. A maioria dos habitantes de Teresina estava inserida em um nível de pobreza absoluto, no qual problemas de ordem econômica e social se agravavam constantemente. Conforme uma pesquisa realizada pelo Projeto Teresina¹¹⁸, cerca de 70% das famílias de Teresina sobreviviam com rendimento mensal inferior a três salários mínimos, o que representava uma população de 124.000 habitantes.¹¹⁹ Esse contingente populacional caracteriza-se pelas

¹¹⁶ MOREIRA, 1972, p. 17-20.

¹¹⁷ FAÇANHA, 1998.

¹¹⁸ Projeto realizado pela Prefeitura Municipal de Teresina no ano de 1981, que tinha como objetivo realizar um estudo sobre as camadas populacionais de baixa renda, caracterizada pela população que recebia rendimento inferior ou igual a três salários mínimos locais.

¹¹⁹ BANDEIRA, Wiliam Jorge. *A Análise do processo de urbanização no Piauí*. Estudos diversos. Teresina: Fundação CEPRO, 1985. p. 99.

precárias condições de vida, com baixos padrões de saúde, educação, alimentação e habitação. Assim, o número de favelas nas zonas periféricas e áreas desocupadas da cidade sofreu um contínuo aumento, agravando-se a partir da década de 1970.

A falta de políticas públicas direcionadas ao controle do acelerado processo de urbanização e o acúmulo de problemas gerados no seu interior, produzem, especialmente nos anos 70, grandes contradições. Reflete-se na cidade, não apenas os elementos sinalizadores do crescimento urbano mas, sobretudo, o seu caráter expropriador e excludente.¹²⁰

A expansão da cidade em direção à zona leste insere-se nesse contexto. Até meados da década de 1960, os terrenos situados além do limite do rio Poti eram de baixa densidade populacional, sendo uma área quase exclusivamente voltada para o lazer de fim-de-semana, constituída por algumas chácaras para onde parte da população mais bem sucedida se deslocava por conta do clima mais ameno. Verificava-se também a presença de moradores de classes mais pobres, que construía casebres de taipa de forma irregular. A partir dos anos 1960, essa área passou a ser valorizada, com a construção de conjuntos habitacionais de alto “status” social, como o Jôquei Clube, o Bairro de Fátima e o São Cristóvão, que seguiam a direção aberta por importantes eixos viários, como a Av. João XXIII, que se liga à BR-343, dando acesso ao norte do estado e a Fortaleza; a Av. John Kennedy, que se une a rodovia PI-112, ligando Teresina aos municípios situados a nordeste do Piauí, e a Av. Nossa Senhora de Fátima que foi prolongada em 1974, com a construção do prédio da Universidade Federal do Piauí, no bairro Ininga.¹²¹

Essa área caracteriza-se pelo alto grau de segregação residencial dado ser voltada para as classes média e alta, que optaram por fincar residência no local por oferecer climas menos rigoroso, ficar próxima ao centro e oferecer amplos espaços. O poder público agiu no sentido de dotar a região de infraestrutura o mais rapidamente, o que muito contribuiu para a valorização da área e a consequente expropriação do solo. Esses terrenos eram ocupados por uma população de baixo poder aquisitivo, que se viu obrigada a se deslocar para regiões periféricas, dando início à formação de novos bairros.

Dentre esses bairros estavam o Planalto Ininga, cuja ocupação resultou de uma invasão, o Cidade Satélite e o Piçarreira. A existência de espaços vazios, terrenos de propriedade da

¹²⁰ PREFEITURA MUNICIPAL DE TERESINA. *Censo das vilas e favelas de Teresina*. Kleber Montezuma Fagundes dos Santos (Coord.). Teresina: Secretaria Municipal de Assuntos Comunitários – SEMTAC. 1994. p. 14.

¹²¹ ABREU, Irlane Gonçalves de. *O crescimento da zona leste de Teresina: um caso de segregação?* Dissertação. (Mestrado em Geografia). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1983.

Universidade Federal do Piauí, da Prefeitura e de particulares, contribuiu para o processo de ocupação de forma irregular, sendo constantes os conflitos envolvendo essas áreas. O nível da pobreza dessa população era elevado, o que pôde ser verificado pela predominância de casas construídas com material inadequado e de pouca durabilidade, bem como pela renda, tendo em vista que cerca de 96% possuíam rendimentos inferiores a três salários mínimos e exerciam funções de domésticas, pedreiros e vigias nas áreas nobres. Os sistemas de transporte, abastecimento de água, de distribuição de energia, atendimento médico e escolar eram precários. Situação ainda pior era verificada nos serviços de saneamento, sendo que apenas 5,6% das residências eram servidas por fossas sépticas, 38,7% por fossas negras e 55,7% não dispunham de equipamentos sanitários.¹²²

A partir da expansão da cidade em todas as direções, inclusive ultrapassando os limites do rio Poti, com a construção de novas pontes que facilitaram o acesso ao centro da cidade, os focos de favelização passaram a se localizar nas mais diversas áreas. Até mesmo em bairros de regiões nobres, como o Bairro Jóquei Clube, passou-se a conviver com ruas inteiras compostas por casas de taipa contrastando com as mansões. As classes médias sentiam-se incomodadas com tal situação e não raramente recorriam à imprensa escrita para tornar pública a sua insatisfação, exigindo das autoridades providências para o fato. A matéria a seguir trata de uma favela de nome Purgal, composta de trinta casas, todas de taipa e cobertas de palha, onde funcionava uma zona de prostituição e venda de bebidas alcoólicas. O texto do jornal mostra que, “apesar do pouco tempo de existência, o Purgal tornou-se um antro de violência e prostituição, sede permanente de doenças”.¹²³

¹²² BANDEIRA, 1985, p. 109.

¹²³ AQUI NASCE uma favela e nova zona de meretrício. *O Dia*, Teresina, ano 24, n. 4.275, p.12, 7 ago. 1975.



Foto 1: Jóquei ganha nova favela.
 Fonte: Jornal *O Dia*, Teresina, 7 ago 1975, p.1.

O poder público interveio no sentido de deslocar as famílias que residiam em casa de taipa nas favelas situadas nos bairros da zona nobre da cidade. Seguindo as diretrizes do processo de desfavelamento adotado pela municipalidade, a Prefeitura Municipal de Teresina em parceria com a Fundação Projeto Rondon¹²⁴ desenvolveram uma operação especial intitulada “João de Barro”, realizada de maio a julho de 1976. Os estudantes da Universidade Federal do Piauí realizaram uma pesquisa que tinha por finalidade “conhecer a realidade sócio-econômica e habitacional das famílias residentes em casebres localizados no meio das ruas ou em favelas, nos bairros Jóquei Clube e São Cristóvão, objetivando o deslocamento dessas famílias”.¹²⁵ Visava-se ainda oferecer aos universitários meios de conhecer, na prática, as condições de vida dos habitantes da periferia da cidade.

O resultado dessa operação foi a identificação de 413 famílias que foram cadastradas e encaminhadas à COHAB-PI para serem inscritas no Conjunto Habitacional Itararé, o qual estava sendo construído nas proximidades do pátio de manobras da Rede Ferroviária S/A (REFESA), onde também foi implantado o Terminal de Petróleo. Essas pessoas foram remanejadas para o Itararé por meio de um convênio da Prefeitura com a COHAB, sendo que parte dessas famílias ficavam isentas do pagamento das prestações da casa, o com deslocamento também de responsabilidade da municipalidade.

¹²⁴ Propunha uma metodologia de ação integrada entre o Governo Federal e as instituições de ensino superior, com a finalidade de mobilizar a juventude universitária e despertar nela uma consciência crítica sobre a realidade social, bem como criar estratégia de intervenção no ambiente social. Dessa forma, os alunos realizavam pesquisas de campo e produziam material para poder promover intervenções nos mais diversos campos da vida social.

¹²⁵ TERESINA, Prefeito 1975-1979 (Raimundo Wall Ferraz). *Relatório de Atividades (1976)*. Teresina, 1977. p. 58.

Assim, a construção do Conjunto Itararé, que posteriormente passou a ser denominado de Dirceu Arcoverde, tinha como propósito reduzir o déficit habitacional na capital e eliminar os focos de favelização na zona leste, com o remanejamento das famílias para nova área. A entrega da primeira unidade do Itararé ocorreu em 1977, com 940 habitações, e alguns meses depois, foram entregues mais 2.100 unidades, sendo a segunda unidade entregue em 1982, totalizando 7.474 unidades. Construído para abrigar uma população de baixa renda, esse bairro contava com alguns serviços regulares como abastecimento d'água e energia elétrica, entretanto os maiores problemas estavam ligados ao processo de deslocamento da população, tendo em vista que o bairro dista nove quilômetros do centro da cidade, e as vias de acesso eram ainda muito precárias, onerando ainda mais uma população que já vivia de poucos recursos.¹²⁶

Como podemos observar, a zona leste era constituída por uma área de contrastes, na qual convivia uma população de alto poder aquisitivo, cuja renda permitia habitar bem, ao lado de uma outra desprovida das mínimas condições de habitabilidade. Essa situação demonstra como a ocupação do solo urbano se dá de forma expropriada e com tentativas de segregação social-espacial. Mesmo sendo uma das áreas de maior expansão do espaço urbano na capital, verificou-se a presença de imensos espaços vazios, como nas proximidades dos bairros Noivos e São João, em uma evidente demonstração da especulação imobiliária realizada no local.

Tais espaços são foco de constantes ocupações e, por não possuírem o título efetivo da posse da terra, essas pessoas não são beneficiadas com aparelhamentos como escolas, hospitais, rede de esgoto, galerias e calçamentos, servindo-se de ligações clandestinas da rede de distribuição elétrica, sendo igualmente precário o abastecimento de água, o qual se faz, em sua maioria, em poços artesianos de terceiros, onde a água é obtida mediante pagamento. Dessa forma, além do problema da aquisição dos terrenos, “os moradores das áreas adjacentes e das áreas mais afastadas dos bairros nobres e/ou dos conjuntos e casas que contam com infraestrutura urbana lutam pelo direito aos mesmos serviços.”¹²⁷

Outra área que passou por um elevado grau de expansão espacial da cidade, nas décadas de 1960 e 1970, foi a zona sul. Alguns fatores ajudam a compreender melhor esse fato. Sendo que o primeiro deles está relacionado à inexistência de barreiras físicas e a condições topográficas privilegiadas. O ponto de partida para a expansão, como vimos, foi a abertura da

¹²⁶ REIS, Eldan Soares dos. *A política habitacional no Piauí e a construção do Itararé 1975-198*). Monografia. (Licenciatura Plena em História). Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2006.

¹²⁷ MORAES, Acácia Maria Castelo Branco de. *Os movimentos sociais urbanos em Teresina: associações e conselhos de moradores*. Teresina: Fundação CEPRO, 1987. p. 33.

Av. Barão de Gurguéia, ainda na década de 1950, que direcionou o crescimento da área, tomando impulso nas décadas seguintes, a partir do bairro Tabuleta, com a convergência das rodovias BR-316, PI-3 e da própria estrada de ferro. Próximo a essas vias foi construído o Distrito Industrial e, posteriormente, os conjuntos habitacionais Monte Castelo, de menor porte, e o Parque Piauí, de maiores proporções, com 2.794 residências, tendo sido construído em duas etapas, a primeira com 2.294 unidades e a segunda, também chamada de ampliação, com 500 habitações.¹²⁸

Essa expansão direcionada pela construção do conjunto habitacional Parque Piauí, no entanto, não ocorreu de forma natural, já que a política habitacional, posta em prática pelo poder público, forçou a expansão da área.

A falta de planejamento racional na política habitacional em Teresina redundou na localização dos conjuntos Parque Piauí e Monte Castelo, com cerca de 2.000 habitações, a uma distância de sete km do centro da cidade forçando um crescimento artificial. [...] acarretando um grande ônus aos cofres públicos pela demanda de serviços e equipamentos em áreas totalmente desabitadas.¹²⁹

Quando da construção do Parque Piauí, o espaço vazio situado dentro do perímetro urbano era de três quilômetros. Este tipo de crescimento, por deixar uma grande quantidade de espaços ociosos, contribuiu para que a população de reduzido poder aquisitivo se instalasse nessas áreas, constituindo verdadeiras favelas, como a COHEB, localizada numa área sobre a qual passavam linhas de transmissão da CHESF, sendo composta por 585 famílias¹³⁰. Essa favela esteve envolvida em um conflito com os representantes da empresa, que exigiam a desapropriação da área, fato que perdurou por mais de oito anos, sendo resolvida com a intervenção do poder público municipal.

A esse respeito, a pesquisadora Antônia Jesuíta de Lima, realizou um trabalho intitulado *Favela Cohebe*¹³¹, na qual, faz uma análise dos Movimentos Sociais Urbanos (MUS) na luta por habitação popular em Teresina, no contexto da ditadura militar, mais especificamente entre o fim da década de 1970 e em meados de oitenta. Lima toma como recorte a luta dos moradores da favela COHEBE, instalada de forma irregular em uma área da Companhia

¹²⁸ LIMA, Janaina Moura. *A construção do Parque Piauí: da inauguração a ampliação - uma história*. (Licenciatura Plena em História). Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2009.

¹²⁹ PLANO DE DESENVOLVIMENTO LOCAL INTEGRADO DE TERESINA (PDLI), 1969, p. 13.

¹³⁰ ITARARÉ vai receber favelados em outubro. *O Dia*, Teresina, ano 28, n. 7.014, p. 3, 8 mar. 1979.

¹³¹ LIMA, Antônia Jesuíta de. *Favela Cohebe: uma história de luta por habitação popular*. Teresina: EDUFPI, 1990.

Hidrelétrica de São Francisco (CHESF), para não serem despejados pelos representantes da Companhia. O problema tomou proporções ainda maiores em virtude da grande quantidade de famílias ali residentes, chamando a atenção da imprensa e dos dirigentes locais que intervieram intermediando nas negociações com a CHESF e os moradores.

A autora mostra como se deu o processo de transferência dessas famílias para outras áreas da cidade. Uma parte dos moradores aceitou ser transferida para o Itararé, mas a maioria recusou a medida, por ser essa área muito distante do centro da cidade e de onde estavam situados. O impasse só foi resolvido com a implantação do PROMORAR, um programa desenvolvido na administração de Lucídio Portela Nunes¹³² (1979-1982), concluído em 1983, com a remoção dos moradores da favela para aquele conjunto habitacional na zona sul.

Além do problema da moradia, essa zona também passava por problemas de infraestrutura. Subdividida em três áreas, sendo a primeira delas composta por bairros situados mais próximos do centro da cidade (São Pedro, Pio XII e Tabuleta), essa região era atendida pelos serviços de iluminação e abastecimento d'água, porém o maior problema enfrentado por seus moradores era a questão habitacional, pois apresentava um elevado índice de casas construídas de material frágil adobe e/ou taipa e sem instalações sanitárias, o que revela o baixo poder aquisitivo dessa população.

A segunda área tinha entre os bairros mais carentes o Três Andares, o Cidade Nova, o Macaúba e parte do Monte Castelo. Distanto apenas três quilômetros do centro da cidade, essa área é bem servida pelo sistema viário, uma vez que se encontra interligada à malha viária, principalmente após a construção das avenidas Miguel Rosa e Gil Martins. As dificuldades se relacionavam ao material precário das moradias e à inexistência de serviços comunitários como creches, unidades escolares e postos de saúde, o que obrigava a população a se deslocar para outras áreas, como o centro da cidade. A renda dessas famílias não ultrapassava três salários mínimos, sendo a maior incidência na faixa que vai de um a dois salários.¹³³

Constituindo a terceira área dessa zona estão os bairros Lourival Parente e Parque Piauí e seu entorno. Boa parte dos domicílios eram próprios, mas também havia moradias alugadas,

¹³² Médico e político piauiense, membro de uma família com tradição na política, irmão de Petrônio Portela Nunes, um político de renome nacionalmente. Formou-se em medicina pela antiga Universidade do Brasil, hoje, Universidade Federal do Rio de Janeiro, especializou-se em Tisiologia pelo Ministério da Saúde e em Radiologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. É membro da Associação Piauiense de Medicina. Na vida política, foi o último Governador do Piauí eleito de forma indireta para o período de 1979 a 1982. Após a morte de Petrônio Portela, em 1980, assume a liderança do PDS no Piauí e em 1982, elege-se Senador.

¹³³ BANDEIRA, 1985, p. 106.

construídas de material de pouca durabilidade, sendo a cobertura de telha de cerâmica ou de amianto. Os problemas mais graves giravam em torno de ocupação temporária de terrenos ociosos pelos migrantes, pois essa área está nas proximidades da BR-316, que interliga a capital ao sul do estado, e ainda da quase completa inexistência de serviços de iluminação pública e redes de distribuição d'água, servindo-se a população de chafarizes instalados nas proximidades. A inexistência ou precariedade dos serviços de infraestrutura decorre do fato de que

embora ali tenha sido construídos vários conjuntos habitacionais, cujos planos de orçamento contemplam, dentre outros, os itens: equipamentos comunitários, vias de circulação e área verde, verifica-se que é muito grande a defasagem no que tange ao cumprimento destes, o que concorre para o crescente processo de favelização.¹³⁴

O crescimento da cidade para a direção norte foi limitado pelo curso do rio Poti, que, ao entrar na cidade, segue a direção Sul-Norte, paralelo ao Parnaíba e, posteriormente, segue em direção oeste até desaguar neste curso, nas proximidades do bairro Poti Velho. Essa delimitação só foi ultrapassada com a construção de pontes sobre o rio Poti em meados dos anos 1990. Também é uma região com grande incidência de lagoas e terrenos alagadiços, sobretudo na direção dos bairros Matadouro e Poti Velho, passando a sua população por constantes inundações durante o período chuvoso. Talvez por esse motivo, apesar de essa área ter sido loteada ainda nas décadas de 1950 e 1960, a ocupação dos terrenos não foi efetivada em sua plenitude, resultando na tímida ocupação da vasta área que compunha o bairro Feira de Amostra.

A ocupação da zona norte se deu na década de 1970, com a intervenção do poder público municipal no sentido de preencher os espaços vazios ali situados, pois “trata-se da região mais precária, situação esta expressa pela sua condição de área estanque para o efeito de crescimento e vias de penetração de importância econômica. Sintoma disto foi o grande número de doações de terrenos públicos à população carente.”¹³⁵ Essa medida foi posta em prática por meio da política de aforamento, que consistia em ceder cartas foreiras de terrenos pertencentes à municipalidade, as quais se encontravam sem utilização aos moradores de baixa renda que residiam em locais impróprios no centro da cidade.

¹³⁴ MORAES, 1987, p. 39-40.

¹³⁵ PREFEITURA MUNICIPAL DE TERESINA/SECRETARIA DE PLANEJAMENTO, 1980, s/p.

Apesar do Centro ter sido a primeira área a ser ocupada, ainda se observava a presença de espaços vazios em seu entorno, fosse pela presença de estoques de terrenos ociosos resultados da especulação imobiliária, fosse por áreas ainda não beneficiadas por serviços urbanísticos, em regiões como o Barroão, por onde águas servidas escoavam por grotões até o rio Parnaíba, também conhecido por Palha de Arroz, fosse ainda por áreas de risco, como nas proximidades da linha férrea, locais que deram origem a pequenas favelas, como Gogó da Ema, Eucalipto, Moi de Varas, Morro do Querosene, ou ainda, em áreas alagadiças próximas às lagoas do rio Parnaíba onde estava situada a favela Lucaia. Esses espaços eram ocupados por uma população de baixa renda, em sua maioria oriunda do processo migratório, sendo também habitado por meretrizes que ofereciam seus serviços aos setores mais populares. Por esse fato, essa região era vista genericamente como fazendo parte do baixo meretrício da cidade.

A situação irregular e frágil das relações de trabalho exercida por esses moradores refletia diretamente em suas moradias, localizadas em regiões precárias e áreas de risco da cidade, como se pode observar na imagem a seguir:



Foto 2: Casas de taipa e coberta de palha nas margens da linha férrea no bairro Matinha.
Fonte: Jornal *O Estado*, Teresina, 15 fev. 1978, p.1.

Impossibilitados de atenderem as suas necessidades básicas, como o direito à moradia, segurança, saneamento, essas pessoas se instalam em terrenos irregulares, de propriedade privada. Eram comuns habitações frágeis – de taipa e pau-a-pique, com cobertura de palha de coco babaçu – mais acessíveis pelo baixo custo da construção, sendo que aqueles que não

dispunham do mínimo necessário para aquisição desse bem, recorriam ao aluguel de casebres de terceiros ou ainda instalavam-se em barracos construídos nas margens dos rios Parnaíba ou Poti, o que constituía aquilo que ficou conhecido na literatura como favela¹³⁶. Ocupações como a observada na foto 3, construídas nas proximidades da ponte Juscelino Kubitschek, nas margens do rio Poti eram bastante frequentes em terrenos baldios nos arredores do centro da cidade, onde espaços com alto valor comercial permaneciam disponíveis por meio da especulação imobiliária. Esses espaços eram visados pelos migrantes que aqui chegavam, pois se tratava de estoques de terras ociosas em uma área privilegiada da cidade. Conforme a reportagem, cerca de quatorze famílias estavam alojadas nesse espaço, todas elas compostas por pessoas vindas de outras regiões.¹³⁷



Foto 3: Ocupação de terreno baldio nas margens do rio Poti
Fonte: Jornal *O Dia*, Teresina, 11 abr. 1975, p. 2.

As casas de taipa e pau-a-pique, com cobertura de palha de coco babaçu localizavam-se em várias áreas da cidade. Essas habitações sem as mínimas condições de segurança e salubridade, construídas em locais impróprios, não dispoñdo de serviços urbanísticos como

¹³⁶ O termo favela significa “fava pequena, planta leguminosa abundante em Canudos, que deu nome a um morro local. O morro da Favela, no Rio de Janeiro, recebeu esse nome por assemelhar-se ao morro do sertão baiano”. CUNHA, Euclides. *Os sertões: campanha de Canudos*. São Paulo: Martin Claret, 2004. p. 74. Desde então passou a ser utilizado com o sinônimo de conjunto de habitações precárias. Em Teresina, no período em estudo, observamos que o termo favela era utilizado para designar focos de casas de taipa ou palha construídas em sua maioria em terrenos irregulares, de terceiros ou até mesmo em logradouros públicos, como ruas ou debaixo de pontes, próximas às linhas férreas e de transmissão de energia, em áreas de risco, próximo de lagoas e rios, sujeitas a alagamentos. As favelas não se configuravam como grandes aglomerados urbanos, comuns nos grandes centros com Rio de Janeiro e São Paulo, mas tinham como semelhanças a precariedade das moradias e a pobreza de seus moradores.

¹³⁷ ESTA FAVELA vai desaparecer. *O Dia*, Teresina, ano 24, n. 4177. p. 2, 11 abr. 1975.

calçamento, abastecimento de água tratada, energia elétrica ou serviços básicos de saneamento, nem tampouco qualquer tipo de instalação sanitária. Constituíam, assim, focos de disseminação de doenças que eram agravadas durante a estação chuvosa com recorrentes inundações em virtude do aumento do volume dos rios que cortam a cidade, Parnaíba e Poti, provocando calamidades, sobretudo, entre a população mais pobre. A enchente ocorrida em 1974 evidencia bem a precariedade do sistema habitacional em Teresina. Sobre esse assunto, um periódico afirmava que

[...] o favelamento é um dos grandes problemas da capital. Aqui a culpa não cabe diretamente à população, mas à falta de infraestrutura social, em consequência dos poucos recursos de que dispõe o poder público. [...] Sem condições de adquirir lotes de terras, a população de baixa renda é obrigada a se fixar em qualquer local. [...] O fluxo migratório – deslocamento da população do interior a procura de sonhados melhores dias – ainda é o principal responsável pelo favelamento de Teresina.¹³⁸

Por conta do material frágil com que eram construídas tais habitações, a palha do coco babaçu, abundante e barata, portanto acessível às pessoas desprovidas de recursos financeiros para construção mais adequada, era principalmente utilizada na cobertura dessas residências, as quais, se localizarem muito próximas umas das outras, o que propiciava a ocorrência de incêndios que levavam pânico e prejuízos aos moradores. A imprensa registrou o exato momento em que a residência de Geraldo Francisco dos Santos, cabo reformado da polícia militar, localizada na Avenida Barão de Gurguéia, zona Sul, pegou fogo.



Foto 4: Incêndio em residência situada na Avenida Barão de Gurguéia
Fonte: Jornal *O Dia*, Teresina, 11/12 jul. 1976, p.1.

¹³⁸ PROBLEMAS de Teresina: de quem é a culpa? *O Estado*, Teresina, ano 8, n. 1469, p. 3, 11/12 dez. 1977.

O periódico noticiou que estavam, no recinto, a esposa e a filha recém-nascida do policial. Ao lado estava a residência da mãe dele, também acometida pelas chamas. A tragédia não teve proporções maiores devido ao auxílio dos vizinhos, e felizmente as três foram retiradas das casas, as quais foram completamente destruídas pelo incêndio.¹³⁹ Fato semelhante ocorreu com a moradora Teresa Maria de Jesus Santos que descreve como era a região onde se localizava o bairro Ilhotas, local onde residia

A gente vivia ali muito apereado, só era doença, casa pegava fogo. [...] Todos os anos aquela quinta queimava, era um sufoco, que as casinhas tudo era de palha, todos os anos queimava. [...] eram tudo emendada na outra. Teve uma vez que ia queimando a rua todinha de taipa, uma vez foi na casa da comadre Toinha, os menino brincando, o meu marido foi quem salvou ela. [...] Aí foi que a gente ouviu a zuada e todo mundo correu. A outra vez foi na parte de baixo, pegou fogo na casa da finada Luizinha e subiu até quase chegar na minha, ficou faltando só uma, isso era rede, pote quebrado, lata d'água, o fogo era grande. [...] nunca foi corpo de bombeiro não, porque naquele tempo era menos estruturado, não tinha corpo de bombeiro não pra apagar fogo, né, e aí o fogo foi apagado mesmo na mão.¹⁴⁰

Como podemos observar na fala de Teresa, sua casa ficava situada em uma área irregular, “casa de beira de rua”, como os próprios moradores nomeiam, situada em um espaço comprimido entre a rua e o muro de uma propriedade do governo. Essa população ficou vulnerável às doenças pela completa inexistência de saneamento, bem como aos incêndios recorrentes, que se alastravam com facilidade devido a proximidade e ao material com o qual eram construídas as residências. Tudo isso dificultava o acesso, inclusive, dos bombeiros, os quais não compareciam naqueles momentos de angústia dos moradores, que recorriam à solidariedade dos vizinhos.

Fora dos dados estatísticos sobre o emprego e a ocupação no mercado de trabalho, formal ou informal, encontravam-se ainda as pessoas que viviam em extrema pobreza, mendigos e meninos de rua que abarrotavam as praças e as ruas do centro da cidade a esmolar a caridade pública. Sem lugar fixo para morar, os pedintes instalavam-se em terrenos baldios, sob pontes ou ao relento, construindo barracos ou verdadeiras “latrinas”, localizada nas proximidades o rio Parnaíba, como a que se vê na foto 5, localizada nas proximidades da churrascaria Beira Rio. Ali se abrigavam um casal e seus três filhos.¹⁴¹

¹³⁹ INCÊNDIO quase acaba em tragédia. *O Dia*, Teresina, ano 25, n. 4.531, p. 1, 11/12 jul. 1976.

¹⁴⁰ SANTOS, Teresa Maria de Jesus. *Depoimento concedido a Luana Pacheco Faria de Carvalho e Regianny Lima Monte*. Teresina, mar. 2009.

¹⁴¹ TERRENOS baldios contribuem para favelização da cidade. *O Dia*. Teresina, ano 24, n. 4.178, p. 1, Cad. 2, 12 abr 1975.



Foto 5: Barraco nas margens da Av. Maranhão
 Fonte: Jornal *O Dia*, Teresina, 12 abr. 1975, p. 1.

Um outro barraco, feito de papelão e estacas de madeira construído no cais do rio Parnaíba, era habitado por Evaristo Álvaro Evangelista (51 anos) e sua esposa, Maria Concita Pereira dos Santos, sobre eles, a reportagem do jornal *O Dia* registrou: “por duas vezes os fiscais da Prefeitura poram [sic] abaixo esse barraco, mas o Sr. Evaristo afirma que continuará residindo como os demais moradores da beira do cais, os sem-teto, o Sr. Evaristo ainda sonha com dias melhores.”¹⁴² Desse modo, dezenas de casebres proliferavam em diversos pontos da cidade.



Foto 6: Barraco situado no cais do rio Parnaíba
 Fonte: Jornal *O Dia*, Teresina, 4/5 dez. 1977, p.1

¹⁴² OS MORADORES da beira do cais. *O Dia*, Teresina, ano 26, n. 4.956, p. 1, 4/5 dez. 1977.

A favela, portanto, é representada pelo migrante de forma contraditória, pois, ao mesmo tempo em que é o único espaço oportunizado a ele e a sua família dentro da cidade, lugar de abrigo, amparo e aconchego, também é tida como uma área de risco, de insegurança e de desalento, especialmente, no que se refere à fragilidade da moradia.

Josefa Muniz, migrante que chegou a Teresina em 1968, descreve o seu início de vida na cidade relacionando-o ao desejo de possuir uma casa que servisse para acolher sua família e à decepção diante do local encontrado e do risco a que estavam sujeitos seus filhos.

É que nós tinha um sonho de ter a casa da gente, porque morar nas casas dos outros é ruim e pior com menino né. [...] caminhei pra cá procurando um lugar e uma casinha ruinzinha, que o dinheiro da gente era pouco. [...] a casinha de taipa, todas as forquilhas é de enchimento, era da grossura do dedo, chega era envergadinho, a cumieira dela não era da grossura de meu braço. Aí veio uma chuva e minha menina tava com febre, essa casinha quando o vento veio e arrancou as palhas tudim viraram assim ô pra riba da cumieira, aí a minha menina se molhou e pegou a chorar, aí eu cobri ela com uns pano, foi um negócio sério.¹⁴³

O sonho da casa própria, mesmo que esta não se apresentasse com as condições mínimas de habitabilidade, era resultado do esforço do migrante para estar efetivamente inserido no meio urbano. Yaponira Machado Barbachan Guerra, no estudo que fez sobre as representações dos migrantes que compõem as classes empobrecidas da cidade do Recife a respeito de suas experiências de vida, afirma que “a busca por um espaço físico é assim, mais uma etapa para a conquista de um espaço social que lhe permita melhores condições de vida,”¹⁴⁴ mesmo que essas melhorias sejam implantadas aos poucos e a longo prazo. No caso de Josefa, somente em 1975, sete anos depois de sua chegada a capital, conseguiu adquirir uma residência, também de estrutura frágil.

Nesse sentido, a favela é vista pelo migrante como a única alternativa para aqueles que querem permanecer na cidade, sendo em geral lugares mais acessíveis por não contarem com uma infraestrutura adequada. A maioria dos moradores são migrantes, estando sujeitos a uma outra condição de vulnerabilidade; o risco constante de desapropriação, fosse pela ação disciplinadora do poder público, fosse pela intervenção de particulares. Os migrantes vinham

¹⁴³ MUNIZ, Josefa de Sousa Sales. *Depoimento concedido a Luana Pacheco Faria de Carvalho e Regianny Lima Monte*. Teresina, abr. 2009.

¹⁴⁴ GUERRA, Yaponira Machado Barbachan. *O espaço dos sem espaço: estudo de caso de representações sociais de migrantes de classes subalternas no Recife*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco – Editora Massangana, 1993. p. 89.

de um processo de ruptura, na medida em que abandonavam seu local de origem, suas relações de trabalho e de sociabilidades ali construídas, sendo todos esses laços deixadas para trás.

Em muitos casos, o processo migratório se deu por etapas, pois nem sempre o migrante realizava a transferência da zona rural para os grandes centros urbanos, dirigindo-se principalmente para cidades menores e mais próximas do seu local de origem, começando uma nova vida em cada lugar a que chegam, numa trajetória marcada por rompimentos e recomeços, sempre guiadas pelo sonho de uma vida melhor. Essas pessoas tinham seus destinos constantemente modificados pelas imposições do poder público, que intervinha no espaço urbano na tentativa de disciplinar a sua ocupação.

Assim sendo, extingue os problemas que a ocupação ilegal dos terrenos causam aos seus proprietários, mas comprometem, sobremaneira, a reprodução da força de trabalho daqueles que, sem emprego fixo, exerciam no antigo local de moradia e/ou nas circunvizinhanças suas atividades produtivas. Atividades estas que, seguramente decaíram com a mudança para outra área, quer pela perda de clientela/mercado de trabalho, quer pelo aumento de distância.¹⁴⁵

A tendência explosiva de crescimento da cidade gerava, e ainda gera, problemas típicos de periferia, principalmente, com o deslocamento dessas pessoas para áreas distantes da área central, visto que o poder público era incapaz de acompanhar o mesmo ritmo de crescimento oferecendo uma infraestrutura adequada. Esse deslocamento dos bairros distantes para o centro da cidade era agravado ainda mais pela quase inexistência de vias de tráfego para o escoamento do trânsito, sendo que, quando estas existiam, careciam de melhoramentos como pavimentação de paralelepípedo ou asfalto, o que conseqüentemente prejudicava o bom funcionamento dos transportes urbanos.

Como veremos adiante, de forma mais detalhada, essa população residente em locais impróprios para moradia situados nos arredores do centro da cidade, como no leito de ruas e da estrada de ferro, em áreas alagadiças ou debaixo de pontes, foi remanejada para a zona norte da cidade, principalmente para os bairros Buenos Aires e Água Mineral. A escolha por essa área se deu fundamentalmente pela presença de estoques de terrenos ainda não ocupados, pertencentes, na sua maioria, à Prefeitura Municipal de Teresina, e ainda pela topografia do local, constituída de terrenos mais elevados, diferenciando-se, portanto, das áreas mais propensas a inundações.

¹⁴⁵ MORAES, 1987, p. 40.

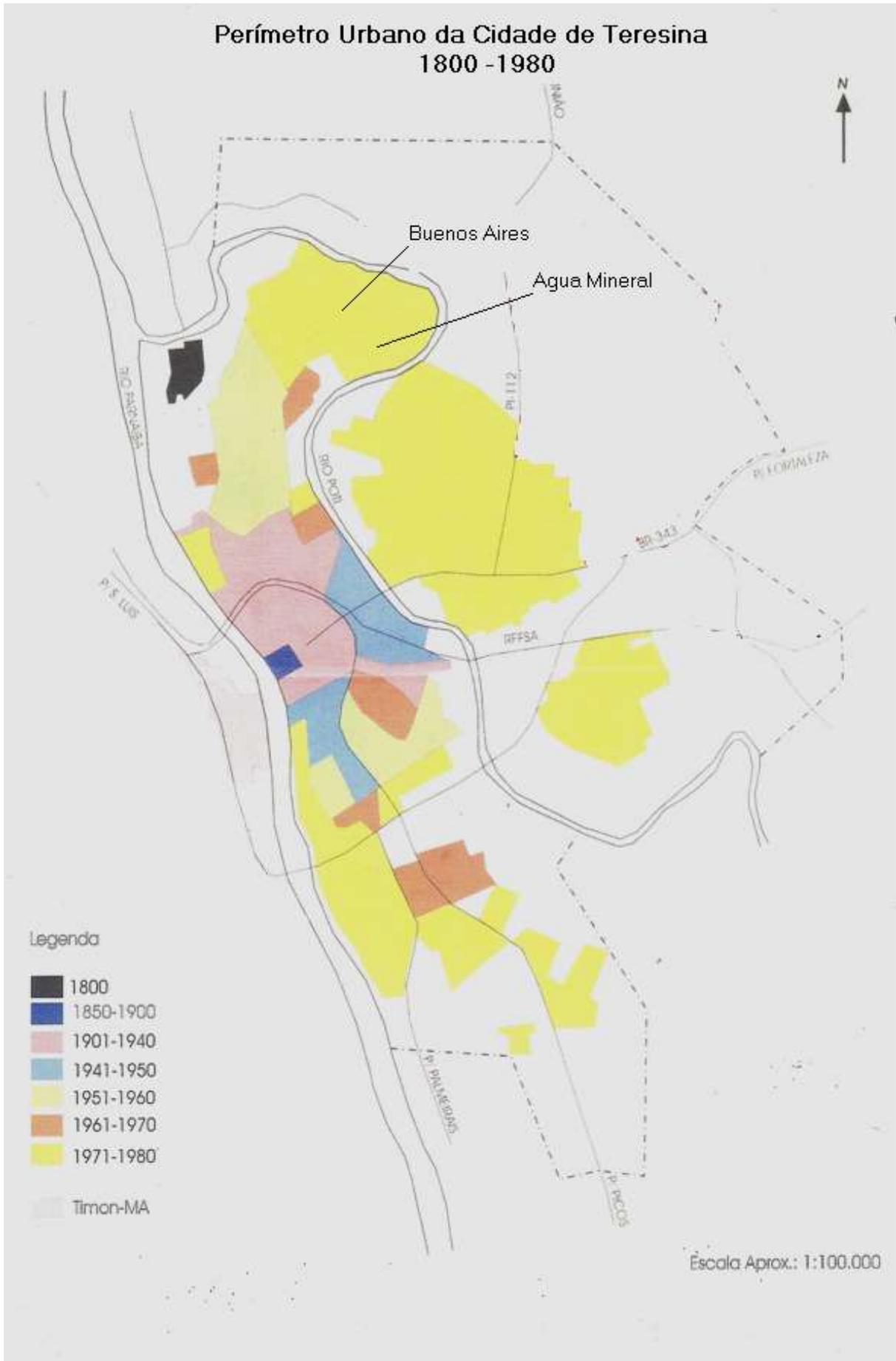
Conforme Roberto Lobato Correia¹⁴⁶, a constituição do espaço urbano se dá por meio da intervenção de diversos atores sociais. Dentre eles podemos destacar a ação dos proprietários fundiários, que agindo isoladamente ou por meio de empresas subsidiária a que estão vinculados, mantêm uma grande área do território urbano subutilizada, com imensos terrenos não construídos, tendo em vista uma maior valorização da área, em um claro processo de especulação imobiliária. Vinculados a estes e em constante negociação com eles estão as construtoras, responsáveis por empreendimentos de grande porte, transformando o solo urbano em valor de troca. Há de se destacar também o papel das firmas imobiliárias responsáveis pela alocação de consumidores para esses espaços de valorização capitalista.

Mas, o solo urbano não sofre a intervenção apenas de grandes proprietários, sendo os setores populares destituídos da posse efetiva do solo também modeladores da cidade, ainda que de forma menos organizada e estruturada que os grandes proprietários. A ação desses diversos agentes sociais exerce pressão junto ao Estado, entendido aqui como entidade cujo objetivo é coordenar as ações a serem empreendidas na malha urbana com o fim de conciliar os conflitos gerados em torno da ocupação do espaço urbano. De modo que o Estado age em suas diferentes categorias administrativas, desde o poder decisório mais amplo, em nível nacional, à intervenção local, no processo de constituição do espaço urbano.

Esse caráter intervencionista do Estado foi mais acentuado durante o período em que os militares estiveram no comando do país (1964-1985). A própria conjuntura de poder centralizador que os representantes do governo ocuparam, sendo eles indicados para exercer os cargos da administração pública nas esferas federal, estadual e municipal, favoreceu a política urbana adotada por eles. Irlane Abreu afirma que o Estado possui “a capacidade de exercer vários papéis, como o de legitimador, representativo-executivo, árbitro de conflitos, subsidiário e reproduzidor dos mais distintos interesses e ações dos outros atores engajados no processo de formação/transformação da cidade.”¹⁴⁷

¹⁴⁶ CORRÊIA, Roberto Lobato. *O espaço urbano*. 4. ed. São Paulo: Ática, 2003.

¹⁴⁷ ABREU, 1983, p. 53.



2. Modernização e Segregação: as marcas da intervenção do poder público na cidade

O estado do Piauí entrou para o contexto nacional como o estado mais pobre da federação. Essa constatação foi resultante, em boa parte, da publicação dos dados estatísticos do Censo Demográfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) sobre a realidade sócio-econômica em que vivia a população piauiense durante os anos de 1950. O Piauí figurava com os piores índices de desenvolvimento em todos os setores. De acordo com Raimundo Nonato Monteiro de Santana, no final da década de 1950, o Piauí apresentava-se “como estado de mais baixa renda *per capita* do país”, com o valor irrisório de 5.960 cruzeiros, o que representava, aproximadamente, um quarto da renda *per capita* nacional, que era de 20.920 cruzeiros.¹⁴⁸

Esses dados eram resultados da crise econômica atravessada pelo Piauí resultante do fim da atividade extrativa do babaçu, da maniçoba e da cera de carnaúba, voltada para o mercado externo. As divisas geradas por essa atividade foram responsáveis, durante a primeira metade do século XX, pelo equilíbrio das receitas do Estado, tendo em vista que o Piauí era uma unidade extremamente debilitada em se tratando de atividades produtivas: “com o campo em permanente crise e um setor industrial incipiente, restando ao setor terciário o comando da economia do estado.”¹⁴⁹ Essa situação de desalento financeiro refletia-se na precariedade da própria estrutura física da capital Teresina, carente de políticas urbanísticas e de recursos para realizá-las,¹⁵⁰ como podemos observar na descrição de Francisco das Chagas Caldas Rodrigues¹⁵¹, que, à época, ocupava o cargo de Governador do Estado.

¹⁴⁸ SANTANA, Raimundo Nonato Monteiro de. *Evolução histórica da economia piauiense e outros estudos*. Teresina: FUNDAPI, 2008. p. 180.

¹⁴⁹ MARTINS, Agenor de Sousa et. al. *Piauí: evolução, realidade e desenvolvimento*. 3. ed. Teresina: Fundação CEPRO, 2003. p.158.

¹⁵⁰ Em 1952, Teresina comemorava o seu primeiro centenário e contou com algumas reformas urbanísticas e posturas que tinham por finalidade preparar a cidade para as festividades. Entretanto era um período de crise financeira para o Estado, e a cidade se transformou em um palco de divergências quanto às decisões a serem tomadas para melhorar o seu aspecto físico, que só cedeu lugar para as festividades de comemoração dos seus cem anos de existência. Sobre o assunto ver: BARBOSA, Aline Kelly Brito. *A cidade centenária: o aniversário da cidade como pretexto para a discussão do urbano*. Monografia. (Licenciatura Plena em História). Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2009. NASCIMENTO, Francisco Alcides do. A imprensa escrita de Teresina nas comemorações do centenário de Teresina. In: *Cidade e Memória*. NASCIMENTO, Francisco Alcides do; MONTE, Regianny Lima. (Orgs.). Teresina/Imperatriz: EDUFPI/Ética, 2009.

¹⁵¹ Bacharel em Direito pela Universidade de São Paulo, o piauiense Francisco das Chagas Caldas Rodrigues ingressou na vida política do Estado como Deputado Federal pela UDN, durante a década de 1950 migra para o PTB, em 1954 é eleito mais uma vez para a Câmara dos Deputados, em 1958 é eleito Governador do Piauí (1959-1962). Em 1962 foi eleito mas uma vez Deputado Federal, tendo seus direitos políticos suspensos por dez anos por conta da implantação do AI-5, após a anistia em 1979, elegeu-se senador em 1986 e participou da

Teresina, coração e cérebro do Estado, desprovida, praticamente, de serviços de força e luz, água e telefones. O Hospital Getúlio Vargas funcionando precariamente. O corpo de bombeiros, de grande e vital utilidade para a segurança e tranquilidade dos teresinenses, deixara de existir. Profunda era a desordem administrativa e imenso o desequilíbrio em que o Estado se debatia. [...] Nossa capital é a única que não possui aeroporto com pista pavimentada; dois terços do estado carecem de rodovias; Teresina ainda não está ligada por estrada pavimentada à principal cidade, situada na faixa litorânea, que é Parnaíba; e é a única [dentre as capitais] em todo o país que não dispõe de uma rede de esgoto.¹⁵²

Teresina ressentia-se da falta de infraestrutura mínima e necessária ao posto que ocupava, o de centro administrativo do estado. A crise por que passava a economia estadual refletia diretamente no aspecto urbanístico da capital, que até os anos cinquenta não dispunha de serviços regulares de saneamento. No que diz respeito à iluminação, esta era oferecida de forma precária por meio de uma termelétrica a lenha. A situação de atraso só se agravava, sendo que, em 1957, a Companhia de Fiação e Tecidos Piauiense, a maior fábrica da cidade, encerrou suas atividades definitivamente, após sessenta e quatro anos de fundação. Assim como outras fábricas, como a de cigarros e pequenos engenhos que produziam açúcar e aguardente de baixa qualidade, a Fábrica de Fiação não resistiu à concorrência de produtos industrializados da região Sudeste, integrados a uma maior escala de produção e dispondo de um aparelhamento tecnológico atualizado, além de contarem com incentivos fiscais oriundos do projeto de industrialização que o país vivenciava.¹⁵³

Cabe ressaltar que, nesse período, Juscelino Kubitschek (1956-1961) estava à frente da direção do país e pondo em prática um plano de desenvolvimento intitulado de Plano de Metas, cuja proposta era promover o desenvolvimento econômico de forma acelerada, o que acendeu em alguns setores da sociedade brasileira o desejo de transformar o país. Desse modo, procurou-se estimular a industrialização mediante associação com o capital estrangeiro. Por meio desse plano, o governo apontava as áreas prioritárias para o investimento estatal: energia, transporte, alimentação, indústria de base e educação. Nesse contexto, a construção de Brasília trazia a imagem simbólica de novos tempos, com arquitetura moderna e arrojada, imprimindo na sociedade o ideário de progresso.

fundação do PSDB em 1988. GONÇALVES, Wilson Carvalho. *Dicionário enciclopédico piauiense ilustrativo: 1549-2003*. Teresina: Halley, 2003.

¹⁵² PIAUÍ, Governador 1959-1962 (Francisco das Chagas Caldas Rodrigues). *Mensagem apresentada à Assembléia Legislativa em 1960*. Teresina, 1960.

¹⁵³ MENDES, Felipe. *Economia e desenvolvimento do Piauí*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 2003. p.179-180.

Essa euforia “desenvolvimentista” dos anos cinquenta, ao contrário do que se esperava, não atingiu todas as regiões do país. A região beneficiada com investimentos de envergadura, provenientes do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico, foi a Sudeste, concentrando nos estados de São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro cerca de 76,0% dos recursos. Ao Nordeste, destinaram-se apenas 3,1%.¹⁵⁴ Dessa forma, o Piauí, alijado dos recursos federais, não vivenciou o ritmo de crescimento que o presidente imprimiu ao país, e continuou com problemas de ordem infraestrutural e uma economia deficitária.

Diante das disparidades regionais quanto ao crescimento econômico, sobretudo com um considerável *déficit* da região Nordeste, Juscelino Kubitschek, em 1959, enviou ao Congresso Nacional um projeto de lei propondo a criação da Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE). O novo órgão tinha por finalidade estudar e propor diretrizes para o desenvolvimento do Nordeste, assim como supervisionar, coordenar e controlar a execução de projetos realizados pelo Governo Federal na região, além de executar projetos de desenvolvimento.

Mais uma vez, entretanto, o Piauí ficou fora dos planos de desenvolvimento do Governo Federal, pois as ações empreendidas pela SUDENE e pelo Banco do Nordeste, de acordo com o economista Felipe Mendes, concentraram-se em apenas três estados – Bahia, Pernambuco e Ceará – , excluindo-se, de forma semelhante, o Piauí da ação de outros órgãos, como o Departamento Nacional de Obras Contra a Seca (DNOCS), que privilegiou o Ceará, e a Companhia de Desenvolvimento do Vale do Rio São Francisco (CODEVASF), que beneficiou principalmente a Bahia e Pernambuco.¹⁵⁵ Dos quatro Planos Diretores do Desenvolvimento do Nordeste elaborados pela SUDENE, o Piauí foi excluído de três deles, e só no terceiro conseguiu a implantação da Barragem de Boa Esperança, obra inacabada, mas que fornecia energia elétrica de qualidade para os centros urbanos do estado.

O primeiro passo dado com o objetivo de reagir ao atraso em que se encontrava o estado partiu da iniciativa do então governador Jacob Manoel Gayoso e Almendra¹⁵⁶ (1955-1959). Ele foi o responsável pela organização da administração pública estadual, sobretudo, no que

¹⁵⁴ MENDES, p.220.

¹⁵⁵ Ibidem, p. 197.

¹⁵⁶ Figura de destaque na sociedade piauiense: pecuarista de família tradicional no estado, possuía inúmeras fazendas de gado em diversos pontos do Piauí; agroindustrial, chegou a montar uma fábrica de laticínios em uma de suas fazendas no norte do estado; como militar alcançou o posto de General do Exército brasileiro; quanto a sua atuação na vida política ocupou os cargos de deputado estadual em duas magistratura (1926-1930) e (1935-1937), governador do estado do Piauí (1955-1959) e deputado federal (1963-1967) e como intelectual escreveu ensaios sobre a economia piauiense, sobretudo, no que diz respeito à terra e à pecuária, o que lhe logrou uma cadeira na Academia Piauiense de Letras em 1976. GONÇALVES, Wilson Carvalho. *Dicionário enciclopédico piauiense ilustrativo: 1549-2003*. Teresina: Halley, 2003.

diz respeito às finanças, mas sua maior contribuição foi a criação da Comissão de Desenvolvimento do Estado (CODESE), em 1956, baseada no Conselho de Desenvolvimento da Presidência da República, também criado no mesmo ano. Com essa comissão objetivava-se elaborar planos a longo prazo para a administração do Estado, tendo por finalidade estudar e propor diretrizes para o desenvolvimento do Piauí. Em 1959, a CODESE ampliou sua área de atuação, passando a contar com a participação de representantes do setor empresarial e dos prefeitos da capital e de outras cidades piauienses no processo de planejamento.

Visando à melhoria dos serviços de distribuição de energia elétrica, abastecimento d'água, provimento de serviços bancários e de telecomunicações, além de dinamizar a setor agroindustrial do estado, foram instituídas as empresas de economia mista, as quais coordenariam a ação de desenvolvimento que há anos o estado necessitava. Eram elas: Frigoríficos do Piauí S/A (FRIPISA), em 1957; Banco do Estado do Piauí S/A (BEP), em 1958; Centrais Elétricas do Piauí S/A (CEPISA), em 1959; Agroindústria do Piauí S/A (AGRINPISA), em 1959; Telefones do Piauí S/A (TELEPISA), em 1960, e Águas e Esgotos do Piauí S/A (AGESPISA), em 1962.

Os dirigentes locais organizavam-se no sentido de dar novo direcionamento à administração estadual e municipal, modernizando o sistema tributário do estado e enxugando as despesas desnecessárias da Secretaria de Finanças do Município. Entretanto, a fragilidade econômica do Estado, no pós-1950, principalmente, por este não conseguir se inserir no processo de implantação de um sistema industrial que tivesse peso nas receitas internas e que substituísse o papel desempenhado pelo ciclo extrativo, e ainda o conseqüente aumento da dependência de recursos federais tornavam praticamente inviável uma política de desenvolvimento do estado que assegurasse recursos para uma melhoria do aspecto urbanístico da capital.

2.1 Planejamento e produção do espaço urbano sob a intervenção do regime autoritário

A implantação do Estado autoritário em 1964 foi desencadeada pela crise política instaurada no país, quando Jânio Quadros toma posse, em 1961, apoiado por um partido de massas que estava em ascensão no país, o PTB. Com sua renúncia, inicia-se um conturbado período em que seu sucessor, João Goulart, assume a presidência e propõe a implantação de reformas de bases no país, o que acelerou a tomada do poder pelos militares. Estes assumiram

a direção do país tendo como objetivo norteador assegurar os interesses de uma determinada classe ligada ao modelo capitalista de desenvolvimento dependente do capital externo. Apresentavam-se como nacionalistas e defensores de uma política de centralização administrativa capaz de direcionar o país para um processo de crescimento econômico, mesmo que para isso fossem reprimidas as liberdades individuais.¹⁵⁷

Esse modelo de desenvolvimento adotado pelos representantes do regime militar (1964-1985) fazia parte do próprio processo de formação política dos militares, os quais, por meio da Escola Superior de Guerra, concatenavam as estratégias de ação com o intuito de legitimar o cerceamento dos direitos políticos e civis por meio da ampla divulgação da política desenvolvimentista que asseguraria o progresso econômico do país. Dessa forma, os defensores dessa política desenvolveram a ideologia da “segurança nacional”, na qual os militares se apoiavam para dar prosseguimento ao projeto arrojado de modernização material dos mais diversos espaços do Brasil.¹⁵⁸

Esse novo direcionamento político que o país tomou, num primeiro momento, não foi compreendido pelos dirigentes piauienses, a exemplo do então governador Petrônio Portela Nunes¹⁵⁹ (1963-1966), que chegou a posicionar-se de forma contrária ao regime, e, em uma manobra política, conseguiu manter-se no poder e ocupar, posteriormente, cargos de alto escalão. Mas, diante da larga divulgação dos projetos de caráter desenvolvimentista e, sobretudo, da implantação de uma malha viária que integraria todos os pontos do país, levando desenvolvimento econômico até mesmo para as regiões mais longínquas, essa relação começou a se modificar. A euforia nacional-desenvolvimentista refletia em nível local como uma nova oportunidade para que o povo piauiense realizasse seus sonhos de progresso, entendido como a possibilidade de implantação do processo de industrialização que assegurasse o desenvolvimento econômico do estado e possibilitasse a tão almejada modernização na malha urbana da capital.

¹⁵⁷ GASPARI, Elio. *A ditadura envergonhada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

¹⁵⁸ ALVES, Maria Helena Moreira. *Estado e oposição no Brasil 1964-1984*. Bauru: Edusc, 2005.

¹⁵⁹ Uma das personagens piauienses de maior destaque na política nacional. Advogado, inicia sua vida política em 1950 quando candidatou-se a deputado estadual, mesmo tendo perdido a eleição, foi convocado para o exercício do mandato. A partir de 1951, projetou-se como líder da oposição pela UDN, ao PSD, representado por Pedro Freitas, que posteriormente viria a ser seu sogro. Teve uma carreira política ininterrupta e ascendente. Em 1954 foi eleito deputado estadual (1954-1958), em 1958, elege-se prefeito de Teresina (1959-1962) e em 1962, governador do Piauí (1963-1966) e em 1966, senador. Em Brasília, presidiu o Congresso Nacional por duas vezes e coordenou a “Missão Portela”, da qual resultou a Anistia e a redemocratização do país. Faleceu em 1980, com apenas 54 anos, quando ocupava o cargo de Ministro da Justiça e era cotado para ser o provável candidato à Presidente da República. LEMOS, Osvaldo. *Petrônio Portela Nunes: depoimentos à história*. Teresina: COMEPI, 1983.

Para por em prática um projeto de tamanha envergadura para o país, a ótica adotada pelos militares foi a do planejamento elaborado com perspectiva de longo prazo. Toda a administração passou a seguir as diretrizes apontadas pelos planos nacionais de desenvolvimento, sendo o primeiro deles o Programa de Ação Estratégica do Governo (PAEG), elaborado ainda em 1964, com a finalidade principal de estabilizar a economia, a funcionar no primeiro quadriênio de atuação dos militares. Os planos em nível regional, como a SUDENE, tiveram que ser postos de lado em nome da centralidade política e da integração nacional. A própria administração central teve que passar por mudanças a fim de dar assistência aos projetos de investimento nos setores viários, de energia e de telecomunicações, resultando na criação, em 1967, dos Ministérios dos Transportes, das Comunicações, das Minas e Energia e do Interior.¹⁶⁰

O planejamento e a gestão pública objetivavam gerenciar as intervenções a serem implementadas, sobretudo, no espaço urbano. Conforme Marcelo Lopes de Souza,

A finalidade última do planejamento e da gestão é a superação de problemas, especialmente fatores de injustiça social, e a melhoria da qualidade de vida, ambos deveriam ser vistos como pertencendo ao amplo domínio das estratégias de desenvolvimento, ao lado de estratégias de desenvolvimento regional, nacional etc. Planejamento e gestão, [...] nada mais são do que estratégias de desenvolvimento urbano, alimentadas por pesquisa social básica, tanto teórico quanto empírica (ou seja, diagnósticos).¹⁶¹

Seguindo o modelo adotado em nível nacional, em outubro de 1968, os dirigentes locais, tendo a frente o então prefeito Cel. Jofre do Rego Castelo Branco¹⁶², firmaram contrato com a empresa baiana COPLAN S/A Construções e Planejamentos, para planejar as ações de intervenção no espaço urbano da capital, do qual resultou no Plano de Desenvolvimento Local Integrado de Teresina (PDLI). A municipalidade pôde contar com recursos e apoio do Serviço Federal de Habitação e Urbanismo (SERFHAU), órgão do Ministério do Interior responsável

¹⁶⁰ MENDES, 2003, p. 220-221.

¹⁶¹ SOUZA, Marcelo Lopes de. *Mudar a cidade: uma introdução crítica ao planejamento e à gestão urbanos*. 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006. p. 73.

¹⁶² Destacou-se na vida militar e política. Coronel da Polícia Militar, tendo exercido o comando dessa corporação. Presidiu o Jôquei Clube do Piauí e o Esporte Clube Tiradentes. Como político, foi vereador de Teresina em várias legislaturas e o primeiro prefeito indicado após o Ato Institucional nº 3 que estabelecia que os prefeitos das capitais seriam indicados pelo Governador do Estado e não mais pela via democrática. Esteve à frente da municipalidade de 31/01/1967 a 10/10/1969. GONÇALVES, Wilson Carvalho. *Teresina: pesquisas históricas*. Teresina: s/ed., 1991. p. 118.

pela implantação, no país, do Sistema Nacional de Desenvolvimento Urbano e Local, da SUDENE e do Governo do Estado. De acordo com José Raimundo Bona Medeiros:¹⁶³

A implantação desse plano significa o início do processo de planejamento indispensável à reorganização dos serviços internos e à capacitação da Prefeitura para oferecer à comunidade teresinense os meios necessários ao seu desenvolvimento econômico e social. Teresina é a primeira capital brasileira a dispor de um instrumento de trabalho dessa natureza, que assegura a compatibilização dos aspectos físico-territorial, econômico, social e institucional, bem como a adequação dos objetivos locais ao planejamento nacional, regional e estadual.¹⁶⁴

O PDLI foi um plano de grande envergadura para época e representava uma mudança significativa na maneira de administrar, pois, até então, os líderes locais davam prosseguimento às suas administrações sem seguir nenhum planejamento prévio que tivesse sustentação em um aporte técnico mais apurado e que seguisse uma proposta de implementação a logo prazo. Nesse sentido, a primeira etapa do projeto baseava-se na análise diagnóstica da realidade local, sendo que, para tanto, inúmeras pesquisas foram realizadas, contando com a colaboração de vários órgãos.¹⁶⁵ Essas pesquisas visavam principalmente “encontrar o móvel do desenvolvimento local que permitisse romper com o círculo vicioso da pobreza,”¹⁶⁶ para que, assim, se pudesse propor um projeto de intervenção urbana para a capital.

Entre a realização de pesquisas e a elaboração do projeto final decorreram doze meses de trabalho de uma equipe com mais de quarenta profissionais, entre programadores, administradores, engenheiros, arquitetos, geógrafos e economistas. O trabalho realizado, que resultou no PDLI, era constituído de três partes: a primeira, *Teresina: entraves e impulsos no seu desenvolvimento*, na qual era apresentada uma análise profunda das causas do estrangulamento do desenvolvimento local; a segunda parte, *Estratégias de desenvolvimento local*, trazia propostas de intervenção a serem implementadas no sentido de impulsionar o desenvolvimento estruturado, tendo em vista as melhorias de ordem econômica e social; e,

¹⁶³ Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais e político, Deputado Estadual em cinco legislaturas, entre 1963-1983, chegando a presidir esta casa. Presidente Regional da Aliança Renovadora Nacional (ARENA). Por duas vezes foi nomeado o prefeito de Teresina nos períodos de outubro de 1969 a maio de 1970 e de 1979-1982. Vice-Governador do Estado, passando a ocupar o cargo de Governador em 1986, com a renúncia de Hugo Napoleão. GONÇALVES, Wilson Carvalho. *Teresina: pesquisas históricas*. Teresina: s/ed., 1991. p. 119.

¹⁶⁴ PLANO DE DESENVOLVIMENTO LOCAL INTEGRADO DE TERESINA (PDLI). Construções e Planejamento S.A (COPLAN). Newton Oliveira (coord.). 1969. p.8.

¹⁶⁵ Dentre os quais estavam: a SUDENE, DNPM, DNOCS, DNER, DER-PI, CODESE, PETROBRÁS, IBGE, FOMINPI, IBRA, ASA, FSESP, Serviço Geográfico do Exército e Ministério da Agricultura.

¹⁶⁶ PLANO DE DESENVOLVIMENTO LOCAL INTEGRADO DE TERESINA (PDLI), 1969, p.8.

por fim, o *Programa de ação*, com vistas à implantação de uma série de reformas tanto no espaço urbano como no sistema operacional da municipalidade.

Teresina: entraves e impulsos no seu desenvolvimento é uma radiografia da cidade em todas as suas dimensões. Inicialmente faz uma descrição geográfica e do processo de formação e expansão urbana, analisando os motes de desenvolvimento e de estagnação da economia local. Trata também do intenso processo migratório ocorrido na cidade nos anos anteriores e descreve os sistemas produtivos da economia local, estando o primário e o secundário bastante deficitários, sobressaindo-se, portanto, o terciário, sobretudo aquelas atividades características da informalidade. Analisa-se ainda os indicadores sociais, como a prestação de serviços de saúde, educacional, habitação bem como o poder de consumo da população, constatando-se que boa parte dos moradores de Teresina, fossem eles migrantes ou cidadãos, encontravam-se em uma situação extrema de pobreza, que era visível nas formas de edificações precárias e no comércio incipiente.



Foto 7: Venda típica da periferia de Teresina, atrelada a residência, de material frágil (paredes de taipa e cobertura de palha)

Fonte: Plano de Desenvolvimento Local Integrado, 1969, p. 57.

Após essa análise minuciosa dos aspectos socioeconômicos da população da capital, é feita uma descrição das características do sítio urbano. O aspecto físico da cidade não destoava muito da precariedade das condições de vida da população. A malha urbana encontrava-se estagnada e não conseguia atender satisfatoriamente às necessidades de um núcleo urbano que

crescia de forma acelerada. Serviços básicos como de transporte e saneamento básico deixavam muito a desejar.

A limpeza na cidade atinge apenas alguns setores das zonas urbanas, com um sistema manual de varredura das vias públicas, destinando o lixo removido a um vasadouro a céu aberto, 'in natura', próximo ao matadouro local. A coleta do lixo na cidade se dá através de caminhões tipo colecon e caçambas, carroças ou carrinhos, utilizando-se às vezes o trator da Prefeitura.¹⁶⁷

Em pesquisa realizada com os chefes de família, o sistema de limpeza urbana foi considerado pelos moradores da capital como um dos serviços públicos mais carentes na cidade.¹⁶⁸ Essa afirmativa deve-se à precariedade do serviço prestado na capital, que não dispunha de material humano e técnico suficiente para realizar a atividade de forma regular. O problema ficava mais grave em regiões periféricas da cidade, onde inexistia qualquer coleta de lixo e limpeza das ruas, as quais, em sua grande maioria, viviam cobertas por mato, por não disporem de pavimentação. Outro problema que contribuía sobremaneira para a sujeira nas ruas era a presença de animais, que circulavam livremente pela cidade.¹⁶⁹ Os noticiários locais cobravam a intervenção do poder público para amenizar os danos causados pelo excesso de lixo e vegetação nas vias públicas.¹⁷⁰

Mas os problemas urbanos não se restringiam apenas a essa questão. O sistema viário da capital encontrava-se estagnado e ineficiente no atendimento das necessidades de escoamento do tráfego, que, com o crescimento urbano, tornou-se mais intenso, principalmente no Centro. Teresina não dispunha de vias de tráfego de grande porte que facilitassem o trânsito, com exceção da avenida Frei Serafim, sendo que as demais avenidas foram surgindo seguindo o prolongamento das vias radiais, de modo que as ruas por onde escoava um maior volume de tráfego em quase nada se diferenciavam de ruas residenciais, onde o tráfego era apenas local.

A falta de hierarquização é responsável em grande parte pelo confuso tráfego que o Centro apresenta. Os veículos de carga de difícil manobra conflitam com os carros de passeio, as bicicletas e os pedestres. A pequena largura das

¹⁶⁷ PLANO DE DESENVOLVIMENTO LOCAL INTEGRADO DE TERESINA (PDLI). 1969, p.28.

¹⁶⁸ PLANO DE DESENVOLVIMENTO LOCAL INTEGRADO DE TERESINA (PDLI). 1969, p.28.

¹⁶⁹ SUJEIRA no Centro da capital: tem até porco. *O Estado*, Teresina, ano 20, s/n., p. 4, 30 abr 1971. AVENIDA Frei Serafim vira pasto para jumentos. *O Dia*, Teresina, s/ano, n. 3.573, p. 5, 23 mar. 1973.

¹⁷⁰ AMEAÇA do lixo. *O Dia*, Teresina, s/ano, n. 3.422, p. 1, 15 set. 1971. LIMPEZA pública deficiente. *O Dia*, Teresina, s/ano, n. 3.524, p. 1, 20 jan. 1973. LIXO invade Teresina. *O Estado*, Teresina, s/ano, n.18, p. 1, 20 ago. 1972. BURACO e mato na Rua Simplício Mendes. *O Dia*, Teresina, s/ano, n. 3589, p. 1, 12 abr. 1973. MATO interdita rua. *A Tribuna*, Teresina, ano 1, n. 132, p. 1, 12 jul. 1975.

ruas e também o pequeno tamanho das quadras são também responsáveis por esses constantes pontos de conflito. É pequeno o número de ruas pavimentadas em Teresina e em quase sua totalidade o tipo de pavimentação empregado (pedras irregulares) é prejudicial ao escoamento normal dos veículos. A ausência de uma rede coletora de serviços pluviais e de esgotos subterrâneos dificulta os serviços de manutenção das vias, além de diminuir a pista de rolamento com a existência de valas.¹⁷¹

Além dos caminhões de carga que eram obrigados a passar pelo centro de Teresina, por não haver outras vias de escoamento, a situação era agravada pelo fato de os terminais das linhas de ônibus intermunicipais se situarem também no Centro, na Praça Saraiva, local para onde convergiam veículos leves, complicando o tráfego na área. Essa situação também era incômoda pelo péssimo aspecto urbanístico do local, provocado pelas precárias instalações das agências de ônibus, dos restaurantes e dos hotéis situados em suas proximidades. Tal fato se agravava pela proximidade com a Rua Paissandu, famosa zona de prostituição da cidade, com seus bordeis.¹⁷²

Inúmeros eram os problemas de ordem estrutural com que a capital convivia, inviabilizando um crescimento estruturado da economia local, de modo que pudesse absover a mão-de-obra que chegava à capital resultante do processo migratório e do próprio crescimento vegetativo da cidade. Diante de tal realidade, os técnicos do PDLI concluíram que

Teresina não aproveitou sua condição de cidade administrativa e populosa no sentido de transformar-se em um núcleo de desenvolvimento da região, não cumprindo as funções que lhes pareceriam ser próprias de pólo distribuidor de bens produzidos na região. A economia local não tem permitido o desenvolvimento de um centro urbano moderno e dinâmico dado o baixo poder germinativo de sua indústria, a pequena expressividade de sua agricultura e, em decorrência, a inexistência de oportunidades de ocupação de sua população e dos recursos locais para aumentar sua renda.¹⁷³

Após uma análise minuciosa da realidade de Teresina e do levantamento dos pontos de entrave para o desenvolvimento econômico e social da cidade, foram elaboradas as propostas intervencionistas a serem implantadas para o melhoramento da realidade socioespacial da capital. O Plano de Desenvolvimento Local Integrado tinha por finalidade atingir três diretrizes principais: a criação de condições para transformar Teresina em um polo de desenvolvimento da região, integrando-se ao ritmo desencadeado nas demais regiões do

¹⁷¹ PLANO DE DESENVOLVIMENTO LOCAL INTEGRADO DE TERESINA (PDLI). 1969, p. 30.

¹⁷² A PRAÇA Saraiva exige agora a sua recuperação. *O Dia*, Teresina, ano 23, n. 3.993, p. 2, 30 ago. 1974.

¹⁷³ PLANO DE DESENVOLVIMENTO LOCAL INTEGRADO DE TERESINA (PDLI). 1969, p. 61.

Nordeste; a melhoria dos níveis de emprego urbano para a mão-de-obra, gerando o aumento da renda *per capita*, e a fomentação de condições infraestruturais no sentido de transformar a capital em um centro urbano que condissesse com seu papel na região.

Para tanto, o plano previa o aproveitamento das estratégias de ação já adotadas por órgãos públicos e privados que seguiam um planejamento para a realidade local, como a CODESE e o Fomento Industrial do Piauí (FOMINPI), bem como de projetos de nível regional, como a SUDENE, e nacional, com a atuação da COHAB-PI. Desse modo, a estratégia geral constituía-se em propor “medidas apoiadas em uma dupla potencialidade, e ao mesmo tempo, harmonizadas com as diretrizes e condições anteriores, resultantes das ações dos órgãos públicos e particulares aí existentes, fixando-se, então, linhas diferenciadas para cada aspecto específico.”¹⁷⁴ Considerando esses órgãos atuantes no município, os recursos para por em prática as ações estabelecidas no plano provinham das esferas federal, estadual e municipal.

O plano propunha uma programação a ser executada em curto prazo, para o ano de 1970, e uma de médio prazo, para o decênio de 1971-1980. A primeira medida de intervenção no espaço urbano da capital estava voltada para a revalorização do Centro¹⁷⁵ de Teresina, dada a sua própria formação histórica, pois a partir do Centro a cidade foi projetada, e sendo ponto de partida de sua expansão. Ali se concentrava o centro da vida administrativa e cultural. Desse modo, a escolha se deu por uma operação de reestruturação físico-territorial que permitisse ao Centro desempenhar as atividades econômicas, tornando-se núcleo distribuidor varejista, centro administrativo, e centro das decisões políticas e sociais. Conforme o estabelecido no plano, “o Centro de Teresina deverá ser entendido no seu sentido mais amplo: representa o ‘*coeur de ville*’, a zona de animações e de decisões políticas. Desempenhará também o papel de ponto de encontro para as horas de lazer.”¹⁷⁶

Segundo Sandra Jatahy Pesavento, o centro urbano é um dos lugares simbólicos da cidade, portador de memória, história e identidade. É nele que se tornam mais visíveis as representações do urbano, no qual identificamos “uma forma de ser, um estilo de vida, uma performance cidadina de comportamento.”¹⁷⁷ É também no centro onde as transformações do espaço físico se dão de uma forma mais acentuada, sendo este o primeiro espaço a passar por

¹⁷⁴ PLANO DE DESENVOLVIMENTO LOCAL INTEGRADO DE TERESINA (PDLI), 1969, p. 61.

¹⁷⁵ De acordo com os técnicos da COPLAN, o Centro de Teresina era delimitado pelas praças Saraiva, Landri Sales, Marechal Deodoro da Fonseca, Rio Branco e Pedro II e pelas Avenidas Desembargador Freitas e José dos Santos e Silva.

¹⁷⁶ PLANO DE DESENVOLVIMENTO LOCAL INTEGRADO DE TERESINA (PDLI), 1969, p. 63.

¹⁷⁷ PESAVENTO, Sandra Jatahy. História, memória e centralidade urbana. In: *XI Encontro de Pós-Graduação e pesquisa em Planejamento Urbano e Regional-ANPUH*. São Paulo, vol. 1, 1998.

modificações e intervenções ao se pôr em prática uma política de modernização da *urbe*, já que representa o “cartão de visita”. O centro é, portanto, o espaço em que a cidade mais se transforma, modifica sua arquitetura, recria lugares, edifica uma nova paisagem.

A proposta de intervenção no Centro estava pautada em um projeto de embelezamento para a área, com a reforma das principais praças que compunham o centro cívico da cidade, como a Rio Branco e a Marechal Deodoro, também conhecida como Praça da Bandeira, as quais passariam a constituir um só conjunto de lazer, sendo protegidas por galerias e entremeadas por jardins. Outra medida de intervenção era a implantação do sistema viário, com o alargamento das avenidas principais; hierarquização do trânsito, com vias de tráfego rápido, lento e para pedestres; abertura de novas ruas e avenidas, com asfaltamento, e a implantação de galerias pluviais nas já existentes.

A complementação do sistema se fará com a construção do trecho que segue a Avenida Miguel Rosa (parte Sul), antigo leito da estrada de ferro. A construção da Avenida Maranhão (Beira-Rio) e sua ligação com a Miguel Rosa e o alargamento da rua Senador Pacheco completará o eixo este-oeste de penetração. As ruas Desembargador Freitas e José dos Santos e Silva completam o sistema de vias principais no Centro Urbano.¹⁷⁸

A construção desse anel viário viria desafogar o trânsito da capital, na medida em que permitiria isolar e diferenciar o tráfego rodoviário do tráfego urbano. Propunha-se, também, que fosse construída uma rodoviária próxima aos pontos de intersecção das principais rodovias, situada entre as zonas Leste e Sul, que desviasse do Centro as rotas de tráfego rodoviário. Dessa forma se liberaria o tráfego nas proximidades da Praça Saraiva, melhorando o aspecto urbanístico daquele logradouro. Desse modo que “terá, assim, o centro, condições de desempenhar melhor a sua função de principal pólo de atividades da cidade, com melhor fluidez do tráfego.”¹⁷⁹

A preocupação com o disciplinamento do espaço urbano da capital era resultado, em parte, da quase inexistência de disposições jurídicas quanto à legislação urbana, tendo em vista que o único documento dessa natureza era de abril de 1939. Trata-se do Decreto-lei de nº 54¹⁸⁰, o qual já estava completamente ultrapassado e obsoleto, portanto, de acordo com os técnicos responsáveis pela elaboração do PDLI, “dotar Teresina de uma adequada legislação urbanística era um imperativo improrrogável,” na medida em que oferecia “meios capazes de

¹⁷⁸ PLANO DE DESENVOLVIMENTO LOCAL INTEGRADO DE TERESINA (PDLI). 1969, p. 100.

¹⁷⁹ PLANO DE DESENVOLVIMENTO LOCAL INTEGRADO DE TERESINA (PDLI). 1969, p. 64.

¹⁸⁰ Sobre o assunto ver: TERESINA. Prefeitura Municipal. *Código de Posturas*, Decreto-lei n. 54, Teresina, 1939.

orientar e controlar toda a problemática físico-territorial do município e principalmente da cidade.”¹⁸¹ Nesse sentido, foi produzido um anteprojeto de zoneamento urbano, o Decreto de nº 25, de 16/12/1968, que entrou em vigor no ano seguinte, tendo como finalidade disciplinar o processo de ocupação do solo urbano a fim de conter o crescimento desordenado.

O plano também trazia propostas para tentar solucionar o problema do *déficit* habitacional na capital, principalmente aquele voltado para as classes populares, por meio de um projeto que reduzia o custo da moradia tanto pelo material utilizado, como pela mão-de-obra, não necessariamente especializada. Trata-se de um projeto desenvolvido pelo professor Walter Veloso Gordilho, da Universidade Federal da Bahia, o qual consistia na armação da residência, desde o alicerce, em forma de painéis modulados constituídos de treliça de madeira em diagonal como estrutura, sendo que o preenchimento era feito com uma mistura de barro, areia e cimento, seguindo o mesmo processo da taipa. Não temos informações de que esse modelo chegou a ser implantado em Teresina.



Foto 8: Protótipo de casa popular

Fonte: Plano de Desenvolvimento Local Integrado, 1969, p. 94.

O PDLI, como visto anteriormente, era uma iniciativa de planejamento urbano centrado na análise da realidade local e na proposição de intervenções a serem implementadas em Teresina com vistas a melhorar o aspecto socioeconômico e infraestrutural da cidade. Sua importância está exatamente no fato de dar as diretrizes para um crescimento estruturado de Teresina, baseado em estudos realizados por técnicos especializados, com o propósito de implementar uma nova roupagem na capital do Piauí, o que, há décadas, era almejado pela população teresinense. Esse plano encontrou, na década seguinte de sua elaboração, as conjunturas necessárias e favoráveis para sua implementação.

¹⁸¹ PLANO DE DESENVOLVIMENTO LOCAL INTEGRADO DE TERESINA (PDLI), 1969, p. 67.

2.1.1 As administrações de Alberto Tavares Silva (1971-1975) e Joel da Silva Ribeiro (1971-1975)

Em meados dos anos 1970, o regime político instalado passou por mais uma reformulação no âmbito administrativo. Sob a liderança de General Emílio Garrastazu Médici (1969-1974), alguns projetos foram retomados, como a Política de Integração Nacional (PIN) e a doutrina nacional-estadista, centrados no intervencionismo estatal e nos pesados investimentos em infraestrutura. A direção dada ao país desde a inserção dos militares no poder, com planos de ação nos diversos setores, resultou em um crescimento acelerado da economia, com índices que alcançavam a marca de 11% ao ano, período que ficou conhecido como “milagre econômico brasileiro,” o qual se estendeu de 1969 a 1973.¹⁸²

Essa política do governo central também ficou conhecida como “federalismo de integração”, sendo o seu principal objetivo “desenvolver a ação direta e enérgica contra o desnivelamento econômico que separa os estados do contexto federativo e compromete a unidade nacional”.¹⁸³ As regiões Norte e Nordeste, sem dúvida, eram as menos integradas ao restante do país e, por esse motivo, foram foco de tal intervenção, portanto essa política repercutiu no processo de transferência de recursos para o Piauí, o que propiciou aos administradores locais empreenderem o projeto de modernização da capital.

O país vivenciava, em meados da década de 1970, a intensificação da centralização política e o aumento da repressão à oposição, com a chegada do General Médici à presidência, entretanto esse foi o período do auge da euforia desenvolvimentista, com um redirecionamento na economia e na política voltado para o desenvolvimento e a modernização do país. Nesse contexto, não só os governadores, que já eram indicados pelo próprio presidente, mas também os prefeitos das capitais e das áreas consideradas de segurança nacional foram nomeados, pois se pretendia colocar em prática um plano de desenvolvimento nacional integrado.

Com esse intuito, foram indicados para assumir o comando administrativo do estado e da capital do Piauí os engenheiros Alberto Tavares Silva¹⁸⁴ (1971-1975) e o Major Joel da

¹⁸² REIS FILHO, Daniel Aarão. *Ditadura militar: esquerdas e sociedade*. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002. p. 55-56.

¹⁸³ GOVERNO e consciência. Editorial. *O Dia*, Teresina, s/ano, n. 3.243, p. 3, 15 mar. 1971.

¹⁸⁴ Formando em Engenharia Civil, Elétrica e Mecânica pela Escola de Engenharia em Itajubá. Foi nomeado engenheiro-chefe dos Serviços de Transporte Elétricos da Estrada de Ferro Central do Brasil, no Rio de Janeiro (1941-1947). Foi eleito Prefeito de Parnaíba em 1948, em 1950 foi eleito Deputado Estadual do Piauí, cargo que renunciou para assumir a direção da Estrada de Ferro de Parnaíba (1951-1953). Eleito Prefeito de Parnaíba pela segunda vez para o mandato de 1955-1958. Em 1960, retorna à direção da respectiva estrada de ferro, no ano

Silva Ribeiro¹⁸⁵ (1971-1975), respectivamente. A escolha de engenheiros para a administração pública estava intimamente ligada à posição de destaque que eles passaram a ocupar desde a implantação do regime republicano. Em oposição aos bacharéis, que ocuparam cargos de alto escalão no Império, e ao lado da figura do médico higienista, os engenheiros despontavam como símbolo de civilidade urbano-industrial, detentores da técnica de modificar os espaços, deixando as cidades longe das mazelas e da imagem de atraso. Eram profissionais capazes de transformá-las por meio de intervenções planejadas e de acordo com as normas higiênicas e de salubridade para uma cidade moderna.

Por vezes, os militares tomaram a cena política, sendo eles também, ou pelo menos uma parte considerável, formados em engenharia, como foi o caso do então prefeito de Teresina. É possível, portanto, verificarmos a importância dada a um engenheiro à frente do processo modernizador que se projetava, ao mesmo tempo, da representatividade dos militares perante a sociedade naquele momento. Nesse sentido, os administradores públicos, tanto na esfera estadual como na municipal, intervieram no tecido urbano de Teresina, dotando-a de obras de infraestrutura e empreendendo uma série de reformas e construções suntuosas, no intento de dar uma nova roupagem urbanística à capital seguindo um nítido projeto elaborado para tal fim. Conforme o governador Alberto Silva,

O Piauí de hoje ultrapassou a fase da improvisação. O Piauí pesquisa, o Piauí planeja, o Piauí trabalha em equipe. Os objetivos perseguidos não são, absolutamente, frutos de empirismo; ao contrário representam o resultado do esforço conjugado, consubstanciado em normas que, calculadas na realidade, são igualmente válidas para todos.¹⁸⁶

seguinte assumiu a direção da Companhia de Força e Luz de Parnaíba. Quando de sua indicação para assumir o Governo do Piauí em 1970, encontrava-se em Fortaleza, dirigindo a Companhia de Energia do Ceará (1962-1970). Após deixar o Governo do Estado em 1975, coordenou o Programa de Desenvolvimento Industrial e Agrícola do Nordeste (POLONORDESTE). E em 1976, foi nomeado presidente da Empresa Brasileira de Transportes Urbanos (UBTU). Chegou a ocupar os cargos de Deputado Federal em 1994 e em 2006, Senador em 1979 e em 1998, e mais uma vez Governador do Piauí (1986-1989). Apesar da longa trajetória como político e como engenheiro, encerrada em 28 de setembro de 2009, aos noventa e um anos, Alberto Silva nunca ocupou o cargo de Prefeito de Teresina, mesmo tendo se candidatado seguidamente em 1992 e em 1996, sem lograr êxito.

¹⁸⁵ Engenheiro Militar e Político. Oficial do Exército Brasileiro transferido para reserva no posto de Major. Formado pelo Instituto Militar de Engenharia – IME (1959-1963), no Rio de Janeiro. Com larga experiência em construções, sobretudo no setor de estradas, adquirida no Primeiro Batalhão Ferroviário, no Rio Grande do Sul, ainda como Oficial de Engenharia. Sua notoriedade como homem público na sociedade piauiense veio quando assumiu, em 1963, a direção do Segundo Batalhão de Engenharia e Construção. Como político foi nomeado Prefeito de Teresina de 1971-1975, presidiu as Centrais Elétricas do Piauí S/A (CEPISA) de 1975-1978 e elegeu-se Deputado Federal para a legislatura de 1979-1983. RIBEIRO, Joel da Silva. *Depoimento concedido a Francisco Alcides do Nascimento, Laécio Barros Dias e Regianny Lima Monte*. Teresina, dez. 2006.

¹⁸⁶ PIAUÍ, Governador 1971-1975 (Alberto Tavares Silva). *Mensagem apresentada à Assembléia Legislativa em 1974*. Teresina, 1974. p.7.

Acreditava-se que, com uma nova equipe composta por técnicos especializados, seria possível intervir na realidade local, produzindo um novo espaço. Por outro lado, a imprensa escrita cumpria a função de tornar públicas as insatisfações de alguns setores sociais com o aspecto urbanístico da capital. Eram cada vez mais frequentes nos periódicos locais matérias de cunho denunciativo sobre a indesejada realidade da cidade, como esta:

[...] a esmagadora maioria das pessoas que vêm ao Piauí só conhecem Teresina e o que a cidade tem para oferecer? Nada tem de lisonjeio. Chega o visitante e o que vê? Ruas sujas, de calçamento ruim ou inexistente, salvo algumas poucas artérias asfaltadas. Animais em desfile em muitos pontos da cidade também estão longe de construir espetáculo agradável. Nas portas dos restaurantes, cinemas, bares, para não falar nas ruas principais e praças, a presença constante de mendigos é outro ponto negativo. O resultado é que, tendo uma imagem negativa de Teresina, o viajante leva para fora a ideia de que todo o Estado é ruim, sujo, feio, sob todos os aspectos, desagradável.¹⁸⁷

Conforme o periódico, a cidade apresentava um aspecto nem um pouco convidativo ao visitante, não apenas pela falta de aparelhamento urbanístico, como vias de tráfego modernas e asfaltadas, um serviço de limpeza regular, além da retirada dos animais das ruas, mas pela presença desconcertante de mendigos nos logradouros públicos e em estabelecimentos privados, o que dava à cidade um aspecto “desagradável”. Notamos que os pobres urbanos, figurados no periódico como mendigos, também eram vistos como um empecilho ao projeto modernizador para a cidade, já que “enfeavam” a urbe e por esse motivo deveriam simplesmente ser extirpados do local. O jornalista propunha uma medida drástica, que era a seguinte: “meter os mendigos na cadeia quando eles saem às ruas é a solução.”¹⁸⁸

Vemos, assim, que o pobre era visto como um caso de polícia, apesar de não ter cometido nenhum delito, devendo ser retirado do convívio social. Para Milton Santos¹⁸⁹, essa era uma das representações mais presentes sobre o pobre nos estudos que tratavam do tema, que o associavam às “classes perigosas”, portanto a um problema de ordem social a ser controlado. Em boa medida, esse problema era decorrente da pressão demográfica exercida pela chegada de migrantes a uma cidade cujo setor econômico encontrava-se estagnado, onde a oferta de empregos não acompanhava a demanda. Dessa forma, a imprensa exigia do poder público medidas enérgicas e emergenciais quanto aos problemas que comprometiam o projeto

¹⁸⁷ POR QUE falam mal do Piauí. *O Estado*, Teresina, ano 20, s/n, p. 11, 06 jun. 1971.

¹⁸⁸ POR QUE falam mal do Piauí. *O Estado*, Teresina, ano 20, s/n, p. 11, 06 jun. 1971.

¹⁸⁹ SANTOS, Milton. *Pobreza Urbana*. 2.ed. São Paulo: HUCITRC, 1979.

de transformar Teresina no cartão de visitas do Piauí, com o intuito de alterar para melhor a imagem que se tinha do estado.

Imbuído dessa função, o então governador, Alberto Silva, assumiu a liderança do Estado tendo como objetivo trabalhar no sentido de dar uma nova feição urbanística à capital, que até então era motivo de vergonha para os teresinenses e de gozação em nível nacional.

Tradicionalmente, os governos deixaram Teresina em segundo plano, esfarinhando os poucos recursos com as dezenas de municípios, sem estabelecer as prioridades dos planos de desenvolvimento, dos quais a capital é o mais importante. [...] Teríamos que colocar Teresina em primeiro plano, como capital do Estado, transformá-la numa cidade arejada, bela, moderna, atraente, habitável. [...] Com poucos meses de administração, já sentimos algo de novo, as ruas da cidade respiram ares de motivação e otimismo, as chacotas pararam no Sul do país. [...] E todos os piauienses, de norte a sul, estão convictos que a nova imagem do Piauí terá que ser criada nas ruas e através do progresso urbanístico de Teresina.¹⁹⁰

Nesse sentido, o governador do estado pôs em prática uma série de reformas na capital. Dentre elas se destacavam as implementadas no Palácio de Karnak, sede do governo estadual, na Avenida Frei Serafim, no Teatro 4 de Setembro e no Hotel Piauí. Também construções de grande porte foram realizadas, como o estádio de futebol Alberto Tavares Silva, o Albertão, a sede das Centrais Elétricas do Piauí S/A (CEPISA), o Parque Zoobotânico de Teresina e a implantação do Terminal de Petróleo. Todas essas intervenções tinham como referência o ideário desenvolvimentista, pautado na grandiosidade das obras, difundida pelos governos militares. Assim, a construção de uma infraestrutura moderna, que atendessem aos imperativos da nova vida urbana, era entendida como a viabilização necessária à implantação de um sistema industrial, condição essencial para o desenvolvimento econômico, o qual por sua vez transformaria o Brasil em um país de “primeiro mundo”.

Os recursos financeiros para por em prática um conjunto de obras de tamanha envergadura eram oriundos, em sua maioria, de remessas enviadas pelo governo federal, o que só foi possível com a edição do Ato Complementar nº 43, de 29/01/1969, que estabelecia as diretrizes para a elaboração do Plano Nacional de Desenvolvimento e do Orçamento Plurianual de Investimento, do qual resultou no I Plano Nacional de Desenvolvimento (1972-1974), responsável por investimentos macroeconômicos liberados pelo Ministério do Planejamento. Conforme Felipe Mendes, “a política do governo federal, de centralizar recursos sob sua administração, em boa parte transferidos para os Estados e Municípios,

¹⁹⁰ ALBERTO: chegou a vez de Teresina. *O Estado*, Teresina, ano 20, s/n, p. 7, 15/16 ago. 1971.

mediante convênios, [...] beneficiaram o Estado do Piauí”.¹⁹¹ Para atuar de forma concatenada com as decisões federais, a antiga Comissão de Desenvolvimento do Estado (CODESE) foi transformada em Secretaria do Planejamento (SEPLAN), cabendo a esta “analisar as propostas de liberação de recursos, [...] mediante a compatibilidade com as diretrizes do governo, das metas a serem financiadas.”¹⁹²

O processo de modernização do espaço urbano da capital era entendido pelos dirigentes locais como um passo em direção ao sonhado desenvolvimento social e econômico para o Estado. As reformas poderiam trazer uma nova feição ao meio urbano e fomentar no imaginário popular a sensação de mudança, de que a vida iria, enfim, melhorar. O governador do estado chegou a defender uma campanha que tinha por finalidade transformar Teresina não só em um cartão de visita do estado, mas torná-la em um verdadeiro ponto turístico, aproveitando a sua localização estratégica, entre as capitais de Fortaleza, no Ceará, e São Luís, no Maranhão. O objetivo era compor um roteiro com essas cidades.

Desse modo, a reforma e a modernização realizada no Palácio de Karnak, na Avenida Frei Serafim e no Hotel Piauí estavam voltadas para esse fim, ou seja, oferecer ao visitante uma boa imagem da cidade. Justifica-se, assim, a reforma do único hotel de grande porte da cidade, pertencente ao Governo do estado, o qual se encontrava em ruína e em completo abandono, transformando-o em um hotel de referência, para que os turistas pudessem contar com acomodações modernas e adequadas aos novos parâmetros de hotelaria. A reforma e a ampliação do Hotel Piauí foi projetado por Acácio Gil Borsoi, renomado arquiteto, com obras em diversas cidades do país. O projeto previa modificações estruturais e estéticas: “a parte térrea do referido hotel sofrerá um acréscimo lateralmente sobre a praça situada na Rua Areolino de Abreu, indicado no projeto. Constará esta ampliação de lojas comerciais no térreo e, sobre este, terraço com piscina e bar.”¹⁹³

Borsoi também participou do projeto de reforma do Palácio de Karnak, ao lado de Janette Borsoi e do paisagista Burle Marx, conhecido internacionalmente por projetar as principais áreas ajardinadas de Brasília, com uma larga produção tanto no Brasil como no exterior. O projeto elaborado para o Palácio do Governo conservou suas linhas arquitetônicas de estilo neoclássico, mas trazia uma profunda mudança no seu interior. Não dispondo mais de sua função residencial, o edifício passou por reformas no sentido de ceder lugar para gabinetes e salas destinadas ao assessores do Governo do Estado e suas respectivas

¹⁹¹ MENDES, 2003, p. 221-222.

¹⁹² GOVERNO reformula planejamento para administração mais racional. *O Estado*, Teresina, ano 21, s/n, p.9, 15 mar. 1972.

¹⁹³ NOVO Hotel Piauí virá em março com força total. *O Estado*, Teresina, ano 20, s/n, p.9, 15/16 ago. 1971.

secretarias. O ambiente interno passou a ser climatizado, com a instalação de aparelhos de ar condicionado, também contando com uma moderna aparelhagem de som. Na parte externa, além dos jardins projetados por Burlle Marx, fontes com espelhos d'águas e gradis em todo o perímetro foram instalados. Representantes da imprensa local deixaram suas impressões sobre a reforma do palácio e o que significava a sua entrega ao povo piauiense.

O novo Karnak, com efeito, é prédio que reúne dois méritos: o de refletir a imagem de Piauí Novo, voltado para o futuro, e o de ter todas as condições necessárias para o funcionamento de um Governo que se dispõe a integrar o Estado, em pé de igualdade, na comunidade brasileira. Diante do novo Karnak, visitantes – oficiais ou não – poderão compreender que a verdadeira imagem do Piauí não é mais aquela tradicionalmente apresentada para o resto do Piauí. Somos, hoje, um estado plenamente liberto da pecha ignominiosa do subdesenvolvimento – e aí está o novo palácio para comprová-lo.¹⁹⁴

Acreditava-se que o conjunto de obras que estavam sendo implementadas na cidade viria a contribuir para oferecer uma boa imagem do Piauí, tendo em vista que, modernizando a capital, porta de entrada para o restante do estado, se estaria projetando para todo o Piauí a sensação de mudança, com melhorias na malha urbana de Teresina, sobretudo com a reforma de edifícios importantes da cidade. No caso de algumas reformas, preservaram as linhas arquitetônicas das principais fachadas, como do próprio Palácio de Karnak e do Teatro 4 de Setembro, principal casa de espetáculos culturais do Piauí, que há anos necessitava de uma reforma. O teatro teve seu espaço interno modernizado, com a implantação de um novo sistema de som e de iluminação, preservando-se as linhas de estilo neoclássico da fachada do prédio. A reforma também ampliou a área externa do teatro, onde um bar que existia do lado esquerdo do prédio, construído em 1952 para o Centenário de Teresina, intitulado de Bar Carnaúba, foi demolido, e no seu lugar foi construída uma área para exposições e salas onde trabalham os administradores da casa de espetáculos. O Teatro 4 de Setembro situa-se ao lado do Cine Rex e em frente da Praça Pedro II, compondo o principal eixo cultural de Teresina. Na mesma ocasião, a Praça Pedro II passou também por uma reforma, a qual dividiu opiniões. No estudo que faz sobre essas transformações pelas quais a cidade passou, Francisco Alcides do Nascimento afirma que

¹⁹⁴ KARNAK, símbolo do novo Piauí. *O Estado*, Teresina, ano 21, n. 31, p. 1, 5 set. 1975.

Tais reformas se fizeram de forma autoritária. As praças, por exemplo, foram totalmente reconstruídas, afetando a relação entre os usuários e o espaço, o qual pode ser transformado em suporte de memória, que, por sua vez, tem relação direta com a memória das pessoas. Mesmo quando o poder público convidava a população a participar do zelo da cidade, o formato soava mais como uma ordem da Coordenação de Planejamento da Prefeitura procurando sensibilizar os moradores, especialmente os residentes na área central, a aderir a campanha de embelezamento de Teresina.¹⁹⁵

A principal via de tráfego da cidade, a Avenida Frei Serafim, também foi inserida nesse circuito de reformas e de embelezamento. A avenida possuía uma estrutura que facilitou o processo de remodelagem, tendo em vista que já dispunha de duas pistas de rolamento com quarenta metros de largura, separadas por um canteiro largo e ainda contava com um sistema de arborização, com frondosos oitizeiros. Conforme Nascimento, durante a década de quarenta, sob a intervenção dos representantes do Estado Novo, essa avenida passou a ser o “cartão de visita” da cidade, havendo uma legislação própria para o disciplinamento das edificações em seu entorno. Os prédios deveriam ter dois pavimentos, o que resultou nos belos sobrados ali construídos, sendo que pelo menos a maioria deles seguia a tendência do ecletismo, procedendo-se à retirada imediata de casas de taipas e/ou cobertas de palha ao longo da avenida.¹⁹⁶

Aproveitando sua arborização, foram construídos 4.500 metros de jardins, os quais dividiam espaços com calçadas recobertas por mosaico português em preto e branco, possibilitando a passagem de pedestres, que contavam com uma sinalização adequada. Mas a imponência da avenida ficava por conta da implantação de cinco fontes climatizadas, com jatos de água, sendo que, à noite, se tinha a visão do fascinante espetáculo de luz proporcionado pela iluminação, que também foi tecnicamente planejada para tal. Segundo o discurso oficial, tais fontes foram implantadas com o objetivo de “sublimar o forasteiro do Sul, prevenido com a imagem da região das secas, à verdadeira realidade do Piauí”.¹⁹⁷

¹⁹⁵ NASCIMENTO, Francisco Alcides do. Cajuína e cristalina: as transformações espaciais vistas pelos cronistas que atuaram nos jornais de Teresina entre 1950 e 1970 In: *Revista Brasileira de História*. São Paulo, ANPUH, vol. 27, n.53, jan.-jun., 2007. p. 208.

¹⁹⁶ NASCIMENTO, Francisco Alcides do. A cidade sob o fogo: modernização e violência policial em Teresina (1937-1945). Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 2002. p.152.

¹⁹⁷ PIAUÍ, Governador 1971-1975 (Alberto Tavares Silva). *Mensagem apresentada à Assembleia Legislativa em 1975*. Teresina, 1975. p. 11.



Foto 9: Fonte Climatizada da Av. Frei Serafim (1973)
Fonte: Acervo do Arquivo Público do Piauí.

A construção do Albertão estava ligada à tentativa de inserir o Piauí nas competições nacionais de futebol, motivada ainda pela euforia da conquista do tricampeonato mundial na copa de 1970. Assim, ao assumir o governo, Alberto Silva contratou técnicos para projetar um estádio com capacidade para 60.000 espectadores, uma obra monumental para a época. O projeto previa a construção de piscinas olímpicas, o que não chegou a ser posto em prática, sendo as demais dependências do estádio todas centradas nos ditames mais modernos do momento, como a colocação de cabines de transmissão. Pretendia-se também, com tal empreendimento, oferecer ao público teresinense um complexo esportivo e de lazer para a cidade, que ainda era carente desses espaços.

A construção do estádio transformou-se num instrumento de propaganda do Governo estadual em toda a região, mostrando que o Piauí não vivia mais uma época de “lamúrias e lamentações”, ou seja, deixara de ser o estado mais pobre da Federação. A propaganda, além de mostrar o desempenho da administração de Alberto Silva, buscava melhorar a auto-estima do piauiense. “As palavras do chefe do Executivo, foram ditas com entusiasmo contagiante, convocando a todos os piauienses a se unirem em torno dessa obra, que será não só do futebol, mas também um grande passo para a divulgação do Piauí no Brasil.”¹⁹⁸

¹⁹⁸ ALBERTO Silva: é um desafio construir o estádio em vinte meses. *O Dia*, Teresina, s/ano, n. 3.390, p.6, 6 ago. 1971.



Foto 10: Maquete do Estádio de Futebol Albertão.
Fonte: Jornal *O Estado*, 14 de agosto de 1971, p. 5.

As obras foram aceleradas para que o estádio fosse entregue logo à comunidade, sendo a nova casa de esportes inaugurada em 26 de agosto de 1973, sem que as obras estivessem concluídas, com o jogo entre o Fluminense do Rio de Janeiro e o Tiradentes, time financiado pelo próprio Governo do estado. O dia da inauguração do Albertão transformou-se em uma tragédia, provocada por um tumulto resultado de um falso alarme de que o estádio estava caindo. Segundo depoimentos das pessoas que estavam no estádio no momento do jogo, um avião sobrevoou o estádio e provocou um pequeno tremor em suas estruturas de concreto, o que levou um torcedor a pensar que o estádio estava caindo. O resultado foi a morte de oito pessoas e centenas de outras feridas.

A tragédia ganhou visibilidade nacional, e o que era para ser uma propaganda positiva do Piauí transformou-se em mais uma imagem ruim para o estado. Alguns representantes da imprensa local de oposição ao governo criticaram a pressa na construção do estádio, que, durante cento e vinte dias, teve suas obras aceleradas para cumprir com o prazo de inauguração estipulado pelo governador: “Os alambrados [...] não correspondiam às condições mínimas de segurança, tanto que ruíram ao primeiro impacto da força humana”.¹⁹⁹

É perceptível, naquele contexto, que construções suntuosas como o estádio Albertão, com suas formas modernas e de uma arquitetura arrojada, visível, pela sua grandiosidade, de diversos pontos da cidade, eram tidas como ícones da modernidade, embora carregassem consigo os traços de um modernismo que emerge do atraso e do subdesenvolvimento. Na

¹⁹⁹ ARRANGEM outro culpado. *Correio do Povo*, Teresina, ano I, n. 3, p.1, 27 ago. 1973.

década de 1970, acentuou-se ainda mais a dependência financeira do Estado aos investimentos federais, tanto para a construção de obras quanto para o financiamento do *déficit* corrente, ou seja, a máquina administrativa.²⁰⁰ Na euforia desenvolvimentista, obras como o Albertão não foram financiadas pelo Governo federal, o qual foi construído com recursos do Estado, que não dispunha de finanças para tamanho empreendimento, desse modo, permanece sua construção, até os dias de hoje, inacabada. Para Berman,

O modernismo do subdesenvolvimento é forçado a se constituir de fantasias e sonhos de modernidade, a se nutrir de uma intimidade e luta contra miragens e fantasmas. Para ser verdadeiro para com a vida da qual emerge, é forçado a ser estridente, grosseiro e incipiente. Ele se dobra sobre si mesmo e se lança a tentativas extravagantes de tomar para si toda a carga da história. Ele se chicoteia em frenesis de auto-ironia.²⁰¹

Nesse sentido, o estádio apresentou-se mais como um desejo, uma “fantasia” de progresso do que como a concretização dos “sonhos” de modernidade. Suas formas, apesar de grandiosas, apareciam como uma imagem deformada do que foi projetado no imaginário coletivo. Carecendo do acabamento final, trouxe consigo os traços “grosseiros” da não plenitude da modernização em países subdesenvolvidos.

Outras obras foram realizadas no sentido de oferecer novos espaços de lazer para comunidade, como a construção de um zoológico. A área escolhida para sediar o Parque Zoobotânico de Teresina situava-se na zona leste da cidade e era composta de cento e oitenta hectares, onde havia uma reserva natural, com a presença de lagoas permanentes. A implantação do parque tinha como objetivo criar novas áreas de lazer e de valor instrutivo para a sociedade piauiense, seguindo os padrões de grandes centros urbanos. De acordo com o chefe do Executivo estadual, tinha-se como ponto de partida o bem-estar social: “na mocidade e em todo o povo pensou e pensa o Governo quando resolve criar o Zoobotânico em Teresina, verdadeira universidade zoobotânica, instrumento de desenvolvimento técnico e cultural, sem esquecer o lazer, indispensável a todas as comunidades.”²⁰²

Ainda no campo das edificações, o Governo do estado, contando com recursos do Ministério de Minas e Energia, construiu a sede da Companhia de Energia do Piauí, (CEPISA), cujo projeto arquitetônico moderno foi assinado pelo arquiteto Antônio Luiz

²⁰⁰ MENDES, 2003, p. 287.

²⁰¹ BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido se desmancha no ar: a aventura da modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986. p. 220.

²⁰² PIAUÍ, Governador 1971-1975 (Alberto Tavares Silva). *Mensagem apresentada à Assembleia Legislativa em 1973*. Teresina, 1973.

Araújo. O edifício foi projetado para ter 4.800 metros quadrados, todo em concreto armado, dividido em quatro pavimentos com formato circular, “fazendo referências a um gerador de energia, o que recorre a ideia modernista de inspiração na máquina. [...] A intenção do arquiteto era passar a ideia de discos superpostos.”²⁰³ A área escolhida para sediar o novo prédio da CEPISA foi o local da antiga Usina Santa Luzia, uma região que estava passando por um processo de valorização como prolongamento da Avenida Maranhão.

Nesse viés de construções, no sentido de dotar a cidade de um sistema de infraestrutura que se assemelhasse aos oferecidos em centros desenvolvidos, foi implantado o Terminal de Petróleo, próximo ao pátio de manobras da Rede Ferroviária, na zona sudeste da cidade. A instalação visava baratear os preços dos combustíveis e facilitar o abastecimento na capital, tendo em vista o considerável aumento dos veículos em Teresina naquele período. Também seria um distribuidor de combustível na área de influência da capital do Piauí.

Mesmo com todas essas obras de embelezamento de alguns pontos, o aspecto urbanístico da cidade ainda não propiciava uma imagem agradável da urbe. A imprensa local continuava a denunciar os problemas de ordem estrutural da cidade, como a presença de casas de taipa no centro.

Segundo opiniões generalizadas daqueles que visitam Teresina, o que mais desperta curiosidade é o contraste verificado entre o novo e o velho. Mas, o que é constrangedor nesse contraste, é o fato de Teresina ainda tolerar a continuidade de favelas e casebres no centro da cidade, onde se começa a falar em desenvolvimento.²⁰⁴

A grande quantidade de pessoas empobrecidas que vivia na capital era vista de diversas maneiras pelo poder público e por muitos intelectuais que trabalhavam nos jornais. Algumas representações construídas em torno desses setores sociais os caracterizavam como um empecilho ao projeto modernizador para a cidade, pois o pobre “enfeava” a cidade”, sendo papel da imprensa denunciar o fato e do poder público resolver o problema, mesmo pelo viés mais autoritário.

As pessoas que aqui chegavam se instalavam em terrenos irregulares, constituindo ruas inteiras de casas de taipa cobertas de palha, as quais, para esse segmento social, eram a única forma de permanecerem na cidade ao passo que, para os demais membros da sociedade,

²⁰³ SILVA, Joene Saibrosa da. Antônio Luiz Araújo e o modernismo das edificações em Teresina (PI). In: *Cadernos de Teresina*. Teresina, ano 18, n. 38, 2006, p. 106.

²⁰⁴ A TRISTE paisagem. *O Dia*, Teresina, s/ano, n. 3.639, p. 1, 10/11 jun. 1973.

significava um retrocesso, pois a cidade se modernizava e se planejava para implantação de um sistema viário e uma série de reformas e construções de grande porte.

Indicado pela Guarnição do Exército e nomeado pelo governador Alberto Silva, o engenheiro e major Joel da Silva Ribeiro assume a municipalidade em 15 de março de 1971, com um grande desafio: dotar Teresina de uma nova roupagem urbanística. Com esse encargo, Joel da Silva Ribeiro chega à Prefeitura de Teresina e descreve como se deu o processo de planejamento de sua gestão.

Eu sabia como era a prefeitura, sabia das deficiências administrativas. [...] Eu reuni uma equipe que posso citar nomes, Antônio Avelino Rocha de Neiva que é economista, Cláudio Almeida, formado em Direito no Piauí e em Administração pela Fundação Getúlio Vargas, o meu colega do Exército, Estevão Bezerra de Carvalho e Raimundo Dias que era arquiteto. Então, nós nos reuníamos algumas vezes por semana e fizemos um plano de obras para o meu quadriênio, com estimativa de receita e despesas. [...] Eu tinha que seguir o plano, que era a lei em vigor e moderno, então eu fiz as minhas opções dentro do Plano de Desenvolvimento Local Integrado. [...] A característica da minha administração era a juventude de meus auxiliares. Era uma equipe muito boa, com firmeza, uma equipe que queria mostrar serviço e que participava daquilo que nós estávamos fazendo. [...] Então, quando eu assumi, no que diz respeito ao investimento urbano, eu já sabia o que ia fazer e nunca saí desse roteiro.²⁰⁵

A nova conjuntura política, com a escolha dos administradores de forma indireta, contribuía para a constituição de uma equipe de governo com especialidade técnica em diversas áreas do conhecimento, o que foi extremamente favorável à implantação de um projeto de grande envergadura com o objetivo de reformar a capital. Esse grupo foi montado tendo em vista por em prática um projeto de intervenção na realidade local de forma estruturada, desse modo, o andamento das atividades seguia um plano de ação elaborado conjuntamente e que tinha como diretrizes centrais o que ficou estabelecido no Plano de Desenvolvimento Local Integrado.

Durante a gestão do prefeito Joel da Silva Ribeiro (1971-1975), foi priorizado o sistema viário urbano de Teresina, seguindo as diretrizes para a implantação do anel viário consubstanciado no PDLI. A finalidade desse sistema viário, como vimos anteriormente, era desafogar o trânsito do centro da cidade e proporcionar uma melhor fluidez ao tráfego de veículos. As obras foram iniciadas pelo Centro Cívico, com a Avenida Maranhão, que à época era composta por apenas duas quadras, uma em frente à Praça da Bandeira e a outra nas

²⁰⁵ RIBEIRO, 2006.

proximidades do cais do rio Parnaíba, em uma pista. O projeto para essa via de tráfego ia da ponte rodoferroviária João Luís Ferreira: a Ponte Metálica, que ligava Teresina a São Luís até a Avenida Joaquim Ribeiro, com duas pistas de rolamento. Na imagem abaixo é possível notar a Ponte Metálica ao fundo, a intercessão entre as duas avenidas e também o prédio da CEPISA, no centro, do lado direito.



Foto 11: Trecho da Av. Maranhão com a Av. Joaquim Ribeiro.
Fonte: TERESINA, Prefeito 1971-1975 (Joel da Silva Ribeiro), 1974, s/p.

O primeiro empecilho à construção dessa via foi a presença de algumas casas comerciais dispostas, em parte, nesse percurso. Era uma zona de comércio importante e histórica, com estabelecimentos de grande porte, resultado do tempo áureo da navegação a vapor no rio Parnaíba. A desapropriação, além de ser um empreendimento bastante oneroso para prefeitura, também poderia causar problemas sérios àquela área que estava sendo valorizada. Então, o poder público municipal optou por uma saída que não causasse muitos transtornos para os comerciantes e para os cofres municipais. “Nós só vamos desapropriar o necessário, se precisar de cinco metros, nós desapropriamos cinco, e com o material da fachada, nós fazemos uma outra fachada igual, com o mesmo material, aproveitando porta e tudo.” Dessa maneira, conforme a descrição de Joel Ribeiro, “o comerciante vai ficar satisfeito porque continua trabalhando lá, sendo importunado por poucos dias, recebe a indenização pela frente e a casa um pouco reduzida nas suas dimensões.”²⁰⁶

²⁰⁶ RIBEIRO, 2006.

Pretendia-se também, por meio do embelezamento dessa via de tráfego, transformar essa área em um ponto de lazer da cidade, valorizando a região. Sua inauguração criou expectativa para a população que carecia de espaços reservados ao entretenimento.

A Avenida Maranhão, acompanhando o rio Parnaíba, será entregue ao tráfego. A Avenida terá trinta metros de largura e será toda asfaltada. [...]. Com essa nova avenida, grande parte do movimento de veículos e da vida noturna de Teresina deverá transferir-se para a margem do rio Parnaíba. Pelo clima mais agradável e pelo bonito aspecto do rio à noite, prever-se que bares, buates e restaurantes sejam transferidos para lá ou que novos estabelecimentos assim venha a instalar-se na Avenida Maranhão.²⁰⁷

Seguindo o traçado do anel viário, deu-se prosseguimento à Avenida Joaquim Ribeiro até a Avenida Miguel Rosa sul. Como essa área era quase inabitada, sendo composta por grandes quintas, não houve maiores problemas na desapropriação do terreno necessário à implantação dessa via de tráfego. Para que o anel viário fosse concluído, restava o último trecho e o mais complicado, a Avenida Miguel Rosa norte. Esse logradouro teve suas obras iniciadas no governo de Jofre do Rêgo Castelo Branco (1970), seguindo em uma pista até pouco depois da Estação Ferroviária; de lá em diante seguia o perímetro da estrada de ferro. No local havia uma infinidade de pequenos casebres de taipa que se estendiam em direção à Matinha, conhecidos por Favela Gogó da Ema. Para a abertura da Avenida Miguel Rosa norte foram realizadas cerca de cento e cinquenta desapropriações na área, no trecho compreendido entre as ruas Rui Barbosa e Jônatas Batista, onde a Av. Miguel Rosa era interligada à Av. Maranhão, concluindo, assim, o anel viário.

²⁰⁷ AVENIDA Maranhão pronta em um ano. *O Estado*, Teresina, ano 20, s/n, p. 1, 23 maio 1971.



Mapa 3: Planta parcial da cidade de Teresina – recorte do centro da cidade.
 Fonte: Plano de Desenvolvimento Local Integrado de Teresina, 1969, Anexo.

Além das vias mestras desse anel viário, outros trechos necessitavam de intervenções, como a área denominada de Barroirão, em uma zona conhecida por Palha de Arroz, por onde escoavam águas pluviais, o que criava problemas e, de certa forma, criava um aspecto ruim para a área. Por essa razão foi construída uma galeria e, sobre ela, a Avenida José dos Santos e Silva, melhorando o aspecto urbanístico do trecho. Dessa forma, pequenas intervenções foram realizadas, com reparos e desobstruções em algumas ruas, revestindo-as com asfalto, para que se desse prosseguimento ao fluxo do trânsito e se oferecesse uma imagem melhor da cidade. “Esse conjunto de avenidas, em um só ano, foi importante pra cidade porque embelezou todo o Centro, incorporou o rio Parnaíba à vida de Teresina.”²⁰⁸

As reformas empreendidas nos logradouros, bem como a desobstrução de alguns trechos, com a abertura de novas vias de tráfego, seguiu para a zona Norte, onde há muitos anos a população reclamava por intervenções. Um cronista anônimo lembrava o poder público dessa necessidade: “a respeito do embelezamento da cidade, não pode ficar sem um reparo o aspecto da Avenida Santos Dumont, via de acesso ao centro da cidade para quem desembarca no aeroporto.”²⁰⁹ A Avenida que ligava o centro ao aeroporto, também conhecida como Avenida Centenário, a qual contava apenas com um calçamento ruim de paralelepípedo, foi revestida com asfalto, melhorando substancialmente seu percurso. Ainda na zona Norte, foram asfaltadas as principais vias de ligação entre o bairro Poti Velho e o centro da cidade. Também foi construída a Avenida União, em uma única pista que se interligava à Av. Santos Dumont em direção ao bairro Buenos Aires, área de expansão da cidade. Pequenos trechos que complementavam o sistema viário da zona Norte passaram por intervenções, como as avenidas Magalhães Filho e a Alameda Parnaíba.

As intervenções no sistema viário seguiram em direção à zona Sul, iniciando-se pelo bairro Piçarra, com o asfaltamento e prolongamento da Avenida Higino Cunha, até esta cruzar com a avenida Leônidas Melo, interligando-a à avenida Goiás. Dando prosseguimento ao percurso, foi asfaltada a avenida Jacob Almendra, para receber a avenida Pinel, interligando, dessa forma, a zona Sul à zona Norte. Ainda na zona Sul outros trechos importantes foram construídos, como as avenidas São Raimundo e Lineu Araújo. Um outro trecho foi concluído com a interseção da avenida Nações Unidas à avenida Valter Alencar, no Monte Castelo, passando pela sede da TV Clube e chegando ao estádio Albertão com a Gil Martins. Todas essas intervenções facilitaram o escoamento do trânsito por oferecerem ao usuário uma

²⁰⁸ RIBEIRO, 2006.

²⁰⁹ POR QUE falam mal do Piauí. *O Estado*, Teresina, ano 20, s/n, p. 11, 06 jun. 1971.

infinidade de possibilidades, inclusive no ligamento de zonas distintas, sem passar necessariamente pelo centro da cidade.

Assim como a avenida Maranhão, que está situada às margens do rio Parnaíba, a construção da avenida Marechal Castelo Branco, à margem do rio Poti estava em consonância com as observações presentes no PDLI, ou seja, de que “a cidade de Teresina fundada às margens do rio Parnaíba e contornada pelo Poti, ao inverso de outras cidades ribeirinhas, desenvolveu-se, sem tirar partido paisagístico desses dois rios.”²¹⁰ Com a finalidade de aproveitar a margem do rio Poti, a Marechal foi construída, cortando o bairro Ilhotas de norte a sul e interligando à avenida Barão de Castelo Branco, que seguia ao encontro da avenida Higino Cunha, na zona sul da cidade.

Na zona Leste a intervenção foi mais delicada, pois se tratava de uma zona nobre da cidade, a qual estava em expansão com a construção do campus da Universidade Federal do Piauí. Foram quatro as vias principais dessa zona que receberam revestimento asfáltico e que foram prolongadas, seguindo o próprio crescimento espacial da cidade, sendo elas: a Avenida Jóquei, a Homero Castelo Branco, a Dom Severino e a Nossa Senhora de Fátima. Para a remodelagem dessa área foi contratada uma empresa, a Queiroz Galvão, pois o conjunto de obras era imensamente maior, e apenas o pessoal contratado pela Prefeitura era insuficiente, havendo ainda falta de máquinas específicas para tal empreendimento, já que a Prefeitura contava apenas com uma britadeira simples, caminhões e uma pequena usina de asfalto.

O prolongamento da Av. Nossa Senhora de Fátima em direção aos campus universitário esbarrava em um obstáculo, o prédio da Igreja Nossa Senhora de Fátima. Deste modo, para seguir o percurso em linha reta, foi necessária a demolição desse imóvel e a sua reconstrução em uma área próxima, além da indenização dos terrenos pertencentes à Igreja Católica, com recursos próprios da municipalidade, o que representou um grande custo financeiro, mas evitou maiores transtornos. O prefeito teve o apoio do Arcebispo Dom José Freire Falcão na conscientização da comunidade para a necessidade da remoção, sendo que o fato de o prédio ter sido construído há pouco tempo talvez também tenha contribuído para que houvesse menos conflitos.

Como podemos observar ao longo desse “passeio” pela obras que foram realizadas no sistema viário da capital na primeira metade da década de 1970, elas foram fundamentais para dotar a cidade de um sistema moderno e eficiente, e ao mesmo tempo proporcionou um embelezamento das principais vias de tráfego de Teresina. A imprensa expunha sua opinião a

²¹⁰ PLANO DE DESENVOLVIMENTO LOCAL INTEGRADO DE TERESINA (PDLI). 1969, p. 13.

respeito das intervenções que estavam sendo realizadas na cidade, deixando registrados, nos periódicos, os significados dessa mudança.

Não se pode negar ao engenheiro Joel Ribeiro o mérito de implantar um invejável sistema viário, que vem proporcionando o alargamento da cidade e a expansão de uma política habitacional executada por construtores particulares dentro de moderníssimas técnicas de edificação. As avenidas e ruas abertas em todos os quadrantes, da área urbana e da periferia, demonstraram que o jovem militar estava certo em concentrar esforços em num trabalho que abriria novas perspectivas de desenvolvimento para o município. O resultado disto é que Teresina cresceu, quase assustadoramente, para impressionar qualquer um que a conhecesse cinco anos atrás.²¹¹

Em pouco tempo, o conjunto dessas obras modificou substancialmente a imagem de Teresina, aliadas às demais obras que estavam sendo colocadas em prática em diversos pontos, passavam a sensação de que a cidade progredia e que se vivia em um verdadeiro canteiro de obras. A implantação do sistema viário veio não só melhorar o escoamento do tráfego urbano, mas direcionar o crescimento da cidade, ao passo que novas áreas foram valorizadas com a abertura ou asfaltamento de alguns logradouros. Essas obras seguiam as diretrizes estabelecidas no PDLI, porém o plano não versava sobre o processo de desapropriações necessárias para a abertura e o alargamento das avenidas, e nem trazia referências sobre os lugares para onde essas pessoas deveriam ser deslocadas, processo que ficou a cargo da municipalidade.

Para a implementação do sistema viário foi necessária uma série de desapropriações e indenizações aos proprietários que tiveram seus imóveis atingidos. O pagamento foi realizado de acordo com o valor de cada imóvel. Para habitações frágeis (de taipa, cobertas por palha) foram concedidos terrenos e materiais de construção da mesma qualidade das anteriores, sendo a cobertura de telha de alvenaria, para a edificação de novas residências no bairro Buenos Aires, na zona Norte da cidade; para as casas de alvenaria foram doados terrenos e uma quantia em dinheiro para a construção das casas também no mesmo bairro ou ainda era paga indenização no valor do imóvel desapropriado. A Prefeitura ainda ajudou no deslocamento das famílias e de seus pertences para o novo bairro.²¹²

²¹¹ ABRIR novos caminhos. *Correio do Povo*, Teresina, ano 2, n. 165, p. 6, 11 set. 1975.

²¹² TERESINA, Prefeito 1971-1975 (Joel da Silva Ribeiro). *Mensagem dirigida à Câmara Municipal de Teresina (1971)*. Teresina, 1972.

Ainda dentro das diretrizes de intervenção propostas no PDLI, a reforma da Praça Marechal Deodoro²¹³ teve um especial destaque. Essa foi uma obra levada a cabo pela municipalidade, a qual tinha como objetivo central oferecer à população uma área de lazer, sendo investidos cerca de um milhão de cruzeiro na construção de passeio público, que contava com calçada em lajota e em pedras portuguesas, gramado, asfalto, tanto interno como em seu perímetro, além dos gradis feitos pela Escola Técnica de Teresina. Estes foram colocados para dar uma maior segurança aos frequentadores em virtude dos constantes acidentes de trânsito, oferecendo-se um local de lazer tranquilo e livre dos transtornos e perigos do tráfego de veículos. Outro motivo da adoção dos gradis está relacionado ainda a uma política de controle de ambulantes no espaço interno da praça.

De certa forma, para edificação de tantas obras e diversas reformas que estavam ocorrendo na cidade, foi necessária uma quantidade bastante significativa de trabalhadores, de modo que o poder público, mediante a conjuntura vivenciada na primeira metade da década de 1970, ou seja, extremamente favorável a esse tipo de intervenção, foi o grande fomentador de empregos na cidade, sobretudo na construção civil, aproveitando boa parte da mão-de-obra excedente na capital. No entanto, a quantidade de pessoas que continuou a se deslocar para Teresina era imensamente maior, inclusive pela própria euforia provocada pela realização de tantas obras na cidade. Esse contingente populacional não encontrou ocupação no mercado de trabalho, agravando os problemas urbanos da capital, como o sistema habitacional.

Durante a segunda metade da década de 1970, o volume de obras de embelezamento da cidade, que contava, em boa medida, com recursos federais, foi bastante reduzido, tendo em vista que a política nacional passava por uma outra conjuntura, bem diferente da euforia vivenciada durante o “milagre econômico”. Os recursos federais direcionados ao Governo do Estado, durante esse período, eram destinados à política nacional centrada na construção de novos conjuntos habitacionais na cidade, financiados pelo Banco Nacional de Habitação. De forma semelhante, as remessas enviadas à Prefeitura Municipal de Teresina para implantação de reformas e construções para embelezar a cidade foram reduzidas. Os projetos de intervenções urbanísticas passaram a contar com receitas do próprio Município.

²¹³ Em 1852, após a construção do primeiro prédio público de Teresina, a Igreja de Nossa Senhora do Amparo, a sua frente foi demarcado o primeiro logradouro público: o Largo da Matriz. Em 1859, foi inaugurada uma coluna de mármore em homenagem ao fundador da cidade, Conselheiro Antônio Saraiva. Em 1866, passou a se chamar Praça da Constituição, permanecendo até 1889, quando foi mudada, por ato da Câmara Municipal, para Praça Marechal Deodoro da Fonseca, nome oficial que permanece até os dias atuais. Na administração do prefeito Lindolfo Monteiro, uma parte da praça foi transformada em um pequeno parque, cercado com arame, no qual se mantinham algumas espécies de animais silvestres, denominando-o de Parque da Bandeira. Com a reforma realizada em 1973, pelo prefeito Joel da Silva Ribeiro, o minizoológico foi desativado. PINHEIRO FILHO, Celso; CHAVES, Monsenhor. Histórico da Praça. *Jornal do Piauí*, Teresina, p. 9, 1/2 abr. 1973.

2.1.2 As administrações de Dirceu Mendes Arcoverde (1975-1978) e Raimundo Wall Ferraz (1975-1979)

De acordo com Ana Maria Bahiana,²¹⁴ a década de 1970 pode ser dividida claramente em duas, tanto no campo cultural, como no político e no econômico, compondo duas décadas distintas em uma. A primeira, de 1970 a 1974, estava ainda carregada do obscurantismo do Golpe de 1964, “vive-se a sombra do AI-5”, instaurado no governo Médici, tornando-se mais intensa a repressão. No campo econômico, os sonhos de transformar o Brasil em um país desenvolvido e industrializado ganha reforço com o chamado “milagre econômico brasileiro.” Acreditava-se que, com a integração nacional e com o estabelecimento da “ordem” interna, o país iria crescer, reduzindo as disparidades entre estados e regiões. Pela primeira vez, no país, a população urbana superou a rural.

A segunda década seria a “pré-estréia dos anos oitenta”, de 1975 a 1979, marcada pelo fim da linha dura, com a abertura política e a anistia. Com o governo de Ernesto Geisel (1974-1979) tem início o processo de redemocratização do país, de forma “lenta, gradual e segura”. Verifica-se a explosão de grupos culturais contidos no período da repressão, e movimentos ensaiam o retorno da participação popular, com a redistribuição do poder nas cidades. “É uma década de ruído”. Tem-se ainda a triste constatação de que o “milagre” foi localizado e gerou desigualdades extremas, separando mais ainda a minúscula parcela de ricos da imensa massa empobrecida.

Para a segunda metade da década de setenta, Dirceu Mendes Arcoverde²¹⁵ (1975-1978) e Raimundo Wall Ferraz²¹⁶ (1975-1979) foram indicados para administrar o Piauí e Teresina,

²¹⁴ BAHIANA, Ana Maria. *Almanaque anos 1970: lembranças e curiosidades de uma década muito doida*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

²¹⁵ Formou-se em Medicina na Faculdade Nacional de Medicina, no Rio de Janeiro, em 1949, lecionou no curso de Medicina da Universidade Federal do Piauí. Ocupou o cargo de Secretário de Saúde entre 1971-1975 e foi indicado pelos representantes do regime militar para ocupar o cargo de governador do Piauí (1975-1978), afastou-se do cargo para concorrer às eleições para o Senado Federal, obtendo êxito, Com o afastamento de Dirceu Arcoverde, em 14 de agosto de 1978, seu mandato foi concluído por Djalma Martins Veloso (15/08/1978-15/03/1979). Sua carreira foi interrompida em 19 de março de 1979, por um acidente cerebral vascular que o levou a morte, quando fazia um discurso na plenária do Senado. SANTOS, José Lopes dos. *Dirceu Arcoverde: missão cumprida*. Teresina: s/ed., 1982.

²¹⁶ Formou-se em Direito, Geografia e em História, lecionou na Universidade Federal do Piauí e no Instituto Antonino Freire, foi membro do Conselho Estadual de Educação. Iniciou sua vida política como vereador de Teresina entre 1954-1958, ocupou o cargo de vice-prefeito de Teresina, atuou como Secretário de Educação do Piauí entre 1971-1975, elegeu-se deputado federal em 1982, esteve à frente da Prefeitura de Teresina por três vezes, na primeira foi indicado pelos representantes do regime militar no Piauí (1975-1979), na segunda, por meio da primeira eleição após o fim do regime militar (1985-1988), e na terceira (1993-1995), não concluiu o quadriênio por conta de complicações após um acidente vascular cerebral que o levou a óbito. PREFEITURA

respectivamente. Os planos e projetos desses dirigentes estavam centrados na resolução de problemas estruturais que se apresentavam ainda mais complexos nesse período, como a questão do aumento considerável do desemprego e o conseqüente empobrecimento da maioria da população da capital. Em nível local, as políticas públicas estavam voltadas para a questão habitacional que podem ter sido desenvolvidas em virtude do aumento do número de favelas nos arredores do Centro da cidade. A imprensa denunciava diariamente a situação irregular daquelas moradias, bem como o incômodo da convivência de populações de áreas nobres com os favelados.

O *slogan* do governo de Dirceu Mendes Arcoverde era a política de “valorização do homem piauiense”. Conforme declarações do próprio gestor, essa política seria implementada por meio de programas de natureza humanitária. Nesse sentido, o governo lançou mão de uma série de programas voltados para oferecer uma melhoria dos serviços direcionados à população, sobretudo para os setores mais carentes. Dentre as intervenções realizadas destacavam-se a instalação de sistemas de saneamento, de abastecimento de água e de energia elétrica nos municípios, consubstanciada no Programa de Saneamento e Infraestrutura Básica (PLANASA), que assegurava os recursos para tal empreendimento.

Os convênios com o Governo federal asseguravam os recursos para a implementação de projetos que demandavam montantes maiores. O II Plano Nacional de Desenvolvimento (1975-1979) tinha como finalidade promover o desenvolvimento do sistema industrial e atenuar os desníveis regionais por meio da instalação de complexos industriais no Nordeste. Em nível local, o Piauí recebeu recursos destinados a proporcionar a instalação de infraestrutura nos sistemas de energia, saneamento e sistema viário, dado o incipiente processo de industrialização em que se encontrava.²¹⁷ A dependência de recursos federais ficou evidente no relatório de atividades do Executivo estadual referente às receitas de que dispôs no ano de 1977. “Apenas 16% da receita total do estado são oriundos de recursos próprios – basicamente o ICM – enquanto que 78% são representados por transferências e contribuições da União e, finalmente, 6% representados por empréstimos.”²¹⁸

Teresina, por ser capital do estado e não dispor de uma distribuição regular de serviços de abastecimento de água, foi beneficiada com a construção de uma moderna estação de tratamento de água, projetada para atender às necessidades a longo prazo, com a capacidade

MUNICIPAL DE TERESINA. *Wall Ferraz: o homem e o estadista*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1995.

²¹⁷ MENDES, 2003, p. 222.

²¹⁸ PIAUÍ, Governador 1975-1978 (Dirceu Mendes Arcoverde). *Mensagem apresentada à Assembléia Legislativa em 1978*. Teresina, 1978. p. 21.

para suprir até um milhão de habitantes. A rede de distribuição de água praticamente duplicou, com a implantação de 250 quilômetros, atingindo um total de 520 quilômetros no final da década de 1970.²¹⁹ Esses benefícios foram implantados inicialmente na zona leste, nos bairros de Fátima, Jóquei Clube e São Cristóvão, sendo que aos poucos, chegavam aos bairros mais carentes de Teresina, que compunham a periferia da cidade, como as zonas Sul e Norte.²²⁰



Foto 12: Novo sistema de abastecimento d'água de Teresina
Fonte: SANTOS, 1982, p. 59.

Tendo como objetivo “a valorização social do homem piauiense, com vista a torná-lo não apenas um beneficiário, mas também um agente do processo de desenvolvimento do nosso Estado”²²¹, foram construídos três Centros Sociais em Teresina, situados nos bairros Parque Piauí, Buenos Aires e Itararé. A construção desses centros comunitários viria a atender as necessidades básicas da população carente, pois eram oferecidos atendimento médico-hospitalar, tratamento odontológico, além de cursos profissionalizantes. O próprio representante do Executivo estadual esclarecia a finalidade desses centros: “A implantação desses Centros tem como escopo básico a organização e o desenvolvimento comunitário, bem

²¹⁹ PIAUÍ, Governador 1978-1979 (Djalma Martins Veloso). *Mensagem apresentada à Assembleia Legislativa em 1979*. Teresina, 1979. p. 6.

²²⁰ AGESPISA acelera a sua nova estação. *O Estado*, Teresina, ano 7, n. 1.198, p. 1, 27 nov. 1976.

²²¹ PIAUÍ, Governador 1975-1978 (Dirceu Mendes Arcoverde), 1978, p. 25.

como a promoção social da população de baixa renda residente em áreas carentes desses benefícios.”²²²

Durante a gestão de Dirceu Arcoverde, o governo foi dando uma atenção especial para a questão habitacional na capital. A política adotada seguia as diretrizes nacionais, ou seja, o reestabelecimento dos projetos de construção de conjuntos habitacionais realizados pela Companhia de Habitação do Brasil (COHAB-PI), que contava com recursos do Banco Nacional de Habitação. Além da construção de residências, foram liberados recursos para implantar infraestrutura urbana e serviços públicos nos conjuntos, como calçamento, praças, escolas, postos de saúde, sistemas de abastecimento de água e energia. Esses beneficiamentos urbanísticos foram instalados nos conjuntos já existentes que careciam desses equipamentos e também nos recém-criados. Essa política habitacional resultou na construção de 7.120 novas residências no Piauí, das quais 6.805 foram construídas na capital. A tabela abaixo traz a relação dos conjuntos e da quantidade de unidades instaladas:

TABELA 3: Número de unidades residenciais por conjunto habitacional

CONJUNTO HABITACIONAL	Nº DE UNIDADES
ITARARÉ	3.004
SACY	2.034
BELA VISTA	912
AMPLIAÇÃO DO PARQUE PIAUÍ	500
SÃO PEDRO II	109
PRIMAVERA	100
UNIÃO	80
SÃO PEDRO I	66

FONTE: SANTOS, 1982. p. 52.

Como podemos observar, os conjuntos habitacionais com maior número de unidades foram Itararé e Sacy. Este, localizando entre os bairros Vermelha e Parque Piauí, era voltado para um público mais seletivo, de classe média, e por esse motivo contava com residências um pouco maiores que as demais. Já o segundo, situado nas proximidades do Terminal de

²²² Idem, p. 26.

Petróleo de Teresina, era voltado para um público mais modesto, formado por moradores carentes que viviam em diversos pontos da cidade de forma irregular, sendo remanejados para a área. As residências construídas nesse local seguiam um padrão bem inferior em relação às demais construções que estavam sendo realizadas na cidade.²²³ De acordo com o discurso oficial, por se tratar de um conjunto destinado a pessoas de baixo poder aquisitivo, as residências deveriam ter seu custo reduzido para que os mutuários pudessem cumprir com os custos das prestações do imóvel.

A edificação desses conjuntos habitacionais visava solucionar o problema habitacional na cidade, atingindo moradores dos diversos segmentos sociais. Desse modo, a distribuição das residências deixou de ser por sorteio, como era anteriormente realizada e passou a ser feita por meio da análise socioeconômica dos candidatos. Dentre os critérios para seleção de mutuários das residências da COHAB-PI, estavam os seguintes: “composição familiar, rendimentos econômicos, situação atual de moradia, nível de emprego regular e grau de necessidade.”²²⁴ Nesse último critério era observado se o candidato residia em casa alugada, o que lhe dava prioridade em relação aos demais.

A política adotada pelo então governador, com a construção de conjuntos habitacionais, trazia incongruências entre o projeto e a realidade, não só na questão financeira. Ainda em 1969, os técnicos responsáveis pela elaboração do PDLI, já faziam ressalvas quanto ao projeto das habitações e a realidade socioeconômica de seus moradores.

O tipo de janelas, o tamanho dos cômodos, a localização do sanitário, o tamanho da cozinha e o valor das prestações das casas do Banco Nacional de Habitação, construídas em Teresina estão inadaptaadas aos costumes, valores e hábitos da população. [...] As cozinhas atuais foram projetadas para o uso de fogões a gás, o que não corresponde à realidade. Os moradores utilizam na sua maioria o fogo a lenha ou a carvão. Funcionando o cômodo do projeto original como depósito para guarda dos utensílios de cozinha. [...] Com relação ao funcionamento dos sanitários, nota-se uma reação pelo fato da porta do mesmo abrir para dentro da casa, próximo à sala. Alguns moradores invertem esta posição, enquanto outros usam-no como depósito, construindo

²²³ As residências construídas no Conjunto Itararé seguiam três plantas distintas: tipo A, com quarto, sala e banheiro, além de uma área coberta e sem paredes, que formava uma espécie de terraço; tipo B, com quarto, sala e banheiro; e tipo C, constituída de quarto e banheiro. Todas elas estavam situadas em um terreno de 10 x 20 metros, o que possibilitava ampliações posteriores. REIS, Eldan Soares dos. *A política Habitacional no Piauí e a construção do Itararé (1975-1982)*. Monografia. (Licenciatura Plena em História). Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2006. p. 49.

²²⁴ COHAB seleciona candidatos para os dois conjuntos. *O Estado*, Teresina, ano 7, n. 1041, p. 8, 22 maio 1976.

no fundo do lote um cercado onde satisfazem as suas necessidades fisiológicas.²²⁵

Notamos que as intervenções realizadas pelos dirigentes locais tinham um caráter disciplinador quanto à questão da utilização dos espaços da cidade, especialmente, aqueles destinados à construção de moradias. Com o processo de edificação de conjuntos habitacionais, pretendia-se normatizar o uso do solo urbano por meio da padronização das residências, porém não havia uma preocupação com as reais necessidades dos moradores. Os hábitos e principalmente as práticas desses habitantes guardavam muitas semelhanças com as atividades realizadas na zona rural, tendo em vista que boa parte das famílias ali residentes tinha origem ligada ao campo. No âmbito das relações cotidianas, as mudanças seguem outro ritmo, as transformações ocorrem mais lentamente, principalmente quando são impostas aos moradores.

Outras reclamações acerca da falta de planejamento e adequação dos conjuntos habitacionais à realidade local foram veiculadas na imprensa local.

Teresina, cidade cantada por Coelho Neto como ‘Cidade Verde’, mas os seus administradores permitem os loteamentos lançados desordenadamente, sem a preocupação com áreas verdes e determinação de logradouros públicos. Mesmo com o clima quente, as casas são construídas em áreas insuficientes, dificultando a arborização e incorrendo no mesmo erro dos velhos métodos.²²⁶

Em apenas poucos anos, após serem construídos, alguns desses conjuntos habitacionais já apresentava sérios problemas, como denuncia um periódico da cidade: “depois de visitar algumas áreas da zona sul da cidade, constatamos a presença de casas com estéticas deformadas e sem saneamento algum, ruas esburacadas. [...] Os conjuntos residenciais de Teresina estão se transformando em favelas.”²²⁷ Outro problema relacionado aos conjuntos

²²⁵ PLANO DE DESENVOLVIMENTO LOCAL INTEGRADO DE TERESINA (PDLI), 1969, p.49.

²²⁶ CORREÇÃO que se impõem. *Correio do Povo*, Teresina, ano 2, n. 199, p. 1, 17 dez. 1975.

²²⁷ CONJUNTOS residenciais estão virando favelas. *O Estado*, Teresina, s/ano, n. 807, p. 1, 24 jul. 1975.

habitacionais eram as constantes ordens de despejos, uma vez que os mutuários não conseguiam manter em dia as prestações da residência.²²⁸

A construção desses novos espaços reservados para assentar moradia aos diversos segmentos sociais modificaram substancialmente a feição da cidade, que se expandiu para várias direções. Dentro desse processo de espacialização da cidade, com a construção e valorização de novas áreas, um projeto de descentralização das atividades oferecidas no centro foi adotado. A construção do Centro Administrativo, após a realização do prolongamento da Av. Maranhão, seguia essa proposta. No entendimento do gestor público estadual, esse novo espaço “não apenas beneficiará o processo administrativo, mas igualmente dará a Teresina outra grande área verde, saneada e com parques e jardins e assim desviará do centro comercial expressivo fluxos de pessoas e veículos.”²²⁹ De maneira semelhante seguiu o projeto de instalação do Centro de Convenções, situado na avenida Marechal Castelo Branco, com um projeto arquitetônico realizado por profissionais piauienses, prevendo modernas instalações com um amplo auditório.

As demais construções realizadas na cidade sob a intervenção do Governo do estado buscavam oferecer espaços mais estruturados, atingindo os campos da saúde, da segurança pública e do lazer. Nesse sentido, a edificação do complexo composto pelo Quartel do Comando Geral e pelo o Hospital da Polícia Militar seguia as diretrizes desse projeto, assim como a reforma realizada no Quartel do Corpo de Bombeiros, que também recebeu equipamentos novos. Dando prosseguimento a essa proposta de oferecer à população residente na capital um ambiente com maior segurança, foi desativada a antiga Penitenciária da Praça Campo de Marte, situada entre o centro da cidade e o bairro Matinha, que trazia sérios problemas aos moradores dessa área, após a construção da Penitenciária Agro-industrial Major César de Oliveira, situada a vinte e quatro quilômetros de Teresina. A qual trazia um projeto inovador para o sistema prisional.

A Penitenciária Major César Oliveira dispõe de todos os requisitos modernos para dar ao preso vida saudável, ponto de partida para sua recuperação. Dispondo de mais de 20 blocos, conta com hospital, capela e auditório, quadras de esporte, campos de cultura, refeitório com cozinha dietética, celas individuais e coletivas, salas de aula, parlatório para que os presos recebam suas famílias e até possam, se for o caso, manter relações íntimas em

²²⁸ TREZENTAS famílias serão despejadas no Parque Piauí. *O Estado*, Teresina, s/ano, n. 735, p. 1, 10 abr. 1975. COHAB ameaça famílias de despejo. *O Dia*, Teresina, ano 24, n. 4303, p.1, 12 set. 1975. AS FALHAS do sistema habitacional. *O Dia*, Teresina, ano 25, n. 4485, p.13, 18 maio 1976.

²²⁹ PIAUÍ, Governador 1975-1978 (Dirceu Mendes Arcoverde), 1978, p. 25.

ambiente privado. Os presos mantêm uma horta da qual retiram verduras para o consumo próprio e alguns fazem trabalhos de artesanato.²³⁰

Com o intuito de extirpar da paisagem urbana a memória em torno da antiga penitenciária e dos problemas a ela relacionados, além de oferecer mais espaços de lazer para a população, foi construído no local o ginásio de esportes Dirceu Mendes Arcoverde, o “Verdão”. A nova casa de esporte tinha um projeto moderno, sendo completamente coberta e com capacidade para receber dez mil pessoas. Apesar da quantidade de obras que estava sendo realizada pelo governo do Estado na capital, velhas reclamações reapareciam na imprensa local, como a reforma da Praça Saraiva.

Enquanto o governo do estado e a Prefeitura procuram melhorar alguns pontos urbanísticos da cidade, vários outros permanecem esquecidos. Na praça Saraiva, bem no centro de Teresina um burro pastava tranquilamente, alimentando-se do farto capim existente no local. [...] Isso vem acontecendo na Praça Saraiva, considerada para muitos como abandonada pelos órgãos públicos. Mas para as pessoas que conhecem Teresina, a Praça Saraiva é bastante comentada, pois ali chegam pessoas de todos os lugares. É o ponto de entrada e saída de ônibus.²³¹

Atendendo às recorrentes reivindicações, o Executivo estadual, em parceria com a Prefeitura Municipal de Teresina, deu prosseguimento às obras de reforma da Praça Saraiva. O projeto seguia o padrão das demais intervenções que haviam sido realizadas em logradouros desse tipo também situados no centro da cidade, ou seja, com a implantação de passeio com pedras portuguesas e uma iluminação especial para preservar a riqueza natural composta por um bosque com uma grande variedade de espécies, não sendo implantadas fontes, como em outras praças. Antes da conclusão das obras da nova rodoviária, situada na zona Sul, o ponto de ônibus interurbano ficava na região da Lucaia, onde hoje funciona um prédio da Prefeitura Municipal, STRANS, mas, finalmente, a Praça Saraiva deixou de funcionar como terminal de ônibus intermunicipais, o que modificou consubstancialmente sua paisagem.

²³⁰ SANTOS, 1982, p. 169.

²³¹ PRAÇA Saraiva vira pasto de animais. *A Tribuna*, Teresina, ano 1, n. 120, p. 3, 9 jul. 1975.



Foto 13: Praça Saraiva após reforma realizada em 1977.
Fonte: SANTOS, 1982, p. 59.

A cidade ganhou outro importante e moderno logradouro, a Praça-Monumento Da Costa e Silva, com projeto arquitetônico de Acácio Gil Borsóí, e paisagístico de Burle Marx. Situada na Avenida Maranhão, era “o mais belo cartão de visita de Teresina.”²³² Essa nova construção tinha por finalidade melhorar o aspecto urbanístico da área, uma vez que, com a construção da galeria pluvial da Avenida José dos Santos e Silva, que retirou a zona de baixo meretrício, denominada de Palha de Arroz, procurou-se, com a execução daquela obra, evitar que a área fosse novamente ocupada por esse segmento social. A praça homenageava um importante escritor piauiense e teve suas obras realizadas em apenas sessenta dias pela Construtora Loreval Parente, por conta do aniversário da cidade, 16 de agosto de 1977, data em que foi inaugurada.

²³² TERESINA ganha moderna praça. *O Estado*, Teresina, ano 8, n. 1.376, p. 15, 16 ago. 1977.



Foto 14: Praça-Monumento Da Costa e Silva.
Fonte: Jornal *O Estado*, Teresina, 16 ago.1977, p. 15.

Finalizando o conjunto de obras realizadas durante o quadriênio em que Dirceu Mendes Arcorverde esteve à frente do governo do estado, as quais beneficiaram a capital do Piauí, estão a sede da Companhia de Distritos Industriais (CODIPI) e as Centrais de Abastecimento do Piauí (CEASA), sendo esta última há muito tempo reclamada pelos moradores de Teresina, pois, mesmo com o aumento considerável da população, ainda não se dispunha de uma central de abastecimento, que oferecesse aos comerciantes locais produtos como frutas, verduras e cereais em grande quantidade.

Ao assumir a municipalidade, Raimundo Wall Ferraz (1975-1979) levanta como uma de suas metas de administração a realização de uma “campanha de desfavelamento” na capital. Os jornais que circulavam no estado estampavam matéria como a seguir em suas primeiras capas:



Foto 15: A política de “desfavelamento de Teresina”.

Fonte: Jornal *Correio do Povo*, Teresina, 14 abr. 1975, p.1.

De acordo com um periódico, “a Prefeitura pretende combater a proliferação das favelas, que estão surgindo desordenadamente em locais públicos, no meio de ruas e avenidas, e até mesmo em terrenos particulares, sem muros ou cercas.”²³³ A medida visava, principalmente, melhorar o aspecto urbanístico de Teresina, ao tempo em que possibilitaria a ampliação ou até mesmo a abertura de novas vias de tráfego, política que tinha sido iniciada ainda na primeira metade da década de 1970, e, conseqüentemente, atenuar os problemas habitacionais.

O desfavelamento de Teresina é um arrojado programa do Prefeito Raimundo Wall Ferraz, visando a oferecer melhores condições de vida a milhares de teresinenses. [...] a área a ser destinada aos favelados para a construção de suas moradias será devidamente urbanizada e saneada pela Prefeitura. [...] O projeto beneficiará cerca de três mil famílias que hoje vivem em condições subhumana devendo oferecer uma existência mais condigna a essas famílias. Dentre as providências anunciadas, a Prefeitura está assegurando ajuda necessária no transporte e na construção de novas moradias e as famílias receberam os terrenos gratuitamente.²³⁴

²³³ FAVELADOS vão para o Buenos Aires. *O Dia*, Teresina, ano 24, n. 4177, p. 2, 11 abr. 1975.

²³⁴ PREFEITURA humaniza desfavelando a cidade. *Correio do Povo*, Teresina, ano 2, n. 78, p. 1, 21 abr. 1975.

Entidades como o Serviço Social do Município (SERSOM) e a Comissão de Aforamento (COMAFOR) foram criadas com o objetivo de assegurar a regularização de terrenos foreiros do município e destiná-los às classes sociais menos favorecidas. Cabia ao SERSOM mediar a implementação da Campanha de Desfavelamento por meio do levantamento e identificação de áreas de litígio, como as relacionadas à abertura de ruas e avenidas, realizando o cadastramento das famílias envolvidas e cuidando do processo de transferência e remoção propriamente dita, que poderia ser para outra área da capital ou, caso a família preferisse, com uma ajuda de custo para que pudessem voltar para sua cidade natal.

À frente da direção da COMAFOR estava Renato Arariboia Bacelar, sendo o órgão responsável pela alocação de famílias que viviam de forma irregular em terrenos baldios, nas margens de rios ou debaixo de pontes, realizando a distribuição de títulos de aforamento. Ao término da gestão de Wall Ferraz foram expedidos 3.200 títulos de aforamento, cuja maioria estava localizadas na zona Norte, atendendo a um total de 1.874 famílias, nessa área.²³⁵ A política de aforamento também atendeu às famílias que residiam em determinadas áreas há mais de vinte anos, mas que não possuíam o título do terreno.²³⁶ A medida tinha por finalidade legalizar a situação de moradores já residentes há algum tempo, evitando os transtornos provocados por um processo de desapropriação dessas famílias. Conforme o representante do Executivo municipal,

A política de aforamento, embora guarde conexões com o planejamento físico-territorial, está intimamente ligada à problemática social da cidade, sendo a destinação prioritária dos terrenos foreiros municipais às classes sociais menos favorecidas. No exercício de 1976, a Comissão de Aforamento deu maior destaque à ampliação de loteamentos criados pela municipalidade atingindo áreas do Buenos Aires e Água Mineral, alcançando também resultados nos bairros Matadouro e Monte Castelo, onde situações pendentes de regularização de posses demandavam há mais de dois decênios.²³⁷

Essa política visava acabar com os focos de favela de uma forma “mais humanitária”, no dizer do próprio gestor municipal, dava uma nova conotação às intervenções públicas no espaço urbano da capital, distante das formas de desapropriação que lançavam mão da força pública e da violência para realizá-las, tão comuns em momentos ditatoriais. Tentava-se com essa medida passar a imagem de um governo voltado para as causas sociais e preocupado com

²³⁵ TERESINA, Prefeito 1975-1979 (Raimundo Wall Ferraz). *Relatório de Atividades (1976)*. Teresina, 1977. p. 52.

²³⁶ PREFEITO promete cinco mil títulos de aforamento. *A Tribuna*, Teresina, ano 1, n. 65, p. 3, 3 maio 1975.

²³⁷ TERESINA, Prefeito 1975-1979 (Raimundo Wall Ferraz), 1977, p. 59.

o bem estar de seus cidadãos. Isso fazia parte do próprio contexto político nacional de abertura que o país vivenciava, notadamente com a extinção do Ato Institucional nº 5, o AI-5, no final da década de 1970, com o processo de anistia e o retorno de inúmeras pessoas do exílio político. Os primeiros passos eram dados em direção ao retorno da democracia.

Entretanto, apesar dos esforços empreendidos com a Política de Aforamento, o problema habitacional ainda persistia na capital. O próprio Wall Ferraz reconhecia que a situação não havia sido solucionada, pois, conforme o gestor, “embora dispondo de casa própria e sem se constituírem em favelas, vastos segmentos populares de baixa renda tem minimizado os problemas habitacionais, mas sem a observância de preceitos elementares de segurança, salubridade e comodidade.”²³⁸ A política que tinha como *slogan* “Desfavelizar Teresina” não conseguia atingir seus objetivos, pois era necessário um programa intenso de urbanização que seguisse a Política de Aforamento e, dessa forma, proporcionasse aos bairros a implantação de uma infraestrutura adequada.

As atividades de planejamento urbano voltadas para o controle e a orientação do crescimento das cidades, evitando sua expansão desordenada, se tornaram prioridades em nível nacional, com a criação de dois órgãos para atuar nesse setor: a Comissão Nacional de Política Urbana (CNPUR), com intervenção nas regiões metropolitanas e nas capitais dos estados, e a Empresa de Transportes Urbanos (EBTU). Esses novos órgãos passavam a atuar conjuntamente aos já existentes, como o Fundo Nacional de Desenvolvimento Urbano (FNDU) e o II Plano Nacional de Desenvolvimento (1975-1979).²³⁹ A criação desses organismos voltados para o planejamento urbano estava associada à rapidez com que vinha ocorrendo o aumento da população urbana no país e à conseqüente necessidade de um melhor aparelhamento das cidades, dotando-as de uma infraestrutura que atendessem adequadamente a esse contingente populacional, como um sistema de transporte moderno, sistemas de abastecimento de água e energia, bem como melhores condições de habitabilidade.

Esse projeto estrutural demandava tempo e recursos para ser executado, sendo que, nesse sentido, o gestor público municipal atuou, inicialmente, com a implantação de medidas paliativas na questão urbanística da cidade. Tendo como objetivo melhorar os aspectos estruturais das residências dos moradores da periferia, foi criado um programa especial de urbanização, o Programa de Melhoria das Condições Habitacionais (1975-1976), que tinha por finalidade distribuir material de construção, como telhas, tijolos, enchimentos, caibros, barro, areia, dentre outros, que propiciassem o melhoramento das condições de habitação de

²³⁸ TERESINA, Prefeito 1975-1979 (Raimundo Wall Ferraz), 1977, p. 60.

²³⁹ DESENVOLVIMENTO urbano. *Correio do Povo*, Teresina, ano 2, n. 172, p. 3, 21/22 set. 1975.

famílias de baixa renda. O levantamento e o cadastro das famílias que deveriam ser incluídas nesse programa foram realizados pelo Serviço Social dos Servidores do Município (SERSOM). Na tabela a seguir estão relacionadas a quantidade de tijolos e a forma de distribuição.

TABELA 4: Programa de melhoria das condições habitacionais (1975-1976)

DISTRIBUIÇÃO DE TIJOLOS	Nº MILHARES		% ACRÉSCIMO
	1975	1976	
FINANCIADOS (SERSOM)	-	32.000	1975/1976
PAGAMENTO DE IDENIZAÇÕES	-	292.750	100%
DOAÇÕES PESSOAIS	13.000	57.000	442,30
DOAÇÕES PARA ENTIDADES	10.000	74.000	744,90
PREFEITURA DE TERESINA	6.650	101.700	1.529,32
PREFEITURA DE TERESINA	29.650	558.440	-

FONTE: TERESINA, Prefeito 1975-1979 (Raimundo Wall Ferraz), 1977, p. 61.

A proposta desse programa de melhoramento das condições habitacionais, foi instituída a Campanha da Telha, cujo fim era eliminar as coberturas de palha das residências. A Prefeitura instalou uma olaria no bairro Buenos Aires, onde seriam construídas as telhas e repassadas, a preço de custo e a longo prazo, inicialmente, aos servidores municipais que residiam no bairro. Posteriormente a medida previa atingir os moradores que haviam sido remanejados para o bairro pela política de aforamento.²⁴⁰

Dentre dessa política de urbanização realizada nos dois primeiros anos de administração, a Prefeitura efetivou a construção do segundo anel viário da cidade, com obras de prolongamento e construção de novas vias de tráfego. Tais obras foram iniciadas na zona Sul, com o prolongamento e duplicação das avenidas Gil Martins, Pedro Freitas e Odilon Araújo, interligando o trecho da Av. Barão de Castelo Branco à Av. Valter Alencar. Dessa forma, interligavam entre si e ao restante da capital os bairros Tabuleta, São Pedro, Pio XII, Macaúba, Cidade Nova, Três Andares e Catarina.

²⁴⁰ PREFEITURA financiará casas telhas para cobrir casas de palha. *A Tribuna*, Teresina, ano 1, n. 143, p. 2, 6 ago. 1975.

Na zona Norte, uma importante via de tráfego foi aberta, a Av. Duque de Caxias, entre a Av. União e a Alameda Parnaíba, que dava acesso aos bairros Buenos Aires e Água Mineral, interligando-os à zona Leste pela ponte Petrônio Portela, que estava em construção, e à zona Sul, pela Av. Marechal Castelo Branco. O conjunto dessas avenidas ligando a zona Norte à Sul ficou conhecido por Perimental. O projeto da Av. Duque de Caxias trazia a implantação de uma ciclovia, a primeira de Teresina, que se deu em decorrência da grande quantidade de bicicletas existente na capital e de observações feitas pelos técnicos do PDLI: “as condições topográficas favorecem o uso desse meio de transporte”.²⁴¹ Para dar prosseguimento à implantação desse sistema viário foi realizada uma série de desapropriações, com a retirada de 457 famílias, atingindo quase duas mil pessoas.²⁴²

Na zona, Leste foi dado prosseguimento às obras de duplicação da Avenida João XXIII, no bairro São Cristóvão, sendo que, por situar-se em uma BR, as obras foram realizadas com um convênio entre a Prefeitura e o Departamento Nacional de Estradas e Rodagens. A realização dessa obra tinha uma dupla finalidade: melhorar o escoamento do trânsito na área e dar um melhor aspecto à área, que era uma das portas de acesso à capital. Para a implantação das obras de alargamento dessa via de tráfego foi necessária a retirada de alguns moradores que viviam de forma irregular nas proximidades da avenida.²⁴³

Outra medida de intervenção adotada pela municipalidade nesse tipo de logradouro foi a retirada de bancas situada no leito das principais avenidas da cidade, como a Frei Serafim, Miguel Rosa, Barão de Gurgueia e Maranhão. “Por serem consideradas como anti-higiênicas e enfeiam as principais avenidas da cidade”²⁴⁴, essas bancas de vender alimentos foram transferidas para o Mercado Central, onde passaram a funcionar por meio de alvará expedido pela Divisão de Fiscalização Sanitária da Fundação Municipal de Saúde.

Nos primeiros anos da administração de Wall Ferraz, foi dada continuidade aos projetos de intervenção que vinham ocorrendo na cidade, como a ampliação do sistema viário e o prosseguimento de reformas em praças situadas no centro da cidade, com a conclusão das obras da Praça Pedro II, iniciadas no quadriênio anterior com recursos do governo do Estado. Previa-se a “modificação dos canteiros da parte superior e de dois tanques centrais além de

²⁴¹ PLANO DE DESENVOLVIMENTO LOCAL INTEGRADO DE TERESINA (PDLI), 1969, p. 30.

²⁴² Das quais foram remanejadas 158 famílias do bairro Água Mineral, 67 do São Pedro, 18 no Monte Castelo, 14 do bairro Tabuleta, 104 famílias da avenida Gil Martins, 44 da avenida Pedro Freitas e 52 de ruas diversas. TERESINA, Prefeito 1975-1979 (Raimundo Wall Ferraz), 1977, p. 58.

²⁴³ COMEÇA alargamento da João XXIII no balão do São Cristóvão. *O Estado*, Teresina, ano 7, n. 1.215, p. 1, 19 dez. 1976.

²⁴⁴ BANCAS não poderão ficar nas avenidas. *O Estado*, Teresina, ano 9, n. 1.648, p. 1, 21 jul. 1978.

implantação de piso com pedras portuguesas.”²⁴⁵ Uma das medidas trouxe polêmica e comoção entre alguns membros da sociedade e foi largamente veiculada na imprensa local. “A fonte da Praça São Benedito²⁴⁶ será destruída e aterrada, porque se encontra paralisada, com o tanque rachado e sem as mínimas possibilidades técnicas de ser recuperada, devido o precário material com que foi construída.”²⁴⁷ Construída em 1966, durante a administração do Prefeito Hugo Basto, a fonte luminosa fazia parte de um projeto de embelezamento da cidade, e sua inauguração fora motivo de festa popular para os cidadãos que se dirigiram para ver o espetáculo de luz e jatos d’água.

A fonte, na realidade, compunha-se de um imenso fosso azulejado medindo em torno de dez metros por vinte de comprimento com uma profundidade de dez metros e meio aproximadamente, circundados por uma grade protetora e um mecanismo nunca visto no nordeste do Brasil. Instalada no canto esquerdo da Praça da Liberdade próximo ao prédio da Escola Técnica Federal do Piauí. Esta maravilhosa engrenagem nos propiciava ao entardecer um espetáculo composto de feixes de luz de várias matizes que em contraste com as águas dançavam ao som dos mais variados estilos musicais, sobretudo o clássico. O maestro deste show aquático luminoso ficava posicionado em um fosso auxiliar tendo às mãos um pick-up e o controle daquela parafernália.²⁴⁸

No período da reforma a fonte já se encontrava desativada, mesmo assim, a população reagia de forma contrária a sua retirada. Reformas realizadas na cidade sem a consulta à população causam reação pelo sentimento de perda e sensação de desterritorialização com a mudança. O cronista Abel Lima de Santana Filho, mesmo transcorridos cerca de vinte e cinco anos após a reforma da Praça São Benedito e a consequente retirada da fonte luminosa, ainda se ressentia da mudança. Nem todos os moradores da cidade viam a série de reformas que estavam sendo realizadas na cidade de forma positiva. Para Abel Lima, “impuseram regras, ditaram ordens, [...] sem nenhuma consulta foram mudando a tua face. Para mim o progresso tornou-se noite, escura e desconhecida; alargueceram tuas medidas, entorpeceram-te de vaidade, encheram-te de filhos alheios a tua história.”²⁴⁹

O projeto de urbanização chegava aos conjuntos habitacionais e áreas periféricas da cidade, inicialmente com a pavimentação poliédrica de ruas e avenidas de bairros como o

²⁴⁵ PRAÇA Pedro II terá piso com pedras portuguesas. *A Tribuna*, Teresina, ano 1, n. 71, p. 3, 10 maio 1975.

²⁴⁶ Trata-se da Praça da Liberdade, situada a redor da igreja São Benedito, no centro da cidade.

²⁴⁷ PRAÇA Pedro II terá piso com pedras portuguesas. *A Tribuna*, Teresina, ano 1, n. 71, p. 3, 10 maio 1975.

²⁴⁸ SANTANA FILHO, Abel Lima de. A fonte luminosa. *O Dia*, Teresina, ano 40, n. 9.618, p. 11, 28 maio 1991.

²⁴⁹ SANTANA FILHO, Abel Lima de. Canto a Teresina III. *O Dia*, Teresina, ano 57, n. 15.420, p. 13, 26 fev. 2008.

Parque Piauí, Bela Vista, Redenção, São Pedro e Cristo Rei, rumando em seguida, para a zona Norte.²⁵⁰ Projetos de saneamento básico, com a instalação de chafarizes e uma rede regular de abastecimento de água e energia elétrica, oferecendo iluminação pública, bem como outros serviços urbanos de saúde e educação estavam sendo implantados. Entretanto, problemas mais complexos, como o zoneamento urbano, continuavam a desafiar os dirigentes locais a decisões que viessem resolver o problema.

O PDLI, elaborado em 1969, foi em parte baseado no Censo de 1960, tendo como objetivo estabelecer um plano estrutural que ordenasse o crescimento da capital, mas não conseguia mais cumprir com essa finalidade, necessitando de uma avaliação, revisão e atualização. Talvez o referido plano tenha sido deixado de lado nas administrações subsequentes por não atender às demandas urbanísticas de então, só tendo saído do papel a fase inicial do sistema viário, referido anteriormente. Dessa forma, com o intuito de dotar a cidade de uma legislação voltada para o disciplinamento do uso do solo urbano, um novo planejamento foi elaborado. Por meio de um intercâmbio entre a SUDENE e o IPAM (Instituto de Planejamento Urbano e Administração Municipal), com o apoio do Governo do Estado, que intentava realizar “estudos para atualização do plano diretor de Teresina [PDLI] e a elaboração do plano diretor da organização do espaço urbano da capital”²⁵¹, este projeto resultou no Primeiro Plano Estrutural de Teresina (I PET), criado em 1977.

Este plano diferenciava-se do PDLI quanto à elaboração e à metodologia, sendo que, em decorrência da limitação de recursos disponíveis pela municipalidade, optou-se pela utilização de técnicas mais simplificadas, que fossem de emprego rápido e objetivo. O I PET também contou com reduzida equipe técnica e auxiliares encarregados da sua elaboração. Os estudos se restringiam ao sítio urbano de Teresina, com propostas a serem implementadas até o ano de 1985. Tratando das linhas gerais do crescimento da cidade, “este Plano deve ser considerado como orientador, em grandes diretrizes, do crescimento urbano da cidade de Teresina, ao mesmo tempo em que apresenta algumas proposições de caráter mais setorial que merecem um estudo mais aprofundado.”²⁵²

O I PET está organizado em três partes: a primeira refere-se à avaliação do PDLI, na qual são feitas críticas gerais quanto à metodologia utilizada no levantamento de dados e seus possíveis desvios da realidade, além de enumerar pontos considerados ultrapassados no plano;

²⁵⁰ AS OBRAS de calçamento não param: em cada bairro a Prefeitura deixa um benefício. *O Estado*, Teresina, ano 7, n. 1.114, p. 17, 15/16 ago. 1976. PREFEITO anuncia mais calçamento na cidade. *O Estado*, Teresina, ano 7, n. 1.118, p. 10, 21 ago. 1976.

²⁵¹ PLANO Diretor. *O Dia*, Teresina, ano 25, n. 4.548, p. 13, 30 jul. 1976.

²⁵² PLANO ESTRUTURAL DE TERESINA (I PET). Fernando Couto de Castelo Branco (Coord.). v.1. 1977. p. 10.

a segunda apresenta um sucinto diagnóstico da realidade local, que abrange os aspectos físico-territoriais e socioeconômicos, sendo apresentadas as deficiências constatadas. Por fim, traz um plano de ação, com propostas para a solução dos problemas identificados. Essas estratégias de intervenção foram elaboradas tendo como base o Orçamento Plurianual de Investimentos da Prefeitura Municipal de Teresina para o triênio de 1977 a 1979.²⁵³

Para a identificação dos problemas da cidade, em termos de infraestrutura física e social houve a participação de líderes comunitários dos diversos bairros da cidade. Constatou-se um elevado grau de dependência dos bairros em relação à oferta e demanda de serviços urbanos do centro da cidade, sobretudo, de serviços e equipamentos de saúde e educação. Entre os principais problemas enfrentados pela população estavam: a precariedade dos transportes urbanos, a quase inexistência de estabelecimentos de ensino e de saúde, carência de áreas reservados ao lazer e recreação e as dificuldades de abastecimento alimentar e de comunicação. De acordo com os técnicos responsáveis pelo I PET, “os equipamentos e serviços analisados concentram-se no Centro, diminuindo à medida que se consideram as áreas mais periféricas.”²⁵⁴

Os projetos consubstanciados no Plano de Ação foram relacionados segundo uma estratégia de prioridades em que foram considerados os critérios de abrangência, urgência e viabilidade. No setor de abastecimento, as intervenções deveriam “[...] proporcionar condições para que a população adquira gêneros alimentícios de boa qualidade e a preços acessíveis, dentro dos padrões mínimos de higiene e organização exigidos.”²⁵⁵ Nesse sentido, propunha a renovação das edificações e instalações dos mercados situados nos bairros, além da construção de um mercado público na zona Norte da cidade, nas proximidades da Avenida Duque de Caxias. Esse mercado viria a atender à população de onze bairros, dentre eles o Água Mineral e o Buenos Aires, e, ao mesmo tempo, iria retirar a sobrecarga dos mercados Mafuá e Central, além de melhorar as condições de abastecimentos desses moradores que utilizavam um sistema de transporte deficiente quantitativa e qualitativamente.

No campo da educação e cultura previa-se a instalação de novas unidades de ensino em pontos diversos da cidade e a realizações de reformas, como a construção de muros e instalação de banheiros com fossas sépticas cujo objetivo era oferecer um ambiente seguro e higiênico nos estabelecimentos já existentes, além de aquisição de novos equipamentos. Visando “proporcionar às populações dos bairros locais adequados para reuniões, lazer,

²⁵³ PLANO ESTRUTURAL DE TERESINA (I PET). Fernando Couto de Castelo Branco (Coord.). v.2. 1977.

²⁵⁴ PLANO ESTRUTURAL DE TERESINA (I PET), v.2, 1977, p. 11.

²⁵⁵ Idem, p.17.

passeios e outras diversões, compatíveis com sua necessidade,²⁵⁶ foram propostas a construção de praças, bem como a reforma e a conservação das já existentes, por meio de sistemas regulares de iluminação, arborização e limpeza desses logradouros.

Em relação às medidas voltadas para o sistema de saneamento, o plano estabelecia a colocação de caixas coletoras de lixo, a implantação de serviços de coleta de resíduos domiciliar e realização de limpeza pública, com a remoção de entulhos das vias de tráfego e de terrenos baldios nos diversos bairros da capital. Buscava-se assegurar à população de baixa renda condições de abastecimento de água tratada por meio da recuperação e higienização dos chafarizes existentes, bem como fazer a manutenção dos sistemas de bombeamento, de modo a proporcionar um funcionamento regular do sistema. Viabilizar a expansão da rede de distribuição de água canalizada para o interior de bairros, como o Água Mineral, na zona Norte, e reivindicar junto à AGESPISA a regularização do horário de fornecimento de água nos bairros Catarina, Cabral e Cidade Nova, na zona Sul, também eram objetivos do I PET.

Quanto ao sistema de saúde, o plano trazia como proposta instalar nos centros sociais dos bairros equipamentos médico/odontológicos e providenciar o aumento do pessoal, com o objetivo de melhorar o nível de atendimento dos Postos de Saúde. Visava ainda realizar campanhas de conscientização da população dos bairros mais carentes no tocante à utilização de fossas sépticas, possibilitando à população de baixa renda, por meio de financiamento e/ou doação, as instalações adequadas, que viessem a reduzir as ocorrências de doenças infecto-contagiosas, promovendo campanhas de esclarecimentos quanto às normas de higiene e distribuição gratuita de medicamentos junto à população carente.

No sistema habitacional procurou-se dar prosseguimento à política de aforamento de terrenos da municipalidade, com a tomada de providências que agilizassem a concessão de títulos à população que não dispunha de moradia fixa. Na questão urbanística, previa-se que a Empresa Teresinense de Desenvolvimento Urbano (ETURB) interviesse na conservação do leito de ruas e avenidas e pontes, assegurando condições permanentes de tráfego de pedestres e de veículos motorizados, com a regularização dos leitos das ruas por meio da construção de passeios, meio-fios, guias e sarjetas. Também se providenciava a desobstrução e a pavimentação de vias de tráfegos importantes, não só nas regiões centrais, como também nas principais vias de ligações aos bairros de Teresina.

²⁵⁶ Idem, p. 42.

As intervenções propostas no I PET estavam voltadas para atender aos problemas dos bairros mais carentes da capital, diferentemente dos demais planos elaborados para Teresina, que davam prioridade às áreas centrais, dotando-as de reformas de grande envergadura.

Finalizando essas propostas de intervenções urbanísticas para a cidade de Teresina estabelecidas no I PET, estava o Projeto de Lei de Uso e Ocupação do Solo Urbano de Teresina, que tinha como proposição orientar e disciplinar o crescimento da cidade, não só na área já urbanizada, como também previa a incorporação de novas áreas ao seu perímetro urbano, tendo em vista os seguintes objetivos:

- I – Assegurar a reserva dos espaços necessários destinados ao desenvolvimento das diferentes atividades urbanas, através do agrupamento de usos idênticos, análogos ou compatíveis entre si em locais adequados ao funcionamento de cada um, em particular e de todos em conjunto.
- II – Impedir a existência de conflitos entre as áreas residenciais e outras áreas relativas às atividades sociais e/ou econômicas não compatíveis, permitindo o desenvolvimento racional do aglomerado urbano, assegurando a concentração e integração equilibradas de atividades e pessoas no território do município, mediante controle do uso e do aproveitamento do solo.²⁵⁷

O projeto de lei trazia os seguintes dispositivos: dos objetivos e definições, do perímetro urbano, do parcelamento do solo, das vias de comunicação, da denominação dos logradouros e da numeração dos prédios, da renovação urbanística, do uso e ocupação do solo, do estacionamento ou guarda de veículos, da legislação do núcleo Central e do setor comercial da Piçarra, da legislação do eixo polarizador e das disposições gerais. As diretrizes desse plano nortearam as intervenções posteriores, assim como direcionaram o uso e a ocupação do solo urbano da capital.

Dentro dessa política de disciplinamento dos espaços urbanos, foi colocada em prática a definição de nomenclatura de logradouros públicos para facilitar a orientação das pessoas e a localização de endereços, haja vista o registro de ruas que apresentavam até três nomes, havendo outras sem qualquer designação ou ainda ruas distintas com a mesma denominação. Ao término do trabalho, 310 logradouros, entre ruas, praças e avenidas, tiveram suas denominações definidas, com a afixação de novas placas.²⁵⁸

A municipalidade interveio no disciplinamento do espaço público de diversas formas. Na tentativa de evitar a proliferação de favelas em terrenos baldios, sobretudo, nas regiões centrais da cidade, a Prefeitura de Teresina adotou uma medida que visava à conscientização

²⁵⁷ PLANO ESTRUTURAL DE TERESINA (I PET), v.2, 1977, p. 73.

²⁵⁸ TERESINA, Prefeito 1975-1979 (Raimundo Wall Ferraz), 1977, p. 13.

dos proprietários para a necessidade da construção de muros ou cercas em seus terrenos. Como incentivo, esses proprietários eram isentos de pagamentos de taxas. Posteriormente a Prefeitura passou a cobrar multas àqueles que não cumprissem com o estabelecido, principalmente, em terrenos localizados na região centrais da cidade.²⁵⁹ A construção de muros nos terrenos baldios localizados no centro visava evitar o surgimento de favelas, a transformação dos locais em esconderijos para marginais, além de oferecer novo aspecto urbanístico à paisagem da cidade.

2.2 O papel intervencionista de entidades públicas e instituições sociais junto aos pobres urbanos

Durante a década de 1970, o problema da pobreza urbana tomou proporções significativas entre os diversos setores da sociedade. Em parte, esse fato se explica pelo crescimento acelerado da população das cidades, principalmente nos países tidos como subdesenvolvidos, onde o crescimento populacional veio acompanhado da expansão da pobreza. Para os setores sociais envolvidos com os problemas da cidade, como os representantes do governo que trabalhavam na assistência social, bem como entidades ligadas à Igreja Católica que desenvolviam atividades com a população carente, a pobreza nos centros urbanos era vista como um problema social a ser solucionado, ou pelo menos amenizado, por meio da intervenção humanitária, que incluía desde o assistencialismo, com o atendimento das necessidades básicas, até a “promoção do homem”. Conforme Milton Santos, “a pobreza não é apenas uma categoria econômica, mas também uma categoria política acima de tudo. Estamos lidando com um problema social”.²⁶⁰

O Serviço Social do Estado (SERSE) foi criado em 1959, sob a iniciativa do então governador Francisco das Chagas Caldas Rodrigues (1959-1962), “com a finalidade de prestar assistência social às pessoas reconhecidamente necessitadas”.²⁶¹ A atuação do SERSE concentrava-se na manutenção de abrigos para idosos e tuberculosos, na distribuição de remédios, de enxoval para recém-nascidos, de cestas básicas e brinquedos para população carente. Também era realizada assistência aos mendigos, com a doação de roupas e alimentação diária por meio do programa “Sopa do Pobre”. Essas atividades eram

²⁵⁹ PREFEITURA adverte multa para quem não murar terreno baldio. *A Tribuna*, Teresina, ano 1, n. 64, p. 3, 1º/2 dez. 1975.

²⁶⁰ SANTOS, Milton, 1979, p. 10.

²⁶¹ PIAUÍ, Governador 1959-1962 (Francisco das Chagas Caldas Rodrigues). *Mensagem apresentada à Assembleia Legislativa em 1960*. Teresina, 1960. p. 10.

coordenadas pela presidente do SERSE, a primeira dama Maria do Carmo Correia de Caldas Rodrigues.²⁶²

Durante a década de 1970, as atividades desempenhadas por esse órgão deixaram de ser meramente assistencialistas e passaram a ser realizadas em três níveis de atuação: atividades promocionais, incentivos sociais e atendimentos de emergência. O Governo do estado passou a contar com convênios com instituições privadas e de caráter comunitário. Dentre as atividades de caráter promocional estavam os programas de capacitação da mão-de-obra para o trabalho. Imbuído desse propósito, o SENAC oferecia cursos de capacitação nas áreas da construção civil, formando pedreiros, carpinteiros, eletricitas e serventes de pedreiros, ou na qualificação para tarefas desenvolvidas no comércio. Em 1979, o SENAC teve a maior participação no envio de mão-de-obra treinada para o mercado de trabalho no estado, com 35% do total, chegando atender 32.113 pessoas.²⁶³

A Secretaria de Trabalho e Ação Social, em parceria com o Sistema Nacional de Emprego do Ministério do Trabalho (SINE), implantado em 1976, atuava nos setores formal e informal, na tentativa de incorporar ao mercado de trabalho uma vasta mão-de-obra em disponibilidade. Para tanto, o SINE mantinha cursos rápidos de profissionalização, já que os trabalhadores cadastrados, em sua maioria, não possuíam qualificação profissional, o que dificultava a alocação no mercado de trabalho. A ação dessa instituição no setor formal ainda era bastante inibida, o que é resultado uma economia retraída, de modo que a atuação do SINE concentrava-se mais no apoio a pequenas atividades, informando as disponibilidades e encaminhando os trabalhadores autônomos para prestação de serviços em domicílio, como domésticas, babás, encanadores, eletricitas, dentre outros.²⁶⁴

As atividades realizadas como incentivos sociais também estavam relacionadas à qualificação profissional e a uma maior assistência às famílias pobres que necessitavam trabalhar, a exemplo das atividades desempenhadas pela Organização do Lar (ORLAR), que oferecia cursos intensivos para empregadas domésticas, donas de casa e pessoas desempregadas, preparando-as para atuarem no mercado de trabalho como cozinheiras, copeiras, arrumadeiras, babás, garçons, jardineiros, motoristas particulares e ocupações afins.

²⁶² PIAUÍ, Governador 1959-1962 (Francisco das Chagas Caldas Rodrigues). *Mensagem apresentada à Assembleia Legislativa em 1962*. Teresina, 1962.

²⁶³ CARVALHO JÚNIOR, Benjamim Soares de. e et. al. *Indicadores sociais do Piauí*. Série Relatórios de Pesquisas – convênio com a SUDENE. Teresina: Fundação CEPRO, 1981. p. 43.

²⁶⁴ CABRAL, Suelda Maria Ximendes. *Aspectos do mercado de trabalho de Teresina*. Ensaio Econômico. Teresina: Fundação CEPRO, 1985. p. 31.

Durante o curso recebiam noções gerais de higiene e de convivência social, além de treinamento e estágio em áreas específicas de atuação.²⁶⁵

As obras que tinham por finalidade o embelezamento da cidade, como a reforma realizada na Avenida Frei Serafim, aproveitaram parte da mão-de-obra excedente. Por meio do SERSE, foram realizados cursos de formação de quinhentos artesãos para o beneficiamento das chamadas “pedras portuguesas”, que eram utilizadas no revestimento do passeio público da avenida, montando um mosaico em preto e branco, inspirado no mesmo material utilizado no calçadão de Copacabana, no Rio de Janeiro. “Esses ‘serseanos’, com seus uniformes típicos, já integram a paisagem teresinense e criam com suas próprias mãos, antes ociosas, novas belezas para a capital do Estado”.²⁶⁶

Em 1972, foi criado o Centro Materno-Infantil e Nutricional e Lavanderia do Ilhotas, que tinha por finalidade dar “amparo e assistência integral da infância e juventude de 0 até 18 anos e à melhoria dos padrões de trabalho e salário da lavadeira das margens do rio Poti.”²⁶⁷ Nesse centro eram oferecidas várias atividades: berçário para os filhos das lavadeiras, com capacidade para cento e sessenta crianças; apoio socioeducacional, com pré-escola, atividades desportivas e recreativas, e atendimento médico, ambulatorial e nutricional. Também era realizada a distribuição de refeições e objetos de uso pessoal. O centro chegava a atender cerca de 380 pessoas que residiam no bairro Ilhotas, considerado, no período, periferia de Teresina.

Para aqueles que contribuía com a previdência, fosse pelo o Instituto Nacional de Previdência Social (INPS), fosse pelo Instituto de Assistência e Previdência dos Servidores do Estado (IAPEP) havia o atendimento hospitalar em clínicas e hospitais da rede privada que mantinham convênio com essas instituições. O número de segurados pelo INPS era elevado, com 17.794, dos quais cerca de 40% eram inativos, ou seja, a quantidade de atendimento era infinitamente inferior à arrecadação em Teresina, o que acarretava em elevado ônus para instituição. Para os técnicos do PDLI, esse fato “confirma a hipótese de que a estrutura sócio-econômica do município tem como característica a transferência de rendas de origem nacional, regional, estadual e do próprio local através do mecanismo de assistência ou da previdência social.”²⁶⁸

²⁶⁵ PIAUÍ, Governador 1971-1975 (Alberto Tavares Silva). *Mensagem apresentada à Assembleia Legislativa em 1972*. Teresina, 1972. p. 9.

²⁶⁶ PIAUÍ, Governador 1971-1975 (Alberto Tavares Silva). *Mensagem apresentada à Assembleia Legislativa em 1972*. Teresina, 1972. Introdução, s/p.

²⁶⁷ PIAUÍ, Governador 1971-1975 (Alberto Tavares Silva). *Mensagem apresentada à Assembleia Legislativa em 1973*. Teresina, 1973. p. 54.

²⁶⁸ PLANO DE DESENVOLVIMENTO LOCAL INTEGRADO DE TERESINA (PDLI), 1969.

Outras atividades realizadas pelo SERSE diziam respeito ao assistencialismo e ao atendimento de emergência, principalmente quando da ocorrência de calamidades públicas, como enchentes, com a entrega de material como tijolos, palhas, telhas, caibros, barro e areia aos flagelados para que pudessem reconstruir suas casas.²⁶⁹ Como atividades permanentes estavam a manutenção do Lar do Ancião, com capacidade para abrigar 120 idosos, e ações que visavam solucionar a questão da mendicância na capital. A esse respeito o governador Dirceu Mendes Arcoverde, procurando uma solução para a problemática da mendicância nas ruas de Teresina, propôs a construção do Centro de Recuperação de Mendigos e do Abrigo de Tuberculosos, a sete quilômetros da capital, para onde seriam levados os mendigos recolhidos no centro da cidade.²⁷⁰

Notamos que a proposta tinha um caráter segregador, pois pretendia retirar essas pessoas do convívio urbano, e higienista, uma vez que propunha o isolamento de pessoas acometidas com doenças contagiosas em espaços separados. Para Zygmunt Bauman, com a construção de espaços como esses busca-se expulsar do convívio urbano esses indivíduos.

Para tornar a distância intransponível, e escapar do perigo de perder-se ou contaminar sua *pureza* local, pode ser útil reduzir a zero a tolerância e expulsar os sem-teto de lugares nos quais eles poderiam não apenas viver, mas também se fazer notar de modo invasivo e incômodo, empurrando-as para esses espaços marginais, *off-limits*, nos quais não podem viver e nem se fazer ver.²⁷¹ [grifo do autor]

A medida foi rebatida pelos críticos que a consideravam inviável devido ao grande número de pedintes e até mesmo à própria relutância dos mendigos em irem para o abrigo. Segundo o deputado Homero Castelo Branco, “a casa que o governo quer construir dificilmente atenderá 10% do total de pessoas nessa situação”. Já para o deputado José Bruno dos Santos, para solucionar o problema de mendigos no estado, “o governo teria de construir não somente uma casa, mas sim uma cidade”.²⁷²

O projeto de construção do Centro de Recuperação de Mendigos passou por modificações, sendo construída uma casa que funcionava como abrigo para os mendigos, mas não chegou a solucionar o problema, pois a manutenção do abrigo trazia altos custos para os cofres públicos estaduais, que não contavam com outros recursos, situação agravada pela

²⁶⁹ SERSE inicia reconstrução. *O Dia*, Teresina, ano 23, n. 3.903, p. 1, 11 maio 1974.

²⁷⁰ PIAUÍ, Governador 1975-1979 (Dirceu Mendes Arcoverde). *Mensagem apresentada à Assembleia Legislativa em 1977*. Teresina, 1977. p.20.

²⁷¹ BAUMAN, Zygmunt. *Confiança e medo na cidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009. p. 26.

²⁷² DEPUTADOS falam sobre a residência para mendigos. *O Dia*, Teresina, ano 24, n. 4.344, p.1, 12 nov. 1975.

própria relutância dos moradores de rua: “[...] a maioria deles é contrária a ideia de ficar em um abrigo, porque entendem que ganham bem nas ruas e podem com isso, garantir a sobrevivência.”²⁷³ Apesar dos esforços, era possível notar que pelas ruas e avenidas da cidade era grande o número de pedintes a esmolar a caridade pública, o que revelava que o poder público ainda não havia contornado a situação de extrema pobreza de uma parcela considerável da população de Teresina.

As atividades realizadas pelo Governo do estado eram medidas de caráter paliativo, como a construção de Centros Materno-Infantis, localizados em diferentes bairros da capital, os quais ofereciam atendimento médico-odontológico e nutricional a crianças carentes e aos menores abandonados, por meio de convênio com a Secretaria de Saúde e com o Instituto de Alimentação e Nutrição. Procurou-se também desenvolver a formação e a qualificação da mão de obra através do Programa de Promoção da População Desempregada, intermediada pela Agência de Colocação de Mão-de-Obra e Centro de Treinamento, que, por meio de um convênio assinado entre o governo do estado e a Caixa Econômica Federal, aproveitou essa mão-de-obra na construção de Centros Sociais Urbanos de Teresina.²⁷⁴

O Governo do estado também atuava junto aos menos favorecidos através da Comissão de Assistência Comunitária, a qual realizava cursos em diferentes bairros de Teresina, abrangendo as mais diversas áreas de profissionalização. Também desenvolvia atividades no campo da assistência direta, como a campanha de distribuição de filtros e redes mediante financiamento distribuído em pequenas parcelas. Esses objetos eram repassadas à população a preço de custo, o que permitiu que se alcançasse, ao término da campanha, um total de dez mil filtros e cinco mil redes à disposição de pessoas carentes.²⁷⁵

A municipalidade também interveio estendendo assistência à população carente da capital por meio do Serviço Social dos Servidores do Município (SERSOM), criado em 1967. Executavam programas que visavam amenizar as difíceis condições de vida da população carente, fosse com a distribuição de material para construção, fosse com ajuda financeira e alimentar, distribuindo ainda medicamentos e auxílio funerário. A municipalidade ainda era responsável pela implementação de creches nos diversos bairros da cidade. Conforme Suelda Maria Ximendes de Carvalho,

²⁷³ ABRIGO de mendigos não funciona porque manutenção é cara. *O Estado*, Teresina, ano 9, n. 1586, p. 7, 11 maio 1978.

²⁷⁴ PIAUÍ, Governador 1975-1979 (Dirceu Mendes Arcoverde), 1977, p.28.

²⁷⁵ PIAUÍ, Governador 1975-1979 (Dirceu Mendes Arcoverde), 1978, p. 27.

Tal assistência envolve também a criação de programas de capacitação para o trabalho, com cursos de iniciação e aperfeiçoamento profissional para qualificação da mão-de-obra. São atividades dirigidas, principalmente para mulheres, como cursos de crochê, bordados, costura, dentre outros, formando grupos de produção cujo objetivo é funcionar como alternativa de maior participação da força de trabalho feminina na renda familiar.²⁷⁶

Dentre as medidas de caráter emergencial tomadas pela Prefeitura de Teresina estava a assistência aos flagelados, por conta das inundações provocadas pelas cheias dos rios Parnaíba e Poti. O ano de 1974 foi marcado por fortes chuvas que deixaram inúmeras famílias desabrigadas. A prefeitura, com o intuito de amenizar o problema, sobretudo, habitacional, construiu cem casas no bairro Buenos Aires, para as quais foram transferidas as famílias que tiveram suas residências alagadas. O bairro Lucaia foi o mais atingido por estar localizado em uma área de risco, entre lagoas naturais e o rio Parnaíba, com cinquenta e cinco famílias desabrigadas, das quais trinta foram beneficiadas com a medida.²⁷⁷



Foto 16: Casas para abrigar os flagelados das cheias construídas no bairro Buenos Aires.

Fonte: TERESINA, Prefeito 1971-1975 (Joel da Silva Ribeiro), 1974, s/p.

²⁷⁶ CABRAL, 1985, p. 32.

²⁷⁷ As casas foram distribuídas atendendo aos bairros mais atingidos: 30 para moradores do Lucaia; 27 para o Afonso Mafrense; 10 para a Primavera; 08 para o Poti Velho; 08 para a Nova Brasília; 07 para a Matinha; 03 para o Morro da Esperança, 02 para a Feira de Amostra; 01 para o São João; 01 para o Ilhotas e 01 para o Matadouro, faltando a distribuição de duas casas. TERESINA, Prefeito 1971-1975 (Joel da Silva Ribeiro), 1974.

Tratava-se de pequenas residências, compostas de apenas dois cômodos e uma área aberta, sem banheiros, construídas de tijolos e telhas de alvenaria, distribuídas de forma alinhada. A escolha pelo terreno para construção das casas dos alagados se deu pelo próprio processo de ocupação dessa área, que já vinha ocorrendo com a intervenção do poder público, e pela topografia local, que impossibilitava que as residências fossem novamente atingidas pelas enchentes durante o período chuvoso. Esse tipo de assistência, é importante que seja ressaltado, só ocorria quando a municipalidade contava com recursos federais para tal empreendimento, pois na falta de tal recurso, a ajuda se dava por meio da doação de material de construção de pouca durabilidade, como palha e barro.

O trabalho de assistência às pessoas atingidas pelas enchentes contou também com a colaboração de órgãos diversos da administração municipal e estadual, como o Corpo de Bombeiros e o 2º Batalhão de Engenharia e Construção. Cabe também destacar a ação da Arquidiocese de Teresina, com a criação da “Operação Fraternidade”, coordenada pelo Arcebispo Dom José Freire Falcão, a qual era composta por padres, freiras, médicos, enfermeiras, advogados, engenheiros, vereadores e demais membros da sociedade local que formaram uma corrente de solidariedade para a aquisição de roupas, alimentos e remédios a serem doados às vítimas da enchente. O prefeito Joel Ribeiro ressaltou a importância da ajuda recebida da Arquidiocese, sobretudo, na figura de seu representante, que

Percorreu, pessoalmente, em minha companhia, o comércio local, solicitando ajuda para os infelizes desabrigados, além de contribuir pela Diocese, com recursos em dinheiro e de colocar todo o incansável clero a disposição dessa administração para o árduo trabalho de minorar os efeitos da calamidade.²⁷⁸

A Legião Brasileira de Assistência (LBA)²⁷⁹ também atuava no “amparo aos mais diversos objetivos, como a melhoria do nível de vida dos trabalhadores, a educação popular, a saúde do ‘povo brasileiro’ e o reajustamento das pessoas moral e economicamente

²⁷⁸ TERESINA, Prefeito 1971-1975 (Joel da Silva Ribeiro), 1974.

²⁷⁹ Foi um órgão federal fundado em 1942, sob a iniciativa da então primeira dama Darcy Vargas, que tinha por finalidade dar assistência às famílias dos soldados enviados para a Segunda Guerra Mundial. Com o final do conflito, passou a atuar como um órgão de assistência a famílias necessitadas em geral em todo o país. A LBA contava com recursos federais e atuava em parceria com os estados e municípios. Durante o segundo governo de Fernando Henrique Cardoso (1999-2002), a LBA foi extinta. Mais informações no site do Ministério do Desenvolvimento Social e Combate a Fome: <http://www.mds.gov.br>.

desajustadas.”²⁸⁰ Essa instituição operava na oferta de cursos de preparação de mão-de-obra para o mercado de trabalho local, tendo sido responsável por 28% do total de pessoas treinadas para desenvolver atividades nos diversos setores da economia piauiense, no ano de 1979. No ano seguinte, coordenou, ao lado do SERSOM, o “Projeto Operário,” que tinha como objetivo formar mão-de-obra qualificada para construção civil.²⁸¹

Os programas realizados pelo poder público municipal e estadual eram insuficientes para o atendimento das carências da população pobre de Teresina. Diante dessa impossibilidade de o Estado atender satisfatoriamente às demandas por serviços de ordem assistencialista, as instituições sociais atuavam como uma extensão do poder público. Elas eram responsáveis pela execução de programas destinados a promover melhorias no nível de vida de uma porção bem ampla da população que se encontrava em uma situação de sub-existência.

A Igreja Católica é uma instituição que realiza um trabalho com segmentos sociais menos favorecidos, preocupando-se seus membros e seguidores com a causa dos necessitados, fazendo da caridade e da fraternidade um compromisso a ser praticado pelos fiéis. A prática de serviços de assistência social por parte da Arquidiocese de Teresina se intensifica com a chegada do Arcebispo do Piauí Dom Avelar Brandão Vilela,²⁸² em 1956, e estende-se por todo o período de sua estada no Piauí, que se encerra em 1971, quando se muda para Salvador, na Bahia. Conforme o historiador Warrington Wallace Veras de Araújo, criou-se em torno da figura de Dom Avelar a expectativa de mudança, sobretudo nos aspectos urbanísticos e sociais de Teresina, com a intervenção das paróquias junto às camadas mais pobres da cidade.²⁸³

De fato, logo após sua chegada, uma das primeiras medidas tomadas por Dom Avelar foi a criação da Ação Social Arquidiocesana (ASA), que tinha como objetivo coordenar e

²⁸⁰ ESTATUTO DA LBA em RIZZINI, Irene. 1995, *apud* MENEZES, Cristiane Diniz de. *O Direito à convivência familiar e comunitária de crianças e adolescente portadores de transtorno mental*. Dissertação (Mestrado em Serviço Social). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

²⁸¹ CARVALHO JÚNIOR, 1981, p.43.

²⁸² Dom Avelar Brandão Vilela, natural de Viçosa, Alagoas, destacou-se enquanto religioso e homem público. Na vida religiosa foi cardeal, orador sacro, escritor, Arcebispo de Teresina, Arcebispo de Salvador e Primaz do Brasil. Presidiu o Conselho Episcopal Latino-Americano. Na vida pública, destacou-se com a fundação da Rádio Pioneira de Teresina, instalou a Ação Social Arquidiocesana, presidiu a CNEC/PI, foi um dos fundadores da Faculdade Católica de Filosofia, pertenceu à Academia Piauiense de Letras. Por conta de suas ações de caráter social que atingia não só as pessoas que residiam no perímetro urbano, mas também ao homem do campo, Dom Avelar foi tido por alguns membros da sociedade piauiense como simpatizante ao movimento comunista, porém, com atitudes diplomáticas e em decorrência de sua popularidade e influência no meio social piauiense conseguiu conviver com os representantes da ditadura militar no Piauí, sem maiores problemas.

²⁸³ ARAÚJO, Warrington Wallace Veras de. *Dom Avelar e seu magistério eclesialístico: desafios, desvios, exigências e possibilidades*. Dissertação. (Mestrado em História do Brasil). Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2008.

dirigir o trabalho de assistência social desenvolvido nas Paróquias de Teresina. Com o intuito de melhorar e aumentar a atuação da Igreja Católica, foram criados os Centros Sociais, nos quais eram realizados tanto trabalhos de natureza religiosa como a prática da evangelização e da catequese, havendo também a assistência à saúde, com atendimento médico e odontológico; distribuição de medicamentos às comunidades carentes; educação por meio dos projetos de alfabetização de adultos, com pré-primário e primário, e a formação profissional, com a oferta de cursos diversos, como corte e costura, bordados, culinária, enfermagem, datilografia, artes em geral, marcenaria, sapataria, tapeçaria, entre outros.²⁸⁴

Para o seu funcionamento, a ASA dispunha de subsídios federais, estaduais e municipais, além de subvenções internacionais e de particulares. Contava ainda com o trabalho voluntário das Associações Religiosas, destacando-se a atuação da Congregação de São Vicente de Paula, das Legionárias de Maria e da Liga das Senhoras Católicas, tanto em projetos sociais como no atendimento direto às comunidades carentes. O papel da ASA contribuiu de modo significativo para a organização da população, na medida em que se deslocava para os aglomerados urbanos mais pobres da cidade, constituídos em sua grande maioria de pessoas oriundas do campo ou de pequenos centros urbanos que migraram para capital em busca de melhorias, interferindo de forma positiva nas condições existenciais dessas comunidades. Dessa forma, “seu tipo de trabalho colabora, sobretudo, na adaptação e ajuste das populações do interior às atividades urbanas”.²⁸⁵

No início da década de 1970, a ASA contava com vinte Centros Sociais espalhados nas diversas zonas da cidade, os quais conforme Araújo, atendiam a quase 4.000 pessoas em seus clubes educativos, oferecendo cursos primários, profissionalizantes e atendimento médico e odontológico.²⁸⁶ A Igreja Católica se fez presente com seus inúmeros órgãos de atuação nas mais diversas áreas da vida urbana de Teresina no período em questão, destacando-se aqueles relacionados aos problemas provocados pelo crescimento populacional intenso pelo qual passou a cidade no período. Essa atuação é associada ao trabalho iniciado por Dom Avelar, que perdurou nos anos seguintes, como destaca Pe. Cláudio Mello

D. Avelar procurou atingir todos os campos da assistência: educação, pela criação de educandários desde o nível primário ao superior, assistência aos pobres, aos flagelados de secas e de enchentes pela maravilhosa obra da ASA e da CARITAS; promoção humana pelos diversos movimentos dos

²⁸⁴ MOREIRA, Amélia Alba Nogueira. A cidade de Teresina In: *Boletim Geográfico*. Rio de Janeiro: Fundação IBGE. ano 31, set-out de 1972. p. 57.

²⁸⁵ Id, *Ididem*.

²⁸⁶ ARAÚJO, 2008, p. 60.

Centros Sociais; Comunicações por meio da Rádio Pioneira; ruralismo, por meio do Movimento de Educação de Base e dos Sindicatos.²⁸⁷

Além dos trabalhos desenvolvidos pela ASA em seus diversos Centros Sociais na capital, é de se destacar a atuação de Dom Avelar por meio do sistema radiofônico da Rádio Pioneira, na qual tinha um programa que ia ao ar duas vezes ao dia, *Oração por um dia feliz*, através do qual se fazia mais próximo e presente na vida dos moradores não só da cidade de Teresina, como também das comunidades do campo. Destaca-se o Movimento de Educação de Base (MEB), um programa de alfabetização a distância por meio de aulas radiofônicas transmitidas pela Rádio Pioneira a mais de cinquenta mil pessoas situadas na zona rural do Piauí.²⁸⁸ Ainda no campo da educação, Dom Avelar foi responsável pela implantação da Faculdade Católica de Filosofia (FAFI). De modo que, em 1971, ano de sua saída, Dom Avelar deixou uma vasta obra não apenas na área do assistencialismo, mas atuou também nos diversos níveis da vida social do estado e da capital.

A atuação de instituições como a Igreja Católica, em parceria com órgãos governamentais e privados, em assuntos relacionados com a assistência social aos mais carentes evidencia o elevado grau de organização comunitária existente em Teresina, assim como revela a ineficiência da ação do poder público, sobretudo o municipal, em minimizar os problemas de ordem social. “Na cadeia de relações de natureza assistencial de saúde o papel da Prefeitura é bastante insignificante porque limitado, inclusive em sua potencialidade em atuar no setor”.²⁸⁹ Estava este, pois, sob a responsabilidade de órgãos do governo federal e do estadual, sobrecarregando-os, ou dependendo do atendimento oferecido por instituições como a ASA, que comandava vinte dos vinte e sete Centros Sociais da capital, nos quais a assistência à saúde era uma das ações desenvolvidas.

A atuação da Igreja também estava voltada para exigir do poder público um melhor tratamento para os problemas da cidade, principalmente aqueles que afetavam a população carente. Esse tipo de reivindicação era mais comum nos programas de rádio transmitidos pela Rádio Pioneira de Teresina. De acordo com Francisco Alcides do Nascimento,

²⁸⁷ MELO, Pe. Cláudio. *O Piauí: realidade e perspectivas de desenvolvimento*. Teresina: Pontifícia Universidade de Santo Tomás de Aquino – COMEPI, 1973. p. 153.

²⁸⁸ CARVALHO, Maria do Amparo Alves de. *História e repressão: fragmentos de uma memória oculta em meio às tensões entre a Igreja Católica e o regime militar em Teresina*. Dissertação (Mestrado em História do Brasil). Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2006.

²⁸⁹ PLANO DE DESENVOLVIMENTO LOCAL INTEGRADO DE TERESINA (PDLI). 1969, p. 49.

A Rádio Pioneira de Teresina sempre esteve voltada para a participação dos segmentos sociais menos privilegiados da sociedade, e isso pode ser constatado através do programa *Com a palavra o ouvinte*, apresentado por Pedro Mendes Ribeiro, logo no início da emissora, quando os ouvintes denunciavam, via telefone, problemas relacionados ao abastecimento d'água, fornecimento de energia elétrica, poeira, falta de calçamento ou calçamento danificado. O locutor se comprometia em fazer contato com as autoridades competentes, ao tempo em que pedia um tempo para dar as devidas respostas.²⁹⁰ [Grifo do autor]

O programa, apesar de seu caráter denunciativo e de cunho popular, sobreviveu às censuras impostas pelo regime autoritário.²⁹¹ Manteve-se no ar, denunciando os descasos das autoridades com os destinos da cidade, servindo de modelo para programas posteriores, como “Painel da Cidade”, apresentado por Joel Silva, que tinha o mesmo formato, ou seja, funcionava como instrumento fundante da cidadania. “O programa permite que a Rádio Pioneira cumpra um de seus papéis, qual seja, o de fazer com que o drama pessoal ou de uma comunidade seja denunciado publicamente.”²⁹²

Apesar dos esforços realizados por instituições públicas como o SERSE, o SERSOM, a LBA e outras instituições que atuavam na questão social, como a ASA, a assistência social aos setores mais pobres não atingia a todos de forma satisfatória, sendo mais uma medida paliativa para os problemas sociais. Isso se dava pelo fato de existir na capital uma grande quantidade de pessoas vivendo em condições extremamente precárias, situação agravada pelo constante aumento dessa população provocado pelo processo migratório.

²⁹⁰ NASCIMENTO, Francisco Alcides do. *História e memória da Rádio Pioneira de Teresina*. Teresina: Alínea Publicações Editora, 2004. p. 114.

²⁹¹ Programas semelhantes a esses também foram veiculados em outras emissoras de rádio, como a Rádio Difusora, com os programas “Show de Bairro,” dirigido por Fernando Mendes, e “Bate Papo na Praça,” de Deusdet Nunes, o Garrincha. A popularidade desses programas, de contato direto com os moradores da cidade, principalmente o da periferia, levou os locutores a concorrer cargos eletivos, como o de vereador de Teresina, Fernando Mendes foi eleito em duas legislaturas, em 1972 e em 1976, e Deusdet Nunes candidatou-se em 1976 sem lograr êxito. Esses programas foram tirados do ar, mesmo não tratando diretamente sobre política. Mais informações sobre o assunto ver: SANTOS, Deusdet Nunes dos. *Depoimento concedido a Francisco Alcides do Nascimento e Regianny Lima Monte*. Teresina, jan. 2009.

²⁹² PLANO DE DESENVOLVIMENTO LOCAL INTEGRADO DE TERESINA (PDLI). 1969, p. 116.

3 Encantos e Desencantos da cidade: memória e (res)sentimentos dos pobres urbanos em Teresina

O poder público interveio na produção e normatização da ocupação do espaço urbano, em uma tentativa de dotar a cidade de aparelhos urbanos modernos, com a implementação de reformas em logradouros públicos e construções que tinham por finalidade dar uma nova feição à cidade, buscando-se também disciplinar o uso desses espaços, principalmente, daqueles ocupados de forma irregular pela população mais pobre da cidade. Tendo em vista que muitas das práticas e das apropriações feitas por essa camada não correspondiam às desejadas pelos dirigentes locais, estes interferiram no cotidiano dessas pessoas por meio de processos de remanejamentos dentro do espaço urbano.

Durante a década de 1970, a medida adotada pela municipalidade quanto aos espaços de construções irregulares tinha uma finalidade dupla: a implementação do sistema viário para facilitar o tráfego em alguns pontos da cidade, pondo-se em prática uma série de demolições de barracos, com o intuito de desobstruir a passagem para abertura ou ampliação de avenidas como a Miguel Rosa norte e a Gil Martins, na zona Sul, e expulsar a população pobre para bairros afastados da cidade, como o Buenos Aires e Água Mineral, à época, uma área periférica, dificultando-se, dessa forma, a circulação frequente desse segmento social no centro da cidade pois suas práticas e formas de vivências eram indesejáveis pelas elites locais.

As interferências atingiram não apenas os espaços ocupados por essas pessoas, mas, sobretudo, as suas vivências, as quais foram completamente modificadas, deixando marcas profundas na memória desses moradores e construtores da cidade. O sentimento de desconforto frente a um processo de remoção está pautado na insegurança provocada por mais uma mudança que afeta as relações de trabalho, as atividades cotidianas, a proximidade do emprego e/ou da escola, as facilidades de deslocamento, a proximidade do centro da cidade e das infraestruturas oferecidas nele. Há de se pensar ainda nos laços de amizade, de solidariedade e de convivência constituídos com os vizinhos, e especialmente na relação afetiva criada pelos moradores com seus locais de moradia. Em um processo de desapropriação, os moradores passam por uma fragmentação das relações sociais, e os usos e apropriações dos espaços na cidade passam por uma transformação intensa e de forma brusca.

3.1 O “bota abaixo”: significados de uma transferência autoritária

A transferência das famílias para outra área da cidade trouxe significações múltiplas e divergentes. Na visão de muitos, ela é apontada como uma medida boa, necessária e até mesmo inevitável, como para Maria Creusa Monteiro de Moraes, que teve sua casa demolida, sendo remanejada do bairro São Pedro, na zona Sul, para o bairro Água Mineral, zona Norte da cidade, em consequência da duplicação da Avenida Gil Martins, realizada em 1976.

Pra ser naquela época, eu acho que não, acho que tinha de ser daquele jeito mesmo. Porque naquela época não tem a facilidade que tem hoje, porque hoje tem esse negócio do projeto da ADH, justamente, a pessoa faz a casa, recebe só a chave pra entrar e morar, não é bom demais. Nessa época, eu acho que não tinha, se tinha a gente não tinha conhecimento, quer dizer, eu ainda me senti feliz naquele tempo de ter ganhado esse terreno aqui. Tu já pensou se eu tenho ficado de aluguel, bolando de casa em casa, hoje aqui, amanhã ali, acolá, aí veja eu achei triste e achei bom. A parte triste é porque eu fiquei sem ter nenhuma cobertura, mas hoje, como eu já tenho aqui pra ficar, estou feliz.²⁹³

O discurso de Creusa Monteiro está diretamente relacionado ao desejo de possuir a casa própria, mesmo que, num primeiro momento, não seja a casa dos sonhos, e ao medo causado pela insegurança de viver de aluguel. Não podemos deixar de analisar a fala dessa moradora sem ter em vista que a representação dessa mudança é marcada por uma leitura do passado elaborada no presente. Desse modo, suas lembranças são evocadas a partir da realidade em que está inserida atualmente, sendo então avaliada por ela como uma experiência difícil, mas que passadas as dificuldades iniciais, avalia que foi boa, pois adquiriu um lugar onde morar. Discursos semelhantes foram encontrados entre os demais entrevistados, como o de Teresa Maria de Jesus Santos, transferida do bairro Ilhotas para o Buenos Aires em 1972.

Eu vejo [a transferência] pra melhor. No começo, está certo, a gente sofreu muito, mas porque a gente ainda foi construir casinha de taipa, a chuva derrubava, era aquela confusão. Mas só que, no [Ilhotas], a gente tinha vontade de sair no rumo do quintal, criar seus bichinhos, lá a casa era encostada no arame, só tinha um bequim, era bem estreitinho, num dava nem um metro e meio. As casinhas eram tudo emendada, não tinha essa liberdade. Eu mesmo não achei ruim não, mas foi ruim no começo quando eu me acostumei aí pronto. Mas o Coronel Jofre²⁹⁴ não fez um mal não, ele

²⁹³ MORAIS, Maria Creusa Monteiro de. *Depoimento concedido a Regianny Lima Monte*. Teresina, mar. 2009.

²⁹⁴ O Coronel Jofre do Rêgo Castelo Branco foi prefeito de Teresina em 1970, e, em 1972, encontrava-se dirigindo a Polícia Militar do Piauí e ajudou no contato, na conscientização e transferência dos moradores que

fez foi um bem pra gente, a gente vivia ali muito aperreado, só era doença, casa pegava fogo.²⁹⁵

Para Cineas Moura de Andrade a remoção dessas famílias estava relacionada à questão socioeconômica de seus moradores. Residente no bairro São Pedro, foi retirado da área para a duplicação da avenida Gil Martins. Cineas descreve como eram as residências ali situadas.

Era casinha mesmo de barro, de taipa coberta de palha, lá por perto, todas eram de palha. Mas, tinha casa boa de um lado, tinha umas boates lá, inclusive desse outro lado eles não mudaram, eles mexeram no nosso lado, agora do outro lado que tinha um pessoal mais ou menos, eles não mexeram não, eles puxaram a avenida pro lado mais da pobreza mesmo, daquela quinta da fiação onde estavam as casinhas e botaram a gente pra cá, pra Água Mineral.²⁹⁶

Entendemos que a memória desse grupo é atravessada por uma série de sentimentos e lembranças que, ao serem ativadas, trazem consigo experiências que nem sempre são avaliadas como boas, já que marcadas por muitas dificuldades, constituídas, em sua maioria, por uma carga afetiva muito intensa. O processo de memorização realizados pelos depoentes deve ser entendido com ressalvas, na medida em que compreendemos a memória e o próprio ato de lembrar como uma construção de sentidos e significados não isentas de interferências e reelaborações do presente.

A memória age ‘tecendo’ fios entre os seres, os lugares, os acontecimentos (tornando alguns mais densos que outros), mais do que recuperando-os, resgatando-os ou descrevendo-os como ‘realmente’ aconteceram. Atualizando os passados. [...] É este trazer à tona que constitui o fundamento mesmo da memória, pois o passado que ‘retorna’ de alguma forma não passou, continua ativo e atual e, portanto, muito mais do que reencontrado, ele é retomado, recriado, *reatualizado*.²⁹⁷ [Grifo do autor].

Já outros moradores veem essa experiência de forma diferenciada, sendo suas lembranças carregadas de ressentimentos e mágoas por conta da transferência de bairro.

possuíam casas entre o leito da rua e o muro do Quartel da Polícia Militar que estava sendo empreendida, onde, hoje, se localiza o Centro de Formação e Aperfeiçoamento de Praças (CFAP).

²⁹⁵ SANTOS, Teresa Maria de Jesus. *Depoimento concedido a Luana Pacheco Faria de Carvalho e Regianny Lima Monte*. Teresina, mar. 2009.

²⁹⁶ ANDRADE, Cineas Moura de. *Depoimento concedido à Regianny Lima Monte*. Teresina, mar. 2009.

²⁹⁷ SEIXAS, Jacy Alves de. Percursos de memória em terras de história: problemáticas atuais. In: BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia. (Orgs.). *Memória e (re)sentimento: indagações sobre uma questão sensível*. Campinas: UNICAMP, 2004, p. 49 e 51.

Agenor Vieira de Abreu, assim como Creusa Monteiro, também residia nas proximidades da Avenida Gil Martins e passou pelo mesmo processo de remoção, porém, para ele, a mudança foi extremamente prejudicial, dificultando não apenas o seu dia-a-dia, mas modificando o seu cotidiano como um todo. Os laços de amizade e de convivência que tinham sido constituídos com as pessoas que residiam nesse espaço foram abalados com a transferência.

A mudança é uma coisa que eu falei, é que meus vizinhos não vieram pra lá [Água Mineral] né, teve muitas vizinhas nossas lá que a gente tinha aquele ciclo de amizade com as pessoas. A gente, naquele tempo era muita tradição era padrinho de vizinho, era compadre, compadre né. E tinham aquela fase de estudante, naquela fase boa dos estudantes, faz amizades boas, e aí já pensou, eles moravam tudo ali próximo, todos colegas, estudando todo mundo junto, a gente ia a pé pra escola, não precisava de condução, e a gente conhecia todo mundo. Aí depois ir morar lá na Água Mineral sem conhecer ninguém, aí teve que transferir pro colégio Helvídio Nunes. A gente sentiu no começo foi isso, porque tinha muitos alunos do Lourival Parente que morava na Tabuleta, tinha casa, essas pessoas ficaram lá. A gente sentiu mais foi isso mesmo, a minha irmã já estava ficando mocinha, tinha o pessoal, que foram pra lá, sem conhecer ninguém, e as meninas sem poder nem ir se visitar por causa dos transportes. O mais chato foi isso, um ambiente que você já está acostumado.²⁹⁸

A transferência, para Agenor, significou o rompimento das relações mantidas naquele lugar, sendo os ciclos de amizade e de convivência com os vizinhos desfeitos de forma brusca. Sua fala é marcada pelo distanciamento, não apenas na perspectiva espacial, pois a mudança representou também uma (res)significação de um ambiente ao qual ele já estava adaptado, que fazia parte de seu cotidiano e que passara a ser algo estranho e distante. Ecléia Bosi afirma que “a casa demolida abala os hábitos familiares e para os vizinhos que a viam há anos, aquele canto de rua ganhará uma face estranha e adversa.”²⁹⁹ O tempo e a distância, portanto, iriam encarregar-se de esfacelar as relações firmadas naquele espaço, como os vínculos de amizade, de vizinhança e de compadrio³⁰⁰, comuns nas regiões interioranas, os quais continuavam sendo praticados nas periferias dos centros urbanos.

²⁹⁸ ABREU, Agenor Vieira de. *Depoimento concedido a Francisco Alcides do Nascimento e Regianny Lima Monte*. Teresina, fev. 2009.

²⁹⁹ BOSI, Ecléia. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994. p. 451.

³⁰⁰ As relações de compadrio podem ser firmadas a partir do batismo de uma criança, em um ritual eminentemente da Igreja Católica, no qual é firmada uma relação de respeito e solidariedade entre os pais da criança e os padrinhos. Outra maneira é por meio do rito *passar-a-compadre*, realizado na fogueira de São João. “O laço de compadrio estabelecido leva a um engajamento moral de solidariedade entre os novos compadres. É interessante notar que a realização desse rito dispensa a figura do afilhado. Sem dúvida, é o laço de compadrio o mais freqüente e o mais importante.” GODOI, Emília Pietrafesa de. *O trabalho da memória: o cotidiano e a história no sertão do Piauí*. Campinas: Unicamp, 1999. p.119.

A transferência imposta pelo poder público municipal também teve significações semelhantes para Raimundo da Silva Rodrigues, que foi transferido do bairro Ilhotas para o Buenos Aires, em 1972.

Quando eu me mudei, foi terrível. Você sair de uma região que você está acostumado, de uma região que você tem uma identidade, que tem toda uma vizinhança, que você começa a fazer toda a sua história, e aí você ser remanejado para uma área totalmente diferente da forma de viver, de contato com as pessoas, de conseguir a renda. Naquela época, eu me lembro que eu trabalhava com a minha mãe, já ajudava ela na questão da renda né, na feira. Então, isso é terrível, isso é brutal, principalmente quando o poder público não dá condições, ou seja, de jogar aqui as pessoas, aqui eram jogadas, aqui era um favelão. A única diferença é que tinha os lotes demarcadinhos, as pessoas sabiam que tinha aquele lote, a única ocupação institucionalizada aqui em Teresina. Então, de início isso não foi bom, isso foi uma brutalidade que o poder público faz, fez, na minha opinião.³⁰¹

A mudança de bairro refletiu diretamente nas relações afetivas desse grupo, mostrando que o espaço é constituído por uma materialidade edificada, mas, fundamentalmente, apoia-se em um aporte subjetivo. As experiências vividas em comum são compartilhadas pelos membros daquela comunidade, constituindo um sentimento de pertencimento e identificação entre eles, suporte para memória, o que Maurice Halbwachs intitulou como “quadros sociais de uma experiência histórica”,³⁰² ou seja, as memórias descrevem acontecimentos vivenciados pelo grupo, imagens e representações são elaboradas e repassadas, configurando um caráter coletivo.

Entretanto, em casos de rupturas, na impossibilidade de manutenção desse grupo ou no próprio desaparecimento dessas memórias coletivas, o processo de memorização passa por mudanças. De acordo com Célia Toledo Lucena, “acontecimentos fortes, tais como morte, mudanças, causam alterações nas relações do grupo com o lugar e, a partir daí, não será exatamente o mesmo grupo, nem a mesma memória coletiva, nem mais as mesmas imagens, nem o mesmo ambiente material.”³⁰³ Pierre Nora afirma que:

Quando a memória não está mais em todo lugar, ela não estaria em lugar nenhum, se uma consciência individual, numa decisão solitária, não decidisse dela se encarregar. Menos a memória é vivida coletivamente, mais

³⁰¹ RODRIGUES, Raimundo da Silva. *Depoimento concedido à Luana Pacheco Faria de Carvalho e Regianny Lima Monte*. Teresina, mar. 2009.

³⁰² HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990. p. 21.

³⁰³ LUCENA, Célia Toledo. Memórias de famílias migrantes: imagens do lugar de origem In: *Projeto História*. São Paulo, n. 17, 1998. p. 398.

ela tem a necessidade de homens particulares que fazem de si mesmos homens-memória.³⁰⁴

Para o autor, há um deslocamento, no campo da memória, do social para o individual, do impessoal ao subjetivo.³⁰⁵ Nessa perspectiva, as impressões pessoais, as subjetividades apresentam-se, na narrativa do depoente, carregadas de sentimentos e elaborações de significados do vivido isoladamente, sobretudo, na relação que ele manteve com espaços que se apresentam como *lugares de memória*³⁰⁶, impregnados de uma carga afetiva e de significações particulares. As falas em torno da casa, entendida como um desses lugares de memória, pontos de referência em nossas lembranças, espaços constituídos de intimidades, relacionados à vida privada, familiar, elaboram uma descrição tênue entre o concreto e o imaginário, o real e a fantasia, como a descrição feita por Agenor de sua casa na Avenida Gil Martins, a qual foi desapropriada e demolida pela prefeitura.

Era uma casa ruim, era uma casa que não tinha conforto, não tinha nada, sempre a gente sonha com aquela casa, não sei porque isso. A gente sonha lá e nós morando lá. Um dia eu acordei, rapaz, pra eu voltar a aceitar, eu acordei pensando que tava lá, aí eu fiquei, não, mas eu não moro mais naquele lugar. Muitas vezes isso acontece, muitas vezes eu sonho com aquela casa, ainda hoje eu tenho na mente a casa bem direitinho. Mas eu não sei por que esse sonho, que segredo é esse.³⁰⁷

Na atividade de lembrar, rememorar acontecimentos do passado, a memória é ativada ao mesmo tempo em que é levada a elaborar leituras do vivido no passado, a partir de configurações do presente. Esse distanciamento é necessário para a elaboração de representações em torno dos sentimentos que essas lembranças constituem na vida dos entrevistados. São comuns, idas e vindas em suas narrativas, e, nessa relação entre o passado-presente, as memórias se configuram ora com o “real”, o palpável, ora com a imaginação e os sonhos, nem sempre compreensíveis pelos nossos depoentes. Na descrição feita pela irmã de Agenor, também há referências sobre isso.

³⁰⁴ NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares In: *Projeto História*. São Paulo, n. 10, 1993. p. 18

³⁰⁵ Outros autores, como Marcel Proust, Henri Bergson e Sigmund Freud, buscam, em seus estudos, compreender o *devenir* das memórias individualizadas. Ver ANSART, Pierre. História e memória dos ressentimentos In: BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia. (Orgs.). *Memória e (re)sentimento: indagações sobre uma questão sensível*. Campinas: UNICAMP, 2004. p. 49 e 51.

³⁰⁶ NORA, 1993, p. 9.

³⁰⁷ ABREU, Agenor, 2009.

A gente recebeu a notícia lá que a gente ia sair da casinha. Pra mim foi muito triste porque eu tinha um pé de pimenta de cheiro e um pé de maracujá, não tinha quintal, era tão pequeno, mas mesmo assim eu deixei pra pegar, e o pezinho de maracujá já tinha muito maracujá. [...] e eu fui lá, fui fazer uma visita à casinha e peguei uma faca, cortei os maracujás, com a faca cortei tudim os bichinhos porque eu já sabia que iam cortar tudo, né. Isso aí ficou na minha cabeça anos e anos, até um tempo desse eu sonhava com aquela cena né, eu vendo aquela casinha e eu tirando os maracujás, eu fiquei um tempão com aquilo ali, agora não, agora eu não sonho mais, eu passei um bom tempo com aquela visão, agora o porquê eu não sei, porque eu nem senti, eu não vi derrubarem a casa, eu não vi. Já passei lá uma vez, eu nem consigo, assim, saber exatamente onde é que era a minha casa, mesmo assim, e eu acho até melhor onde eu estou hoje, mas eu não sei por que aquilo ficou.³⁰⁸

A recorrência na fala de alguns de nossos entrevistados sobre o elo afetivo que muitos deles mantêm até hoje, consciente ou inconscientemente, com essa primeira casa nos remete às relações que os indivíduos constroem com esse espaço, visto não só na perspectiva física, mas como um lugar de memória, carregado de lembranças e identidades. No estudo que faz sobre as imagens poéticas que construímos dos “espaços amados”, Gaston Bachelard faz referência à casa e às lembranças vinculadas a ela, as quais constituímos ao longo da vida.

A casa é uma das maiores forças de integração para os pensamentos, as lembranças e os sonhos do homem. [...] Sem ela o homem seria um ser disperso. Ela mantém o homem através das tempestades do céu e das tempestades da vida. É corpo e é alma. É o primeiro mundo do ser humano. [...] Assim, a casa não vive somente no dia-a-dia, no curso de uma história, na narrativa de nossa história. Pelos sonhos as diversas moradas de nossa vida se interpenetram e guardam os tesouros dos dias antigos. Quando na nova casa retornam as lembranças das antigas moradas.³⁰⁹

Raimundo Rodrigues faz uma descrição da casa em que vivia com sua família, situada no bairro Ilhotas, até meados dos anos setenta quando foi remanejado pela Prefeitura para o bairro Buenos Aires, na zona Norte da cidade, tendo sua casa derrubada para ceder espaço ao alargamento da rua e à reforma do Quartel da Polícia Militar. No lugar, hoje, se localiza o Centro de Formação e Aperfeiçoamento de Praças (CFAP).

Era uma casa assim, bem na esquina, colada com o arame do CFAP, era uma casinha de parede de barro, coberta de palha, era uma casa pequenininha, tinha um quarto, a cozinha espremendo com o arame do CFAP, era apertada,

³⁰⁸ ABREU, Maria de Jesus Vieira de. *Depoimento concedido a Regianny Lima Monte*. Teresina, mar. 2009.

³⁰⁹ BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 1993. p.25-26.

todo mundo ficava naquela casinha. [...] A minha casa era, ainda hoje está na minha cabeça, era uma casinha pequena, aqui, acolá eu sonho com ela, acho que ela não saiu da minha cabeça, aqui, acolá eu fico sonhando com ela, acho que é porque eu faço muita reforma de casa aqui, eu mexo, faço uma coisa aqui outra ali, e aquela casa nunca saiu da minha cabeça. Eu sonho muito com essa casa, mas reformada, mas é incrível, essa casa no meu sonho é como se fosse reformar, que não tivesse sala, não tivesse quarto, não tivesse nada.³¹⁰

Notamos que, ao rememorar os aspectos da casa, a descrição é direcionada para a ligação que o entrevistado mantém com a casa de sua infância, ainda viva na memória, a ponto de fazer parte dos seus sonhos. Em seu inconsciente essa casa permanece presente e imutável, apesar do tempo transcorrido, o que o leva a imaginar que ainda mora nela e está pondo em prática aquilo que talvez idealizasse enquanto menino: ter sua casa reformada, com um ambiente mais agradável para a sua família.

Guardamos conosco uma relação intensa com a casa onde moramos, pois é nela que estão as nossas primeiras experiências, as vivências em família, o espaço de lazer e descanso, o aconchego e a proteção do lar. Suas paredes se apresentam como suporte de nossas lembranças mais marcantes. Ainda de acordo com Bachelard,

É no plano do devaneio, e não no plano dos fatos, que a infância permanece em nós viva e poeticamente útil. Por essa infância permanente preservamos a poesia do passado. Habitar oniricamente a casa natal é mais do que habitá-la pela lembrança, é viver na casa desaparecida tal como ali sonhamos um dia.³¹¹

Conforme Ecléia Bosi, “a casa materna é uma presença constante nas autobiografias. Nem sempre é a primeira casa que se conhece, mas é aquela que vivemos os momentos mais importantes da infância. Ela é o centro geométrico do mundo, a cidade cresce a partir dela, em todas as direções.”³¹² No caso de Raimundo, que foi obrigado a deixar a casa onde passara a maior parte de sua infância, essa experiência é extremamente dolorosa e marcante.

Quando a gente veio pra cá, parecia que a gente estava morando em outro lugar do mundo. Pra mim foi a maior tristeza chegar aqui, mas eu chorei. Aqui você perde todo o seu *habitat*, você perde toda a sua identidade, é jogado então aqui. Era uma área totalmente desconhecida, assim, eu fiquei completamente perdido, foi uma parte de mim que ficou lá, que foi difícil

³¹⁰ RODRIGUES, 2009.

³¹¹ BACHELARD, 1993, p. 35.

³¹² BOSI, 1994, p.435.

recuperar. Muito mato, pessoas estranhas, não tinha movimento, muita poeira, tinha a avenida aqui num escurão danado, tanto que, quando passava um caminhão, ficava só a poeira. Aqui não tinha muito habitante, era uma casinha aqui e acolá, pouco trânsito, muita poeira, muito mato e só isso.³¹³

As mudanças sentidas por Raimundo estão relacionadas ao sentimento de perda, pois todas as suas referências foram deixadas para trás: a casa, o convívio com os vizinhos, os espaços de lazer e de convivência com seus pares. Bosi afirma que a infância de crianças pobres em centros urbanos, em geral, está relacionada aos espaços próximos de sua casa, de modo que o quintal, a rua, o bairro passam a ser uma extensão da própria casa. Desse Modo, “destruída a parte de um bairro onde se prendiam lembranças da infância de seu morador, algo de si morre junto com as paredes ruídas”.³¹⁴ Esse sentimento de ausência vem acompanhado do estranhamento da nova realidade, e a mudança para Raimundo significou um retrocesso. Apesar de residir em uma área tida como periférica, à época, o Ilhotas era movimentado, próximo ao Centro e a bairros como a Piçarra, tradicionalmente conhecido por suas feiras e intenso comércio, o morador teve que se deslocar para um local pouco habitado, sem infraestrutura, distante, diferente do ambiente ao qual estava acostumado.

Situação semelhante ocorreu com Francisco de Assis Soares Gondinho, que, com a mãe e os irmãos, residia na Rua Porto, em uma região conhecida como Aterro³¹⁵. Ele teve sua casa derrubada para a duplicação da Avenida Miguel Rosa, em 1975, sendo também transferido para o Buenos Aires. Essa residência significava muito para a família de onze filhos, dos quais apenas quatro não moravam nessa casa, constituída por migrantes que chegaram a Teresina ainda na década de 1950 e que passaram por muitas dificuldades, até se estabelecerem na cidade. Na casa estavam depositadas todas as conquistas da família, resultado de uma vida de trabalho. Francisco de Assis nos revela como foi difícil aceitar a transferência imposta pelo poder público.

Essa experiência foi, num primeiro momento, difícil, complicado, porque a gente já fazia muito tempo que estava morando ali e não aceitava sair. [...] A nossa casa era uma casa de alvenaria, tinha três quartos grandes, uma área bem grande, bem ampla, um quintal de quase cinquenta metros. E nossos irmãos, na época, se reuniram e fizeram uma casa muito boa. E daí talvez tenha sido uma das razões de nós termos resistido sair, porque a casa era

³¹³ RODRIGUES, 2009.

³¹⁴ BOSI, 1994, p.452.

³¹⁵ Situado no bairro Nossa Senhora das Graças, atual passeio da Av. Miguel Rosa Sul. “Era conhecido por este nome porque os trilhos da Estrada de Ferro ficavam num elevado de terra e as casas na parte baixa.” In: Nomes e lugares do passado. PREFEITURA MUNICIPAL DE TERESINA. *Teresina em bairros*. Teresina: s/ed. 1994, p. 285.

boa, e a gente imaginava que, fosse lá pro Buenos Aires, não teria como possuir uma casa igual. [...] No nosso caso, particularmente, todos os vizinhos saíram pacificamente, apenas nós é que resistimos. [...] A saída foi a prefeitura levou a força policial pra tirar os móveis de dentro, pra tirar as coisas de dentro, aí era tirando os móveis e o trator passando logo por cima da casa, que a resistência foi criada, mas eles usaram a força pública pra nos tirar de lá, era saindo da casa e o trator passando logo por cima, não tinha outra alternativa não.³¹⁶

A experiência descrita por Francisco foi traumática para ele e para a sua família, sendo que a medida de desapropriação de sua residência pelos técnicos da Prefeitura apresentava-se como uma ação inaceitável. Era impossível para aqueles moradores simplesmente sair pacificamente, então, resistiram até o último momento. O valor afetivo dessa residência também estava relacionado ao fato de ser uma construção sólida, ou seja, de alvenaria, diferentemente das outras residências que passaram por esse mesmo processo. Uma casa ampla, espaçosa, que seu pai, à época já falecido, tinha erguido, sendo posteriormente reformada e ampliada com a ajuda de seus irmãos. A ação violenta do poder público deixou transparecer o autoritarismo com que foram postas em prática as desapropriações da área, mostrando quem realmente tem o poder de mando na cidade. Práticas como essa demonstram que a cidade é vista como um mundo mercadológico, na qual tudo tem o seu valor de troca.

Ana Fani Alessandri Carlos faz uma análise de processos de desapropriações realizadas pelo poder público na cidade de São Paulo e as relaciona à imagem de cidade enquanto mercado. Para a autora,

O movimento de generalizações da mercadoria captura o espaço da metrópole, onde a casa se impõe como uma mercadoria qualquer, desprovida de conteúdos significativos à vida. No processo a casa desaparece, tratada como objeto trocável, dotado de valor de troca, como por exemplo, uma ‘cadeira’ que se joga fora.³¹⁷

Já para o morador, “tudo é tão penetrado de afetos, móveis, cantos, portas e desvãos, que mudar é perder uma parte de si mesmo; é deixar para trás lembranças que precisam desse ambiente para reviver.”³¹⁸ Nesse caso, a mudança brusca tem um caráter de ruptura e abandono, sendo todos os sonhos e investimentos carregados de afetos em torno daquele

³¹⁶ GONDINHO, Francisco de Assis Soares. *Depoimento concedido a Laécio Barros Dias e Regianny Lima Monte*. Teresina, jul. 2006.

³¹⁷ CARLOS, Ana Fani Alessandri. *Espaço-tempo na metrópole: a fragmentação da vida cotidiana*. São Paulo: Contexto, 2001. p. 212.

³¹⁸ BOSI, 1994, p. 436.

espaço deixados para trás. A abertura da segunda pista de rolamento da Avenida Miguel abalou profundamente a vida dessas pessoas, mesmo para os que permaneceram na área e que não tiveram suas casas atingidas pela medida. O bairro deixou o seu caráter residencial e passou a conviver com lojas de departamento especializadas em autopeças. Os hábitos foram modificados, fosse pela intensificação do tráfego de automóveis, impossibilitando que senhoras sentassem nas calçadas no fim do dia, fosse pelo aumento da violência durante a noite, já que as residências ficaram cada vez mais escassas e espaçadas, provocando nos moradores insegurança, pois perderam o controle dos passantes, desconhecendo, portanto, as suas intenções. O lugar perdeu para sempre o seu significado original.

Já para quem realizou o processo de transferência, as mudanças foram ainda maiores. As lembranças dessas pessoas passam por uma divisão no tempo e no espaço, um “antes” e um “depois”, o “lá” e o “aqui”. Isso porque as relações sociais se dão em um determinado espaço, constituindo lugares em uma dada temporalidade. Para alguns moradores remanejados, esse marco divisório se torna mais presente em suas falas, o “antes” é associado à ideia de uma realidade desejável, com conforto e boa localização, que proporcionava certa qualidade de vida; já o “depois” é descrito como uma relação de perda, de desconforto e de estranhamento, não apenas por conta de uma realidade espacialmente edificada, mas pelo próprio esvaziamento das relações de vizinhança.

Quando nós saímos da Miguel Rosa, onde tinha toda uma estrutura montada, aí fomos lá pro Buenos Aires, nós passamos exatamente três anos sem ter nada lá, não tinha água, não tinha energia, não tinha rua, não tinha nada e foram três anos de difícil situação, porque a gente estava numa situação atual, porque imaginava numa situação desejada e, de repente, chega e não tem nada. [...] A dificuldade, também, que nós enfrentamos é que lá na Miguel Rosa nós tínhamos uma, praticamente, trinta, quarenta famílias que a gente foi visitar, eles foram mudados lá da Miguel Rosa pro Buenos Aires, e todo mundo ficou distante, entendeu, aí a gente perdeu aquele vínculo de vizinhança.³¹⁹

As relações sociais constituídas em um determinado espaço são fruto da convivência em comum gerando relações carregadas de laços de sociabilidades, que trazem consigo a sensação de pertencimento a uma comunidade. A transferência dessas pessoas abalou profundamente essas relações. Outro aspecto observado nas entrevistas está relacionado ao fato de pertencimento ao espaço da cidade, pois, mesmo residindo em bairros com pouca

³¹⁹ GONDINHO, 2006.

infraestrutura, essas pessoas se sentiam mais próximas dos elementos modernos e viam a mudança como algo extremamente negativo.

A região da Ilhotas tinha muita gente, tinha muita gente, já era um bairro bonito, tinha muita gente, não era como aqui [Buenos Aires], que não tinha ninguém não. [...] lá já tinha, só não tinha calçamento, a gente só via quando a gente ia lá pro Centro, calçamento não tinha não. Mas era bom, era melhor do que aqui, porque tinha luz, na casa de minha irmã não tinha luz, mas na rua já tinha. Mas aqui não tinha em nenhuma, não tinha de jeito nenhum. [...] da Ilhotas foi que eu vim pra cá, morar nesse negócio feio que tinha aqui dentro dos matos. Aqui era o pior de todos.³²⁰

O bairro habitado anteriormente está associado a uma série de positivities, já que “era um bairro bonito”, “tinha muita gente”, “era bom”. Notamos, na fala de Maria dos Remédios Araújo Silva, uma série de contradições, pois descreve elementos positivos dessa região, mesmo não tendo acesso direto a eles, ou seja, a participação se dava em ver aqueles elementos da modernidade, mesmo não usufruindo diretamente dos seus benefícios, como a energia elétrica. Isso passava a impressão a esses moradores de que estavam de fato vivenciando-os em seu dia-a-dia só pelo fato de estarem mais próximos.

Notamos que a trajetória de vida dos migrantes enfocados neste trabalho é constituída por sonhos e desejos que têm como fundamentos a busca por dias melhores, e, para tanto, realizam trajetos incertos, marcados por dificuldades, angústias, sensações de medo e de insegurança. Têm eles uma vida carregada de sentimentos de perda e reconstruções, seja nas relações de trabalho, afetivas, de vizinhança, de convivência entre iguais, ou relacionadas aos espaços em que constroem sua vida e edificam suas residências tão frágeis e vulneráveis como a sua própria existência. É uma relação provisória, de passagem, seja do campo para as cidades ou no deslocamento e/ou remanejamentos dentro dos centros urbanos, sempre começando de novo. As marcas dessa vida incerta estão nas lembranças guardadas na memória de nossos entrevistados, que se alinham “à resistência muda das coisas, à teimosia das pedras, uni-se a rebeldia da memória que as repõe em seu lugar antigo”.³²¹ Essas memórias são ressignificadas e atualizadas tendo como base as vivências do presente.

³²⁰ SILVA, Maria dos Remédios Araújo. *Depoimento concedido a Luana Pacheco Faria de Carvalho e Regianny Lima Monte*. Teresina, mar. 2009.

³²¹ BOSE, 1994, p.452.

3.2 A reconfiguração dos espaços: o processo de adaptação a uma nova realidade

Passado o choque provocado pela mudança decorrente da desapropriação de suas casas, que foram postas abaixo pela municipalidade, as pessoas tiveram que enfrentar a dura realidade de uma região que não oferecia as mínimas condições de habitabilidade. A área onde foi feito o processo de aforamento e transferência desses moradores pertencia à Prefeitura Municipal de Teresina. Tratava-se de um local situado na zona Norte da cidade, compreendida entre o bairro Primavera e a sede da atual Embrapa, antigo Fomento Agrícola do Estado, onde estava implantada a Estação Experimental Buenos Aires, do Ministério da Agricultura, na qual eram realizados trabalhos de irrigação, com hortaliças, frutas e criação de aves³²², situada às margens do rio Poti. O local selecionado para alocar essas famílias apresentava uma topografia um pouco mais elevada que a do restante da cidade e um considerável estoque de terrenos vazios. Era pouco habitado e completamente desprovido de infraestrutura, como descrevem alguns de seus moradores: “não tinha calçamento, não tinha água, não tinha luz, não tinha nada”.³²³

A disposição das casas seguia um planejamento prévio realizado por técnicos da Prefeitura, que dividiram os terrenos foreiros em lotes de dez metros de frente com vinte de comprimento, disponibilizados em quarteirões seguindo a simetria de ruas alinhadas, formando ângulos retos na medida do possível. A proposta era para evitar construções desordenadas, típicas de ocupações irregulares, evitando que a área ficasse com aspecto de favela, tendo em vista que havia pequenos acidentes geográficos que provocavam elevações em forma de morros.

Durante toda a década de 1970, os bairros Buenos Aires e Água Mineral receberam pessoas de vários processos de remanejamentos. Em alguns casos, as famílias desapropriadas receberam o terreno e uma ajuda de custo em material como madeira e palha para cobertura das casas, ou em dinheiro, para aqueles que possuíam residências de alvenaria, o que foi menos comum. Também foi verificada a entrega de casas construídas pelo poder público, as quais eram destinadas às pessoas que não possuíam residências, visto que a medida também beneficiava quem morava no leito de ruas, debaixo de pontes, em áreas de risco, ou ainda em casebres alugados. Na imagem seguinte, pode-se verificar melhor as casas construídas pela Prefeitura.

³²² PREFEITURA MUNICIPAL DE TERESINA, 1994, p. 42.

³²³ ABREU, Agenor, 2009.

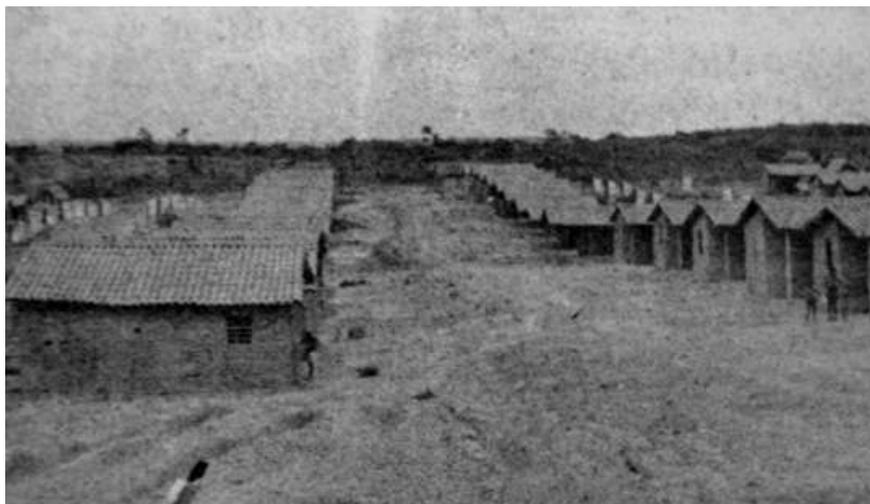


Foto 17: Vista parcial do bairro Buenos Aires em 1975.
 Fonte: Jornal *O Dia*, Teresina, 1º/2 maio 1975, p.12.

Como se pode observar, as residências foram construídas tendo como base o projeto descrito anteriormente, obedecendo a uma linearidade e distanciamento das ruas, entretanto nenhum aspecto urbanístico é visualizado, pois as ruas não tinham calçamento, não havia fiação elétrica e nem sistema de abastecimento de água. Outro elemento que chama a atenção diz respeito ao material utilizado na edificação dessas residências. O poder público construiu casas de pau-a-pique, revestidas de taipa, sendo a cobertura de telha de alvenaria para as pessoas que não tinham um teto seguro para morar. Provavelmente, a escolha do material se deu pelo baixo custo da construção, visto que a economia se dava tanto de material, como no custeio com a mão-de-obra utilizada. Certamente, a opção pela telha para a cobertura dessas casas estava ligada aos constantes incêndios que atingiam principalmente residências em que a palha de coco babaçu, um material de fácil combustão, era utilizada na cobertura. Essas casas seguiam um mesmo modelo tanto em relação ao material, como na disposição dos cômodos.

Maria do Livramento Rodrigues Rios morava em uma casa alugada na rua Jônatas Batista, em uma região conhecida por “Gogó da Ema”, que foi demolida para passar a Avenida Miguel Rosa Norte, em 1972. Ela foi uma das pessoas que recebeu uma casa no Buenos Aires, ela faz a seguinte descrição de sua residência:

A primeira casinha foi feita pela Prefeitura, era assim de comprido. A pestaninha, chamada, ficava para a rua. Tinha dois quartos, um alpendezinho e a cozinha, o banheiro era aqui fora, aqui no terreno. Ela entregava a casa sem banheiro. Era de taipa coberta de telha. Era de chão batido, não tinha nem cimento. [...] A portinha era, não sei nem se fazia não

era de caixão, eu nem sei de que era, muito ruimzinha. A gente recebeu e deu graças a Deus.³²⁴

Podemos observar, por meio da fala de Maria do Livramento, que há uma consciência da precariedade da casa adquirida, entretanto, em seu discurso, o sonho da casa própria se sobressaía. Já quanto à estrutura da residência, não diferia muito da anterior, pois se encontrava em condições igualmente precárias, sendo que a primeira residência contava, ainda, com três agravantes essenciais: era bem menor, de taipa, composta por dois cômodos apenas e coberta de palha, além de não ser de sua propriedade. Dessa forma, para muitos moradores, havia algumas vantagens relativas à casa cedida pela Prefeitura, pois, mesmo construída com um material de péssima qualidade, era um pouco maior e se localizava num terreno que possibilitava futuras melhorias, além de oferecer uma maior segurança, já que o uso de telhas e a própria disposição das casas, mais afastadas uma das outras, reduzia a ocorrência de incêndios.

Todavia, nem todos os moradores tiveram a mesma reação diante da habitação que foi possível construir no Buenos Aires. Francisco de Assis fazia parte das que possuíam uma casa de alvenaria antes da transferência. Para esses moradores o poder público doava o terreno e fazia o pagamento referente à indenização do imóvel, como foi dito anteriormente, mas, para esse segmento, a insatisfação era visível.

Foi cedido o terreno, todos receberam o terreno e, com o dinheiro da indenização da casa, a gente ia construir, ao nosso modo, a casa. Essa foi uma das grandes dificuldades, que o valor que foi pago pela indenização, ele praticamente não deu pra fazer muita coisa na casa que a gente pretendia morar. O terreno foi doado, dado, escolhemos o lote, que, por sinal, um terreno muito bom, plano, só que não tinha estrutura, infraestrutura montada e a indenização foi paga. Agora o valor da indenização, ele quase que não se faz nada lá, quase não se foi feito nada, o valor muito irrisório, insignificante. [...] Foi construída uma casa simples de alvenaria, mas simplesinha, dois quartos, mas sem reboco, casa humilde mesmo, normal, sem nada de novo.³²⁵

Para esse grupo a realidade se mostrava amarga, pois havia uma perda ligada à estrutura da casa que possuíam em relação à casa construída após a transferência. As reclamações recaíam, principalmente, sobre o valor pago pela Prefeitura como forma de indenização,

³²⁴ RIOS, Maria do Livramento Rodrigues. *Depoimento concedido a Laécio Barros Dias e Regianny Lima Monte*. Teresina, jul. 2006.

³²⁵ GONDINHO, 2006.

considerado insuficiente para a construção de uma residência nos mesmos parâmetros da anterior. Esse grupo de moradores foi pouco identificado entre os nossos entrevistados, e, talvez por não aceitarem pacificamente a transferência e as condições em que estavam inseridos, principalmente, pelo aspecto das moradias que compunham a paisagem do bairro, passaram pouco tempo ali e se transferiram para outras áreas da cidade.³²⁶

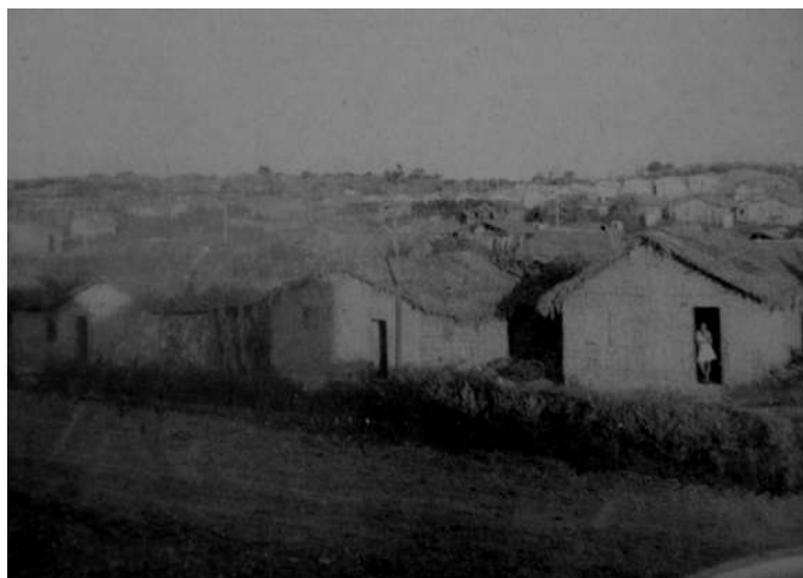


Foto 18: Vista parcial do bairro Buenos Aires em 1976
Fonte: Jornal *O Dia*, Teresina, 02 jul. 1976, p. 13.

O terceiro grupo alvo de desapropriações é composto por moradores que possuíam uma residência em local irregular, geralmente em leitos de ruas ou em áreas de propriedade do governo ou privadas. Essas pessoas foram notificadas da transferência por técnicos da Prefeitura e receberam um terreno no Buenos Aires ou no Água Mineral, além do transporte para realizarem a mudança, assim como as demais famílias que passaram por esse processo de transferência, porém receberam apenas o terreno para edificarem a suas custas uma nova residência, utilizando o material aproveitável da casa que foi demolida. Não houve, portanto, nenhuma ajuda por parte do poder público, como descreve Teresa, a seguir:

³²⁶ Seu Francisco de Assis afirma que, após três anos residindo no Buenos Aires, a sua família vendeu a casa e foi morar no bairro Lorival Parente, transferindo-se posteriormente para o município vizinho de Timon, no Maranhão. Atualmente, ele reside no bairro Bela Vista, zona Sul de Teresina, onde possui uma residência, adquirida em 1978, ano em que casou e constituiu família. Esse foi o único morador localizado por nós que havia passado por esse tipo de processo no Buenos Aires. O mesmo ocorreu no bairro Água Mineral, onde também só encontramos um morador que possuía uma casa de alvenaria no período da desapropriação, o qual continua residindo no bairro com sua esposa. Os dois não aceitaram ser entrevistados. Diante de casos como esse, podemos afirmar que há uma certa apreensão por parte de alguns moradores em narrar suas trajetórias de vida, mesmo esclarecendo os objetivos da pesquisa, alguns deles suspeitam que possa ser alguma medida da Prefeitura para tomar suas casas, ou algo semelhante.

Era só o terreno limpo. A primeira casinha que foi feita pra nós ficar debaixo, nós primeiro alugamos uma ali embaixo, na Coca-cola. Nós ficamos três famílias nessa casa, aí, com a madeira que veio da outra da Ilhota que foi derribada, aí meu cunhado mais meu marido fizeram uma latadona, um galpão, aí nós se mudemos pra cá, passamos só um mês lá, aí nós se mudemos pra cima do morro, aí foi que foi fazer a casa de taipa. Quando a chuva vinha derribava, só aqui nesse localzinho eu fiz quatro muda, de uma casa pra outra, que uma caía, e aí era preciso fazer outra.³²⁷

Esse foi o tipo de desapropriação, em que a construção da nova casa ficava por conta dos próprios moradores. Na prática, significava um drama para esses moradores, pois tinham que derrubar o barraco que possuíam e levar o material para construir a outra casa. Enquanto isso, tinham que encontrar um local para ficarem provisoriamente. Algumas famílias, como uma forma de economia, dividiram o aluguel de casas nas proximidades até que fosse erguida a nova moradia, mas houve casos em que essas pessoas, sem condições financeiras para alugar uma casa, mesmo que temporariamente, ficaram ao relento, como ocorreu com a família de Creusa.

Quando o carro da prefeitura veio com a mudança, bem aqui tinha um pé de caju, aí jogaram a gente aí debaixo, aí eu disse: meu Cristo Redentor! Eu fiquei assim, aí debaixo do pé de caju, já tava com umas coisas assim, eu, meu marido e meu menino. Aí eu tinha um primo muito trabalhador, o finado Marcos, que me ajudou muito, aí veio pra ajudar a gente pra limpar, botamos assim uns paus, quatro paus, aí tinha uns lençóis, enrolamos assim, botamos um coxão no chão e dormimos olhando pras estrelas. Aí fomos cuidar em levantar outra casinha de taipa, bem ali assim, aí fizemos, fizemos a salinha, o corredorzinho, um quarto e uma cozinha, então eu disse que estava bom demais.³²⁸

Um aspecto relevante em torno da construção dessas casas é a solidariedade dos parentes, amigos e vizinhos, que se reuniam para levantar as residências. O trabalho se dava em várias etapas, sendo, primeiro, realizada a limpeza do terreno, quando árvores de pequeno porte eram retiradas e “brocava-se” o mato. Depois, era feita a retirada do barro e da madeira, que podia ser encontrada na própria região ou trazida da construção anterior; em seguida, dava-se início à construção propriamente dita, que contava com todos os membros da família. Os homens eram responsáveis pelos serviços mais pesados, como limpar, armar a estrutura da casa e amassar o barro; já as mulheres e as crianças contribuíaam carregando o material e no

³²⁷ SANTOS, 2009.

³²⁸ MORAIS, 2009.

preenchimento das paredes. Mas nem sempre esse sistema foi seguido, Josefa de Sousa Sales Muniz afirma ter participado de todas as etapas do processo de construção de sua casa no bairro Água Mineral.

Eu sofri porque, quando eu estava trabalhando, saía de manhã e só chegava de noite. Ainda ia cortar o barro aqui, pra cortar tudo manual no picarete e coisando [sic] o barro pra fazer as paredes. Cavei esses barros todinhos, tirando a pedra, era uma pedra terrível, eu peneirava a terra e aí tirava as pedras pra vender e ia vender lá no Cabral. Aqui eu peneirava o barro e fazia aquela ruma e, quando era de noite, quando o Paulino chegava aí numa noite, ele enchimentava as paredes, aí, quando era na outra noite, aí nós ia encher as paredes, e aí fomos indo, fomos indo até que já fizemos ela já grande, já quase do tamanho dessa daqui. Nesse tempo que nós estava fazendo essa casinha foi quando nós fizemos uma latadzinha aqui lá nos fundo, nós passava a noite nessa latadzinha até acabar a casa, aí a gente veio pra aqui debaixo.³²⁹

Com o tempo medido pelas relações de trabalho, retardava-se ainda mais o andamento da construção da casa, pois esses moradores tinham que conciliar o emprego durante o dia e a edificação da casa durante a noite. Era comum a construção inicial de um espaço provisório denominado por eles de “latada”, que ainda mais precário, pois construída com papelão, ou latas de óleo abertas, as quais eram utilizadas como paredes, geralmente debaixo de uma árvore, pois não havia cobertura. Esse espaço alojava a família até que a casa fosse construída. Nesse sentido, a conclusão da casa representava o acesso a um pouco mais de segurança e até mesmo de conforto, pois ficariam abrigados do sol e da chuva, sendo uma referência para todos os membros da família. Esse tipo de habitação era a mais encontrada na região e compunha a fisionomia do bairro, como podemos observar na imagem a seguir:

³²⁹ MUNIZ, Josefa de Sousa Sales. *Depoimento concedido a Luana Pacheco Faria de Carvalho e Regianny Lima Monte*. Teresina, abr. 2009.



Foto 19: Residência do Buenos Aires, 1976
 Fonte: Jornal *O Dia*, Teresina, 02 jul. 1976, p. 13.

Entretanto, essa estabilidade era interrompida durante os meses de chuvas mais intensas, entre dezembro a maio, período de maior precipitação pluviométrica, acompanhada de ventos fortes e descargas elétricas mais intensas. Periódicos locais denunciavam essa situação frequentemente: “Sem as mínimas condições de segurança, as residências construídas pela Prefeitura, no bairro Água Mineral, estão caindo a cada chuva. As famílias, principalmente formadas por favelados, estão ficando ao desabrigo e são obrigados a se mudarem para outros bairros.”³³⁰ Por se tratar de uma edificação rudimentar, feita de taipa e coberta de palha, essas casas passavam inseguranças para seus moradores.

Quando vinham as chuvas molhava tudo, chuva com vento forte, a água entrava de um lado e saía do outro, aí quando parava tinha que acender um fogo de lenha pra gente se enxugar. O meu menino deitou na cama, quando a gente foi caçar ele, ele estava dentro d’água, que entrava pelas paredes que ainda não estavam todas feitas. Na hora que vinha a chuva, os meninos já estavam chorando. Quando dava cinco horas da tarde, eles já queriam comer logo pra ficar aquecidos, na hora da chuva já tinham era medo.³³¹

As dificuldades não se resumiam apenas à precariedade das residências, sendo a própria escassez de equipamentos de infraestrutura um problema encarado cotidianamente. A falta de

³³⁰ CHUVA deixa ruas alagadas e causa desabrigo na zona norte. *A Tribuna*, Teresina, ano 1, n. 67, p. 6, 6 maio 1975.

³³¹ SILVA, Maria do Amparo Sousa Araújo. *Depoimento concedido a Luana Pacheco Faria de Carvalho e Regianny Lima Monte*. Teresina, mar. 2009.

um aparelhamento urbanístico adequado desencadeava uma série de outros problemas, como denuncia um periódico do período.

Gripe, escabiose e diarreia são as doenças mais comuns que minam a saúde das aproximadamente quatro mil famílias residentes no Bairro Buenos Aires, na zona Norte de Teresina. O universo social e as dificuldades desta comunidade se repetem de segunda a domingo: não existe uma rua calçada. E a comunidade reclama ainda que o bairro não tem posto médico, não tem mercado público. É um dos bairros mais pobres do Piauí.³³²

Essas eram algumas das muitas dificuldades que os moradores dessa região enfrentavam, sendo que o intenso crescimento populacional verificado nos bairros Buenos Aires e Água Mineral só agravava ainda mais as condições de vida desses habitantes, que não dispunham de um ambiente saudável. A poeira provocada pela falta de calçamento nas ruas e a constante escassez de água tratada contribuía significativamente para que os moradores fossem acometidos constantemente por doenças diversas, situação que se agravava com a falta de postos médicos no local, sendo os moradores obrigados a recorrer ao hospital da Primavera ou ao Getúlio Vargas, no centro da cidade.

O problema mais grave estava no abastecimento de água, não apenas do Buenos Aires e do Água Mineral, pois o sistema de distribuição de água, assim como de energia e saneamento, era precário nos demais bairros periféricos de Teresina.³³³ A cidade crescera desordenadamente e sofria as ambiguidades desse processo. Ao mesmo tempo em que fontes com jatos de água foram instaladas em diversos pontos do centro da cidade, como na Praça Pedro II, no canteiro central da Avenida Frei Serafim, no passeio do Palácio de Karnak, esse mesmo líquido era escasso nos bairros mais afastados do centro da cidade. As imagens a seguir são uma prova disso.

³³² DOENÇAS e falta d'água são comuns no Buenos Aires. *O Dia*, Teresina, ano 25, n. 4523. Cad. Especial, p. 1, 02 jun. 1976.

³³³ Uma série de reportagens foi realizada pelo jornal *O Dia*, denunciando as dificuldades dos bairros situados na periferia da cidade. REDENÇÃO: o drama de um bairro esquecido. *O Dia*, Teresina, ano 25, n. 4498. Cad. Especial, p. 16, 04 jun. 1976; TABULETA enfrenta os problemas do abandono. *O Dia*, Teresina, ano 25, n. 4512. Cad. Especial, p. 1, 19 jun. 1976; BUENOS Aires: o drama de um povo que sofre. *O Dia*, Teresina, ano 25, n. 4523. Cad. Especial, p. 13, 02 jul. 1976. VERMELHA está abandonada: o povo quer posto de saúde. *O Dia*, Teresina, ano 25, n. 4535. Cad. Especial, p. 13, 16 jul. 1976. TRÊS Andares e Cidade Nova: o desafio social permanece. *O Dia*, Teresina, ano 25, n. 4548. Cad. Especial p. 16, 30 jul. 1976. MORRO da Esperança: onde a vida é muito difícil. *O Dia*, Teresina, ano 25, n. 4570. Cad. Especial p. 16, 27 ago. 1976. MONTE Castelo: aqui o drama social se repete. *O Dia*, Teresina, ano 25, n. 4554. Cad. Especial p.16, 06 ago. 1976.



Foto 20: Fila para pegar água em chafariz na zona Norte
 Fonte: Jornal *O Dia*, Teresina, 02 jul. 1976, p.13.

Os moradores tinham que recorrer a chafarizes, que eram poucos e distantes, ou a poços cavados nos quintais de alguns moradores, que vendiam as latas d'água, como descreve Creusa, moradora do bairro Água Mineral.

Tinha um chafarizinho, assim, bem ali onde tem uma quadra de futebol hoje lá, bem ali embaixo, a gente pegava água lá. Isso dava uma briga, era uma confusão danada, que a fila era grande e um queria e outro queria. Aí quase eu não queria ir pro chafariz, aí lá em cima tinha um homem chamado Dedé, a gente pegava água lá no poço, era cinco centavos a latinha, nós trazia [sic] água boa, nós trazia de lá.³³⁴

A região também não contava com distribuição de energia elétrica, sendo que, de acordo com Creusa, a iluminação era na base da “lâmparina, porque não tinha luz mesmo, era só a lâmparininha”.³³⁵ O poder público anunciava as vantagens da instalação do sistema de eletrificação no bairro Buenos Aires ainda em 1976: “com o simples ato de ligar o novo sistema de transmissão do bairro Buenos Aires, a CEPISA estará realizando benefícios proporcionados pela eletrificação que vão desde o campo econômico ao social”,³³⁶ No entanto a maioria da população não teve acesso a esse benefício, pois foi instalada apenas na avenida

³³⁴ MORAIS, 2009.

³³⁵ TRINDADE, Lídia Maria da. *Depoimento concedido a Francisco Alcides do Nascimento e Regianny Lima Monte*. Teresina, mar. 2009.

³³⁶ UM FUTURO de luz se abre para os moradores do bairro Buenos Aires. *O Estado*, Teresina, s/ano, n. 989, p. 8, 14/15 mar. 1976.

principal do bairro, como podemos observar na foto 21. Ficava, pois, a custa dos moradores levar a fiação até suas residências, e muitos moradores não tinham condições financeiras para tal empreendimento.



Foto 21: Bairro Buenos Aires em 1976, com a implantação do sistema elétrico.
Fonte: Jornal *O Estado*, Teresina, 14/15 mar. 1976, p. 16.

Alguns periódicos passaram a questionar a maneira como o poder público estava realizando a “política de desfavelamento” da cidade, ou seja, o processo de remanejamento das famílias que não tinham onde morar ou residiam em áreas impróprias. As principais reclamações ficavam por conta da total inexistência de infraestrutura na área para qual os moradores foram transferidos, como se pode verificar na seguinte matéria:

O bairro Buenos Aires é, hoje, o bairro mais populoso da capital, para onde a prefeitura está levando todos aqueles que não tem onde residir, concorrendo para que ali, em seis meses, a população se duplicasse. [...] convertendo-se em um desafio antecipado a um futuro precoce de área problemática, na paisagem urbana de Teresina. Por enquanto a sua função é abrigar, desempenhando o papel paternalista de um albergue comunitário e oferecendo-se aos pobres como única solução para a sua localização. Mais adiante não poderá ser apenas esse remédio dos que não tem onde morar, mas uma doença grave face aos problemas de infraestrutura, sobretudo, de saneamento.³³⁷

A matéria tem um cunho denunciativo e de alerta para os problemas que uma densa concentração urbana em um local inadequado poderia causar em pouco tempo. Esse processo também chamou a atenção de representantes da oposição, como o deputado Francisco

³³⁷ BUENOS, Aires, depósito dos desabrigados. *O Dia*, Teresina, ano 24, n. 4432, p. 1, 28 out. 1975.

Figueiredo (MDB), que faziam críticas à política implementada pela municipalidade. “A prefeitura de Teresina, a título de promover o desfavelamento desta capital, vem estimulando a construção de casas de palha por parte dos favelados, que são simplesmente deslocados de uma área para a outra da cidade”.³³⁸ As reclamações se davam, ainda, por ser uma área onde a maioria das habitações se cobriam com a palha, o que poderia levar à ocorrência de incêndios e à proliferação de doenças. Para o líder do MDB, “caberia a municipalidade padronizar os tipos de casas a serem construídas, a fim de que não se incentivasse a proliferação de casas de palha na cidade.”³³⁹

Entretanto, essa não foi uma preocupação central dos governantes. Assim sendo, bairro mesmo após ter recebido uma grande quantidade de famílias, sendo parte delas instalada no Água Mineral, não passou a contar com equipamentos de infraestrutura que pudessem amenizar as dificuldades enfrentadas por seus moradores. Essas mudanças são sentidas no próprio ritmo de suas vidas, no percurso maior feito até chegar ao trabalho, na dependência de um transporte que se mostrava extremamente precário e, em alguns casos, na própria mudança de atividade, como ocorreu com Antônia Veloso Silva.

Quando eu vim [para o Buenos Aires], eu vendia era verdura lá [no Ilhotas], aí, quando eu vim, queria botar novamente, mas, como eu vi que não estava dando, eu fui trabalhar nas olarias, quando eu fui trabalhar ali. [...] Carregar tijolo, depois eu arranjei um trabalho de lavar e engomar, foi uma comadre minha que arranhou. Dois dias na semana eu lavava e engomava e, nos outros dias, eu ia pras olarias.³⁴⁰

A transferência também significou uma deterioração das formas de trabalho, já que para alguns moradores, ficou impossível continuar na mesma função e, para sustentar seus filhos, submetiam-se a atividades braçais e de menor remuneração, como lavar, passar ou ainda trabalhar nas olarias. Os moradores buscavam se adaptar à nova realidade em que estavam inseridos, procurando novas formas de sobrevivência, desempenhando atividades que lhes eram oferecidas no próprio bairro, pois o hábito de ir ao Centro era cada vez menos comum, como descreve Doralice Maria da Conceição, que morava na Matinha e “trabalhava de cozinha” em restaurantes do Centro da cidade. Com a mudança, “foi muita dificuldade. Não

³³⁸ DESFAVELAMENTO provoca debate. *O Dia*, Teresina, ano 24, n. 4219, p. 3, 03 jun. 1975.

³³⁹ DESFAVELAMENTO provoca debate. *O Dia*, Teresina, ano 24, n. 4219, p. 3, 03 jun. 1975.

³⁴⁰ SILVA, Antônia Veloso da. *Depoimento concedido a Luana Pacheco Faria de Carvalho e Regianny Lima Monte*. Teresina, mar. 2009.

tinha água, botava água nas casas pra poder ganhar meus troquinhos, eu vivia de botar água na cabeça e de lavar roupa no rio Poti”.³⁴¹

A região, conforme a descrição de alguns moradores, “era como uma zona rural por aqui”.³⁴² A falta de infraestrutura e a existência de áreas livres com “muito mato” favorecia que os moradores retomassem alguns hábitos típicos do interior, como o de fazer roças, sendo para alguns o sustento da casa. Como descreve Agenor, “naquela região ali do Mocambinho tinha gente que fazia roça naquela mata ali, gente vivia de roça ali, aí o caba vive só do bico mesmo, era fazendo carvão, fazendo bico no Mercado Velho, mas a maioria dessas pessoas vivia da roça”.³⁴³ O terreno era propício ao cultivo, tendo em vista que estava situado próximo às vazantes do rio Poti, nas quais se plantava arroz, milho, feijão, batata, macaxeira.³⁴⁴

Outro costume comum na área era criar animais. Durval afirma que “essa região não tinha movimento não, era um lugar calmo, tranquilo, a gente podia viver sossegado, a gente podia criar, criava galinha, ainda cheguei a vender porco aqui de sessenta quilos, a gente criava livre aqui, o cercado era aquele cercado de talo de coco”.³⁴⁵ Essa prática era recorrente entre os moradores. “A carne, comprava só no final de semana. Tinha a pessoa que vendia carne na rua, matava bicho, boi, porco, bode, tudo que ele criava”.³⁴⁶

A maioria dos moradores levada para essa área da cidade, com o processo de desapropriação pelo qual haviam passado, tinha a sua origem ligada ao campo. Eram migrantes ou filhos de migrantes, que apresentavam essas atividades como referências em seu modo de vida, que por algum tempo foram impossibilitadas de serem exercidas, visto que o meio urbano restringia algumas dessas práticas. A transferência também significou para alguns moradores um revisitar das formas tradicionais de trabalho e de sociabilidades, ou seja, um retorno à vivência do campo, mas nem sempre avaliada de forma positiva. Ainda, conforme Le Goff, “a cidade, portanto, pode ser penetrada pelo campo; não seria pertinente definir, a este respeito, uma separação absoluta”.³⁴⁷

O comércio nessa área era incipiente, não havia uma diversidade de produtos o que dificultava o sistema de abastecimento dessas famílias que tinham que se dirigir ao Centro da

³⁴¹ CONCEIÇÃO, Maria Doralice da. *Depoimento concedido a Laécio Barros Dias e Regianny Lima Monte*. Teresina, jul. 2006.

³⁴² RIOS, 2009.

³⁴³ ABREU, Agenor, 2009.

³⁴⁴ SILVA, Durval Venâncio da. *Depoimento concedido a Luana Pacheco Faria de Carvalho e Regianny Lima Monte*. Teresina, mar. 2009.

³⁴⁵ SILVA, Durval, 2009.

³⁴⁶ ABREU, Agenor, 2009.

³⁴⁷ LE GOFF, Jacques. *Por amor às cidades: conversações com Jean Lebrun*. São Paulo: Editora da UNESP, 1998. p. 33.

cidade para comprar tanto gêneros alimentícios, como outros produtos, conforme Durval, “o comércio era uma quitandinha, quitanda mesmo era a maioria do comércio nesse tempo. Tinha que ir ao Centro, no Mercado Velho, tinha quitanda aqui, mas era sempre mais cara as coisas, e quando era sexta-feira a gente ia receber o dinheiro e ia abastecer no comércio.”³⁴⁸ Já para as demais pessoas que não possuíam um rendimento fixo, o abastecimento se dava em quitandas no próprio bairro, como afirma Creusa.

A gente comprava era uma colher de café, dez centavos de óleo, uma quartinha de açúcar, uma quartinha de farinha, só pra não extrapolar e não faltar. Todo dia, era uma colher de café, uma quarta de açúcar, era assim, um copinho de óleo, a gente levava o copo e colocava aquele tiquinho. Aí eles botavam as medidinhas, pra gente comprar tinha que ter aquelas medidinhas pra comprar, colher de café, um cadim de açúcar, meio quilinho de arroz, era assim que a gente comprava, eu pelo menos fazia assim, porque eu dava minha diária de lavado, de engomado, eu já vinha com meu troquinho na mão, aí eu já trazia, com aquele dinheiro, eu já trazia um tiquim de um, um tiquim de outro, foi assim.³⁴⁹

Outra dificuldade descrita pelos moradores dessa área diz respeito ao sistema precário de transporte. À época, Teresina contava com seis empresas de ônibus operando em vinte e duas linhas³⁵⁰, ainda insuficientes para cobrir todo o espaço urbano da capital. No bairro Buenos Aires havia apenas uma linha de ônibus que contava com dois veículos em péssimas condições que fazia o itinerário centro-bairro, chegando a demorar até duas horas entre a passagem de um a outro veículo, por esse motivo, era comum a presença de veículos lotados e de grandes esperas por parte da população que fazia uso desse meio de transporte. Por conta da precariedade que se encontravam as ruas e avenidas dos bairros Buenos Aires e Água Mineral, o ônibus encerrava o percurso na entrada que dava acesso aos bairros, no balão próximo à Fábrica e Distribuidora da Coca-cola, o restante do trajeto era feito a pé pelos moradores até suas residências.

Por conta da precariedade do sistema de transporte oferecido e das elevadas tarifas cobradas por esse serviço, muitos moradores faziam usos de alternativas, como bicicletas, como foi constatado em relatório realizado pela Prefeitura. “A população de baixa renda serve-se principalmente das bicicletas, que, de forma definitiva, incorporou-se a paisagem de

³⁴⁸ SILVA, Durval, 2009.

³⁴⁹ MORAIS, 2009.

³⁵⁰ PREFEITURA MUNICIPAL DE TERESINA/SECRETARIA DE PLANEJAMENTO. *Relatório sobre as condições de vida da população de baixa renda na cidade de Teresina*. Teresina, Relatório de Pesquisa. v.1. jan./set. 1980. s/p.

Teresina, onde estimava-se existir, em 1977, um total de 25.000 veículos desse tipo.”³⁵¹ O uso desse transporte encontrava facilidade em decorrência do relevo da cidade não apresentar grandes alterações. Outra medida tomada era a decisão de realizar o trajeto a pé mesmo, como descreve Maria dos Remédios. “A maior dificuldade de morar aqui era a passagem do ônibus, cansei de ir a pé pro Centro, cansei de botar a trouxa de roupa na cabeça do 25 [Batalhão de Engenharia e Construção] até aqui com minha sogra. Às vezes não tinha dinheiro pra pagar o ônibus e nem táxi.”³⁵² A distância e a falta de recursos financeiros são apontadas pela moradora como uma das dificuldades enfrentadas para poder continuar trabalhando, principalmente para aqueles que desempenhavam alguma atividade no Centro.

Aí foi complicado porque antes nós não dependíamos de transporte coletivo, da onde nós morávamos para os locais onde a gente tinha que se deslocar pra trabalhar, a gente ia de pé, de bicicleta, tudo era fácil. E depois, tendo que morar lá no Buenos Aires, nós passamos a depender de transporte coletivo e já foi um problema, uma dificuldade a mais. Ali na região da Miguel Rosa, praticamente tudo que você iria fazer ia de pé, de bicicleta até a Praça Saraiva que era o local onde a gente se concentrava para o trabalho. Era fácil, a gente saía cedo, chegava cedo, sem problema nenhum. Lá no Buenos Aires ficou tudo mais difícil, complicado, você já não podia mais sair do Buenos Aires para o Centro, onde você trabalhava, de pé, era mais de dez, doze quilômetros. Esse foi um dos pontos negativo da mudança.³⁵³

Outro aspecto negativo, diz respeito ao aumento da insegurança provocado, conforme um periódico de circulação diária, pelo contínuo processo de desapropriações e remanejamento de favelados para o Buenos Aires efetivado pela municipalidade. A população que já estava instalada nessa região passou a ficar apreensiva “com a demanda de pessoas de todas as classes, o bairro que antes era tranquilo, passou a viver seus piores momentos, pois para a área mudaram-se prostitutas que viviam no antigo ‘Trilhos’, marginais e criminosos”.³⁵⁴ Ainda, de acordo com a matéria algumas famílias já deixaram o bairro por conta da criminalidade.

Esses moradores, como podemos analisar, passaram por problemas de ordens diversas. Era antes de tudo, um processo de adaptação a uma dura realidade, pois o bairro, como foi verificado, era desprovido de uma série de equipamentos que tornava o dia-a-dia dessas

³⁵¹ PREFEITURA MUNICIPAL DE TERESINA/SECRETARIA DE PLANEJAMENTO, 1980, s/p.

³⁵² SILVA, Maria dos Remédios, 2009.

³⁵³ GONDINHO, 2006.

³⁵⁴ FAMÍLIAS do Buenos Aires não querem favelados. *O Estado*, Teresina, s/ano, n. 740, p. 4, 16 abr. 1975.

pessoas ainda mais difícil. Mas em meio a tanta dificuldade, essas pessoas criaram vínculos afetivos nesse lugar, estabeleceram laços de amizade, de vizinhança, pois passaram por processos semelhantes.

É importante ressaltar que os laços de convivência entre os moradores não foram desfeitos completamente com a transferência, na medida em que alguns moradores vieram juntos, passaram por esse mesmo processo de mudança. Em um primeiro momento, poderia até terem ficado separados, mas depois como ressalta Francisco de Assis, “a gente foi vendo que estavam todos lá naquela região e a gente foi se aproximando, com certa dificuldade a gente foi começando a se avizinhar novamente”.³⁵⁵

Notamos que os vínculos entre eles eram mais intensos entre pessoas que estavam ligadas por relações familiares, seja por laços consanguíneos ou matrimoniais, tanto horizontais, no caso de Durval e Teresa, que eram irmãos, como transversais por meio de casamentos entre vizinhos, como ocorreu com Remédio ao contrair matrimônio com filho de Teresa, sua vizinha. Outro fator agregador entre esses moradores diz respeito às relações de compadrio, como a verificada entre as moradoras Teresa, Antônia e Amparo, que eram comadres e permaneceram vizinhas após a mudança para o Buenos Aires, ou no caso dos compadres Cinéas e Agenor, que ficaram espacialmente distantes, mas fizeram questão de preservar os vínculos de amizade se visitando nos fins de semana. Por outro lado relações de vizinhança também foram sendo estabelecidas entre os demais moradores, em um processo contínuo de adaptação proporcionado pelo convívio cotidiano.

Foi uma relação de adaptação, com moradores, com vizinhos diferentes, que você não conhecia, que eram outros vizinhos que estavam vindo de outras desapropriações e passaram a se encontrar todos lá, a situação era parecida pra todos, porque todos estavam vindo de desapropriações. Agora, o processo de readaptação, de conhecimento, de amizade, isso aí veio seguindo depois com o tempo. Durante os três anos que nós passamos lá, nós tivemos um relacionamento muito bom com a vizinhança. Na época foi difícil, foi difícil a adaptação.³⁵⁶

Esses laços de solidariedade estavam presentes, sobretudo, nos momentos de dificuldade de ordem financeira, como descreve Durval: “o morador que tinha mais condição era que ajudava uns aos outros, quando precisava de alguma coisa, vai na casa de fulano e

³⁵⁵ GONDINHO, 2006.

³⁵⁶ GONDINHO, 2006.

arranjava e tinha vez que a gente arranjava”³⁵⁷, ou em momentos de doença, como narra Creusa.

Quando eu adoeci, ele [marido] também doente. Aí os meus vizinhos era que tomavam de conta, fiquei no cuidado dos vizinhos, que me ajudaram. Esses vizinhos aqui são muito bons, não sei se é porque faz tempo que a gente mora aqui que a gente é quase uma família. [...] Mas meus vizinhos são ótimos pra mim, eu não tenho o que dizer, os vizinhos aqui são muito solidário, eu não tenho o que dizer de nenhum, pra mim são muito boas pessoas.³⁵⁸

Tendo como base a fala de Creusa, podemos afirmar que os laços de solidariedade entre os vizinhos eram firmados com a própria convivência entre eles. Eram pessoas que estavam presentes no seu dia-a-dia, nas conversas nas calçadas, no percurso para buscar água ou nos encontros para ir ao Centro da cidade a fim de realizar atividades de trabalho, como lavar, passar, vender frutas no mercado. Eram pessoas a quem poderiam recorrer em momentos de necessidade ou desespero, como descreve Maria de Jesus.

Eu lembro de uma casa que pegou fogo pertinho da nossa, eu peguei a água que eu tinha no meu tambor, eu levei toda pra lá pra ajudar a apagar o fogo. Negócio de bombeiro não, nós conseguimos lá todos juntos controlar o fogo, e o bombeiro não chegou. Tinha duas crianças, eram gêmeas, as crianças estavam dentro da casa, foi um desespero pra rua toda e eu não fui pensar. Eu sei que eu não fui egoísta. Depois eu, a água que eu carreguei no lombo, aquelas latas d’água, mas eu não pensei duas vezes.³⁵⁹

Momentos como o descrito pela moradora do bairro Água Mineral demonstram que os vizinhos se reconhecem nas adversidades cotidianas e se unem para enfrentar os desafios. Tendo como ponto de partida o sentimento de solidariedade com o próximo, os moradores se unem e tomam para si a responsabilidade pela resolução de problemas que surgem de forma inesperada, como a ocorrência de um incêndio em uma residência do bairro: “foi um desespero pra rua toda”. Esse acontecimento levou os moradores a deixarem suas atividades de lado e oferecerem socorro de forma conjunta e incondicional: “a água que eu carreguei no lombo, aquelas latas d’água, mas eu não pensei duas vezes.”

Esses laços de solidariedade são firmados entre iguais, pois ali residiam pessoas do mesmo nível econômico e social. Os moradores sentiam-se, assim, membros de uma mesma

³⁵⁷ SILVA, Durval, 2009.

³⁵⁸ MORAIS, 2009.

³⁵⁹ ABREU, Maria de Jesus, 2009.

comunidade e, como tal, agiam no sentido de reduzir as tensões e as dificuldades enfrentadas cotidianamente. É esse viver em comunidade e entre iguais que faz com que, nas regiões mais periféricas e afastadas da cidade, por mais carentes que sejam de equipamentos de infraestrutura, se continue preservando a política da “boa vizinhança”, de ajudar o próximo, uma prática que nos grandes centros urbanos é cada vez menos comum.

3.3 Formas de apropriações e consumo dos espaços da cidade pelos pobres urbanos

As pessoas sonham em fazer parte da cidade enquanto consumidores dos produtos e serviços típicos desse espaço. É a cidade do comércio, da propaganda, dos holofotes, dos painéis publicitários, das inovações eletrônicas, da agitação do mercado, da diversidade dos produtos industrializados, das formas de vivência modernas, entendidas aqui como a inserção nesse mundo de consumo, que mexe com o desejo e com o imaginário dos moradores da cidade. Os setores menos favorecidos financeiramente também fazem parte desse grupo e sentem-se instigados pelas novidades do mundo moderno, procurando espaços de inserção, mesmo que estes não estejam em pé de igualdade com os demais.

Entendemos que os pobres urbanos não são excluídos completamente do processo de consumo da cidade, pois eles criam estratégias que lhes possibilitam o acesso a esses bens oferecidos principalmente para as camadas médias e altas da sociedade. Aquelas pessoas buscam ser vistas e reconhecidas como seres desejantes e constituintes do espaço urbano, ou seja, têm necessidades que precisam ser suprimidas, não apenas de ordem material, mas também em relação aos espaços reservados ao lazer. O dia-a-dia dessas pessoas era marcado por uma rotina de trabalho intensa, estando inseridos em relações trabalhistas nada compensatórias, com rendimentos ínfimos e carga horária extensa. No pouco tempo livre, reservado às atividades de lazer, procuravam uma forma de se distrair da dura realidade buscando uma forma de amenizar as asperezas da vida cotidiana.

3.3.1 Os pobres urbanos enquanto consumidores da cidade do capital

Ao analisar o processo de modernização implantado no Brasil, tendo como base o modelo capitalista vigente, notamos que, a partir do pós-guerra, ou seja, entre 1945 e 1979, o processo de industrialização se intensifica de forma extraordinária, acompanhado as

tendências mundiais. A velocidade das transformações econômicas, com a incorporação de padrões de produção e consumos típicos de países desenvolvidos, fabricava novas formas de ver e sentir o mundo, o que levou os brasileiros a adotar um sistema que privilegiava um modelo de desenvolvimento que assegurasse a “marcha” para o progresso, experimentado principalmente pela inserção de produtos industrializados no cotidiano da maioria da população urbana.

O acesso a esses novos padrões de consumo estava associado ainda ao crescimento das indústrias de bens duráveis, que teve impulso dos anos 1950 até o final da década de 1970. As indústrias brasileiras fabricavam uma grande variedade de produtos que iam desde gêneros alimentícios e têxteis à indústria petroquímica e automobilística. Conforme Anna Figueiredo, foi durante as décadas de cinquenta e sessenta que a idéia de consumo desses produtos industrializados foi incutida no imaginário popular, especialmente com as campanhas publicitárias,³⁶⁰ porém é na década de setenta que estes produtos vão ter uma maior expressão, com o aumento considerável de lojas de departamentos. Destaque-se que nada fez tanto sucesso como as maravilhas oferecidas pelos eletrodomésticos.

O comércio local passou por transformações significativas. O setor varejista foi estimulado pela variedade de bens oferecidos pelas indústrias da região Sudeste, proporcionada pelos programas de integração nacional, sobretudo com a ampliação da malha rodoviária, além dos serviços de telecomunicações e energia, que facilitavam a circulação de mercadorias pelas demais regiões do país. No final dos anos setenta, cerca de 45% das importações piauienses eram oriundas de empresas do Sudeste.³⁶¹ A oferta desses produtos mudou consideravelmente o consumo das famílias piauienses, principalmente daquelas que residiam nas áreas urbanas. Conforme Antônio Paulo Resende,

As cidades foram sempre o reino privilegiado do valor de troca. A modernização as torna o verdadeiro império das seduções, a moeda mais atrativa e envolvente para acelerar mais ainda as trocas. A força da propaganda e do consumo, as novidades produzidas pelas indústrias, mexeram profundamente com o cotidiano das pessoas.³⁶²

³⁶⁰ FIGUEREDO, Anna Cristina Camargo Moraes. “*Liberdade é uma calça velha, azul e desbotada*”: publicidade, cultura de consumo e comportamento político no Brasil (1930-1964). São Paulo: HUCITEC, 1998.

³⁶¹ BANDEIRA, Wiliam Jorge; LOPES, Jansen Nogueira. (Coord.) *Análise do processo de urbanização do Piauí*. Estudos Diversos. Teresina: Fundação CEPRO, 1985. p.23.

³⁶² REZENDE, Antônio Paulo. *(Des)encantos Modernos: histórias da cidade do Recife na década de vinte*. Recife: FUNDARPE, 1997, p. 57.

É preciso estar atento aos efeitos que as propagandas midiáticas exerciam sobre essas pessoas. A imprensa como um todo, de certa forma, foi beneficiada com investimentos advindos do poder público após a implantação do regime militar em 1964, o que proporcionou a expansão e a modernização dos meios de comunicação, que eram vistos pelos militares “como parte de uma estratégia política ligada a ideologia de segurança nacional. A implantação de um sistema de informação capaz de ‘integrar’ o país fazia parte de um projeto em que o Estado era o centro irradiador de todas as atividades.”³⁶³

No estado do Piauí não foi diferente. A imprensa escrita modernizou seu parque gráfico, e os textos publicitários passaram a contar com as imagens, que tornavam os anúncios ainda mais atrativos. Devemos registrar que os anúncios publicitários não eram veiculados apenas na imprensa escrita, contando também com a radiofônica e a televisiva, esta a partir de 1973, com a implantação da TV Rádio Clube. As propagandas chegavam aos diversos setores sociais, sendo o rádio, sem dúvidas, o meio de comunicação de maior audiência. A fala de Maria dos Remédios demonstra como os anúncios radiofônicos atingiam a população menos provida de poder de compra, mexendo com o imaginário consumista dessas pessoas.

Eu já ouvia falar na Vemosa, propaganda de fogão, de geladeira, de tudo. [...] A gente tinha vontade de ter, de comprar, mas ninguém tinha porque falta de dinheiro, não tinha dinheiro pra comprar, a gente via propaganda de tudo, de tecido, de tudo, pelo rádio. Era a única coisa que tinha era um rádio ABC em cima de uma tábua.³⁶⁴

Os setores mais populares, de modo geral, apresentavam índices de consumo bem inferiores em relação aos setores de renda mais elevada. Uma pesquisa realizada pelo Departamento de Estudos Econômicos do Nordeste,³⁶⁵ no final da década de 1960, sobre o consumo de produtos industrializados pela população urbana de Teresina revelou que o consumo ainda era reduzido, embora já apresentasse sinais de crescimento, principalmente, entre os produtos de higiene pessoal e de bens duráveis. Sobre estes últimos, a tabela a seguir demonstra o consumo de tais produtos.

³⁶³ ABREU, Alzira Alves de. As mudanças na imprensa brasileira: 1950-1970 In: LUSTOSA, Isabel. (Org.). *Imprensa, história e literatura*. Rio de Janeiro: Edições Casas de Rui Barbosa, 2008. p.471.

³⁶⁴ SILVA, Maria dos Remédios, 2009.

³⁶⁵ A pesquisa foi realizada por meio de amostragem, através de entrevistas feitas com 739 famílias domiciliadas na zona urbana de Teresina. DEPARTAMENTO DE ESTUDOS ECONÔMICOS DO NORDESTE-ETENE. *Consumo de produtos industrializados*: cidade de Teresina. Fortaleza: Banco do Nordeste, 1968.

TABELA 5: Frequência dos domicílios na disponibilidade de bens duráveis de uso domiciliares em Teresina em 1967

PRODUTO	PORCENTAGEM DOS DOMICÍLIOS NA DISPONIBILIDADE
Aparelho de TV	1%
Veículo Particular	8%
Geladeira	27%
Fogão a Gás	48%
Máquina de Costura	65%

Fonte: ETENE de 1967

Um dos indicadores das condições de vida da população pode ser observado na disponibilidade de bens duráveis a que ela tem acesso, observando-se o estágio de desenvolvimento em que se encontram os setores sociais, de acordo com o nível de renda *per capita* e a relação de consumo de tais produtos. Conforme os dados expostos na tabela acima, percebe-se um baixo consumo de aparelhos eletrodomésticos, o que em parte se explica pela própria renda, mas também por conta da precária oferta de energia elétrica na década de 1960. Da mesma forma o pequeno número de aparelhos de TV se justifica pela inexistência de uma emissora de televisão no estado. Já quanto ao elevado número de máquinas de costura nas residências, mesmo de setores mais pobres, explica-se pelo caráter popular de tal produto e também pela função que exercia dentro dos lares, sendo, para alguns, fonte de sobrevivência, tendo em vista que muitas mulheres trabalhavam como costureiras, ou era utilizado para realizar pequenos reparos no vestuário da família.

A partir da década de 1970, o estado registrou uma oferta maior de produtos de intensa densidade tecnológica, como veículos e eletrodomésticos, os quais passaram a contar com fornecimento regular de energia elétrica proporcionado pela construção da Hidrelétrica de Boa Esperança, implantada em 1970. O processo de integração nacional por meio do progresso das telecomunicações via microondas e posteriormente por satélite trouxe consigo novas formas de comercialização, inclusive com a propaganda de produtos industrializados em escala nacional. Os resultados não demoraram a chegar, sendo que no ano de 1980, a TV, um dos mais fascinantes aparelhos eletrônicos, estava presente em 17,9% nos lares teresinenses.³⁶⁶

Dessa forma, fogões a gás, geladeiras, liquidificadores, batedeiras, enceradeiras, ferros de passar, bicicletas, aparelhos de som e televisores em cores tornaram-se “necessidades” em

³⁶⁶ MENDES, Felipe. *Economia e desenvolvimento do Piauí*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves. 2003. p. 278.

todos os lares, mas nada mexia tanto com o imaginário consumista como o automóvel, presença constante nos anúncios publicitários, sempre associado ao que havia de mais moderno no momento.



Foto 22: Anúncio publicitário de automóvel.
 Fonte: Jornal *O Dia*, Teresina, 13 jun. 1976, p.12

Sem dúvida, os anúncios publicitários eram direcionados a um público específico, ou seja, os detentores do poder de compra, apresentando um caráter extremamente segregador. Tais anúncios estavam relacionados a um estilo de vida pautado no consumo de produtos industrializados inaugurado, ainda, nas duas primeiras décadas do século XX pelos norte-americanos, conhecido como *american way of life*. Essa nova forma do capitalismo centrada no consumo frenético de produtos considerados modernos estimulado pela publicidade foi seguido durante todo o século XX pelos demais países de economia capitalista, inclusive aqueles considerados periféricos, como foi o caso do Brasil. Nesse contexto, o automóvel tornou-se um dos artigos de consumo mais almejados entre os membros das sociedades urbanas, símbolo de *status* e poder.

A ilustração mostra um automóvel de quatro portas, moderno, com linhas arrojadas para a época. Já o texto propagandeava não só um carro modelo *Landau/1976* da *Ford*, mas destaca a exclusividade de tal aquisição. Mais que isso, demonstra “*status*, personalidade, situação financeira e posição social” daqueles que desfrutam do mercado consumidor de forma direta, veiculando a idéia de que, no sistema capitalista, vencem as pessoas que empreendem um maior esforço individual: “Pense em revistas e no direito que o seu *status* lhe

dá e veja se você já não está merecendo entrar para esse clube”, omitindo as estruturas de concentração de renda e disparidades sociais existentes.

Esse discurso, entretanto, encobre as desigualdades próprias de um capitalismo que fincou suas bases não no progresso e no desenvolvimento de suas estruturas, mas em de um capitalismo incipiente, centrado na cópia de estilos e padrões de consumos de economias desenvolvidas. Para Marshall Berman³⁶⁷, essa é uma característica das economias dependentes de países subdesenvolvidos, como o Brasil, que compõem as contradições da vida moderna nesses sistemas, nos quais o padrão de consumo passa por constantes atualizações levando a uma corrida incessante pelo mais novo, moderno e atual.

Numa sociedade marcada pelo privilégio e pela desigualdade, proclama alto e bom som que o homem vale o que vale apenas pelo que consome. Se o mercado educa para a busca calculada do interesse próprio, convertendo o homem em escravo do dinheiro, a publicidade educa para o apetite inesgotável por bens e satisfação pessoal imediata, tornando as massas em servas dos objetos, máquinas de consumo.³⁶⁸

As propagandas veiculadas na imprensa tinham como objetivo sensibilizar o consumidor para a aquisição de tais produtos, mexendo com o desejo e o imaginário popular. Para as camadas populares, eles podem significar uma forma compensatória, pois tem-se a sensação de que, com o consumo, se pode diminuir as asperezas do trabalho estafante, das relações de subalternidade e até mesmo a impressão de que as divergências são menores entre os consumidores da cidade. As vitrines são expostas ao passante, tanto para os que se encaminham apressadamente para o trabalho, quanto para os mendigos que fazem das ruas seu lar, assim, todos os *transudentes* têm acesso, pelo menos, visualmente, aos produtos ali oferecidos.

Datas comemorativas, como o Natal, o Dia das Mães, são utilizadas pelo mercado varejista para aumentar as vendas. Facilidades de compra e pagamentos atraem os consumidores, inclusive aqueles de rendimentos baixos, que, por meio do crediário, podem adquirir produtos à prestação. Encartes como este do jornal *O Dia* eram constantes nos classificados dos periódicos de maior circulação no estado.

³⁶⁷ BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido se desmancha no ar: a aventura da modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

³⁶⁸ MELO, João Manoel Cardoso de; NOVAIS, Fernando A. Capitalismo tardio e sociabilidade moderna. In: SCHWARCZ, Lília Mortiz. *História da vida privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea*. vol. 4. São Paulo: Companhia das Letras, 1988. p.641.



Foto 23: Anúncio publicitário de eletrodomésticos
 Fonte: Jornal *O Dia*, Teresina, 23 nov. 1978, p.12

Apesar da ampla oferta desses produtos, apenas uma pequena parcela da população tinha acesso a esses bens, formando por um grupo restrito, de apenas 5% da população do estado, os quais passaram a consumir maciçamente os bens duráveis oriundos da região Sudeste.³⁶⁹ A classe média, todavia, passava por apertos no orçamento para adquirir tais produtos, enquanto a maioria dos que compunham as classes menos favorecidas dos centros urbanos, com baixíssimos rendimentos, despossuídos do poder de compra desses outros setores, também buscaram incorporar aos padrões de consumo moderno.

A década de setenta foi a década que a gente comprou o primeiro radiozinho. Ainda hoje eu lembro do nosso primeiro radiozinho, ABC, porque a marca era ABC, do rádio, foi o nosso primeiro. Naquela época, naquela época, ter rádio, ter televisão era, nem se fala, o pobre ter rádio, geladeira, fogão, na década de setenta, porque isso só foi se popularizando da década de oitenta, foi quando os pobres passaram a ter fogão, geladeira. A maior alegria de um pobre naquela época era ter um radiozinho a pilha, mas nós tínhamos.³⁷⁰

Ainda que de forma bastante precária, o rádio a pilha, quase sempre era o primeiro a ser adquirido, talvez pelo baixo custo e popularidade desse produto, assim como o fogão a gás,

³⁶⁹ BANDEIRA; LOPES, 1985, p. 33.

³⁷⁰ RODRIGUES, 2009.

considerado, na cidade, essencial pela economia de tempo, que era cada vez mais cronometrado com as novas formas de trabalho. A incorporação de outros produtos, como a TV e o refrigerador, aparelhos mais caros, levou um pouco mais de tempo, pois dependia fundamentalmente da melhoria das condições financeiras, como descreve seu Durval.

Quando eu cheguei aqui eu não tinha nada, nem fogão eu não tinha, eu não tinha televisão, não tinha fogão, não tinha nada, depois foi que eu fui comprando. [...] O primeiro que só foi comprado pra cá pra dentro foi o fogão, fogão a gás. [...] Quando eu comecei a trabalhar, eu comprei logo porque eu saía de casa de manhãzinha cedo, trabalhava longe, não era, tinha que fazer o almoço pra levar, e no carvão dava muito, demorava muito, aí eu comprei lá no Paraíba a prazo, a prestação. Vixe! isso pra mim era uma coisa muito triste, todos os meses chegava uma prestação pra pagar, aí eu paguei. Depois comprei uma cama, uma cama, porque eu sou do interior vou comprar uma cama, aqui ia ficar muito bonita, aí comprei no Paraíba, comprei uma televisão, aí foi aumentando, aumentando, aumentando.³⁷¹

A aquisição de eletrodomésticos pelas camadas populares, compostas em sua maioria por trabalhadores braçais, migrantes rurais recém-chegados e cidadãos pobres, se dava por bens tidos como inferiores ou de segunda mão, mais acessíveis, embora tenha representado uma mudança significativa nos hábitos consumistas da maioria da população, que até pouco tempo era excluída completamente desse processo. Um tradicional local da cidade conhecido pelo comércio informal que ali realizava-se, o “Troca-troca”, “surgiu espontaneamente à margem do Rio Parnaíba, tendo como ponto de encontro a sombra de uma figueira.”³⁷² Situa-se, ainda hoje, na Avenida Maranhão, nas proximidades do Mercado Central e da Praça Marechal Deodoro da Fonseca, tendo passado por modificações para se adequar às novas exigências do consumidor, como releva a matéria a seguir.

Uma verdadeira loja de eletrodomésticos ao ar livre funciona no Troca-troca [...]. Televisão, radiola, fogão, enceradeira e até geladeira compõem a imaginária vitrine do famoso ‘Troca-troca’ de Teresina. Em outros termos, é a maior loja de eletrodomésticos do Piauí, e como se pode ver, com os preços mais baixos da praça e com a garantia de que o objeto não é roubado. Para as outras lojas, o cliente só perde em um aspecto: não tem direito de testar o aparelho comprado e se algum defeito aparecer terá que recorrer às oficinas para poder utilizá-los. [...] O tipo de pessoas que compram aqui, são aquelas pessoas pobres, que não podem comprar nas lojas.³⁷³

³⁷¹ SILVA, Durval, 2009.

³⁷² TERESINA (1852-2002). Edição comemorativa dos 150 anos de Teresina, realizada pela iniciativa do Grupo Claudino. Teresina: Halley, 2002, p.92.

³⁷³ ELETRODOMÉSTICOS invadem “Troca-troca” de Teresina. *O Dia*, Teresina, ano 27, n. 5052, p.1 e 4, 2/3 abr. 1978.



Foto 24: Troca-troca no centro de Teresina.
Fonte: Jornal *O Dia*. 2/3 abr 1978, p.4.

Observa-se que o mercado informal de eletrodomésticos usados teve uma significativa expansão, sobretudo pela aceitação dos consumidores de baixa renda, estando inserido de alguma forma no mercado consumista, principalmente porque a aquisição de eletrodomésticos representava para aqueles moradores não só o acesso aos benefícios desses produtos, que facilitavam as tarefas domésticas e proporcionavam um pouco de conforto e entretenimento para a família, como também significavam uma forma de participar da cidade-mercado enquanto consumidores, integrantes da cidade do capital, do mundo moderno e surpreendente do capitalismo, ainda que de forma incipiente e a longo prazo.

Os dados do Censo Demográfico referentes ao número de domicílios no Piauí com eletrodomésticos, entre as décadas de 1970 e 1980, são elucidativos sobre essa questão:

TABELA 6: proporção de domicílio com bens duráveis nas áreas urbanas do Piauí 1970-1980

ANOS	RÁDIOS	GELADEIRAS	TELEVISORES	AUTOMÓVEIS
1970	42,3	13,6	6,6	3,6
1980	58,3	39,1	39,3	14,6

Fonte: IBGE de 1970 e 1980.

Nota-se que a aquisição de produtos é inversamente proporcional ao seu valor, a exemplo do rádio, que por ser um produto mais acessível, estava em mais lares que o automóvel, por exemplo. Transcorrida uma década, o número de aquisições desses produtos aumentou consideravelmente. A obtenção de bens industrializados, principalmente eletrodomésticos, representava não só uma melhoria de vida, mas também ascensão social, sendo conquistada com muito trabalho e esforço para não comprometer o orçamento mensal.

Quando nós mudamos, tinha energia, nós é que não tínhamos nenhuma condição de comprar nenhuma coisa assim pra casa, mas já tinha energia elétrica, aí depois melhorou, que o Agenor comprou o fogão né, aí a gente já tava no páreo, eu já podia assistir a televisão e quando chegasse era rápido se fazia uma comida, não ia ter que acender o fogareiro, mas ainda foi um avanço. [...] Agenor já estava mais estruturado, tinham mudado de função, num lugar melhorzinho, então ele primeiro botou a energia, depois ele melhorou, comprou a geladeira, aí pronto, aí ficou bom demais, aí nós já estávamos nos considerando né bem, porque já tinha fogão, a geladeira e água encanada né, aí foi bom demais.³⁷⁴

A leva de eletrodomésticos, assim como dos demais produtos industrializados, vão compor o fetiche consumista dos setores populares que, impossibilitados de aquisição direta dessa enxurrada de produtos, participam de forma menos intensa, adquirindo-os em menor quantidade e a baixo custo. O fato de estarem mais próximos da oferta desses produtos e serviços tidos como modernos, para essas pessoas passavam a ideia de que a vida melhorava, o que Lúcio Kowarick designou de “mercado de ilusões,” constituído pelo “mundo das vitrines, da televisão, dos painéis publicitários, onde os que subiram servem de exemplo e esperança para aqueles que só podem consumir na fantasia o sucesso do estilo de vida daqueles que venceram.”³⁷⁵ A aquisição de um bem poderia representar ascensão social, porém a espera por alguns aparelhos poderia ser prolongada.

Quando o Raimundo estava trabalhando, que foi pra botar um telefone aqui, pra ele se comunicar com a gente, que ele era muito preocupado, nesse tempo primeiro a gente comprava e aí veio instalar, se a gente comprava telefone, pagava e eles vinha instalar. Quando tava com um ano e dez meses foi que vieram instalar o nosso aqui, já tava pagando. [...] Nesse tempo gente pobre não tinha telefone, era só rico.³⁷⁶

³⁷⁴ ABREU, Maria de Jesus, 2009.

³⁷⁵ KOWARICK, Lúcio. *A Espoliação urbana*. 2.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993. p. 50.

³⁷⁶ SILVA, Antônia, 2009.

As inovações não se reduziam apenas a produtos industrializados, pois elas também estavam presentes na oferta de serviços e sistemas de comercialização adequados aos padrões dos consumidores antenados com os novos tempos. Começa a era dos grandes centros de consumo, centralizado nos supermercados e *shopping centers*, voltados para as classes sociais de mais alto poder aquisitivo. Em 1966, foi inaugurado o primeiro *shopping center* do país, o Iguatemi, em São Paulo³⁷⁷, causando uma verdadeira revolução nas formas de comercialização. Esses espaços não eram apenas centros de vendas de produtos e serviços, mas de sociabilidades e, principalmente, de exibição do *status* social dos seus frequentadores. Esse fato é observado numa matéria em que as feirantes do Mercado da Piçarra reclamam do pouco movimento nas bancas de frutas e verduras, o que estava provocando prejuízos irreparáveis:

Até dois anos atrás tinha dezenas de fregueses selecionados que diariamente faziam compras em sua banca, ‘hoje tudo está mudado’. [...] Segundo, ainda, uma das verdureiras, dona Maria das Dores Quaresma, quase todas as bancas de verdura da Piçarra, toma prejuízos, pois muito dessas pessoas compram só a carne, deixando para comprar outros produtos em supermercados. Desse modo, a maioria dos produtos vendidos ali apodrecem, pois nem pela metade do preço, ninguém quer comprar.³⁷⁸

Essas novidades demandava tempo para serem implantadas nas demais regiões do país. Em Teresina, em decorrência do comércio incipiente, apesar de ter sofrido aumentos consideráveis nas décadas de 1960 e 1970, os *shopping centers* só vão ser realidade na década de noventa.³⁷⁹ Já os supermercados fizeram-se presentes desde meados da década de 1970, porém mantinham-se restritos a uma pequena parcela da população, como é evidente na fala de Agenor Abreu:

O supermercado que tinha aqui no Centro era o São Gonçalo, perto da igreja. Se eu quisesse comprar no supermercado, ia comprar lá, mas a maioria comprava mesmo era nas quitandas, porque se comprava muito fiado, tinha os cadernos, anotava nos cadernos, senão, quando você fosse comprar, eles não davam, eles colocavam os preços que você ia pagar, porque as coisas aumentavam muito, uma semana era um preço, na outra semana já era outro, aí pagava de mês em mês.³⁸⁰

³⁷⁷ MELO; NOVAIS, 1988, p. 566.

³⁷⁸ VERDUREIRAS reclamam das poucas vendas na Piçarra. *A Tribuna*, Teresina, ano 1, n. 134, p. 6, 27/28 jul. 1975.

³⁷⁹ O primeiro *shopping* de Teresina foi inaugurado em dezembro de 1996, o Riverside Walk, pertencente ao grupo Meio Norte, e em abril de 1997, o Teresina *Shopping*, sob o comando do Grupo Claudino.

³⁸⁰ ABREU, Agenor, 2009.

É perceptível que os meios e práticas modernos demoram a ser incorporados ao cotidiano, principalmente dos setores mais pobres da cidade, seja em decorrência das práticas tradicionais, seja por não estarem inseridos financeiramente nessas novas estruturas de mercado. Entretanto alguns avaliavam como de fundamental importância a inserção nesse mundo dos eletrodomésticos, não só pelo conforto, *status* ou diversões que eles propiciavam, mas pela necessidade de informação, como no caso do rádio e da TV, que são considerados importantes no processo de aprendizagem das novas formas de vivência da cidade.

Bom aqui na cidade, o cidadão tem um aparelho, tem um eletro, tem uma televisão, tem um gravador. É muito bom a gente ficar ouvindo as musicinhas, às vezes a gente não vai pra lugar nenhum, mais fica pegando as notícias, fica em casa ouvindo, tem uma explicação, vai tendo mais orientação, vai tendo mais entendimento das coisas, tem mais conhecimento.³⁸¹

O viver citadino leva a essa nova necessidade de manter-se informado sobre o que se passa em volta. Com o ritmo acelerado das transformações ocorridas na sociedade, tem-se a era do consumo e do descarte permanente. Nesse sentido, estar bem informado pode significar uma tentativa de inserção nessa cidade volátil, de mudanças rápidas e intensas, ou ainda uma negação da ideia de atraso ou de lentidão observados no meio rural, onde a vida segue outro ritmo, completamente diferente dos grandes centros. De acordo com Zygmunt Bauman, “para se livrar do embaraço de ser deixado para trás, de ficar preso a algo com o qual ninguém mais quer ser visto, de ser pego cochilando e de perder o trem do progresso em vez de viajar nele, você deve ter em mente que a natureza das coisas exige vigilância.”³⁸²

3.3.2 Cotidiano e lazer na cidade dos excluídos

Vimos que o aumento populacional verificado em Teresina entre as décadas de 1960 e 1980 teve como principal fator o êxodo rural, ou seja, a maioria da população que residia na capital tinha suas origens no campo. Para o geógrafo Antônio Cardoso Façanha, “a cidade só pode ser pensada na sua articulação com o campo.”³⁸³ Essa relação já foi objeto de análise de alguns estudiosos, como Raymond Williams, que afirma haver uma relação intensa entre o

³⁸¹ SILVA, Durval, 2009.

³⁸² BAUMAN, Zygmunt. *Vida líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007. p. 17.

³⁸³ FAÇANHA, Antônio Cardoso. Cidade e cultura. In: SANTANA, Raimundo Nonato Monteiro. (Org.). *Apontamentos para a história cultural do Piauí*. Teresina: FUNDAPI, 2003. p.79.

campo e a cidade.³⁸⁴ Nesse sentido, as semelhanças estão nas atividades desempenhadas pelos migrantes na cidade, nas formas de apropriação dos espaços, nos tipos de sociabilidade e nas vivências. Em regiões periféricas, mesmo de grandes centros urbanos, é possível notar hábitos e costumes interioranos: criar animais, como galinhas, porcos; cultivar hortaliças e até mesmo roças nos quintais, sentar nas calçadas; preservar os hábitos alimentares, dentre outros. Nota-se, assim, que há uma divisão tênue entre o campo e a cidade. Hábitos como

Sentar-se à porta da rua ou no terreiro, depois do jantar, ao anoitecer, era hábito comum de boa parte da população teresinense. Membros de uma mesma família e alguns vizinhos deleitavam-se em conversas amistosas sobre o dia-a-dia, a vida dos outros e a rotina da cidade, sendo que em algumas residências com iluminação suficiente formavam-se mesas de jogos de baralho.³⁸⁵

Todavia hábitos como esse estavam passando por mudanças, provocados por novidades como a TV, que ressignificava algumas práticas cotidianas. Segundo Sâmia de Brito Cardoso Vernieri, “a população deixava de lado as conversas nas calçadas e se reunia com a família para ver televisão. Notícias, divertimentos, entretenimento, a televisão significava muito em uma cidade que contava com pouco lazer.”³⁸⁶ Apesar de ainda ser um aparelho caro e acessível a um público seletivo, não deixava de ser apropriado pelos setores mais populares, que crivavam estratégias de acesso a esse invento, fosse pelo “televizinho”, ou seja, contava-se com a gentileza e humor de vizinhos para assistirem à programação, fosse dirigindo-se às praças públicas, onde era comum a presença do aparelho.

As mudanças perpassavam os hábitos e interferiam nas sociabilidades também, ao passo em que “as telenovelas começavam a fazer sucesso, a integrar o dia-a-dia da população, a ditar moda, a modificar costumes e a linguagem, pois todos queriam identificar-se com os artistas. Os valores mudaram.”³⁸⁷ Oton Lustosa afirma que a televisão mudou a maneira de viver dos piauienses nas três últimas décadas do século XX, demonstrando quão impactante foi a presença desse aparelho em suas vidas. “Velhos costumes eminentemente piauienses caem em desusos, ao passo que novos costumes, frutos de uma cultura globalizada, vão

³⁸⁴ WILLIAMS, Raymond. *O campo e a cidade: na história e na literatura*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

³⁸⁵ SÁ FILHO, Bernardo Pereira de. A cidade do anoitecer ao romper da aurora. In: LIMA, Antônia Jesuíta de. (Org.). *Cidades brasileiras: atores, processos e gestão pública*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. p. 29-30.

³⁸⁶ VERNIERI, Sâmia de Brito Cardoso. *História da propaganda e da publicidade no Piauí*. Teresina: Alínea Publicações Editora, 2005. p. 35.

³⁸⁷ Idem, p. 35.

ganhando espaço em nosso meio.”³⁸⁸ A década de setenta emerge como um período fortuito de mudanças, transformando as vivências, os hábitos e as sociabilidades dos cidadãos que aos poucos vão incorporando tais mudanças em seu dia-a-dia.

Há um entrelaçamento de temporalidades e costumes. Nesse sentido, os hábitos adquiridos na cidade são incorporados aos já existentes e as práticas socioculturais estabelecem continuidades principalmente em relação a comportamentos tradicionais, que dão identidade a um grupo. São práticas, modos de fazer que constituem experiências diversas que envolvem o passado e o presente. Por outro lado, principalmente para os migrantes que passam por “um contexto de transformações intensas, as novidades nem sempre derrubam, da noite para o dia, as práticas sociais, como as práticas culinárias, alimentares e de sociabilidades; há permanências; ocorrem sobreposições de percepções de mundo e de valores.”³⁸⁹ Durval afirma que

Ainda hoje, a minha comida, a maioria é de comer grosseiro do interior, a questão, eu gosto do cuscuz no feijão, eu gosto do feijão com farinha, eu gosto do feijão aferventado, pra comer numa vazia, eu acho muito bom, não sei se a senhora conhece aquele muncunsar? Eu gosto daquela comida, minhas comidas é tudo desse jeito. Eu acho que por isso é que eu tenho a idade que eu tenho e sou uma pessoa que ainda hoje trabalho por causa da minha alimentação. Eu gosto muito de comer esse de comer pesado, grosso, grosseiro: é feijão, é cuscuz com feijão, é feijão com farinha, é feijão misturado com arroz, é feijão.³⁹⁰

Preservar os hábitos alimentares era comum não só nos lares dos moradores da cidade, pois era possível encontrar nos cardápios de bares e restaurantes comidas típicas, marcadamente interioranas como mão-de-vaca, buchada, panelada, maria isabel (carne seca feita dentro do arroz), paçoca, sarapatel, cuscuz, beiju, coalhada, canjica além das frutas de estação como bacuri, buriti, cajá e a mais popular delas, o caju (no qual o verdadeiro fruto é a amêndoa da castanha), as quais eram a base para refrescos, sorvetes, doces em calda ou cristalizados, além da cajuína, feita a partir da calda do caju.

Entretanto, alterações já eram incorporadas às práticas alimentares. O hábito de comer fora, principalmente aos domingos, substituiu o almoço em família, no qual era servida a

³⁸⁸ LUSTOSA, Oton. Impacto dos meios eletrônicos na cultura piauiense. In: SANTANA, Raimundo Nonato de. (Org.). *Apontamentos para a história cultural do Piauí*. Teresina: FUNDAPI, 2003. p. 321.

³⁸⁹ MORAIS, Luciana Patrícia de. Cultura alimentar e patrimônio: ressignificações do cotidiano. In: BORGES, Maria Eliza Linhares. (Org.). *Campo e cidade na modernidade brasileira: literatura, vilas operárias, cultura alimentar, futebol, correspondência privada e cultura visual*. Belo Horizonte: Argumentum, 2008. p. 70.

³⁹⁰ SILVA, Durval, 2009.

tradicional galinha caipira. A presença de churrascarias pela cidade, propiciava a mais nova forma de lazer da classe média, sendo a Churrascaria Beira Rio, situada na Avenida Maranhão, uma das mais requisitadas. Os espaços de lazer são lugares por excelência de segregação social. Os ambientes mais sofisticados eram voltados para um determinado segmento da sociedade, detentor de poder aquisitivo para frequentá-los. Seu Agenor nos fala sobre a existência desses espaços.

Quando eu comecei a morar lá tinha a moda das churrascarias, lá no bairro São Pedro, no tempo de palco, na moda e tal, daí a churrascaria tinha aquela luz, luz de discoteca hoje, tinha aquelas luzes bonitas, aquele monte de luz, aí essa aí era perto, tinha uma lá, naquela ponte nova³⁹¹, lá próximo tinha uma churrascaria que era muito chique e cobrava ingresso, e era sanfona, era na sanfona. Tinha essa pra lá, mas tinha outras ali por perto, não tinha casas de show não, tinha era as churrascarias. Era a opção de lazer que tinha, que as churrascarias era mais pra esse povo que tinha dinheiro.³⁹²

Era um ambiente reservado a poucos frequentadores, mas que não deixava de envolver os passantes com suas chamativas luzes, por ser um lugar agradável e seletivo, com boa comida acompanhada de música ao vivo, despertando o desejo das camadas mais pobres. Para essa população outras atividades de lazer eram mais viáveis, não só financeira, mas socioculturalmente, como andar na cidade, uma prática realizada com a família nos fins de semana, ou em datas festivas. As praças urbanizadas, as avenidas, os rios eram destinos escolhidos para mostrar para as crianças os espaços de vivência da cidade. Os ícones da modernidade atraíam a curiosidade daqueles migrantes: os prédios, os comércios e as luzes da cidade fascinavam essas pessoas, passando a impressão de que estavam efetivamente participando dessa mudança de forma intensa. Paulino afirma que uma das práticas realizadas por sua família era passear pela cidade.

As coisas naquele tempo eram diferentes, sabe o que a gente fazia? Pra você ver como as coisas mudaram, antigamente a gente pegava os meninos e ia lá pra Avenida Frei Serafim pra ver os desfiles do Carnaval, né, e hoje ninguém vai mais pra lugar nenhum, todo mundo já está acostumado e tudo. Pegava os meninos e ia lá pro aeroporto, tinha que ir só pros meninos verem. — Vamos pro aeroporto ver os avião. Aí a gente ia lá pra cima né, pra ver os avião chegando né, a gente ia pra mostrar mesmo. A gente ia pra aquela Praça do Marquês pra mostrar pros meninos também, porque era diferente de

³⁹¹ Ponte José Sarney sobre o rio Parnaíba, entre o centro da cidade de Teresina e Timon, no Maranhão.

³⁹² ABREU, Agenor, 2009.

lá do interior. Você sabe que os hábitos da cidade é diferente, e a gente tem que mudar.³⁹³

Tudo era novidade para aquelas pessoas que passaram sua infância na zona rural. Os inventos modernos, como o avião, mostravam-se como algo fascinante. Talvez, esses moradores sentissem algo semelhante ao que os habitantes de São Paulo, na descrição de Nicolau Sevcenko, sentiram na década de vinte, ao ver o espetáculo proporcionado pela “nova grande sensação”.³⁹⁴ Os próprios espaços da cidade eram novidades para esses migrantes, incluindo-se as festividades públicas, como o Carnaval. Conforme Bernardo de Sá Filho, foi durante a década de 1970 que o carnaval de rua tornou-se ainda mais atrativo, com a presença de escolas de samba, que realizavam desfiles na Avenida Frei Serafim, “fazendo a alegria de milhares de foliões e espectadores.”³⁹⁵

O intelectual e apaixonado por Teresina A. Tito Filho fez uma descrição do cotidiano da cidade, reservando um lugar de destaque para as praças.

Aqui tens a praça Rio Branco, o coração comercial da cidade. De manhã, mulatas, morenas, louras, casadas e solteiras, brotos, coroas, matronas circunspectas praticam o entre-e-sai, visitando as dezenas de casas comerciais, existentes na praça e nas ruas vizinhas. Senhores sisudos, estudantes, gente de todo naipe – paqueram, conversam, trocam dedos-de-prosa e contam as últimas sempre com um aumentozinho – o aumentozinho maledicente.³⁹⁶

Apesar do considerável aumento populacional, Teresina ainda tinha um ar provinciano, havendo espaço para falar da vida alheia, dos escândalos; comentar as decisões políticas, as repercussões de atos ilícitos que chocavam a cidade; falar das mais quentes novidades que chegava às praças comerciais. Um espaço em especial destacou-se no imaginário popular, sendo intitulado carinhosamente de “rádio calçada”, um ponto de encontro de amigos que se reuniam à “noitinha” para discutir política, assuntos da sociedade, futebol, acontecimentos cotidianos e, de acordo com Deusdeth Nunes, onde “se tesourava também a vida alheia.”³⁹⁷ Ficavam na Praça Pedro II, em frente ao Bar Carnaúba, o qual foi demolido ainda na década

³⁹³ MUNIZ, Paulino Alves. *Depoimento concedido a Luana Pacheco Faria de Carvalho e Regianny Lima Monte*. Teresina, abr. 2009.

³⁹⁴ SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu extático na metrópole*: São Paulo: sociedade e cultura nos frementes anos 20. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p. 77.

³⁹⁵ SÁ FILHO, Bernardo Pereira de. O carnaval em Teresina. In: EUGÊNIO, João Kennedy. (Org.). *História de vários feitio e circunstância*. Teresina: Instituto Dom Barreto, 2001. p. 92.

³⁹⁶ TITO FILHO, Arimatéia. *Teresina meu amor*. Teresina: Companhia Editora do Piauí, 1973. p. 47.

³⁹⁷ NUNES, Deusdeth. *Rádio calçada*. Teresina: Gráfica e Editora Júnior Ltda, 1995. p. 15.

de setenta, mas a prática da rádio calçada permaneceu por mais algum tempo. As praças constituíam, assim, espaços de lazer, sobretudo para os mais jovens:

Os namoros era na praça da Igreja ali da Vermelha, não tinha outro local de encontro e se concentrava ali na praça Pedro II, circulando a praça e na praça da Vermelha ali no nosso caso, que era mais próximo. [...] a garotada saía ali da Miguel Rosa e nós vínhamos tomar banho nas coroas do Parnaíba na altura do Centro Administrativo. Ali era o nosso local de concentração da garotada.³⁹⁸

As praças e as coroas dos rios Parnaíba e Poti eram espaços mais democráticos, frequentados pelos diversos setores sociais. Praças recém-reformadas, com áreas verdes e fontes climatizadas eram pontos de encontros dos mais jovens, que ensaiavam uma nova forma de relacionamento, com mais liberdades observadas não só nas relações afetivas, mas na própria forma de se vestir, usando modelos semelhantes aos das atrizes das novelas. Na falta do litoral, as coroas dos rios tornavam-se excelentes “praias” para os teresinenses, principalmente para aqueles que não tinham acesso aos clubes da cidade.³⁹⁹ “Quando as águas descem, surgem as coroas, bancos de areias ásperas e alvas, que a cidade usa como praia e onde em noites de lua se realizam danças de tambor, danças negras.”⁴⁰⁰ Os banhos nas coroas se tornavam mais freqüentes durante os meses mais quentes do ano, conhecidos como b-r-o-bró: setembro, outubro e novembro, quando as temperaturas chegam aos quarenta graus.

Oferecem o rio Poti e Parnaíba, principalmente na época do verão, quando justamente o clima se torna um dos problemas mais angustiantes para os habitantes da ‘Cidade Verde’, com uma temperatura tão elevada que obriga a emigração dos lares em busca dos recantos mais úmidos, que possam atenuar a onda quente e ressarcir os prejuízos do organismo com a recuperação do clima saudável e de um ambiente onde se tenha oportunidade de recuperar as energias perdidas ao longo de uma luta cotidiana da semana que finda.⁴⁰¹

Esses espaços de lazer também eram aproveitados como uma forma de garantir uma complementação da renda familiar. Muitas pessoas se dirigiam às coroas nos fins de semana

³⁹⁸ GONDINHO, 2006.

³⁹⁹ Na década de setenta, a cidade contava com vinte clubes: Jockey Clube, Iate Clube, River Atlético Clube, Piauí Esporte Clube, AABB, Tigrão, Clube das Classes Produtoras do Piauí, Clube do Marquês de Paranaguá, Circulo Militar de Teresina, Flamengo, Clube dos Cem, Clube dos Economiários, ARBEPI, Rádio Clube, SESC, Clube dos Cabos e Soldados, Clube dos Sub-Tenentes e Sargentos da Polícia Militar, além dos populares União Artísticas e Clube do Gari. SÁ FILHO, 2001, p. 90-91.

⁴⁰⁰ DOBAL, Hindemburgo. *Roteiro sentimental de Teresina*. Obra Completa II: prosa reunida. 2. ed. Teresina: Plug, 2007. p. 47.

⁴⁰¹ PRAIA, doce praia. *O Dia*, Teresina, s/ano, n. 3426, p. 1, 19/20 set. 1971.

para formar um pequeno comércio, com a venda de bebidas, frutas, aperitivos, ou para alugar cadeiras de sol. A imprensa noticiava com frequência a ocorrência de afogamentos nos rios, chegando a ser proibida a venda de bebidas alcoólicas nesses espaços. Tanto as praças, como as coroas eram mais acessíveis às pessoas que moravam em bairros próximos ao Centro, como descreve Maria de Jesus Santos Viana, que teve sua juventude marcada por esses espaços.

Eu gostava muito de sair, dançar, ir festa, Eu ia muita festa era no Liceu, quadrilha, tinha jogo no Lindolfo Monteiro. [...] eu gostava de lá, da Matinha, de tomar banho no rio. Mamãe tinha uma banca, assim de vender frutas, né, ela pegava e ia vender na coroa do rio. [...] Gostava de sair, ir pras praças, essas coisas assim, né, eu era novinha, mocinha, eu gostava muito dessas coisas. Eu tinha mais oportunidade porque sempre lá tudo era mais fácil, né, era mesmo lá no Centro.⁴⁰²

A imprensa reclamava das escassas formas de lazer que a cidade oferecia aos seus moradores, os quais, após uma semana de trabalho árduo, tinham poucas opções, sendo que, para os setores mais populares eram ainda mais restritas. Um cronista descreve as formas de lazer buscadas pela população aos domingos.

Os que conservam a religião dos pais vão à missa, na Igreja de São Benedito, na Igreja das Dores, Amparo, e os mais elegantes, na Capelinha do Colégio das Irmãs. Depois da missa, trocam de roupa em casa, e as opções são: clubes, zoobotânico ou coroa dos rios. [...] Os menos favorecidos da silva [sic] tem duas opções: coroas dos rios ou biritar nos barzinhos da cidade a espera do jogo River e Flamengo, à tarde, a pedida é uma só: Albertão, colosso inacabado de cimento, onde os dois maiores clubes da cidade estarão disputando um melancólico segundo lugar no certame estadual, já que o primeiro lugar sempre fica com o Tiradentes. À noite o programa é um só: Fantástico, o ‘show da vida’ e dormir se não sofrer de insônia.⁴⁰³

O futebol marcava o cotidiano da cidade e era uma das formas de lazer de seus habitantes. O acanhado Estádio de Futebol Lindolfo Monteiro, palco de grandes partidas de futebol em Teresina, teve que dividir espaço com o moderno, porém inacabado, Estádio Alberto Silva, o Albertão, com capacidade para 60 mil torcedores, inaugurado em 1973. Os

⁴⁰² VIANA, Mara de Jesus Santos. *Depoimento concedido a Laécio Barros Dias e Regianny Lima Monte*. Teresina, jul. 2006.

⁴⁰³ FIM de semana: as poucas opções. *A Tribuna*, Teresina, ano 24, n. 4224, p. 9, 08/09 jun. 1975.

principais times da casa e que tinham uma maior torcida eram o River Atlético Clube, o Galo, que rivalizava com Esporte Clube Flamengo, e o Piauí Esporte Clube, cuja torcida passou a denominar de Piauí Vibrante. Outros times também tinham seu espaço no futebol de Teresina, como o Comercial, o Botafogo do Piauí, o Fluminense Esporte Clube, um dos times mais pobres da cidade, que, porém, não ficava fora do campeonato estadual, mesmo que acabasse em último lugar na classificação. Mas foi com o futebol de elite do Tiradentes, clube financiado pelo governo do estado, que o futebol piauiense ganhou projeção nacional. De acordo com Deusdeth Nunes,

O futebol do Piauí viveu sua fase de ouro à época em que no governo Alberto Silva, o comandante da Polícia Militar era o coronel Tupy Caldas. Na euforia do governo do otimismo, foi fundado o Tiradentes, equipe que seria o espelho da força e pujança do Novo Piauí. Clube Oficial do Estado, o Tiradentes tinha pano pras mangas e começou a importar craques e treinadores. [...] Em determinada ocasião o clube tinha quatro jogadores para cada posição.⁴⁰⁴

Conhecido como “amarelão da Polícia Militar”, a Sociedade Esportiva Tiradentes participou do Campeonato Brasileiro nos anos de 1973 e 1975 e possibilitou a vinda de clubes nacionais ao Piauí, como o Fluminense, o Botafogo, o Bahia, entre outros. Os jogos em que havia a presença de times de fora atraíam um maior público ao estádio Albertão, além de empolgar os radialistas locais em suas transmissões nas tardes de sábado ou de domingo. De acordo com Zózimo Tavares, nesse período, “o torcedor vibrou com os lances de craques como Caio Cambalhota, Paraná, Gérson Andreotti, Ivan Lopes, Assis Paraíba, Bitonho, Maranhão, Miltão e Toinho. De 1977 a 1979, o *River* de Sima, Minha, Edmar e Duílio também encantou a torcida piauiense.”⁴⁰⁵

Os bares, mais conhecidos como botecos ou quitandas, reuniam, em sua maioria, homens que, entre um trago e outro de cachaça Mangueira ou Serrana, as preferidas dos clientes, “beliscavam” um tira-gosto, que poderia ser torresmo, frito de tripa, ovo de codorna cozido ou frutas da época, como limão, manga, caju, siriguela ou cajá. Havia aqueles que serviam comidas típicas, como mão de vaca, panelada e sarapatel. O jornalista, bancário e boêmio Deusdeth Nunes faz uma descrição desse espaço: “na esquina da rua Amazonas com Monsenhor Bozon, no coração da Matinha, está situado o bar do Valtinho. É o autêntico boteco de vender cachaça. O balcão enebado, [...] o conforto é limitado a meia dúzia de

⁴⁰⁴ NUNES, Deusdeth. *Um prego na chuteira: patocas do futebol*. Teresina: Edição do Autor, 1979. p. 54.

⁴⁰⁵ TAVARES, Zózimo. *100 fatos que marcaram o Piauí*. 3 ed. Teresina: Halley, 2000. p. 93.

tamborettes ordinários, que não raro rasgam roupas.”⁴⁰⁶ Nesses encontros, regados a muita “birita”, os frequentadores papeavam, botavam os assuntos em dia. Notamos que o boteco apresenta-se como um lugar de diversões e sociabilidades.

Bar não é apenas local para se destilar alegrias e tristezas em meio a bons goles de uma bebida. Conversa-se pelos cotovelos. A bebida é combustível dos mais fortes para liberar emoções e fazer emergir confusões. [...] Em bares fecham-se negócios, fecham-se apostas em torno dos resultados eleitorais. [...] Bar é o local das revelações. Sabe-se das vidas alheias com detalhes sórdidos e divertidos. Ri-se da desgraça alheia ou mesmo da própria desgraça. Ri-se muito, só que se chora talvez com igual intensidade. Alguns choram apenas por dentro. Lágrimas são convertidas em goles e soluços em suspiros longuíssimos por amor desfeito ou desilusões variadas.⁴⁰⁷

Os espaços destinados ao lazer noturno apresentavam outra forma de segregação, marcada pela relação de gênero. Trata-se das zonas de baixo meretrício da cidade. Por conta de uma medida imposta pela municipalidade, as tradicionais áreas de prostituição foram eliminadas do entorno do Centro da cidade, ainda na primeira metade da década de 1970, para ceder lugar ao sistema viário que estava sendo implantado.⁴⁰⁸ Dessa forma, essas atividades foram deslocadas para os bairros, sobretudo, para aqueles mais próximos do Centro, onde se oferecia lazer noturno e a baixo custo aos frequentadores, como descreve Maria de Jesus Abreu.

A gente morava ali pro lado do São Pedro. Bem pertinho, quase esquina, tinha um cabaré, parece que Bela e, no fundo da nossa casa, que era dividido com aquele terreno aqui que era uma quinta, tinha o Casa Amarela, cabaré também, e depois tinha o outro, que era da Ana Paula, que era aqui do nosso lado. Aqui depois construíram o que chamavam de chatô, que a diferença do cabaré para o chatô era que no chatô eram pra onde iam os casais proibidos, não podiam ser vistos. Eu lembro que, às vezes, a gente ficava sentado na porta vendo os táxis entrando lá e as pessoas abaixadas no banco traseiro: ‘___ Oh aquela ali vai traíndo o marido’. Aqui e acolá, entre quatro paredes, o pessoal ouvia algum marido traído que vinha seguindo o carro, que isso

⁴⁰⁶ NUNES, Deusdeth. *A saideira: de bar em bar*. Teresina: Halley, 1997. p.61.

⁴⁰⁷ *Ibidem*, p. 97.

⁴⁰⁸ Nesse sentido foram extintos famosas zonas de baixo meretrício: Palha de Arroz, Gogó da Ema, Lucaia, Eucalipto, Mói de Varas, entre outros cabarés de pequeno porte. Já a tradicional zona de meretrício de luxo da Paissandu foi excluída da política do “bota abaixo” da Prefeitura, porém não resistiu por muito tempo às mudanças socioculturais que estavam em curso, entrando em decadência nos anos seguintes. Sobre o assunto ver: MONTE, 2007; SÁ FILHO, Bernardo Pereira de. *Cartografias do prazer: boemia e prostituição em Teresina (1930-1970)*. Dissertação. (Mestrado em História do Brasil). Universidade Federal do Piauí. Teresina, 2006.

acontecia de vez em quando, aí tinha aquele barraco, aí vinha a polícia aquela coisa ou então a gente ouvia quebra-quebra dos que eram mais próximos. Tinha um outro da Márcia, que chamavam, esse era forró, mas era um forró de baixo nível, povo de briga.⁴⁰⁹

A convivência desses espaços de baixo meretrício em meio aos bairros da cidade não ocorreu de forma pacífica. Os conflitos eram constantes e as reclamações dos moradores eram registradas diariamente nas páginas dos jornais da cidade⁴¹⁰, exigindo a tomada de providências por parte das autoridades. Não raro chegavam a envolver a polícia na resolução dos conflitos ocorridos nesses espaços. As principais reclamações giravam em torno da maledicência das mulheres de vida livre, das cenas de depravação ocasionadas pela nudez e alcoolismo. Tudo isso representava para as famílias que residiam em suas proximidades uma afronta à moral e aos bons costumes, principalmente das “mulheres direitas”.

Nos subúrbios, onde as pessoas mais pobres residiam, também eram realizadas atividades festivas. Impossibilitados financeiramente de frequentar clubes e churrascarias, os mais novos espaços de lazer da classe média, as residências, mesmo de aspecto simples e com pouco conforto, eram espaços para reunir os amigos, ao som de uma radiola, para “botar o papo em dia” e estabelecer vínculos de amizade e camaradagem. Agenor relata como essas festas eram realizadas:

Lazer naquele tempo, as pessoas faziam em casa mesmo, radiola. [...] Rapaz, vamos pra casa de fulano, aí ia lá botava a radiola na sala, as festa era de radiola. [...] Mas o lazer da gente lá era mais quando tinha um aniversário de uma pessoa, não tinha festa não. As festas que tinha lá mesmo era a gente que fazia em casa mesmo. Aí lá, tinha um disco na radiola, que a radiola era nova e botava, a radiola tava na moda, a diversão era assim mesmo, não tinha assim casa de show.⁴¹¹

Essas reuniões eram momentos de lazer e distração para a população pobre da cidade, que podia esquecer por alguns instantes das asperezas do trabalho duro realizado durante a semana, funcionando como uma válvula de escape à vida miserável que levavam. Havia

⁴⁰⁹ ABREU, Jesus, 2009.

⁴¹⁰ DECRETADA guerra a todos os cabarés. *O Dia*, Teresina, s/ano, n. 3292, p. 1, 16/17 maio 1971; ABAIXO assinado eliminou cabaré na Piçarra. *O Dia*, Teresina, s/ano, n. 3401, p. 7, 20 ago. 1971; CABARÉS criam problemas nos bairros. *O Dia*, Teresina, s/ano, n. 3426, p. 3, 19/20 set. 1971; FECHADO o quarto cabaré na Piçarra. *O Dia*, Teresina, s/ano, n. 3442, p. 8, 08 out. 1971; DELEGADO fecha outro cabaré. *O Dia*, Teresina, s/ano, n. 3444, p. 4, 10/11 out. 1971; DESCOBERTO um cabaré em meio às famílias no bairro Vermelha. *O Dia*, Teresina, s/ano, n. 3488, p. 8, 03 dez. 1971. GUERRA contra boates entre as residências. *O Dia*, Teresina, ano 24, n. 4229, p. 8, 14 jun .1975.

⁴¹¹ ABREU, Agenor, 2009.

também festas em que se reuniam sanfoneiros, numa espécie de desafio, “cada sanfoneiro tocava quinze minutos, aí entrava outro, era uma competição”⁴¹², tocavam xaxado, baião, emboladas, forró. Geralmente, esse tipo de festa era realizado nas tardes de sábado ou do domingo nos quintais das casas, que eram cercados com talos de carnaúbas enfileirados, e eram conhecidas como matinês. Cobrava-se a “cota”, a entrada, a um preço acessível ao público que frequentava esses espaços. Não raro, ocorriam alguns conflitos por parte daqueles que exageravam no trago da cachaça, bebida comum nesses estabelecimentos e acessível pelo baixo preço.

Para as pessoas mais caseiras, o rádio era uma forma de diversão e de se manterem informadas, como revela Durval:

[O rádio] era uma forma de lazer, por que aqui tinha, tinha, nessa época tinha uns programas de rádio assim desses locutor, tinha a Rádio Pioneira que comentava negócio de jogo. Os programas de jogo eu assistia quando o Piauí ia jogar, o River, o Flamengo, os times que viam de fora e jogavam aqui, assistia, ouvia pelo rádio e era uma coisa muito importante pra gente do interior né, a gente não via não sabia o que era. [...] Botava aqueles discos pra tocar, pra cantar, a gente assistia, aquilo era um lazer pra gente, quando chegava a noite, era só isso não era outra coisa.⁴¹³

De acordo com Francisco Alcides Nascimento, o rádio foi um meio de comunicação de massa incorporado à sociedade piauiense desde a década de 1940, alcançando seu auge nos anos sessenta. Os programas jornalísticos, incluiu a programação esportiva, ocupavam um espaço maior na grade radiofônica. Com o regime militar implantado em 1964, os programas musicais foram incentivados como instrumentos de alienação dos jovens, entretanto, para o autor, essa afirmativa deve ser analisada com ressalvas, pois “foram montados programas de forma inteligente, os quais tinham a função de educar.”⁴¹⁴ O papel do rádio entre os setores populares não estava associado apenas ao entretenimento, incorporando também a função de informar e transmitir conhecimentos. Assim, para Francisco das Chagas Fernandes Santiago Júnior, é preciso vê-lo como “tecnologia de pensamento”, como maneiras de experimentar.

⁴¹² ABREU, Agenor, 2009.

⁴¹³ SILVA, 2009.

⁴¹⁴ NASCIMENTO, Francisco Alcides do. A censura e o rádio no Piauí. In: NASCIMENTO, Francisco Alcides do; SANTIAGO JÚNIOR, Francisco das Chagas Fernandes. (Org.). *Encruzilhadas da História: rádio e memória*. Recife: Bagaço, 2006. p. 36-37.

No rádio se cruzam imaginário e oralidade por meio de uma tecnologia de difusão que permite o desenvolvimento cotidiano de atividades concomitantes à audição do veículo, até chegar o instante em que o próprio ato de ouvir o rádio pode, em si mesmo, atingir um aspecto de espetáculo.⁴¹⁵

Apesar das mudanças espaciais e culturais que estavam ocorrendo na cidade, sobretudo na década de 1970, Teresina ainda guardava traços da religiosidade de seu povo. Os festejos dos santos empolgavam a população, e os setores mais pobres da cidade participavam ativamente dessas festividades. Uma das mais tradicionais era a “festa de Nossa Senhora das Dores, titular da igreja catedral da Arquidiocese de Teresina. Há novenas e quermesses populares na tradicional Praça Saraiva.”⁴¹⁶ O mês de junho era o mais rico em manifestações culturais e o mais esperado pela população, que aguardava ansiosa pelos festejos de São João, São Pedro e Santo Antônio, nos quais eram realizados bailes populares, as tradicionais quadrilhas e os folguedos, que mexiam com imaginário popular.

Era junho quando cheguei. Os fogos coloridos disputavam com as estrelas o concurso de brilhar. Os fogos subiam numa faísca invisível, como se estivessem galopando um cavalo biônico. E pertinho das estrelas se abriam em milhões de estrelinhas disfarçadas. Depois se perdiam ... enquanto as estrelas de verdade permaneciam espiando ... espiando ... abismadas.⁴¹⁷

As fogueiras, principalmente nas zonas mais periféricas da cidade, que não contavam com iluminação pública, eram muito frequentes e reuniam os vizinhos, que levavam aperitivos para serem servidos durante a confraternização, como abóbora, milho e seus derivados como a pamonha e o mingalmaranhense, acompanhado de aluá, uma bebida feita a partir da fermentação de frutas ao ar livre. O hábito de passar fogueira e tornar-se compadres/comadres ainda era verificado, mesmo que com frequência menor, assim como “brincar o boi”, uma das mais tradicionais atividades culturais do estado, só era observado nos bairros distantes, como Aeroporto, Cidade Nova e Catarina. Os pescadores do bairro Poti Velho prestavam homenagens ao seu padroeiro, São Pedro, por meio da procissão fluvial no

⁴¹⁵ SANTIAGO JÚNIOR, Francisco das Chagas Fernandes. História e comunicação: a Rádio Pioneira de Teresina e seu público nos anos 1990. In: NASCIMENTO, Francisco Alcides do; SANTIAGO JÚNIOR, Francisco das Chagas Fernandes. (Org.). *Encruzilhadas da História: rádio e memória*. Recife: Bagaço, 2006. p. 253.

⁴¹⁶ OLIVEIRA, Noé Mendes de. *Folclore brasileiro Piauí*. 3.ed. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1999. p. 97.

⁴¹⁷ MORAES, Herculano. *Seca, enchente, solidão*. Porto Alegre: Editora EMMA, 1977. p.47.

rio Parnaíba, com a saída no cais situado no centro de Teresina até o encontro dos rios Parnaíba e Poti.⁴¹⁸

A cultura popular estava mais presente nas crendices e naquilo que ficou conhecido como “medicina popular”, usos enraizados que são transmitidos de geração a geração. Essas tradições parecem ter sido mais preservadas entre os setores populares, que, mesmo nas cidades, continuavam recorrendo aos preceitos curativos e remédios caseiros, os quais tinham como matéria prima raízes, cascas, folhas da flora local, comercializados livremente nos mercados da cidade em forma de insumos, garrafadas ou *in natura*. Uma matéria veiculada no jornal *O Dia* mostrava a variedade e a aceitação das plantas medicinais entre a população, que tinha uma série de receitas para os mais variados males: “para curar mal-olhado, tirar azar, aumentar a potência sexual e até provocar aborto o remédio é tipi”.⁴¹⁹

É interessante observar que Teresina já se destacava como um polo regional de saúde, o que mostra que em relação à cultura e aos costumes populares há permanências que se mostram mais intensas do que as rupturas. O folclorista Noé Mendes de Oliveira afirma que “apesar de todo o progresso já chegado até o mais recôndito sertão, verifica-se que a medicina popular continua tendo larga aceitação coletiva.”⁴²⁰

Quando a gente chegava do interior começava a se queixar de alguma coisa, aí tinha uma negócio assim é espinhela caída, arca caída, uma coisa assim. Tava sentindo uma dor, pede pro fulano tirar, levantar a tua espinhela, aquela coisa. [...] Essa parte do benzimento aí, da rezadeira era mais pra criança nova, que era o quebranto que eles diziam, aquela coisa, mal-olhado. Tinha as pessoas que faziam isso, eu lembro que nós trouxemos uma sobrinha nossa que a nossa mãe tava cuidando e levamos, chegamos a levar pessoas lá do bairro mesmo pra fazer esse benzimento, eles diziam que era quebranto, ficava com febre aquela coisa e era reza, tinha que fazer isso.⁴²¹

Maria Creusa Monteiro de Moraes afirma que recorria mais à medicina alternativa do que à tradicional, tendo no quintal de sua casa uma verdadeira farmácia: “eu tinha todas essas coisinhas aqui em casa, folha santa, eu já tinha assim tudo plantadinho, qualquer coisa era só abrir a porta, já deixava lá água no fogo fervendo pra fazer chá.”⁴²² Prática semelhante ocorria com as parturientes nas periferias da cidade, onde as parteiras ainda se faziam presentes. Esse fato pode ser explicado, em parte, pela falta de postos de atendimentos de saúde e pelas

⁴¹⁸ OLIVEIRA, 1999, p. 96.

⁴¹⁹ RAÍZ cura até dor de cotovelo. *O Dia*, Teresina, s/ano, n. 3713, p. 1, 09/10 set. 1973.

⁴²⁰ RAÍZ cura até dor de cotovelo. *O Dia*, Teresina, s/ano, n. 3713, p. 1, 09/10 set. 1973. p. 86.

⁴²¹ ABREU, Jesus, 2009.

⁴²² MORAIS, 2009.

dificuldades de acesso a esses serviços. Por outro lado, as pessoas oriundas do interior, até certo ponto, ainda tinham receios em recorrer aos profissionais da saúde. Antônia da Silva Rodrigues⁴²³, que morava no Ilhota, nas proximidades do centro da cidade, afirmou que teve oito filhos e nunca recorreu ao atendimento médico, sendo todos os partos realizados por parteiras.

O momento de restrições das liberdades individuais e a repressão implantada com o regime autoritário também marcaram o imaginário das pessoas pobres da cidade. Mesmo não participando de movimentos de enfrentamento da ditadura militar e, na maioria dos casos, desconhecendo o que se passava na política posta em prática por esse setor, ficaram registros do autoritarismo e do medo da população frente à ação do poder público e de seus órgãos, como a Polícia Civil.

Quando a gente era menino, agora, isso aqui foi mais abrangente, a nossa mãe, ela tinha preocupação, eu gostava de sair à noite pra praças, e a preocupação dela era da gente voltar cedo porque a força policial, o processo de repressão era mais atuante na época da, trinta, trinta e cinco, quarenta anos atrás, a gente não saía na rua, procurava voltar cedo quando garoto porque sabia que existia na cidade a Guarda Civil do Estado, mais era a Polícia Civil que fazia a ronda, e tinha uma viatura chamada de Carinhosa, que era só pra recolher meninos que eram encontrados na rua e ninguém queria cair na mão da Carinhosa, porque sabia que, se caísse, voltava com algumas sequelas. Eles batiam, eles faziam tudo.⁴²⁴

A cidade era carente de espaços de lazer voltados para as crianças, principalmente aquelas mais pobres. As brincadeiras ocorriam quase sempre em áreas abertas, na frente de casa, junto com os vizinhos. Em brincadeiras de correr, empinar pipas, ou ainda brincar com carros e com bonecas, no caso das meninas. O tempo do lazer também era dividido com o trabalho, tendo em vista que muitas dessas crianças já exerciam alguma atividade na complementação da renda da família, quase sempre acompanhadas dos pais. Elas, que possuíam uma maior liberdade e circulavam por varias áreas da cidade, construíam seus próprios espaços de lazer e ressignificavam lugares, fazendo apropriações dele, no percurso seguido/criado na cidade, como descreve Francisco de Assis, ao rememorar aspectos da sua infância e lazer.

⁴²³ RODRIGUES, 2009.

⁴²⁴ GONDINHO, 2006.

O lazer era interessante, tinha uns campinhos de futebol ali próximo em frente ao cemitério da Vermelha. Essa era a área de lazer de todo mundo, e os demais, as brincadeiras mesmo era pular em cima do trem, o trem passava lá e a gente pegava carona nele, era a Maria Fumaça e desenvolvia pouca velocidade. Essa era uma das formas de brincadeira, de lazer que a gente tinha, não tinha outra coisa. A garotada ou fazia e jogava bola ou então ia pegar carona no trem, na Maria Fumaça.⁴²⁵

Promoviam-se, assim, apropriações diversas dos espaços, fossem eles teoricamente vazios, como um terreno baldio que era transformado em campo de futebol, onde eram realizadas as famosas “peladas”, ou fossem em um lugar a que fora dado um novo significado, uma nova função, que, ao serem apropriados de outra maneira, como no caso da Maria Fumaça, tornam-se ambientes de lazer e diversão. Michel de Certeau afirma que, na cidade existe uma ordem espacial estabelecida e dividida entre possibilidades e proibições, nas quais o “caminhante ordinário” está inserido, sendo em seu percurso, o caminhante atualiza algumas delas, foge das regras estabelecidas. “Deste modo, ele tanto as faz ser como aparecer, mas também as desloca e inventa outras, pois as idas e vindas, as variações ou as improvisações da caminhada privilegiam, mudam ou deixam de lado elementos espaciais.”⁴²⁶ Da mesma forma, o caminhante transforma em outra coisa cada significante espacial, o que é verificado na apropriação feita das fontes luminosas da Avenida Frei Serafim.



Foto 26: Moradores “pescando” nas fontes luminosas.

Fonte: Acervo Fotográfico do Arquivo Público do Piauí, ano de 1978.

⁴²⁵ GONDINHO, 2006.

⁴²⁶ CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano I: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994. p. 177-178.

As fontes luminosas, que compunham a paisagem de uma das vias de tráfego mais importantes de Teresina, a Avenida Frei Serafim, implantadas com a reforma realizada em 1973, eram apropriadas de diversas formas pelos habitantes da cidade. Construídas para embelezar e oferecer um lugar aprazível com seus jatos de água refrescando o percurso dos passantes, elas também eram um local de “práticas desviantes”, como a mostrada na foto, na qual os habitantes aproveitavam o momento em que as fontes eram esvaziadas para a realização de limpezas periódicas para “pescar” os peixes que faziam parte da sua ornamentação. Esses espaços também eram aproveitados por crianças que frequentemente ali tomavam banho.

Mesmo com uma trajetória de vida marcada por recomeços, provocados tanto pelo processo migratório, quanto pelos remanejamentos dentro do espaço urbano, essas pessoas buscavam se inserir nos diversos espaços da cidade. Suas maneiras de apropriar-se dos espaços da *urbe* nem sempre foram bem vistos por todos os membros da sociedade local, que intervieram no sentido de disciplinar e normatizar os usos que se faz da cidade enquanto lugar edificado e instituído por leis. Entretanto essas pessoas recriaram espaços, reinventaram lugares e significaram suas vivências, como moradores e construtores da cidade, e guardam consigo as lembranças dessas experiências, que, ao serem acessadas pelo presente, ressurgem com atualizações, mas revelam memórias atravessadas de sentimentos diversos sobre o processo pelo qual passaram durante a década de 1970.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Notamos que, entre os anos de 1950 a 1980, a cidade de Teresina passou por um intenso crescimento populacional. Esse fato contribuiu para que a cidade passasse por inúmeras mudanças, não apenas na questão espacial, mas também nas formas de vivência de seus moradores. Durante a década de 1970, a capital do Piauí quase duplicou seu número de habitantes. Uma parte significativa desse contingente populacional era oriunda do processo de migração resultante do êxodo rural. Tal processo era decorrente das péssimas condições de vida no campo, que contava com uma rígida estrutura de concentração de terras, o que levava à espoliação do trabalhador rural.

Essas pessoas, também, eram influenciadas por uma série de outros fatores para seguir o processo migratório. O viver citadino era considerado uma forma superior de existência, o fetiche em torno das cidades era propagandeado pelos meios de comunicação de massa, como o rádio e a TV. Os centros urbanos eram vistos como um lugar de oportunidades, que possibilitava a mudança de vida para seus moradores por meio da maior diversidade de empregos e por estar próximo dos aparelhos urbanísticos, como o acesso aos sistemas de saúde e educação, além de estar mais perto de uma série de produtos industrializados, como os eletrodomésticos.

A capital do Piauí despontava como um pólo de atração em uma vasta área de influência, que compreendia municípios dos estados do Maranhão e do Ceará, além dos demais municípios do próprio estado. Pela localização e pelos equipamentos e serviços oferecidos em Teresina, esta cidade passou a ser o principal destino de muitas famílias que se deslocaram na expectativa de melhores condições de vida. Entretanto, essas pessoas não encontraram na cidade muitas oportunidades de emprego, visto que o mercado de trabalho local não conseguia absorver a quantidade de mão-de-obra que chegava diariamente à capital. Com a economia local estagnada, com setor primário e secundário atrofiados, essas pessoas buscavam se inserir no mercado informal de trabalho, na prestação de serviços.

Com os poucos recursos de que dispunham, essas pessoas se instalaram em barracos construídos em terrenos ociosos, muitas vezes de forma irregular, nas proximidades da região central, constituindo o que o poder público denominou focos de favelização. Procuravam se inserir nos espaços da cidade e, de certa forma, foram os principais responsáveis pelo processo de expansão espacial da cidade em todas as direções, na medida em que pressionavam os dirigentes locais a tomar decisões para disciplinar a ocupação do solo urbano.

Apesar do acelerado crescimento populacional vivenciado no período, Teresina ainda carecia dos serviços de infraestrutura urbanística e era considerada pelos moradores e pelos visitantes como uma cidade “acanhada”. Os dirigentes locais tomaram decisões no sentido de intervir nessa situação, mas foi apenas com a chegada dos militares ao poder, que se instalou uma conjuntura favorável à implantação de reformas em logradouros e instituições públicas, assim como construções suntuosas postas em prática pelos dirigentes locais. Essas intervenções seguiam as diretrizes de um planejamento urbano estruturado e centrado na análise diagnóstica da realidade, no qual o PDLI e o I PET são dois exemplos.

A intervenção do poder público tinha finalidade dupla: dotar a cidade de um melhor aspecto urbanístico, com a abertura de novas vias, que facilitassem o escoamento do tráfego na cidade, e ao mesmo tempo retirar da paisagem do centro da cidade as casas de taipa, cobertas de palha. Como vimos, os moradores desse tipo de habitação foram remanejados para os bairros Buenos Aires e Água Mineral, na época, uma área periférica da cidade.

A pesquisa revelou, também, que a forma de intervenção imposta nos espaços da cidade seguia as linhas decisórias do contexto político nacional. Num primeiro momento, contava-se com os recursos oriundos do “milagre econômico brasileiro”, que assegurou os financiamentos necessários para instalação de uma série de reformas e construções na cidade, transformando-a em um verdadeiro canteiro de obras. Essa euforia desenvolvimentista, proporcionada pelos resultados do milagre, entretanto, foi passageira, dando lugar para um contexto de contenção de gastos demasiados em obras de embelezamento da cidade, para intervenções mais localizadas e direcionadas para implantação de infraestrutura nos bairros, o que o poder público afirmava ser “medidas de caráter mais humanitário” e voltadas para os segmentos mais populares. Esse segundo momento, trazia uma clara ligação com o processo de abertura política e com o retorno da democracia no país.

Os resultados expostos demonstram que a atuação dos administradores públicos locais não levaram em conta as necessidades reais da população pobre de Teresina, na medida em que, ao lançarem mão do processo de desapropriação das áreas atingidas, não forneceram as mínimas condições, como a instalação de uma infraestrutura básica, como água canalizada, energia elétrica, ruas com calçamento, dentre outras, nos lugares para onde a população foi remanejada.

Vimos ainda que o processo de desapropriação foi recebido de diferentes formas pela população, uns posicionavam-se contrários à medida, por não aceitarem ir para um lugar distante do centro, longe do seu local de trabalho e sem a presença de aparelhos urbanísticos. Já outros, apesar das adversidades do processo, viram na transferência uma possibilidade de

conseguir a casa própria, mesmo que esta não possuísse as mínimas condições de segurança e salubridade. Observamos também que o poder público agiu de forma autoritária, chegando a lançar mão da força policial contra aqueles que eram contrários à medida.

Porém, um traço comum entre os entrevistados foi a sensação de desterritorialidade e o sentimento de estranhamento das pessoas remanejadas ao verem seus lugares destruídos, o que marcou profundamente a memória de cada um deles. Com a transferência, perderam-se as referências socioespaciais que se mantinha não apenas com a moradia, mas com os lugares da infância, da juventude, elementos que faziam parte do seu cotidiano, assim como as relações mantidas com os vizinhos. As mudanças trazidas pela medida impunham, dessa forma, uma reconfiguração não só espacial, mas de hábitos, costumes e até mesmo das formas de trabalho.

Apesar das dificuldades e frustrações que essas pessoas passaram em virtude do processo de remanejamento, elas buscaram reconstituir suas vidas e compor novos laços de convivência e de pertencimento a um grupo. Foram criando outros laços de sociabilidade, na medida em que, se identificavam com outras pessoas que passavam pelas mesmas dificuldades.

Esses atores sociais se inseriram, também, na cidade do capital, enquanto consumidores de produtos industrializados, como os eletrodomésticos, mesmo que em uma proporção bem inferior aos demais membros da sociedade. Também era nos momentos de lazer, que essas pessoas procuravam, ao seu modo, se inserir nos espaços da cidade, modificando-os e adaptando-os às suas necessidades, ou ainda reconfigurando os usos que se faziam de lugares diversos da cidade, sem deixar de lado suas tradições, hábitos e costumes.

Considerando a trajetória de vida dos entrevistados, observamos que essas pessoas ressignificam suas lembranças pela condição que ocupam atualmente. Para elas, todas as dificuldades pelas quais passaram foram válidas, pois superadas as adversidades vivenciadas, enquanto migrantes e moradores pobres da cidade, assim como, pelo processo de remanejamento pelo qual foram vítimas, avaliam de forma positiva suas experiências na cidade.

Este trabalho revelou que a cidade é constituída de sonhos e de embates. Se por um lado, estão os dirigentes locais estabelecendo o que deve ser mudado para que seu projeto seja implementado, por outro, temos os setores populares, que também sonham com uma cidade e lutam para se inserir nela. Enquanto governantes articulam estratégias para tornar Teresina uma cidade moderna, com aspectos que se assemelhem aos de uma metrópole, os moradores pobres interferem nos espaços da cidade, constituindo lugares e projetando neles suas expectativas e desejos, sendo também responsáveis pela construção da cidade.

Portanto, a constituição desse trabalho vem a contribuir com os estudos sobre a cidade de Teresina no período recortado pela pesquisa, na medida em que faz uma análise das relações estabelecidas nesses espaços, tendo como principal foco os pobres urbanos. Seguimos a trajetória desses moradores desse processo migratório, a instalação na cidade e ao processo de remanejamentos desses segmentos sociais. Trouxemos à tona uma cidade esquecida e apagada pelo tempo. Evidenciamos projetos, construções, reformas e planejamentos elaborados e postos em prática na cidade. Pudemos contar com a participação dos agentes sociais que vivenciaram de forma efetiva essa experiência e, assim, analisar as lembranças e (res)sentimentos que guardam na memória sobre esse período.

FONTES E REFERÊNCIAS

Fontes

Documentos Oficiais.

PIAUÍ, Governador 1959-1962 (Francisco das Chagas Caldas Rodrigues). *Mensagem apresentada à Assembleia Legislativa em 1960*. Teresina, 1960.

PIAUÍ, Governador 1959-1962 (Francisco das Chagas Caldas Rodrigues). *Mensagem apresentada à Assembleia Legislativa em 1962*. Teresina, 1962.

PIAUÍ, Governador 1971-1975 (Alberto Tavares Silva). *Mensagem apresentada à Assembleia Legislativa em 1972*. Teresina, 1972.

PIAUÍ, Governador 1971-1975 (Alberto Tavares Silva). *Mensagem apresentada à Assembleia Legislativa em 1973*. Teresina, 1973.

PIAUÍ, Governador 1971-1975 (Alberto Tavares Silva). *Mensagem apresentada à Assembleia Legislativa em 1974*. Teresina, 1974.

PIAUÍ, Governador 1971-1975 (Alberto Tavares Silva). *Mensagem apresentada à Assembleia Legislativa em 1975*. Teresina, 1975.

PIAUÍ, Governador 1975-1978 (Dirceu Mendes Arcoverde). *Mensagem apresentada à Assembleia Legislativa em 1977*. Teresina, 1977.

PIAUÍ, Governador 1975-1978 (Dirceu Mendes Arcoverde). *Mensagem apresentada à Assembleia Legislativa em 1978*. Teresina, 1978.

PIAUÍ, Governador 1978-1979 (Djalma Martins Veloso). *Mensagem apresentada à Assembleia Legislativa em 1979*. Teresina, 1979.

PLANO DE DESENVOLVIMENTO LOCAL INTEGRADO DE TERESINA (PDLI). Construções e Planejamento S.A (COPLAN). Newton Oliveira (coord.). 1969.

PLANO ESTRUTURAL DE TERESINA (I PET). Fernando Couto de Castelo Branco (Coord.). v.1. 1977.

PLANO ESTRUTURAL DE TERESINA (I PET). Fernando Couto de Castelo Branco (Coord.). v.2. 1977.

PREFEITURA MUNICIPAL DE TERESINA. *Censo das vilas e favelas de Teresina*. Kleber Montezuma Fagundes dos Santos (Coord.). Teresina: Secretaria Municipal de Assuntos Comunitários – SEMTAC. 1994.

PREFEITURA MUNICIPAL DE TERESINA/SECRETARIA DE PLANEJAMENTO. *Relatório sobre as condições de vida da população de baixa renda na cidade de Teresina*. v.1. Teresina, jan./set. 1980. Relatório de Pesquisa.

PREFEITURA MUNICIPAL DE TERESINA. *Teresina em bairros*. Teresina: s/ed. 1994.

PREFEITURA MUNICIPAL DE TERESINA. *Código de Posturas*, Decreto-lei n. 54, Teresina, 1939.

PREFEITURA MUNICIPAL DE TERESINA. *Wall Ferraz: o homem e o estadista*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1995.

TERESINA, Prefeito 1971-1975 (Joel da Silva Ribeiro). *Mensagem dirigida à Câmara Municipal de Teresina (1971)*. Teresina, 1972.

TERESINA, Prefeito 1971-1975 (Joel da Silva Ribeiro). *Mensagem dirigida à Câmara Municipal de Teresina (1973)*. Teresina, 1974.

TERESINA, Prefeito 1975-1979 (Raimundo Wall Ferraz). *Relatório de Atividades (1976)*. Teresina, 1977.

Outros

Dados Estatísticos do Censo Demográfico – IBGE: referente às décadas de 1950 a 1980.

DEPARTAMENTO DE ESTUDOS ECONÔMICOS DO NORDESTE. *Consumo de produtos industrializados: cidade de Teresina*. Fortaleza: Banco do Nordeste, 1968.

DINIZ, José Alexandre Felizola. *O sub-sistema urbano-regional de Teresina*. Recife: SUDENE-PSU-SER, 1987.

MOREIRA, Amélia Alba Nogueira. A cidade de Teresina In: *Boletim Geográfico*. Rio de Janeiro: Fundação IBGE. ano 31, set-out de 1972.

TERESINA (1852-2002). Edição comemorativa dos 150 anos de Teresina, realizada pela iniciativa do Grupo Empresarial Claudino. Teresina: Halley, 2002.

<http://www.mds.gov.br> .

Relatórios, Estudos, Livros e Revistas da Fundação CEPRO.

ADAD, Lúcia Maria Said; LIMA, Maria da Graça Ferreira. Tensões no campo piauienses. *Carta CEPRO*. Teresina. vol. 12, n. 1, p.81-101. jan/jul. 1987.

BACELAR, Olavo Ivanhoé de Brito. Fluxos migratórios e crescimento urbano piauiense. *Carta CEPRO*. Teresina. vol. 6, n. 1, p.25. jan/jun. 1980.

BACELAR, Olavo Ivanhoé de Brito. Crescimento populacional e dimensão migratória piauiense: 1960-1980. *Carta CEPRO*. Teresina. vol. 12, n. 1, p.61-77. jan/jul. 1987.

BACELAR, Olavo Ivanhoé de Brito; LIMA, Gerson Portela. *Causas e tendências do processo migratório piauiense*. Teresina: Fundação CEPRO, 1990.

- BANDEIRA, Wiliam Jorge. Questões sobre emprego e ocupação no Piauí: notas preliminares. *Carta CEPRO*. Teresina. vol. 8, n. 1, p. 4-33. jan/jun. 1982.
- BANDEIRA, Wiliam Jorge. *A análise do processo de urbanização no Piauí*. Teresina: Fundação CEPRO, 1985. Estudos Diversos.
- BANDEIRA, Wiliam Jorge. Notas sobre a estrutura agrária em Teresina. *Carta CEPRO*. Teresina. vol. 12, n. 1, p. 15-24. jan/jul. 1987.
- BANDEIRA, Wiliam Jorge; LOPES, Jansen Nogueira. (Coord.) *Análise do processo de urbanização do Piauí*. Teresina: Fundação CEPRO, 1985. Estudos Diversos.
- CABRAL, Suelda Maria Ximendes. *Aspectos do mercado de trabalho de Teresina*. Teresina: Fundação CEPRO, 1985. Ensaio Econômicos.
- CARVALHO JÚNIOR, Benjamim Soares de. e et. al. *Indicadores sociais do Piauí*. Teresina: Fundação CEPRO, 1981. Série Relatórios de Pesquisas – convênio com a SUDENE.
- DOMINGOS NETO, Manoel; BORGES, Geraldo Almeida. *Seca Seculorum*: flagelo e mito na economia rural piauiense. Teresina: Fundação CEPRO, 1983.
- MACHADO, José de Arimatéia Veloso et al. *Análise do comportamento e da previsão da receita do Estado do Piauí*. Teresina: Fundação CEPRO, 1983, p.18. Estudos Diversos.
- MARTINS, Agenor de Sousa et. al. *Piauí: evolução, realidade e desenvolvimento*. 3. ed. Teresina: Fundação CEPRO, 2003.
- MATOS, Maria de Fátima Aquino. Localização e caracterização da pobreza urbana na Grande Teresina. *Carta CEPRO*. Teresina. Vol. 16, n. 1, p.09-30. jan/jun. 1995.
- MORAES, Acácia Maria Castelo Branco de. *Os movimentos sociais urbanos em Teresina: associações e conselhos de moradores*. Teresina: Fundação CEPRO, 1987.

Depoimentos

- ABREU, Agenor Vieira de. *Depoimento concedido a Francisco Alcides do Nascimento e Regianny Lima Monte*. Teresina, fev. 2009.
- ABREU, Maria de Jesus Vieira de. *Depoimento concedido à Regianny Lima Monte*. Teresina, mar. 2009.
- ANDRADE, Cineias Moura de. *Depoimento concedido à Regianny Lima Monte*. Teresina, mar. 2009.
- CONCEIÇÃO, Maria Doralice da. *Depoimento concedido a Laécio Barros Dias e Regianny Lima Monte*. Teresina, jul. 2006.
- GONDINHO, Francisco de Assis Soares. *Depoimento concedido a Laécio Barros Dias e Regianny Lima Monte*. Teresina, jul. 2006.

MORAIS, Maria Creusa Monteiro de. *Depoimento concedido à Regianny Lima Monte*. Teresina, mar. 2009.

MUNIZ, Paulino Alves. *Depoimento concedido à Luana Pacheco Faria de Carvalho e Regianny Lima Monte*. Teresina, abr. 2009.

MUNIZ, Josefa de Sousa Sales. *Depoimento concedido à Luana Pacheco Faria de Carvalho e Regianny Lima Monte*. Teresina, abr. 2009.

RIBEIRO, Joel da Silva. *Depoimento concedido a Francisco Alcides do Nascimento, Laécio Barros Dias e Regianny Lima Monte*. Teresina, dez. 2006.

RIOS, Maria do Livramento Rodrigues. *Depoimento concedido a Laécio Barros Dias e Regianny Lima Monte*. Teresina, jul. 2006.

RODRIGUES, Raimundo da Silva. *Depoimento concedido à Luana Pacheco Faria de Carvalho e Regianny Lima Monte*. Teresina, mar. 2009.

SANTOS, Deusdet Nunes dos. *Depoimento concedido a Francisco Alcides do Nascimento e Regianny Lima Monte*. Teresina, jan. 2009.

SANTOS, Teresa Maria de Jesus. *Depoimento concedido à Luana Pacheco Faria de Carvalho e Regianny Lima Monte*. Teresina, mar. 2009.

SILVA, Antônia Veloso da. *Depoimento concedido à Luana Pacheco Faria de Carvalho e Regianny Lima Monte*. Teresina, mar. 2009.

SILVA, Durval Venâncio da. *Depoimento concedido à Luana Pacheco Faria de Carvalho e Regianny Lima Monte*. Teresina, mar. 2009.

SILVA, Maria do Amparo Sousa Araújo. *Depoimento concedido à Luana Pacheco Faria de Carvalho e Regianny Lima Monte*. Teresina, mar. 2009.

SILVA, Maria dos Remédios Araújo. *Depoimento concedido à Luana Pacheco Faria de Carvalho e Regianny Lima Monte*. Teresina, mar. 2009.

TRINDADE, Lídia Maria da. *Depoimento concedido à Francisco Alcides Nascimento e Regianny Lima Monte*. Teresina, mar. 2009.

VIANA, Mara de Jesus Santos. *Depoimento concedido a Laécio Barros Dias e Regianny Lima Monte*. Teresina, jul. 2006.

Pesquisa hemerográfica

Diários:

Jornal *O Dia* (1970-1979)

Jornal *O Estado* (1970-1979)

Jornal *A Tribuna* (1975-1979)

Semanário:
 Jornal *Correio do Povo* (1975)
 Jornal *O Liberal* (1975)

Referências

Artigos, Revistas e Capítulos de Livro

ABREU, Alzira Alves de. As mudanças na imprensa brasileira: 1950-1970 In: LUSTOSA, Isabel (Org.). *Imprensa, história e literatura*. Rio de Janeiro: Edições Casas de Rui Barbosa, 2008.

ALBERTI, Verena. Histórias dentro da História In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). *Fontes Históricas*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

ANSART, Pierre. História e memória dos ressentimentos In: BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia (Orgs.). *Memória e (re)sentimento: indagações sobre uma questão sensível*. Campinas: UNICAMP, 2004.

CHAVES, Monsenhor. Como nasceu Teresina In: *Teresina: subsídios para a história do Piauí*. Obra Completa. 2.ed. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves. 1998.

FAÇANHA, Antônio Cardoso. Cidade e cultura. In: SANTANA, Raimundo Nonato Monteiro (Org.). *Apontamentos para a história cultural do Piauí*. Teresina: FUNDAPI, 2003.

LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). *Fontes históricas*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

LUCENA, Célia Toledo. Memórias de famílias migrantes: imagens do lugar de origem In: *Projeto História*. São Paulo, n. 17, 1998.

LUSTOSA, Oton. Impacto dos meios eletrônicos na cultura piauiense. In: SANTANA, Raimundo Nonato de (Org.). *Apontamentos para a história cultural do Piauí*. Teresina: FUNDAPI, 2003.

MELO, João Manoel Cardoso de; NOVAIS, Fernando A. Capitalismo tardio e sociabilidade moderna. In: SCHWARCZ, Lília Mortiz. *História da vida privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea*. vol. 4. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

MORAES, Luciana Patrícia de. Cultura alimentar e patrimônio: ressignificações do cotidiano In: BORGES, Maria Eliza Linhares (Org.) *Campo e cidade na modernidade brasileira: literatura, vilas operárias, cultura alimentar, futebol, correspondência privada e cultura visual*. Belo Horizonte: Argumentvm, 2008.

NASCIMENTO, Francisco Alcides do. A imprensa escrita de Teresina nas comemorações do centenário de Teresina. In: NASCIMENTO, Francisco Alcides do; MONTE, Regianny Lima (Orgs.). *Cidade e Memória*. Teresina/Imperatriz: EDUFPI/Ética, 2009.

NASCIMENTO, Francisco Alcides do. Cajuína e cristalina: as transformações espaciais vistas pelos cronistas que atuaram nos jornais de Teresina entre 1950 e 1970 In: *Revista Brasileira de História*. São Paulo, ANPUH, vol. 27, n.53, jan.-jun., 2007.

NASCIMENTO, Francisco Alcides do. A censura e o rádio no Piauí In: NASCIMENTO, Francisco Alcides do; SANTIAGO JÚNIOR, Francisco das Chagas Fernandes. (Org.) *Encruzilhadas da História: rádio e memória*. Recife: Bagaço, 2006.

NEVES, Lucília de Almeida. Os desafios da história oral: ensaio metodológico In: PINHEIRO, Áurea Paz; NASCIMENTO, Francisco Alcides do (Org.). *Cidade: História e Memória*. Teresina: EDUFPI, 2004.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares In: *Projeto História*. São Paulo, n. 10, 1993.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Muito além do espaço: por uma história cultural do urbano In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol. 8, n.16, 1995.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. História, memória e centralidade urbana. In: *XI Encontro de Pós-Graduação e pesquisa em Planejamento Urbano e Regional-ANPUH*. São Paulo, vol. 1, 1998.

RAMINELLI, Ronald. História urbana. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Org.). *Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia*. São Paulo: Campus, 1997.

SÁ FILHO, Bernardo Pereira de. A cidade do anoitecer ao romper da aurora In: LIMA, Antônia Jesuíta de (org.). *Cidades brasileiras: atores, processos e gestão pública*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

SÁ FILHO, Bernardo Pereira de. O carnaval em Teresina. In: EUGÊNIO, João Kennedy (Org.). *História de vário feitio e circunstância*. Teresina: Instituto Dom Barreto, 2001.

SANTIAGO JÚNIOR, Francisco das Chagas Fernandes. História e comunicação: a Rádio Pioneira de Teresina e seu público nos anos 1990 In: NASCIMENTO, Francisco Alcides do; SANTIAGO JÚNIOR, Francisco das Chagas Fernandes (Org.). *Encruzilhadas da História: rádio e memória*. Recife: Bagaço, 2006.

SEIXAS, Jacy Alves de. Percursos de memória em terras de história: problemáticas atuais. In: BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia (Orgs.) . *Memória e (res)sentimento: indagações sobre uma questão sensível*. Campinas: UNICAMP, 2004.

SILVA, Joene Saibrosa da. Antônio Luiz Araújo e o modernismo das edificações em Teresina (PI). *Cadernos de Teresina*. Teresina, ano 18, n. 38, 2006.

TAJRA, Jesus Elias; e TAJRA FILHO, Jesus Elias. O comércio e a indústria no Piauí In: SANTANA, Raimundo Nonato Monteiro de. (Org.). *Piauí: formação-desenvolvimento-perspectiva*. Teresina: Halley, 1995.

THOMSON, Alistair. Histórias (co) movedoras: História Oral e estudos de migração. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, vol. 22, n. 44, p. 341-364, 2002.

Livros, Monografias e Dissertações.

ABREU, Irlane Gonçalves de. *O crescimento da zona leste de Teresina: um caso de segregação?* Dissertação. (Mestrado em Geografia). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1983.

ALVES, Maria Helena Moreira. *Estado e oposição no Brasil 1964-1984*. Bauru: Edusc, 2005.

ANDRADE, Manoel Correia de. *A terra e o homem no Nordeste: contribuição ao estudo da questão agrária no Nordeste*. 7 ed. São Paulo: Cortez, 2005.

ARAÚJO, Maria Mafalda Baldoino de. *Cotidiano e pobreza: a magia da sobrevivência em Teresina 1877-1914*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1995.

ARAÚJO, Warrington Wallace Veras de. *Dom Avelar e seu magistério eclesiástico: desafios, desvios, exigências e possibilidades*. Dissertação. (Mestrado em História do Brasil). Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2008.

BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

BAHIANA, Ana Maria. *Almanaque anos 1970: lembranças e curiosidades de uma década muito doída*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

BARBOSA, Aline Kelly Brito. *A cidade centenária: o aniversário da cidade como pretexto para a discussão do urbano*. Monografia. (Licenciatura Plena em História). Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2009.

BAUMAN, Zygmunt. *Confiança e medo na cidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

BAUMAN, Zygmunt. *Vida líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido se desmancha no ar: a aventura da modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

BOSI, Ecléia. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 3 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRESCIANNI, Maria Stella. *Londres e Paris no século XIX: o espetáculo da pobreza*. 4 ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

CALVINO, Ítalo. *As cidades invisíveis*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CARDOSO, Elizangela Barbosa. *Múltiplas e singulares: história e memória de estudantes universitárias em Teresina 1930-1970*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 2003.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. *Espaço-tempo na metrópole: a fragmentação da vida cotidiana*. São Paulo: Contexto, 2001.

- CARVALHO, Maria do Amparo Alves de. *História e repressão: fragmentos de uma memória oculta em meio às tensões entre a Igreja Católica e o regime militar em Teresina*. Dissertação (Mestrado em História do Brasil). Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2006.
- CASTELLS, Manuel. *A questão urbana*. 3 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.
- CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano 1: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- CHALHOUB, Sidney. *Cidade febril: cortiços e epidemias na corte imperial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. 2 ed. Algés:DIFEL, 2002.
- CORRÊIA, Roberto Lobato. *O espaço urbano*. 4 ed. São Paulo: Ática, 2003.
- CUNHA, Euclides. *Os sertões: campanha de Canudos*. São Paulo: Martin Claret, 2004.
- DAOU, Ana Maria. *A Belle Époque amazônica*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- DOBAL, Hindemburgo. *Roteiro sentimental de Teresina*. Prosa reunida. 2 ed. Teresina: Plug, 2007.
- FAÇANHA, Antônio Cardoso. *Desmistificando a geografia: espaço, tempo e imagens*. Teresina: EDUFPI, 2004.
- FAÇANHA, Antônio Cardoso. *A evolução urbana de Teresina: agentes, processos e formas espaciais da cidade*. Dissertação (Mestrado em Geografia). Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1998.
- FIGUEREDO, Anna Cristina Camargo Moraes. *“Liberdade é uma calça velha, azul e desbotada”*: publicidade, cultura de consumo e comportamento político no Brasil (1930-1964). São Paulo: HUCITEC, 1998.
- GASPARI, Elio. *A ditadura envergonhada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- GODÓI, Emília Pietrafesa de. *O trabalho da memória: o cotidiano e a história no sertão do Piauí*. Campinas: Unicamp, 1999.
- GONÇALVES, Wilson Carvalho. *Dicionário enciclopédico piauiense ilustrativo: 1549-2003*. Teresina: Halley, 2003.
- GONÇALVES, Wilson Carvalho. *Teresina: pesquisas históricas*. Teresina: s/ed. 1991.
- GUERRA, Yaponira Machado Barbachan. *O espaço dos sem espaço: estudo de caso de representações sociais de migrantes de classes subalternas no Recife*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco: Editora Massangana, 1993.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.

LANNA, Ana Lúcia Duarte. *Uma cidade na transição: Santos 1870-1913*. Santos: Hucitec, 1996.

LE GOFF, Jacques. *Por amor às cidades: conversações com Jean Lebrun*. Trad. Reinaldo Carmelo Correia de Moraes. São Paulo: Editora da UNESP, 1998.

LEMOS, Osvaldo. *Petrônio Portela Nunes: depoimentos à história*. Teresina: COMEPI, 1983.

LIMA, Antônia Jesuíta de. *As multifaces da pobreza: formas de vida e representações simbólicas dos pobres urbanos*. Teresina: Halley, 2003.

LIMA, Antônia Jesuíta de. *Favela Cohebe: uma história de luta por habitação popular*. Teresina: EDUFPI, 1990.

LIMA, Janaina Moura. *A construção do Parque Piauí: da inauguração a ampliação: uma história*. (Licenciatura Plena em História). Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2009.

LIMA SOBRINHO, Barbosa. *O devassamento do Piauí*. São Paulo: Nacional, 1946.

MACHADO, Paulo. *Teresina Post Card 1957/1977*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves. 1980.

MATOS, Maria Izilda Santos de. *Cotidiano e cultura: história, cidade e trabalho*. Bauru: EDUSC, 2002.

MELO, Pe. Cláudio. *O Piauí: realidade e perspectivas de desenvolvimento*. Teresina/Roma: Pontifícia Universidade de Santo Tomás de Aquino – COMEPI, 1973.

MENDES, Felipe. *Economia e desenvolvimento do Piauí*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves. 2003.

MENEZES, Cristiane Diniz de. *O direito à convivência familiar e comunitária de crianças e adolescente portadores de transtorno mental*. Dissertação (Mestrado em Serviço Social). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

MONTE, Regianny Lima. *Teresina sob os anos de chumbo: as interfaces de uma modernização autoritária e excludente*. Monografia. (Licenciatura Plena em História). Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2007.

MONTE, Regianny Lima. *Em meio a discursos e práticas: a relação entre a imprensa e o Estado Autoritário na modernização de Teresina*. 2007. Trabalho de Conclusão do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação Científica – PIBIC/CNPq – Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2007.

MORAES, Herculano. *Seca, enchente, solidão*. Porto Alegre: Editora EMMA, 1977.

NASCIMENTO, Francisco Alcides do. *A cidade sob o fogo: modernização e violência policial em Teresina 1937-1945*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 2002.

NASCIMENTO, Francisco Alcides do. *História e memória da Rádio Pioneira de Teresina*. Teresina: Alínea Publicações Editora, 2004.

NUNES, Deusdeth. *A saideira: de bar em bar*. Teresina: Halley, 1997.

NUNES, Deusdeth. *Rádio calçada*. Teresina: Gráfica e Editora Júnior Ltda, 1995.

NUNES, Deusdeth. *Um prego na chuteira: patocas do futebol*. Teresina: Edição do Autor, 1979.

OLIVEIRA, Noé Mendes de. *Folclore brasileiro Piauí*. 3 ed. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1999.

PONTE, Sebastião Rogério. *Fortaleza Belle Époque: reformas urbanas e controle social 1860-1930*. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha/Multigral, 1993.

QUEIROZ, Teresinha. *Economia Piauiense: da pecuária ao extrativismo*. Teresina: APeCH/UFPI, 1993.

REIS FILHO, Daniel Aarão. *Ditadura militar: esquerdas e sociedade*. 2 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

REIS, Eldan Soares dos. *A política habitacional no Piauí e a construção do Itararé 1975-1982*. Monografia. (Licenciatura Plena em História). Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2006.

REZENDE, Antônio Paulo. *(Des)encantos modernos: histórias da cidade do Recife na década de vinte*. Recife: FUNDARPE, 1997.

ROLNIK, Raquel. *O que é cidade*. São Paulo: Brasiliense, 1988.

SÁ FILHO, Bernardo Pereira de. *Cartografias do Prazer: boemia e prostituição em Teresina (1930-1970)*. Dissertação. (Mestrado em História do Brasil). Universidade Federal do Piauí. Teresina, 2006.

SANTANA, Raimundo Nonato Monteiro de. *Evolução histórica da economia piauiense e outros estudos*. Teresina: FUNDAPI, 2008.

SANTOS, José Lopes dos. *Dirceu Arcoverde: missão cumprida*. Teresina: s/Ed., 1982.

SANTOS, Milton. *Pobreza Urbana*. 2.ed. São Paulo: HUCITRC, 1979. Coleção Estudos Urbanos.

SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu extático na metrópole*. São Paulo: sociedade e cultura nos frementes anos 20. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

SOUZA, Marcelo Lopes de. *Mudar a cidade: uma introdução crítica ao planejamento e à gestão urbanos*. 4 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

TAVARES, Zózimo. *100 fatos que marcaram o Piauí*. 3 ed. Teresina: Halley, 2000.

THOMPSON, Paul. *A voz do passado: história oral*. 3 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

TITO FILHO, Arimatéia. *Teresina meu amor*. Teresina: Companhia Editora do Piauí, 1973.

VERNIERI, Sâmia de Brito Cardoso. *História da propaganda e da publicidade no Piauí*. Teresina: Alínea Publicações Editora, 2005.

VALLADARES, Lícia do Prado. *A invenção da favela: do mito de origem a favela.com*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

WILLIAMS, Raymond. *O campo e a cidade: na história e na literatura*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

ANEXOS



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS
NÚCLEO DE HISTÓRIA ORAL

*Campus Universitária Min. Petronia Portela, Ininga • Sala 372 – CEP 64049-550
Teresina – Piauí*



NÚCLEO DE HISTÓRIA ORAL

ENTREVISTA DE HISTÓRIA ORAL



FICHA TÉCNICA

Tema: Trajetória de vida enquanto migrante e morador de Teresina e que foi transferido para o bairro Água Mineral na década de 1970.

Entrevistado: Agenor Vieira de Abreu.

Naturalidade: Altamira zona rural de Teresina **Idade:** 55 anos

Profissão que ocupava na década de 1970: estudante e instrutor de música

Profissão Atual: Professor de Educação Artística com habilitação em música e coordenador do Projeto Cultural Forró de Candeiro.

Entrevistadores: Francisco Alcides do Nascimento e Regianny Lima Monte.

Tipo de Entrevista: Trajetória de vida.

Local: Núcleo de História Oral da Universidade Federal do Piauí, Teresina-PI.

Data: 10 de fevereiro de 2009.

Duração da entrevista: 2:32 min.

Transcrição: Regianny Lima Monte



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS
NÚCLEO DE HISTÓRIA ORAL

*Campus Universitário Min. Petrônio Portela, Ininga • Sala 372 – CEP 64049-550
Teresina – Piauí*



NÚCLEO DE HISTÓRIA
ORAL

NÚCLEO DE HISTÓRIA ORAL

ENTREVISTA DE HISTÓRIA ORAL



FICHA TÉCNICA

Tema: Trajetória de vida enquanto migrante e moradora de Teresina e que foi transferida para o bairro Buenos Aires.

Entrevistada: Antônia Veloso da Silva

Naturalidade: Amarante - PI **Idade:** 72 anos

Profissão que ocupava na década de 1970: Lavadeira

Profissão Atual: Aposentada.

Entrevistadoras: Regianny Lima Monte e Luana Pachêco Faria de Carvalho

Tipo de Entrevista: Trajetória de vida.

Local: Residência do entrevistado localizada na Rua Milton Aguiar no bairro Buenos Aires, na cidade de Teresina-PI.

Data: 26 de março de 2009.

Duração da entrevista: 1:26 min.

Transcrição: Regianny Lima Monte



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS
NÚCLEO DE HISTÓRIA ORAL

*Campus Universitário Min. Petrônio Portela, Ininga • Sala 372 – CEP 64049-550
Teresina – Piauí*



NÚCLEO DE HISTÓRIA
ORAL

NÚCLEO DE HISTÓRIA ORAL

ENTREVISTA DE HISTÓRIA ORAL



FICHA TÉCNICA

Tema: Trajetória de vida enquanto migrante e morador de Teresina, transferido para o bairro Água Mineral.

Entrevistado: Cinéias Moura de Andrade

Naturalidade: São Miguel do Tapuio – PI **Idade:** 54 anos

Profissão que ocupava na década de 1970: Estudante

Profissão Atual: Autônomo

Entrevistadora: Regianny Lima Monte

Tipo de Entrevista: Trajetória de vida.

Local: Núcleo de História Oral da Universidade Federal do Piauí, Teresina-PI.

Data: 15 março de 2009.

Duração da entrevista: 1:05 min.

Transcrição: Regianny Lima Monte



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS
NÚCLEO DE HISTÓRIA ORAL

*Campus Universitário Min. Petrônio Portela, Ininga • Sala 372 – CEP 64049-550
Teresina – Piauí*



NÚCLEO DE HISTÓRIA
ORAL

NÚCLEO DE HISTÓRIA ORAL

ENTREVISTA DE HISTÓRIA ORAL



FICHA TÉCNICA

Tema: Trajetória de vida enquanto radialista e jornalista em Teresina

Entrevistado: Deusdet Nunes dos Santos

Naturalidade: – CE **Idade:** anos

Profissão que ocupava na década de 1970: Bancário, Jornalista e Radialista.

Profissão Atual: Jornalista

Entrevistadores: Francisco Alcides do Nascimento e Regianny Lima Monte.

Tipo de Entrevista: Trajetória de vida.

Local: Sede do Jornal *O Dia*, no Centro de Teresina

Data: 26 jan. 2009.

Duração da entrevista: 1:26 min.

Transcrição: Regianny Lima Monte e Layanne Lima Monte



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS
NÚCLEO DE HISTÓRIA ORAL

*Campus Universitário Min. Petrônio Portela, Ininga • Sala 372 – CEP 64049-550
Teresina – Piauí*



NÚCLEO DE HISTÓRIA
ORAL

NÚCLEO DE HISTÓRIA ORAL

ENTREVISTA DE HISTÓRIA ORAL



FICHA TÉCNICA

Tema: Trajetória de vida enquanto migrante e moradora de Teresina, que é transferida para bairro Buenos Aires.

Entrevistada: Doralice Maria da Conceição

Naturalidade: Picos – PI **Idade:** 93 anos (quando da realização da entrevista)

Profissão que ocupava na década de 1970: lavadora e cozinheira

Profissão Atual: Aposentada.

Entrevistadores: Laécio Barros Dias e Regianny Lima Monte.

Tipo de Entrevista: Trajetória de vida.

Local: Residência da entrevistada localizada no bairro Buenos Aires, na cidade de Teresina-PI.

Data: 1º julho de 2006.

Duração da entrevista: 29 min.

Transcrição: Regianny Lima Monte



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS
NÚCLEO DE HISTÓRIA ORAL

*Campus Universitário Min. Petrônio Portela, Ininga • Sala 372 – CEP 64049-550
Teresina – Piauí*



NÚCLEO DE HISTÓRIA
ORAL

NÚCLEO DE HISTÓRIA ORAL

ENTREVISTA DE HISTÓRIA ORAL



FICHA TÉCNICA

Tema: Trajetória de vida enquanto migrante que chega a Teresina na década de 1970, residente no bairro Buenos Aires.

Entrevistado: Durval Venâncio da Silva

Naturalidade: Cabeceiras zona rural de Timon - MA **Idade:** 83 anos

Profissão que ocupava na década de 1970: servente de pedreiro e vigia da construção civil.

Profissão Atual: Aposentado.

Entrevistadoras: Regianny Lima Monte e Luana Pachêco Faria de Carvalho

Tipo de Entrevista: Trajetória de vida.

Local: Residência do entrevistado localizada no bairro Buenos Aires, na cidade de Teresina-PI.

Data: 30 de março de 2009.

Duração da entrevista: 1:05 min.

Transcrição: Regianny Lima Monte e Layanne Lima Monte



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS
NÚCLEO DE HISTÓRIA ORAL

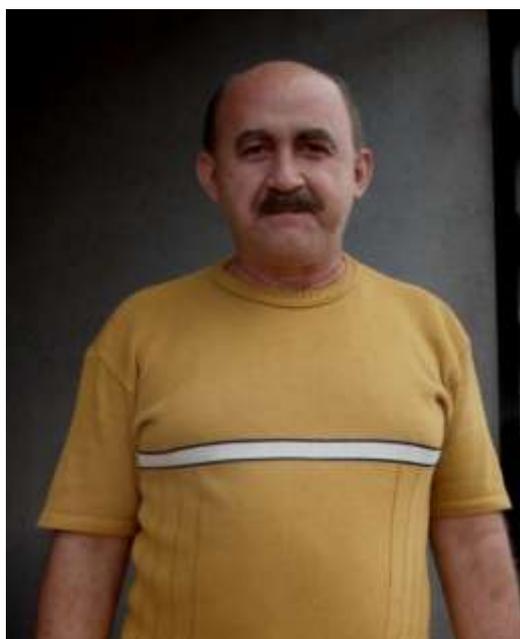
*Campus Universitário Min. Petrônio Portela, Ininga • Sala 372 – CEP 64049-550
Teresina – Piauí*



NÚCLEO DE HISTÓRIA
ORAL

NÚCLEO DE HISTÓRIA ORAL

ENTREVISTA DE HISTÓRIA ORAL



FICHA TÉCNICA

Tema: Trajetória de vida enquanto filho de migrante e morador de Teresina e que foi transferido para o bairro Buenos Aires na década de 1970.

Entrevistado: Francisco de Assis Soares Gondinho

Naturalidade: Teresina – PI **Idade:** 55 anos

Profissão que ocupava na década de 1970: Estudante

Profissão Atual: Motorista

Entrevistadores: Laécio Barros Dias e Regianny Lima Monte.

Tipo de Entrevista: Trajetória de vida.

Local: Residência do entrevistado situado no bairro Bela Vista, na cidade de Teresina-PI.

Data: 30 de julho de 2006.

Duração da entrevista: 43 min.

Teresina, Piauí, 30 de julho de 2006.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS
NÚCLEO DE HISTÓRIA ORAL

*Campus Universitário Min. Petrônio Portela, Ininga • Sala 372 – CEP 64049-550
Teresina – Piauí*



NÚCLEO DE HISTÓRIA
ORAL

NÚCLEO DE HISTÓRIA ORAL

ENTREVISTA DE HISTÓRIA ORAL



FICHA TÉCNICA

Tema: Trajetória de vida enquanto militar, engenheiro e prefeito de Teresina.

Entrevistado: Joel da Silva Ribeiro

Naturalidade: Porto Alegre do Piauí **Idade:** 79 anos

Função que ocupava na década de 1970: Prefeito de Teresina

Profissão Atual: Major da reserva do Exército.

Entrevistadores: Francisco Alcides do Nascimento, Laécio Barros Dias e Regianny Lima Monte.

Tipo de Entrevista: Trajetória de vida.

Local: Residência do entrevistado situada na Rua Alaíde Marques, na cidade de Teresina-PI.

Data: 05, 12, 15 de dezembro de 2006.

Duração da entrevista: 9:43 min.

Transcrição: Regianny Lima Monte e Laécio Barros Dias



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS
NÚCLEO DE HISTÓRIA ORAL

*Campus Universitário Min. Petrônio Portela, Ininga • Sala 372 – CEP 64049-550
Teresina – Piauí*



NÚCLEO DE HISTÓRIA
ORAL

NÚCLEO DE HISTÓRIA ORAL

ENTREVISTA DE HISTÓRIA ORAL



FICHA TÉCNICA

Tema: Trajetória de vida enquanto migrante e moradora de Teresina, no bairro Água Mineral.

Entrevistada: Josefa de Sousa Sales Muniz

Naturalidade: Valência – PI **Idade:** 71 anos

Profissão que ocupava na década de 1970: Lavadeira

Profissão Atual: Aposentada

Entrevistadoras: Regianny Lima Monte e Luana Pachêco Faria de Carvalho

Tipo de Entrevista: Trajetória de vida.

Local: Residência da entrevistada situada no bairro Água Mineral, na cidade de Teresina-PI.

Data: 04 de abril de 2009.

Duração da entrevista: 1:18 min.

Transcrição: Luana Pachêco Faria de Carvalho



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS
NÚCLEO DE HISTÓRIA ORAL

*Campus Universitário Min. Petrônio Portela, Ininga • Sala 372 – CEP 64049-550
Teresina – Piauí*



NÚCLEO DE HISTÓRIA
ORAL

NÚCLEO DE HISTÓRIA ORAL

ENTREVISTA DE HISTÓRIA ORAL



FICHA TÉCNICA

Tema: Trajetória de vida enquanto migrante e moradora de Teresina, no bairro Água Mineral.

Entrevistada: Lídia Maria da Trindade.

Naturalidade: Campo Alegre – BA **Idade:** 78 anos

Profissão que ocupava na década de 1970: Dona de casa

Profissão Atual: Aposentada

Entrevistadores: Francisco Alcides do Nascimento e Regianny Lima Monte.

Tipo de Entrevista: Trajetória de vida.

Local: Residência da entrevistada situada na Rua Motorista Genésio Carvalho, no bairro Água Mineral, na cidade de Teresina-PI.

Data: 11 de março de 2009.

Duração da entrevista: 58 min.

Transcrição: Débora Silva Viana



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS
NÚCLEO DE HISTÓRIA ORAL

*Campus Universitário Min. Petrônio Portela, Ininga • Sala 372 – CEP 64049-550
Teresina – Piauí*



NÚCLEO DE HISTÓRIA
ORAL

NÚCLEO DE HISTÓRIA ORAL

ENTREVISTA DE HISTÓRIA ORAL



FICHA TÉCNICA

Tema: Trajetória de vida enquanto migrante e moradora de Teresina, transferida para o bairro Água Mineral na década de 1970.

Entrevistada: Maria Creusa Monteiro de Moraes

Naturalidade: Regeneração - PI **Idade:** 64 anos

Profissão que ocupava na década de 1970: Lavadeira, passadeira e parteira.

Profissão Atual: Aposentada.

Entrevistadora: Regianny Lima Monte.

Tipo de Entrevista: Trajetória de vida.

Local: Residência da entrevistada localizada na Rua Motorista Genésio Carvalho, no bairro Água Mineral, na cidade de Teresina-PI.

Data: 17 de março de 2009.

Duração da entrevista: 1:17 min.

Transcrição: Regianny Lima Monte e Layanne Lima Monte



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS
NÚCLEO DE HISTÓRIA ORAL

*Campus Universitário Min. Petrônio Portela, Ininga • Sala 372 – CEP 64049-550
Teresina – Piauí*



NÚCLEO DE HISTÓRIA
ORAL

NÚCLEO DE HISTÓRIA ORAL

ENTREVISTA DE HISTÓRIA ORAL



FICHA TÉCNICA

Tema: Trajetória de vida enquanto migrante e moradora de Teresina e que foi transferida para o bairro Buenos Aires.

Entrevistada: Maria do Amparo Sousa Araújo Silva

Naturalidade: Baixa Grande zona rural de Amarante **Idade:** 59 anos

Profissão que ocupava na década de 1970: Dona de casa

Profissão Atual: Dona de casa

Entrevistadoras: Regianny Lima Monte e Luana Pachêco Faria de Carvalho

Tipo de Entrevista: Trajetória de vida.

Local: Residência da entrevistada situada no bairro Buenos Aires, na cidade de Teresina-PI.

Data: 30 de março de 2009.

Duração da entrevista: 42 min.

Transcrição: Regianny Lima Monte



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS
NÚCLEO DE HISTÓRIA ORAL
*Campus Universitário Min. Petrônio Portela, Ininga • Sala 372 – CEP 64049-550
Teresina – Piauí*



NÚCLEO DE HISTÓRIA ORAL

ENTREVISTA DE HISTÓRIA ORAL



FICHA TÉCNICA

Tema: Trajetória de vida enquanto migrante e moradora de Teresina, transferida para o bairro Buenos Aires na década de 1970.

Entrevistada: Maria do Livramento Rodrigues Rios

Naturalidade: Cupins zona rural de União – PI **Idade:** 75 anos

Profissão que ocupava na década de 1970: Dona de casa

Profissão Atual: Aposentada

Entrevistadores: Laécio Barros Dias e Regianny Lima Monte.

Tipo de Entrevista: Trajetória de vida

Local: Residência da entrevistada situada no bairro Buenos Aires na cidade de Teresina-PI.

Data: 24 julho de 2006.

Duração da entrevista: 1:43 min.

Transcrição: Regianny Lima Monte



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS
NÚCLEO DE HISTÓRIA ORAL

*Campus Universitário Min. Petrônio Portela, Ininga • Sala 372 – CEP 64049-550
Teresina – Piauí*



NÚCLEO DE HISTÓRIA
ORAL

NÚCLEO DE HISTÓRIA ORAL

ENTREVISTA DE HISTÓRIA ORAL



FICHA TÉCNICA

Tema: Trajetória de vida enquanto migrante e moradora de Teresina e que foi transferida para o bairro Buenos Aires.

Entrevistada: Maria de Jesus Vieira de Abreu

Naturalidade: Altamira zona rural de Teresina **Idade:** 51 anos

Profissão que ocupava na década de 1970: estudante

Profissão Atual: Professora de Matemática da rede estadual de ensino.

Entrevistadora: Regianny Lima Monte

Tipo de Entrevista: Trajetória de vida.

Local: Núcleo de História Oral na Universidade Federal do Piauí, Teresina-PI.

Data: 10 de março de 2009.

Duração da entrevista: 1:37 min.

Transcrição: Regianny Lima Monte



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS
NÚCLEO DE HISTÓRIA ORAL

*Campus Universitário Min. Petrônio Portela, Ininga • Sala 372 – CEP 64049-550
Teresina – Piauí*



NÚCLEO DE HISTÓRIA
ORAL

NÚCLEO DE HISTÓRIA ORAL

ENTREVISTA DE HISTÓRIA ORAL

Imagem não liberada pela entrevistada

FICHA TÉCNICA

Tema: Trajetória de vida enquanto filha de migrante e moradora de Teresina, que foi transferida para o bairro Buenos Aires.

Entrevistado: Maria de Jesus Santos Viana

Naturalidade: Teresina – PI **Idade:** 49 anos

Profissão que ocupava na década de 1970: Estudante

Profissão Atual: Dona de casa

Entrevistadores: Laécio Barros Dias e Regianny Lima Monte.

Tipo de Entrevista: Trajetória de vida.

Local: Residência da entrevistada situada no bairro Buenos Aires, na cidade de Teresina-PI.

Data: 1º de julho de 2009.

Duração da entrevista: 17 min.

Transcrição: Regianny Lima Monte



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS
NÚCLEO DE HISTÓRIA ORAL

*Campus Universitário Min. Petrônio Portela, Ininga • Sala 372 – CEP 64049-550
Teresina – Piauí*



NÚCLEO DE HISTÓRIA
ORAL

NÚCLEO DE HISTÓRIA ORAL

ENTREVISTA DE HISTÓRIA ORAL



FICHA TÉCNICA

Tema: Trajetória de vida enquanto migrante e morador de Teresina, no bairro Água Mineral.

Entrevistado: Paulino Alves Muniz

Naturalidade: Valência – PI **Idade:** 73 anos

Profissão que ocupava na década de 1970: Serviços Gerais

Profissão Atual: Aposentada

Entrevistadoras: Regianny Lima Monte e Luana Pachêco Faria de Carvalho

Tipo de Entrevista: Trajetória de vida.

Local: Residência do entrevistado situada no bairro Água Mineral, na cidade de Teresina-PI.

Data: 04 de abril de 2009.

Duração da entrevista: 1:18 min.

Transcrição: Luana Pachêco Faria de Carvalho

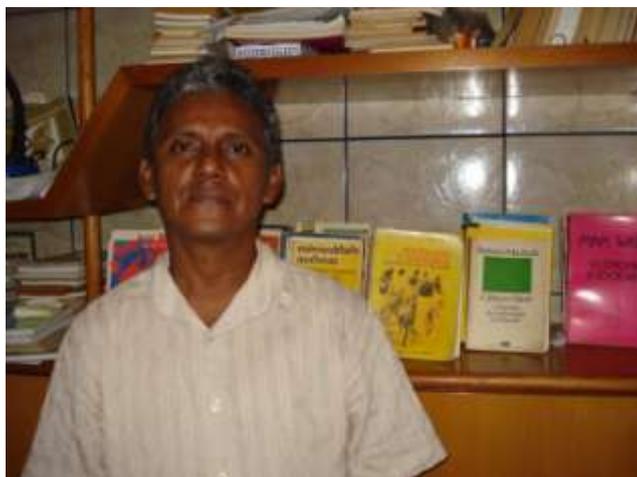


MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS
NÚCLEO DE HISTÓRIA ORAL

Campos Universitário Min. Petrônio Portela, Ininga Sala 372 - CEP 64.049-550

NÚCLEO DE HISTÓRIA ORAL

ENTREVISTA DE HISTÓRIA ORAL



FICHA TÉCNICA

Tema: Trajetória de vida enquanto filho de migrante e morador de Teresina, transferido para o bairro Buenos Aires na década de 1970.

Entrevistado: Raimundo da Silva Rodrigues

Naturalidade: Teresina-PI **Idade:** 51 anos

Profissão que ocupava na década de 1970: Estudante

Profissão Atual: Professor e Sociólogo

Entrevistadoras: Regianny Lima Monte e Luana Pacheco de Carvalho

Tipo de Entrevista: Trajetória de vida

Local: Residência do entrevistado localizada na Rua Engenheiro Alves Noronha, no bairro Buenos Aires, na cidade de Teresina-PI.

Data: 17 de março de 2009.

Duração da entrevista: 1:05 min.

Transcrição: Regianny Lima Monte



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS
NÚCLEO DE HISTÓRIA ORAL

*Campus Universitário Min. Petrônio Portela, Ininga • Sala 372 – CEP 64049-550
Teresina – Piauí*



NÚCLEO DE HISTÓRIA ORAL

ENTREVISTA DE HISTÓRIA ORAL



FICHA TÉCNICA

Tema: Trajetória de vida enquanto migrante e moradora de Teresina, que foi transferida para o bairro Buenos Aires na década de 1970

Entrevistada: Teresa Maria de Jesus Santos

Naturalidade: Aroazes – PI **Idade:** 72 anos

Profissão que ocupava na década de 1970: lavadeira

Profissão Atual: Aposentada.

Entrevistadoras: Regianny Lima Monte e Luana Pachêco Faria de Carvalho

Tipo de Entrevista: Trajetória de vida.

Local: Residência da entrevistada localizada no bairro Buenos Aires, na cidade de Teresina-PI.

Data: 30 de março de 2009.

Duração da entrevista: 1:05 min.

Transcrição: Regianny Lima Monte



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS
NÚCLEO DE HISTÓRIA ORAL
 *campus Universitária Min. Petrônio Portela, Ininga • Sala 372 – CEP 64049-550
Teresina – Piauí*



NÚCLEO DE HISTÓRIA
ORAL

NÚCLEO DE HISTÓRIA ORAL

ENTREVISTA DE HISTÓRIA ORAL



FICHA TÉCNICA

Tema: Trajetória de vida enquanto migrante e moradora de Teresina e que foi transferida para o bairro Buenos Aires.

Entrevistada: Maria dos Remédios Araújo Silva

Naturalidade: Baixa Grande zona rural de Amarante **Idade:** 63 anos

Profissão que ocupava na década de 1970: Lavadeira

Profissão Atual: Dona de casa

Entrevistadoras: Regianny Lima Monte e Luana Pachêco Faria de Carvalho

Tipo de Entrevista: Trajetória de vida

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)